

MARILZA BERTASSONI ALVES MESTRE

**MULHERES DO SÉCULO XX:
MEMÓRIAS DE TRAJETÓRIAS DE VIDA, SUAS REPRESENTAÇÕES
(1936-2000)**

**Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Doutor em História, no
Programa de Pós-Graduação em História,
Linha de Pesquisa Espaço e Sociabilidades,
do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,
da Universidade Federal do Paraná.**

**Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Etelvina Maria de Castro Trindade**

CURITIBA

2004

TERMO DE APROVAÇÃO

MARILZA BERTASSONI ALVES MESTRE

MULHERES DO SÉCULO XX:

MEMÓRIAS DE TRAJETÓRIAS DE VIDA, OU SUAS REPRESENTAÇÕES

(1936-2000)

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História, no Programa de Pós-Graduação em História, Linha de Pesquisa Espaço e Sociabilidades, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, pela comissão formada pelos professores:

Orientador: Prof.^a Dr.^a Etelvina Maria de Castro Trindade
Universidade Federal do Paraná

Presidente de mesa: Prof. Dr. Sérgio Odilon Nadalin

Avaliadores: Prof. Dr. Mário Sérgio Michaliszyn
Prof. Dr. José Antonio Vasconcelos
Prof.^a Dr.^a Ana Paula Vosne Martins
Prof.^a Dr.^a Lídia N. D. Weber

Curitiba, 28 de setembro de 2004

À todas as depoentes que, com boa vontade, desvelaram suas histórias, por meio das memórias de suas experiências, de seus valores, de suas crenças. Ao contar de si, contaram, também, de suas épocas, de seu tempo. Sem elas não seria possível realizar este sonho.

AGRADECIMENTOS

Quando há algum tempo eu começava o árduo caminho deste doutorado, deparei-me com o auxílio de muita gente. Algumas pessoas que eu sabia que poderia contar com elas, velhas amigas que me acompanharam toda uma vida ou boa parte dela. Eu sabia que elas estariam sempre prontas a me “catar os cacos”, caso fosse preciso. E não me enganei, muitas e muitas vezes isso ocorreu e em todas elas, elas lá estiveram e eu continuo, para minha felicidade, devedora-recebedora, desse enorme amor. Obrigada, meus queridos.

Mas, ao longo do processo fui conhecendo outras pessoas de quem eu nunca teria sonhado receber préstimos. No entanto, ficaram junto comigo, me seguraram bonito. A esses meu reconhecimento.

Ao meio do caminho me dei conta que o número de amigos, ajudantes, suportes, estava ficando enorme e que fatalmente eu poderia esquecer de alguns deles na hora de agradecer. Então me propus a começar a escrever cedo para que isto não ocorresse. Porém, o tempo passou e as tarefas – que foram inúmeras –, ora cansativas, ora apaixonantes, me impediram de dar conta deste projeto.

E aqui estou eu, dando “tratos à bola” para tentar ser justa e nomear cada um dos meus “Anjos da Guarda”. Sei que esta é uma tarefa quase impossível. Está dado que arriscarei deixar de nomear alguém. Antecipadamente me desculpo e afirmo que não se trata de ingratidão, simplesmente meus neurônios nunca foram tão exigidos – em toda minha vida.

Tá, isto explica, mas não justifica!

Sei que aqueles que me conhecem na intimidade, apostariam que esta sessão ‘afetividade’ não iria faltar. Esta não seria eu. Tive que mudar muito ao longo desta trajetória, deixar de lado parte da minha identidade e quase, por muito pouco, me perder em quem eu não sou. Evidentemente ganhei novas facetas e cresci com isto. Mas minha essência ainda é a Marilza que gosta de cores e risos, que por vezes invade e se deixa invadir pela intimidade da alma. A ciência irá, com certeza, me conceder uma “licença” que, se não é poética, é sentimental, de ser a Marilza beijoqueira e que adora seus amigos!

Agradeço a Deus por esta oportunidade de poder amenizar esta imensa sede de conhecimento que sempre me possuiu. *Gratia Dio!*

A todos os amigos e parceiros nesta “viagem”, cheia de boas e más surpresas, vai o meu mais profundo e sincero MUITO, MUITÍSSIMO, obrigada!

Alfabetizei-me antes de ir para a escola. Com menos de cinco anos eu já freqüentava uma sala de aula, numa época que se entrava a estudar depois dos sete anos –

sou uma das mulheres de segunda geração. Minhas primeiras professoras foram freiras francesas, que me acolheram em Francisco Beltrão. Talvez porque se apiedaram da menina curiosa que queria estudar e não tinha idade legal para freqüentar o primeiro ano, embora já soubesse ler e escrever, com a ajuda da tia materna e da irmã mais velha (lembro meu primeiro livro: “As viagens de Gulliver” aos seis anos de idade – foram meses de leitura).

Filha de um pai militar, um músico de farda que, como delegado, andava de cidade em cidade levando na alma sua filosofia de educar, nunca punir e debaixo do braço não uma arma, mas um violão para fazer serenatas. Alguém que sempre esteve por perto, amparando, ouvindo, ajudando. Mas, nunca impondo suas “verdades”. Alguém que me ensinou a questionar e questionar e, de novo, questionar.

Sou filha de uma mulher que se alfabetizou em adulta, porque meu avô entendia que mulheres não precisavam estudar. Foi essa a pessoa que me impulsionou a buscar conhecimento, cada vez mais e mais profundamente, foi ela quem, sendo analfabeta, me ensinou “pesos e medidas” usando sua pedagogia prática e conseguiu explicar como o mesmo conteúdo do copo de água cabia em uma garrafa; como um quilo de carne pesava o mesmo que o saco de farinha. Uma mulher fantástica, com “dedo verde”, que tirava das plantas a cura de muitos males. Meio bruxa, meio maga, sábia na sua simplicidade. Com uma sede de aprender a ler e que, ao alcançar seu objetivo, nunca mais parou de “devorar” livros e mais livros.

Aos meus pais – Luiz e Dolores – então, eu agradeço por minha curiosidade sem fim. Pelo apoio incondicional a todos os meus projetos. Obrigada!

Há uma outra mulher, vó Izolina, que me contava histórias sobre outras mulheres, outros tempos, outros lugares e que me incutiu o gosto pela História. Ela me ensinou a ser assim: voluntariosa e às vezes teimosa e para alguns: presunçosa. Mas acima de tudo, persistente. Grata, vovó!

Merci também, a todas as professoras de francês, que me possibilitaram ser aprovada na seleção para o doutorado: Mademoiselle Pardessu (*in memoriam*, professora do Colégio Estadual do Paraná, que me ensinou há mais de trinta anos); Fernanda, que me preparou para a primeira prova e me fez ver que era possível; Germaine, sua passagem foi rápida e não combinamos na química, mas você sabe muito; Sandra Novaes, professora da Federal – obrigada por seu jeito tranquilo a me incentivar e elogiar minha pronúncia e, finalmente, à grande e maravilhosa professora da Aliança – outra das indicações da Etelvina – Vica, a gentil e dedicada Vica, capaz de transformar pedra em “leitor” – pelo menos, no meu caso. Você foi, simplesmente, um presente de Deus. A todas vocês: *Merci beaucoup!*

As secretárias de todas as secretarias. Das instituições onde trabalho ou trabalhei no período do doutorado e que me ajudaram, amenizando meu caminho no meio de tanta “papelada”. Mas, um muito obrigada especial a Lucy e Dóris, e, às demais secretárias do curso de História. Pela paciência e carinho como sempre me trataram. Meninas valeu! Ah! Uma menção honrosa à Lucy. Brinco que ela foi meu “talismã” nestes anos todos, desde antes do início. Devo muito a você.

Aos amigos e colegas de profissão que me incentivaram, que cobriram minhas obrigações quando a dedicação à tese me exigiu além de minhas forças! São muitos, nomeá-los daria outra tese.

Ana Moser, companheira de tantas caminhadas e Cloves, meu amigo; obrigada por poder desabafar! Por não me cobrarem, mas me acolherem. Ana, seus empréstimos de textos foram dez, seu ombro amigo e a acolhida calorosa me deixam feliz!

Aos clientes que souberam me apoiar, mesmo quando eles é que vinham buscar apoio. Uns com sua compreensão, pelas inúmeras vezes que tive que remarcar seus horários, por conta de meus compromissos como aluna. Outros com suas falas, que me ajudaram a compreender as minhas “mulheres” depoentes.

Um especial agradecimento ao Fabiano, por sua leitura de conhecedor, suas dicas importantes e pelo ânimo compreensivo.

Simone, obrigada pela ajuda prestimosa. Seus olhos atentos “pescaram” minhas falhas em perceber nomes ou outros sinais que desvendasse a identidade das depoentes. No fim, sua leitura atenta da tese, quando eu já não conseguia mais enxergar.

Àquelas doces ajudantes: Maria Olinda; Regina; Vanessa; Bethânia, Karin Janaína e também à Margarete – professora de informática. Umas me ajudando nas primeiras entrevistas ou transcrevendo fitas, outras fazendo buscas na Biblioteca; mas cada uma deixando meu caminhar mais plano. Mil vezes obrigada!

Aos professores das disciplinas – fiz dez delas – e também àqueles que avaliaram meu projeto, na seleção ou nos seminários. Todos me ajudaram, uns com sua crítica contundente, me “chocalhando” de minha presunção. Outros com sua infinita paciência em transferir conhecimento histórico e metodológico – de história – para uma psicóloga abelhuda que um dia se aventurou a “esticar o pescoço acima do muro”, para uma área diferente da sua formação. Vocês foram formidáveis!

À Etelvina, minha orientadora e professora em duas das disciplinas. Ah! Desconfio que esta tenha sido uma de suas mais difíceis tarefas. Ensinou-me a descobrir que eu sabia – e sei – muito pouco. Ensinou-me a deixar de lado aquele pouco que eu pensava saber para aprender um pouco mais. Mais do que te agradecer, tenho que me desculpar pelas inúmeras brigas, talvez desnecessárias e que nos desgastaram tanto. Ainda

bem que você é ainda mais perseverante que eu. Obrigada pela paciência, disponibilidade e sapiência. Obrigada pelas indicações que me deu. No estudo e, mais que tudo, na vida pessoal. *Se sofri, mais importante é que afinal eu cresci! Merci!*

À Ana Paula, professora e modelo a ser seguido. Tive a felicidade de ser sua aluna. Por suas mãos eu li Natalie Zamon Davis e me apaixonei por sua obra. Do mesmo modo que me apaixonei pela sua tese e dissertação, que me ajudaram tanto. Espero ter demonstrado com esse trabalho que algo aprendi sobre gênero.

Ana Maria Burmenster, não sei se você sabe, mas nós, os alunos, nos deliciamos com suas aulas. Ler Benjamin foi uma prazer, viajei com ele a Moscou e, aprendi com as experiências por ele narradas.

Nadalin, seu saber é do seu tamanho. Grande! Sua disponibilidade a ensinar é ainda maior. Com você me iniciei na pesquisa de campo histórica e fica a vontade de continuar a pesquisar família.

Napolitano, como foi saboroso conhecer um pouco sobre Arendt e, até mesmo, sobre Adorno. Grata por sua paciência e sabedoria.

Antonio César. Tenho saudades de suas aulas, foi um deslumbramento para a psicóloga aprender novas maneiras de entrevistar. Seu modelo me ajudou a atravessar este “deserto” solitário que é um doutorado. Olhando o sociólogo que se tornou historiador, eu sabia ser possível, também para mim, conseguir esta proeza, numa tarefa tão difícil.

À Maria Luiza e Helenice, um muito obrigada pela oportunidade de aprender com vocês.

Aos colegas de pós-graduação: julguei que seria mais fácil. Ledo engano! Nossa! Que choque levei no primeiro encontro dos seminários de tese. Quase me “peguei” com a Adriana. Desculpe Adriana, você tinha razão. Obrigada Trovão, você foi extremamente simpático e empático, e nem imagina o quanto lhe devo. Andréa, por sua avaliação criteriosa da Introdução. A todos vocês, meus colegas, devo uma parte deste, pouco, saber que irei levar comigo, desta trajetória pela “estrada” da História.

Aos alunos, dos cursos de Psicologia, que muitas vezes foram sacrificados por minhas atribuições de aluna-professora. Sei que agora poderei ensinar um pouco melhor do que antes. Desculpem, por ser a “sua” vez, nesta trajetória!

À Thaís, que me ajudou a “decifrar” o Código Civil.

Às pessoas que me cederam suas fotos, suas vidas. Rose, Tenente Juliana, Neuza, Major Iracema, Curso Positivo e à família Manosso. Que repartiram comigo e, portanto com quem vier a ler este trabalho, um pouco de suas histórias, que acaba sendo a

'nossa' história. E, por falar em fotos, obrigada à Anne e Marcos, aos seus ajudantes, da ótica Winner e ao Rui, por sua disponibilidade em ir à Biblioteca fotografar minhas "fontes".

À Roseli Boschilia e à Maria Luiza Andreazza, pela competência com que leram a versão da tese para o Exame de Qualificação. A maneira humana como souberam apontar os erros, as muitas falhas e, ainda assim, não "esfarinhar" minha auto-estima. Seus trabalhos e suas indicações foram bons "faróis" nestes "arrecifes" que se tornou o escrever.

Aos que leram com paciência os meus textos, nem sempre compreensíveis. Primeiro Genilda, que corrigiu o projeto. Depois a doce e terna amiga, Antônia. Outra das indicações da Etelvina. Preciosa luz a me conduzir neste emaranhado de letras que por muitas vezes me engoliu. Como psicóloga, sei ouvir. Como professora, sei falar. Como aluna e pessoa, nunca soube escrever. Antonia tornou possível, para vocês, estarem lendo estas palavras. Agradeço, no entanto, não só por esta imensa tarefa que – acho – ela conseguiu. Mas acima de tudo por servir de 'terapeuta', em muitas das vezes em que desanimei. Por me escutar e servir de modelo de vida!

E, por falar em terapeutas: outro débito meu com Etelvina. Por sua indicação conheci: Cris, Lia, Tereza e Marilis. Seres iluminados, que estão possibilitando que eu me conheça melhor e atribua maior qualidade à minha existência. Quanto lhes devo. Obrigada!

Ainda por conta da Etelvina, quero agradecer à sua secretária do lar: Zilma. Tão simpática. Quantas vezes na água que eu lhe pedia, vinha afeto no olhar, silenciosa, mas cheia de solidariedade. Seu sorriso como que dizia: 'Siga em frente! É possível alcançar seu sonho!'. Obrigada!

Ao Mário, o menino do passado, amigo de meus irmãos e que se fez grande. Um "doutor" sem dúvida, mas não por isto. Ele é maior ainda do que ele mesmo possa pensar. Sua força me animou e, penso, me ajudará a "atravessar o Mediterrâneo". Obrigada!

À Giovana, ex-aluna, hoje colega e agora a aluna ultrapassou o professor e me ajudou fazendo a versão do resumo para inglês. Você talvez não saiba, mas não foi a primeira vez que me ajudou. E não falo de inglês, mas de vida. Em um momento em que eu estava fragilizada, você deu uma lição de habilidade social em quem me "atacava" e me protegeu. Obrigada!

À Léia, que aceitou, de última hora, fazer a editoração do trabalho, muito, muitíssimo obrigada.

À Adriana pelo xerox dos anexos e ao Edson pelas cópias da tese e sua encadernação.

À Banca de análise das defesa final, grata pelo tempo, energia e disposição em analisar este trabalho e desta forma possibilitar o crivo deste estudo, bem como de minha formação como pesquisadora.

Aos meus três filhos, meus amores. Quanto deixei vocês de lado nestes anos. Paula casou, Digo se formou e o tempo passou. Vocês tão longe e, no entanto, me dando tanto apoio, como sempre.

E, você Mariana Fernanda, minha pequenina? Como lhe agradecer? Quando entrei no mestrado, em 1993, você iniciava seu primeiro ano escolar e quando terminei você findava a primeira etapa do fundamental. Agora, em 2003, você passou por um ano de extrema dificuldade – o vestibular – e estudou sozinha, não pude dar tanta atenção quanto eu desejava. Mas assim mesmo você foi lá e “matou” três faculdades. Parabéns, e obrigada pelo presentão. Será minha colega na profissão e eu nem percebi que meu nenê tinha virado mulher. Agora, nesta fase difícil tem sido mais que companheira, é a pessoa que tem “saco” de ler os textos, ver se há compreensão do que eu quero dizer, verificar quantas vezes eu repito palavras. Enfim, tornar o meu trabalho legível, para que a Antônia o corrija. Super grata e com super amor.

Fico grata, acima de tudo, a Deus por vocês três existirem. Grata ao Antonio Joaquim, por ter me ‘dado’ vocês e, grata a vocês por serem quem são. E por falar em Antonio, meu companheiro de todas as horas: OBRIGADA! Meu namorado, marido, técnico em computação, incentivador, motorista e, acima de tudo, amigo! Quanto eu tiro de você cada vez que me meto a estudar, não é? Mas você nem reclama, se o faz é com sorrisos, porque sabe que seria um “caso perdido” me tirar dos livros. Obrigada, por compreender e me impulsionar nesta minha verdadeira obsessão pelo estudo. Prometo que vou dar um tempo – pelo menos por algum tempo –, e me dedicar a você e a mim, um pouco mais. Te amo! Obrigada por me respeitar como um ser que pensa por si mesma e me escolher como seu par! Desejo que nossos filhos encontrem parceiros tão amantes como temos sido um para o outro, com Eros, Philia e Ágape.

Por fim, agradeço às vinte e seis mulheres que deram entrevista. Às dezoito que apareceram nesta tese: desculpem, caso eu não as tenha representado adequadamente e obrigada pela confiança. Seis dos depoimentos eu não pude aproveitar. Esbarrei nos quesitos de seleção de amostra e descartei suas falas. Mas, assumi compromisso comigo e com vocês, e vou transformar seus depoimentos em novo trabalho. A todas vocês o meu respeito e o meu obrigada!

SUMÁRIO

LISTA DE FOTOGRAFIAS	xii
RESUMO	xiii
ABSTRACT	xiv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - GÊNERO E MEMÓRIA: CATEGORIAS DE ANÁLISE TEÓRICA	12
CAPÍTULO 2 - NAQUELE TEMPO	27
2.1 RELATOS DE VIDA: BRANCA	27
2.2 FIGURAS DE PODER: PAI E MÃE.....	36
2.3 A PARENTELA SOLIDÁRIA	46
2.4 O CASAR COMO RECURSO	55
2.5 O SEXO COMO TABU	66
2.6 TRABALHAR PARA SOBREVIVER.....	77
CAPÍTULO 3 - VINTE ANOS DEPOIS	93
3.1 RELATO DE VIDA: RAQUEL	93
3.2 ELA/ELE: RELAÇÕES DE GÊNERO.....	103
3.3 AINDA O PÁTRIO PODER	115
3.4 MATERNIDADE: NOVAS E VELHAS FUNÇÕES	125
3.5 AMIZADE: APENAS UMA RELAÇÃO DE AMOR FRATERNAL?	133
3.6 A EDUCAÇÃO E O TRABALHO: ESPAÇOS DE TRANSFORMAÇÕES	142
CAPÍTULO 4 - E... CHEGAMOS AO SÉCULO XXI	159
4.1 RELATO DE VIDA: ÁUREA	159
4.2 A EDUCAÇÃO COMO UMA PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO.....	167
4.3 TECENDO MODOS PARTICULARES DE RELACIONAMENTOS.....	179
4.4 SEXUALIDADE NA GERAÇÃO DOS “FICANTES”	191
4.5 EM BUSCA DE UMA ESPIRITUALIDADE... OU DE ALGO QUE RECONSTRUA A IDENTIDADE?	199
CONSIDERAÇÕES FINAIS	212
REFERÊNCIAS	224

VOLUME ANEXO

ANEXO 1 - DADOS DAS DEPOENTES	1
1.1 QUADRO COMPARATIVO	3
ANEXO 2 - ENTREVISTAS	4
2.1. PRIMEIRA GERAÇÃO	5
2.2. SEGUNDA GERAÇÃO	57
2.3. TERCEIRA GERAÇÃO.....	140

LISTA DE FOTOGRAFIAS

1	CHARGE SOBRE O MODO DE COMPORTAR-SE PARA AS MOCINHAS "CASADOIRAS"	35
2	BODAS DE OURO DE PIO E ANA MANOSSO (SETEMBRO DE 1936).....	47
3	"ACAMPAMENTO", ILHA DO MEL - DEZ. 1975.....	139
4	FORMATURA DA PRIMEIRA TURMA DE SARGENTOS – BATALHÃO FEMININO – 20 OUT. 1978	146
5	GRUPO DE JOVENS COMEMORANDO O "TROTE", CERIMÔNIA QUE SIMBOLIZA A INICIAÇÃO NA VIDA ESTUDANTIL. VESTIBULAR DA UFPR, 1995.....	171
6	CASAL NOS TEMPOS ATUAIS	186
7	CASAMENTO - MAJOR IRACEMA, OFICIAL DA PMP - 1984	222

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar como mulheres, que viveram o século XX – como adultas –, representam suas experiências e como, durante seus depoimentos, o filtro da memória mostra o arraigamento ou metamorfoses dos modelos que cada época ou sociedade veicula e, assim, permitem a construção de identidades. Para tanto foi feita uma pesquisa qualitativa, com metodologia da história oral, usando entrevistas semi-abertas, com 18 depoentes, nascidas entre 1920 a 1980. Os critérios de inclusão na amostra foram: a idade (variando entre 83 e 23 anos na época da entrevista) e a diversidade de ocupação ou profissão (18 diferentes ocupações). Como categorias de análise, tomou-se a memória e o gênero, tendo como pressuposto que as identidades humanas são construídas, ao longo da vida, pela interpretação que os valores do grupo, assimilados por seus indivíduos, atribuem às experiências vividas e, que, estas sofrem mutação quando expostas ao filtro da memória. A amostra foi dividida em sub-grupos geracionais, cada qual com seis depoentes: a primeira geração (1936/1950); a segunda (1960/1970) e, a terceira (1980/2000). Os dados permitiram construir quatro capítulos. Três deles correspondentes à análise de cada grupo e, estes iniciaram pelo relato de vida de uma das participantes, cuja trajetória de vida servia como fio condutor da análise dos itens selecionados também do relato das outras entrevistadas. As escolhidas para representarem seus grupos foram aquelas que reuniram características mais emblemáticas de sua geração, no caso: Branca Raquel e Áurea, respectivamente. A hipóteses iniciais foram confirmadas: há mudanças nas representações sociais, intra e entre gerações, porém as alterações são graduais e se percebem, ainda, permanências de valores.

Palavras-chave: gênero; memória; representações sociais; história oral e identidade.

ABSTRACT

This work aimed to investigate how women that lived the 20th century – as grown-ups- represented their experiences and, during their statements how their memory strainer shows the deepened of the standards or the changes that each time or society displays and, in this way how they lead the identities' built. So, it was conducted a qualitative research, oral history, by partially-opened interviews of 18 participants who were born between the 20's and the 80's. The sample's inclusion criteria was: age (varying from 83 and 23 years old by the time they were interviewed), and the professional diversity (18 different occupations). Were taken as analysis categories memory and gender, having as a fundamental principle that the human identities are built during the life time through the interpretation that the group values, as they are internalized by the individuals, assign to the experiences, and also that these experiences change when exposed to the memory strainer. The sample was divided into generational subgroups, each one with six respondents: first generation, 1936/1950; the second, 1960/1970 and, the third, 1980/2000. The data allowed building four chapters. Three correspondent to the analysis of each group, and these started by one participant's life speech. This life speech's path served as an analysis string of the selected items of the others respondents. The ones chosen to represent their groups were those who accomplished the characteristics more emblematic of their generation. The first hypothesis was confirmed: there are changes in the social representations, into and inter generations, but the changes are gradative and, still can be perceived values permanence.

Key words: gender, memory, oral history, social representations and Sociability.

INTRODUÇÃO

Esta tese, intitulada: Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida (ou de suas representações) – 1936-2000, tem também a sua história. E, ao introduzir o leitor à sua formatação e construção, faz-se necessário contar um pouco desse percurso, como forma de construção de conhecimento que se deseja, venha a auxiliar novos pesquisadores.

Zeldin¹ questiona as possibilidades criativas da escrita da história e argumenta que já é mais do que hora de as ciências se unirem em busca de amplificação da visão de mundo pelo homem. A contribuição de todas elas deveria ser bem-vinda. Nenhuma ciência social pode ser vista isoladamente, uma vez que isso viria a contrariar a própria essência do humano, que se constrói no social. Ele afirma que: "...o principal obstáculo no caminho da mudança é a rigidez de opinião sobre a forma na qual o trabalho acadêmico deve ser apresentado...". Explica também que "ao autor já estabelecido se permite uma certa liberdade de criar, mas (...) o novo autor é quem tem maior necessidade de liberdade e, mais provavelmente, tenha algo novo a dizer...".²

Acreditando nisso, esta tese ousou trazer algumas inovações. Uma delas é este alerta para que o historiador tenha flexibilidade para mudar a "rota de viagem", ou seja, reconstruir seu problema de pesquisa e atender à demanda de análise que as fontes (primárias) que colheu visando a um outro objeto agora possam indicar um novo estudo.

Foi o que aconteceu neste trabalho. O projeto aprovado no início do curso visava investigar os medos relatados por mulheres que tivessem vivido o século XX. Porém, à medida que aconteciam a coleta e a análise dos dados, algo foi sendo

¹ZELDIN, Theodore. História pessoal e história das emoções. Em **História: questões e debates**, Curitiba: 12(22-23): 30-44, jun.-dez. – 1991, p.31.

²ZELDIN, História pessoal..., op. cit., p.30.

“visto”: havia ali muito mais do que o medo. Havia uma gama de experiências, de toda ordem, esperando para ser estudada.

As fontes, portanto, foram orientando uma nova problemática que vieram a fornecer a estrutura da tese. Como resultado, parece, ofereceu à comunidade a construção de um saber ainda não suficientemente explorado pela psicologia³ e largamente ensinado pela história: a identidade é uma construção social fluida e temporal. Desse modo, acabou se manifestando a essência da interdisciplinaridade nessa mudança da trajetória da própria pesquisa. O objetivo dela, então, passou a ser investigar como mulheres que viveram o século XX – como adultas – representam suas experiências e como, durante seus depoimentos, o filtro da memória mostra o arraigamento ou as metamorfoses dos modelos que cada época ou sociedade veicula e, assim, permitem a construção de identidades.

Quer dizer, a história possibilitando a obtenção empírica de dados que comprovem como as experiências de vida, pelas contingências, pelos modelos e pelas regras a que se está exposto, constroem e modificam, constantemente, nosso modo de ser e de se representar.

O método de estudo foi, aos poucos, sendo delineado e optou-se por realizar uma pesquisa ancorada em entrevistas com mulheres, de diversas idades e categorias sociais, e, assim, tem-se como fio condutor a trajetória de vida de 18 delas, nascidas entre 1920 a 1980.

Para tanto, tomou-se a forma como essas depoentes resgataram lembranças, ativaram reminiscências e rememoraram suas experiências, como objeto de trabalho.

³ A psicologia, como todas as ciências, fundamenta-se em diferentes correntes filosóficas; nesse sentido seu campo de estudo se diversifica, e a maior parte das abordagens atuais ainda se baseia na crença em estruturas de personalidade universais e atemporais. Este estudo dá provas empíricas daquilo que o behaviorismo – uma dessas vertentes filosóficas – já vinha tendo como fundamento de seus conceitos teóricos. A identidade, ou personalidade, é uma construção social dinâmica e em constante mutação.

Nesse sentido, e tomando como modelo formulações de Zeldin,⁴ é que se buscou investigar a maneira como essas mulheres representam as suas vivências e como – durante depoimentos – o filtro da memória mostra as transformações dessas mulheres, que viveram num mesmo século – "o Breve século XX" – e num mesmo espaço geográfico – Curitiba –, mas cujas trajetórias de vidas as conduziram a experiências ímpares, que, indubitavelmente, fizeram história.

Recolhidos, degravados e editados os depoimentos, apostou-se na hipótese de que houve uma variação na gama de experiências e valores expressos entre as entrevistadas intra e entre as gerações tomadas – arbitrariamente – como baliza de estudo.

Mas se usar depoimentos, e sua análise, possibilita descobrir modos de comportamento e visões de mundo e com isso reconstruir o passado recente, sempre se pode enriquecer o trabalho, com o aporte de documentos escritos. Na presente pesquisa foram utilizados informes extraídos de periódicos datados das décadas em estudo, como: Anuário das Senhoras, Cláudia, Exame, Época, Máxima, Nova, O Cruzeiro, Revista Nicolau, Revista da Semana e Panorama; também se buscou referendo em jornais da época, como artigos da Gazeta do Povo, coletados na Biblioteca Pública do Paraná.

Um terceiro grupo de fonte igualmente foi suporte para a análise: fotos. Ao longo das entrevistas as depoentes tanto tinham retratos espalhados por seus locais de residência e, ou, trabalho como um grande número delas ofereceu – voluntariamente – emprestado à pesquisadora esse tipo de material. Ao focar o olhar sobre este material, foi possível “ver a história transcorrer” e perceber nos símbolos ali registrados pela câmera a formatação de suas identidades e, ou, de suas representações. Assim, em cada capítulo, fotos de cada época (de acervo tanto particular como da Biblioteca Pública do Paraná) serviram como fontes para a análise.

⁴ZELDIN, História pessoal..., op. cit.

Dessa forma, se as fontes orais foram o suporte maior para a construção da pesquisa, as escritas e as imagens permitiram uma maior organização da leitura dos dados encontrados.

O contato com as depoentes ocorreu de modo aleatório, por indicação de conhecidos da pesquisadora ou da orientadora da tese. Por trabalhar com depoimentos, teve-se o cuidado de preservar as identidades e manter a privacidade das entrevistadas, substituindo seus nomes por pseudônimos.⁵

A primeira preocupação no contato com elas – como critério de inclusão na amostra global – foi saber a idade e ou data de nascimento das possíveis depoentes. Dessa forma, a cronologia das trajetórias de vida variou de 83 a 23 anos, tendo sido considerada a idade no momento da entrevista e mantidos intervalos de cinco a dois anos, entre cada depoente. O segundo critério para inclusão na amostra global foi a preocupação com a diversificação social e profissional das depoentes. A amostragem pôde, então, abranger dezoito diferentes ocupações,⁶ declaradas por elas como sendo as suas profissões, quer estivessem exercendo-as no momento da entrevista, quer as tivessem exercido no passado, como faxineira, operária, dona de casa, empresária, professora e estudante. Evidentemente que, ao denominarem-se como sendo ou desempenhando determinada função, elas não deixaram de estar incluídas numa multiplicidade de outras atividades simultâneas.

Entre os critérios de análise, houve a preocupação em concentrar-se no relato de suas vidas a partir do período adulto, considerando-se como marco de

⁵Mantendo os pseudônimos atribuídos e a idade na época da coleta dos dados, as entrevistadas foram as seguintes: Branca, **83** anos; Lina, **79** anos; Socorro, **75** anos; Heide, **71** anos; Fátima, **68** anos; Sara, **65** anos; Esmeralda, **61** anos; Dolores, **57** anos; Ângela, **53** anos; Raquel, **49** anos; Marisa, **44** anos; Marta, **42** anos; Áurea, **37** anos; Lia, **35** anos; Simone, **32** anos; Magali, **29** anos; Helena, **26** anos e Dulce, **23** anos.

⁶No total das ocupações das entrevistadas foram arroladas as seguintes profissões: costureira de sapatos; tricoteira; faxineira; escrituraria; dona de casa; professora; manicura; empresária; artesã; coordenadora de eventos; operária; policial militar; professora de tênis; comerciaria; cantora; copeira; pedagoga e estudante.

início os vinte anos, ou por volta disso, ou ainda a ocasião do casamento, independente da idade com que casaram.

Foi considerado, também, como categoria de análise, o estado civil⁷ das depoentes no momento do relato, uma vez que, para algumas, este variou ao longo da vida, com mais de uma experiência matrimonial. Foram encontradas diferentes condições, tais como: solteiras, casadas, viúvas, separadas ou divorciadas ou, ainda, vivendo união estável.

Quanto à religião,⁸ apesar de não ter sido uma exigência de inclusão ou não na amostra, foi considerada para análise e, assim, observou-se uma variação entre católica, espírita, evangélica ou luterana e as que diziam crer em Deus, mas não professar religião.

No que tange à questão de escolaridade,⁹ apresentaram-se os cursos (completos ou não): superior, pós-médio, médio e o fundamental, havendo uma depoente analfabeta.

O pesquisar com um grupo tão heterogêneo, no que tange à cultura religiosa e educacional, além de etnia e de uma vasta diferença de idade – 60 anos entre a data de nascimento da primeira e da última entrevistada –, longe de prejudicar a análise, permitiu vislumbrar uma série de possibilidades de compreensão destes grupos, que só se constituíram assim, como já dito, pelo viés metodológico. A classificação por idade obedeceu à cronologia por data de nascimento, mas bem poderia ter sido escolhido outro critério qualquer. O que se

⁷O estado civil das depoentes, declarado no momento da entrevista, apresentou o seguinte quadro: cinco **casadas**; cinco **viúvas**; três **solteiras**; três **divorciadas**; uma **separada** e uma vivendo **união estável**.

⁸Quanto à religião, o resultado foi: oito **católicas**; cinco **crêem em Deus**; três **evangélicas**; uma **espírita** e uma **luterana**.

⁹Entre as depoentes, uma delas era **analfabeta**; quatro cursaram o **ensino fundamental**, sendo que apenas duas o completaram; cinco delas estudaram até o **ensino médio** – três desistindo na primeira série e duas o completaram; três completaram curso **pós-médio** e cinco fizeram curso **superior** completo.

quer dizer é que uma jovem do terceiro grupo, por exemplo, pode perfeitamente estar mais alinhada em valores com uma mulher do primeiro ou do segundo grupo em determinada área do comportamento humano e com outra faixa etária, para outro tipo de valor. Sabendo-se, é claro, que não se está lidando com amostra, quantitativa e estatisticamente, representativa de uma época, mas com mulheres que viveram um mesmo tempo: o século XX (com todas as restrições que a análise de um longo período impõe).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica as idades dos seres humanos, a partir da idade adulta, em:

QUADRO 1 - CLASSIFICAÇÃO DAS IDADES POR ANOS VIVIDOS

ADULTOS	MEIA-IDADE	IDOSO	ANCIÃO	VELHICE EXTREMA
20-45 anos	45-59 anos	60-74 anos	75-90 anos	90 anos em diante

FONTE: SIMÕES, Regina. **Corporeidade e terceira idade**: a marginalização do corpo idoso. Piracicaba (SP): Unimep, 1994. p.61

Assim, foi estabelecido como parâmetro de análise a divisão da amostra global em três subgrupos geracionais (cada qual com seis entrevistadas – Anexo 1), denominados primeira, segunda e terceira geração, por data de nascimento em períodos compreendidos de vinte em vinte anos. E que, por ser uma classificação arbitrária – desde um viés metodológico –, não necessariamente essas mulheres comungam valores, comportamentos ou vivências.

O critério de entendimento do que corresponderia a cada uma dessas gerações poderia ter sido tanto pelo conceito extraído dos estudos da história demográfica – que estabelece o período de 25 a 20 anos como sendo o de uma geração, ou o do senso comum que admite a idade média de 20 anos como aquela em que se começa a procriação – tanto do ponto de vista biológico como do

socialmente aprovado, via casamento. Optou-se, assim, por reconhecer a idade de 20 anos para o aparecimento de uma nova geração.¹⁰

Então, nesse período de 60 anos foi possível o acompanhamento de três grupos geracionais. O primeiro surgindo entre 1920 a 1940, o segundo por volta de 1941 a 1960 e o terceiro aparecendo entre 1961 e 1980. Contudo, a análise estendeu-se aos anos de 1936 a 2000,¹¹ quando as depoentes atingiram a idade adulta, por qualquer dos dois critérios previamente estabelecidos. Em verdade, estes foram os anos em que a mais velha delas se casou e a mais nova da amostra global atingiu os vinte anos.

A análise dos dados obtidos nas fontes orais, escritas e ou visuais, permitiu a construção de quatro capítulos da tese, o primeiro trazendo a base teórica sobre a qual se funda a análise teórica dos três capítulos subseqüentes. A formatação do trabalho foi inspirada na opção metodológica de Natalie Zemon Davis¹² e, assim, foi usado como fio condutor a trajetória de vida de três mulheres, uma de cada subgrupo. Com base no depoimento escolhido, foi construída uma síntese biográfica, com ênfase nos momentos em que os sentimentos e valores, adquiridos ao longo de suas vivências, mais afluíram reconstruídos pela memória.

O trabalho de Davis é inovador, no sentido que retoma a prática de usar biografias para a construção da escrita histórica. Mas, a grande novidade é que a historiadora narra, descreve e analisa pessoas comuns, quase desconhecidas, heroínas anônimas de um mesmo tempo, em geografias diversas e com um mesmo padrão de comportamento: inovar a própria existência, rompendo modelos existentes e simultaneamente obedecendo às normas vigentes daquilo que se

¹⁰ARIÈS, Philipp. Gerações. In: **Enciclopédia Einaudi**. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997. v.36. p.353.

¹¹Branca, a mais velha delas, casou-se com 16 anos em 1936 e Dulce, a mais nova, fez vinte anos no ano 2000.

¹²DAVIS, Natalie Zemon. **Nas margens**: três mulheres do século XVII. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

considerava ser mulher no século XVII. Mulheres que, como diz Pollak,¹³ foram capazes de "negociar" seus parâmetros de comportamento e assim transmutá-los.

Então, tomando a metodologia usada por Davis como modelo, e o modo de análise de Zeldin¹⁴ é que neste trabalho cada capítulo inicia com uma foto de mulher (retirada de revistas e, avaliadas nas considerações finais) seguida de um relato,¹⁵ que conta a trajetória de vida de uma das entrevistadas. Mas também, na análise posterior, traz retalhos das vidas de outras cinco depoentes, de cada grupo geracional, que somam suas vozes às da narradora e servem como "guia" da trama tecida entre essas falas e as dos autores que apóiam teoricamente o trabalho, e com quem a autora dialogou.

A partir dessa síntese e pela análise e interpretação das seis entrevistas, de cada geração, foram pensados tópicos que compuseram os capítulos. Apesar da relativa unidade dos relatos, buscou-se identificar as particularidades de cada um em relação ao assunto em pauta para aquele item, levando-se em conta o testemunho ou fluxo de lembranças (re)organizados pela pesquisadora.

As escolhidas para representarem seus grupos foram aquelas que reuniram as características mais emblemáticas de sua geração, no caso: Branca, Raquel e Áurea, respectivamente. O primeiro capítulo teve como base a biografia de Branca, uma costureira de sapatos nascida em 1920. (Anexo 2 - 2.1). No segundo capítulo, a depoente que empresta sua história para compreensão das vivências das mulheres nascidas entre 1941 a 1960 é Raquel, uma coordenadora de eventos, nascida em 1952. (Anexo 2 - 2.2). E o terceiro capítulo trouxe a trajetória de vida de

¹³POLLAK, Memória..., op. cit.

¹⁴O autor entremeia a história de seu entrevistado com seus comentários acerca do que é relatado. Por vezes acrescenta dados não verbais, como lágrimas que surgem, rubores, gaguejares ou unhas roídas. Desta forma o leitor vivencia junto com o depoente a emoção que Zeldin pretende descrever (ZELDIN, **Uma história**..., op. cit.).

¹⁵Tal trajetória de vida foi nomeada como "relato de vida" e recebeu uma formatação diferenciada do texto de análise. Justamente para facilitar a visualização ao leitor.

Áurea, uma jovem desportista, medalha de ouro internacional, nascida em 1964. (Anexo 2 - 2.3).

Ao se tomar como parâmetro o subgrupo geracional, uma leitura acurada de cada entrevista era feita, a começar da entrevista da depoente que havia sido escolhida para emprestar sua história à biografia inicial. Os temas a que ela dava ênfase no seu relato e que recorrentemente apareciam no seu e nos depoimentos de suas contemporâneas, foram entendidos como aqueles que mais contribuíram para moldá-las como mulheres de uma dada época. Também, por serem mais freqüentes no relato, esses foram os que mais trouxeram luz à maneira como elas foram construídas em suas identidades. Ou, melhor dizendo, o modo como elas conseguiam representar essa construção que chegavam ao tempo presente atravessando filtros: o dos conceitos que haviam construído tais identidades e o de suas memórias no momento do relato.

A cada vez que o tema central de cada tópico transparecia na fala das entrevistadas, a pesquisadora “pinçava-o” do relato e, depois, era feito um confronto – entre todas as transcrições, das seis entrevistas – de quais temas tiveram, na ótica dessas moças, maior importância e esse era aquele que iniciava cada análise de capítulo. O critério usado para essa seleção foi a freqüência com que experiências descritivas de vivências ou sentimentos a elas correlacionadas apareceu dentro de cada entrevista e no conjunto delas, ou a própria narrativa que poderia estar verbalizando esses fatos explicitamente. A escolha da seqüência dos tópicos dentro de cada capítulo foi diversa, pois, apesar de estarem presentes em todas as seis entrevistas, para cada uma delas a ordem de importância diferia. Metodologicamente, optou-se por seguir a hierarquia atribuída pela depoente, cuja biografia dava abertura ao capítulo.

Assim, para o segundo e terceiro capítulos que, respectivamente, trazem as representações do que seria ser mulher nas décadas de 1936-1950 e de 1960-1970, foi possível captar cinco tópicos principais (para cada um deles) – alguns completamente novos de um capítulo para outro, e ainda alguns que se repetiram. Já, para o quarto capítulo – que traz a análise da representação do que seria pertencer ao gênero

feminino nos anos de 1980 a 2000 –, conseguiu-se apreender quatro tópicos principais, comuns a todas as moças que desvelaram suas história ou trajetórias de vida, aqui, de novo, se percebe a mudança de importância daquilo que elas trazem como fundantes de suas identidades.

A intenção de trazer tantos assuntos em pauta não foi a de se proceder a uma análise profunda do que cada um dos tópicos significava em si mesmos, como, por exemplo, o que significava o trabalho para essas moças individualmente e para cada um de seu subgrupo. Mas, pretendia-se ao investigar as suas experiências em cada uma das áreas de vida por elas relatadas, extrair desse relato a forma como essas representações ocorreram e se rearticulavam ao longo de suas trajetória de vida, ou como eram expressas no momento de recordar.

Essas trajetórias pretendem dar uma visão do conjunto dos dados obtidos com a pesquisa, indicando as possíveis respostas às questões formuladas: como essas mulheres construíram seus valores pessoais e de cada grupo; como, na fala de cada entrevistada em seus vários momentos de vida, aparecem experiências que se assemelham e divergem de suas contemporâneas e das demais que viveram noutro tempo; como elas (re)construíram seus passados à luz do presente.

Dessa forma, o estudo pretendeu privilegiar, a partir das categorias gênero e memória, uma reflexão sobre: 1) como para cada geração de mulheres o tempo no qual foram criadas transparece nos seus depoimentos – com a plasticidade do comportamento próprio de cada época e de cada indivíduo; 2) se há reprodução ou mudanças – parciais ou totais – nos comportamentos ou valores por elas vividos; 3) como essas mulheres trouxeram suas memórias, reconstruíram seu passado e com isso 4) se provocaram ou não transformações nos seu momento presente, no modo como se enxergam e operam o tempo atual.

Os capítulos desta tese foram tecidos considerando tais reflexões. É a biografia de cada moça – emblemática de cada subgrupo – com suas histórias particulares que abre cada parte deste estudo. São as experiências, ou representações delas, das seis depoentes de cada faixa etária, que estarão dando “norte” à análise. No

entanto, o que se pretende desvelar é a forma como as representações de identidade são criadas, ou reconstruídas pela memória, a cada época, de forma fluida e dinâmica, como resultado de um processo histórico.

Antes, porém, é preciso desvelar como gênero e memória serviram como categorias de análise neste estudo.

CAPÍTULO 1

GÊNERO E MEMÓRIA: CATEGORIAS DE ANÁLISE TEÓRICA

...Não sabemos o que virá a seguir, nem como será o segundo milênio, embora possamos ter certeza de que ele terá sido moldado pelo Breve Século XX. Contudo, não há como duvidar seriamente de que em fins da década de 1980 e início de 1990 uma era se encerrou e outra nova começou...¹⁶

O século XX foi um período agitado por inúmeras tensões e por uma extrema mobilidade nos destinos humanos. No entanto, pode-se afirmar que para mais da metade da população mundial – as mulheres – ele também foi um século de conquistas e de grande visibilidade.

Tudo começou quando aquilo que pode ser chamado de "primeira onda" do feminismo,¹⁷ ocorrida em meados do século XIX, agitou países como Inglaterra, França, Alemanha, Rússia, Escandinávia e USA. Essa primeira versão do movimento caracterizou-se pela luta em prol de direitos civis e políticos que buscava igualar juridicamente homens e mulheres. Os movimentos feministas, liderados por mulheres da camada econômica e culturalmente superior da população, identificados com a burguesia, não tiveram, no entanto, grande repercussão naquelas de menor poder aquisitivo e, portanto, social. Não havia vantagens aparentes, para a maioria das mulheres, em participar dessas reivindicações. O espaço "privado" lhes concedia proteção e, até, certos privilégios, a começar pela valorização de sua função materna e "civilizadora". Transmissoras de cultura, dentro de seus lares, perpetuavam regras morais e sociais. Ditavam a moda, controlavam o orçamento doméstico e muitas até controlavam, por manipulação, o comportamento de maridos e filhos; algumas –

¹⁶HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.15.

¹⁷PERROT, Michelle. A antiguidade. In: **História das mulheres no Ocidente - 4: o século IXX**. Porto: Afrontamento. 1990. p.15-16.

poucas – conseguiam, sutilmente, influenciar decisões políticas e assuntos públicos. As muito pobres estavam mais preocupadas em se manter vivas e à sua prole, trabalhando como serviçais ou mesmo mendigando nas ruas.¹⁸

Adentrando o século XX, as mudanças socioeconômicas como a industrialização crescente propiciaram gradualmente mudanças no feminismo. A percepção das diferenças, então, tornou-se inevitável: as mulheres ganhavam menos que os homens; sofriam com uma dupla jornada de trabalho e não tinham acesso à educação formal e, tal como acontecia com os homens, também não tinham direitos legais, como trabalhadoras.¹⁹

Entre as brasileiras, esse movimento conseguiu igual repercussão. As lutas em prol dos movimentos sociais, encabeçadas pelas feministas traziam como bandeira – a exemplo do que ocorria no exterior – as diferenças entre os sexos e as questões do trabalho, as necessidades da família e de toda a sociedade:²⁰ "A partir dos anos 1920, mulheres como Bertha Lutz, Maria Lacerda de Moura e Eugenia Cobra lutaram pela emancipação feminina, paralelamente às lutas de mulheres operárias, sobretudo anarquistas. Temos aí, claramente, duas vertentes do feminismo: a liberal e a libertária."²¹

¹⁸THÈBAUD, Françoise. A grande guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente - 5: o século XX**. Porto (Portugal): Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991. p.31-33.

¹⁹PERROT, op. cit., p.15-16.

²⁰SAMARA, Eni de Mesquita. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda. Apresentação. **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997. p.32.

²¹MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Raquel; MATOS, Maria Izilda S. **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC. 1997. p.87.

Segundo Corbin,²² o movimento feminista, quase que no mundo todo, porém, diminuiu suas atividades diante das prioridades da Primeira Guerra Mundial (1914-1918); durante o conflito, com os homens no *front*, as mulheres acabaram por assumir funções e papéis que antes pertenciam ao mundo masculino. Após a guerra, com a volta à "normalidade", o feminismo retomou suas atividades sufragistas e as mulheres conquistaram não só o direito de eleger, mas também de serem eleitas.

O direito ao voto era um dos objetivos desses movimentos que se organizavam. E, no mundo, esta conquista foi ocorrendo em tempos diversos, entre as décadas de 1910 aos fins de 1940; no Brasil,²³ isto foi alcançado em 1934. "Graças, também, a Igreja católica, a quem interessava o voto feminino, por considerar, e disseminar o estereótipo de que as mulheres seriam mais conservadoras..."²⁴

Em nosso país, a situação das mulheres era semelhante ao que ocorria no restante do mundo. No início, apenas a elite brasileira – econômica e cultural – discutia as idéias feministas; depois, com a inserção de imigrantes nos espaços sociais (principalmente décadas de 1920 a 1940), doutrinas e idéias libertárias²⁵ [e também liberais]²⁶ estiveram acessíveis à camada das trabalhadoras. Surgiram, então, inúmeras agremiações com este ideal. A característica maior desse

²²CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada - 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

²³ALVES, Branca M. **Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980.

²⁴LINHARES, M. Y. (Org.); CARDOSO, C.F.S.; SILVA, F.C.T. da; MONTEIRO, H. de M.; FRAGOSO, J.L.; MENDONÇA, S.R. de. **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

²⁵O movimento de facção libertária era baseado em reivindicações, nem sempre pacíficas, daquilo que este entendia serem situações de subjugação das mulheres e que as colocava como vítimas do sistema sociopolítico e também ser libertada das limitações do seu sexo biológico (BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v.2).

²⁶O movimento de facção liberal era a que pregava igualdade de direitos e oportunidades iguais, o que permitiria acesso à cidadania e ao espaço público. (RONCAGLIO, Cynthia. **Pedidos e recusas: mulheres, espaço público e cidadania (Curitiba, 1890-1934)**. Curitiba, 1994. Dissertação (Mestrado) - DEHIS/UFPR. p.137-142).

movimento era o comprometimento com a fidelidade aos princípios da ordem social e o que elas reivindicavam era espaço no mercado de trabalho e igualdade de direitos políticos entre os sexos.²⁷

Em Curitiba, as mulheres "letradas" – e isto não foi diferente em outros centros urbanos do Brasil – estavam envolvidas em uma luta para que suas conterrâneas investissem tempo em cultura, artes e filantropia, interferindo e construindo a sociedade em conjunto com os homens. Mas, nessa época – início da primeira metade do século XX –, acreditava-se que, embora tendo acesso à educação, esta deveria ser diferente daquela recebida pelos homens. As curitibanas reivindicavam espaço público e usavam os instrumentos que tinham à mão para conseguir seus objetivos: administrar os bens da família; criar arte, literatura e música; exercer atividades como operárias, comerciárias e artesãs. Com a fundação da Universidade Federal do Paraná (1912) e depois seu reconhecimento (1946), algumas mulheres, até então impedidas pelas regras educacionais daquele período, passaram a adquirir saberes universitários e ingressaram na vida profissional como prestadoras de serviço. E em todos esses momentos a imprensa cedeu espaço para a divulgação tanto de representações sociais que mantinham os velhos valores como esses ideais inovadores.²⁸

Com o advento da Segunda Grande Guerra (1939-1945), as atividades feministas ficaram – de novo, como na guerra anterior – em segundo plano, para retornarem com força renovada após o seu término.²⁹ O movimento teve um dos

²⁷LINHARES, CARDOSO MONTEIRO, FRAGOSO e MENDONÇA, op. cit.

²⁸TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na primeira república. Curitiba: Fundação Cultural, 1996. p.25-27.

²⁹LAGRAVE, Rose-Marie. Uma emancipação sob tutela: educação e trabalho das mulheres no século XX. In: DUBY G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente - 5**: o século XX. São Paulo: EBRASIL, 1991. p.506-519.

grandes marcos em 1949, quando Simone de Beauvoir³⁰ escreveu "O Segundo Sexo", obra que passou a ser referência do feminismo no mundo todo.

Mas foi somente ao final da década de 1960, que se deu o que pôde ser denominada "a segunda onda" do feminismo,³¹ apresentando ainda conotações libertárias e igualitaristas. Até então a divisão de papéis entre homens e mulheres permanecera clara e definida. A entrada de um maior contingente de mulheres no mercado de trabalho incitou mais claramente, porém, a percepção das diferenças expressa pelas discrepâncias salariais, que apenas refletiam outras desigualdades entre os trabalhadores e as trabalhadoras. A participação crescente do "sexo frágil" na força de trabalho industrial acabou por aguçar os movimentos pró-femininos, que advogavam por direitos iguais.³²

E, ainda nessa década, como afirmado por Scott,³³ o movimento feminista deu origem a uma outra compreensão sobre as mulheres. As ativistas do feminismo reivindicavam a construção de uma história que trouxesse visibilidade àquelas que, de alguma forma, tinham se sobressaído às demais. Paralelamente, quiseram que se fizesse uma história que resgatasse documentos sobre todos os aspectos da vida feminina. As feministas acadêmicas – no âmbito mundial [e, também, no Brasil³⁴] – voltaram sua formação universitária para a escrita de uma "história das mulheres".

³⁰BEAUVOIR, op. cit., v.1 e 2.

³¹ARCHANJO, Léa R. Ser mulher na década de 50: representações sociais veiculadas em jornais. In: TRINDADE, Etelvina M. de C.; MARTINS, Ana Paula Vosne (Orgs.). **Mulheres na história: Paraná - século 19 e 20**. Curitiba: UFPR, DEHIS. Curso de Pós-graduação, 1997. p.160.

³²RONCAGLIO, op. cit.

³³SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

³⁴MARTINS, Ana Paula Vosne. **Um lar em terra estranha**: a aventura da individualização feminina. A casa da estudante universitária de Curitiba nas décadas de 50 a 60. Curitiba, 1992. Dissertação (Mestrado) - DEHIS/UFPR.

Assim, ocorreu um acúmulo de monografias, dissertações e teses com o tema. Via de regra, o que era escrito dizia respeito à política e intelectualidade.

Na década seguinte (1970), essa escrita afastou-se, um pouco, da política e ampliou seus questionamentos para a vida em todos os seus aspectos, mas principalmente tentava entender a "condição feminina" em diferentes contextos histórico-sociais, o que confirmava as mulheres como uma categoria social à parte, definível pela sua diferença sexual, como nos conta Archanjo.³⁵ No entanto, foi a partir dessa década, que pôde ser efetivamente questionada a existência de "diferenças dentro das diferenças",³⁶ delatando a falsa igualdade no interior dos gêneros. As feministas desse período entendiam ser preciso ressaltar as disparidades existentes e, mais do que isso, era importante salientar que não existia uma categoria mulher ou homem e sim múltiplas pessoas, cada qual com suas peculiaridades. Esta nova fase do feminismo corresponde ao crescimento de pesquisas sobre a história social que ressaltavam a identidade de grupos socialmente excluídos. No campo acadêmico brasileiro começaram a ser publicados os mais diversos temas envolvendo o feminino. Várias autoras nacionais escreveram sobre a condição feminina nesse momento de reflexão.³⁷

Como movimento, o feminismo não desapareceu, apenas alterou os termos de sua organização e existência, mas continuou preocupado com a política, nos mais diversos sentidos que essa palavra contém.³⁸ Na concepção tradicional, as mulheres tornaram-se visíveis como grupo; e como acadêmicas e profissionais liberais continuaram a delatar a discriminação salarial, de títulos e promoções, como exemplo da desigualdade entre os sexos. Contudo, as questões levantadas sobre a

³⁵ARCHANJO, op. cit.

³⁶PIERUCCI, A.F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: USP, 1997.

³⁷Eny de Mesquita Samara, Margareth Rago, Raquel Soihet, Albertina de Oliveira Costa, Cristina Bruschini e Maria Izilda S. de Matos, são apenas alguns nomes entre tantos.

³⁸MATOS, Outras histórias..., op. cit.

história das minorias, em geral, acabaram por criar outras questões sobre a própria história e sua escrita, e o movimento foi acusado de antiprofissional e propagador de ideologias perigosas, entre os historiadores de formação tradicional.³⁹

A discussão da heterogeneidade da categoria mulheres trouxe à tona a conveniência de se articular o gênero como uma categoria de análise. Diante disso, a historiografia foi mudando de enfoque e cuidando das relações entre os gêneros, por entender que homens e mulheres não possuem definição intrínseca, biológica, mas contextual, portanto, só podem ser definidos em termos recíprocos.

Se os estudos sobre mulheres surgiram sob o impulso do feminismo, o que pode se verificar então é que, aos poucos, a categoria gênero invadiu diversos campos de pesquisa, abrindo espaço para investigações, com possibilidade de renovação metodológica e conceitual. As publicações foram deixando de ser apenas uma história especializada no feminino para se constituir em um novo campo historiográfico.⁴⁰ O advento de tais análises possibilitou uma maior gama de considerações sobre a construção das identidades feminina e masculina.

A própria escrita sobre essa edificação ajudou a estabelecer novas formas de relações entre os indivíduos e os grupos sociais, e mais do que examinar diferenças, este campo de investigação acabou por identificar a questão do pluralismo interior ao ser homem ou ser mulher, servindo como um instrumento de transformação cultural. "A construção do gênero pôde, pois, ser compreendida como um processo infinito de modelagem-conquista dos seres humanos, que tem lugar na trama de relações sociais entre mulheres, entre homens e entre mulheres e homens."⁴¹

³⁹SCOTT, História..., op. cit., p.69.

⁴⁰SCOTT, História..., op. cit., p.63-95.

⁴¹SAFFIOTI, Heleith. Rearticulando gênero e classe social. In: OLIVEIRA COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p.211.

Joan Scott propõe utilizar a categoria gênero para a análise das relações sociais. As diferenças entre os sexos são refletidas e traduzidas de muitas formas, e a autora sugere que:

...o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. (...) fundadas sobre as diferenças percebidas, o gênero implica em quatro elementos: primeiro, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias) – Eva e Maria como símbolo da mulher, (...) em segundo lugar, os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos (...).uma noção de política, bem como uma referência às instituições e à organização social – este é o terceiro aspecto (...) o quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva (...) os historiadores devem antes de tudo, examinar as maneiras pelas quais as identidades são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas.⁴²

Esse qualificativo "social", da representação, diz de sua função específica de contribuir para orientar e dar sentido às práticas sociais, visto que ela é uma modalidade de conhecimento⁴³ que dá condição de elaborar comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. Desta forma são subjetivas, sem dúvida, mas refletem os vínculos forjados a partir de interesses comuns, das vivências que nos fazem adquirir padrões próprios deste ou daquele grupo, com suas crenças e valores.

Isso posto, e acompanhando o processo de desenvolvimento das investigações sobre gênero, o presente trabalho apoiou-se em autores⁴⁴ que focam suas pesquisas nesses estudos.

⁴²SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.14-15, jul./dez. 1990.

⁴³ARCHANJO, op. cit.,

⁴⁴Na esfera internacional, autores como: Joan Scott, Natalie Zamon Davis, Michelle Perrot e Georges Duby, além de o grande mentor do estudo que foi Theodore Zeldin, que trabalha com a história das emoções. No Brasil, nomes como: Maria Izilda Matos, Eny de Mesquita Samara, Raquel Soihet e Rocha-Coutinho. Apoiou-se, também, nos trabalhos de Etelvina Maria de Castro Trindade, Cinthia Roncaglio, Lea Archanjo, Roseli Boschilia e Ana Paula Vosne Martins, para citar alguns, dos muitos pesquisadores que fundamentam o presente estudo.

Autores como Elias,⁴⁵ por estudar a construção de identidades – dos indivíduos e das sociedades – e das representações acerca de tais construções e como essas acabam propiciando modos de ação e visões de mundo, estarão presentes na análise dos dados trazidos pela memória em depoimentos, para compreensão das falas e seus significados à luz do contexto onde viveram. Por isso, acompanham-se também autores que estabeleceram suas escritas sobre questões da memória,⁴⁶ sobre vivências individuais, mas as quais, quando relatadas, possibilitam a (re)construção de experiências da sociedade.

Portanto, trabalhou-se com a recuperação de memórias femininas, ou melhor, com a (re) constituição das lembranças de histórias de vida, com o relato das modificações ou permanências que "podem envolver as relações sociais, não apenas as reais, mas também as expectativas, a imaginação ou a recordação".⁴⁷ Zeldin,⁴⁸ teórico da história das emoções, o qual trabalha com o tempo presente, preocupado com a escrita da história, lembra, porém, que "se deve usar a pesquisa como fonte de descobertas que, talvez, abra as portas para uma reescrita teórico-metodológica acerca do que se pensa sobre o ser humano".

Não somente a história vem se preocupando com os temas gênero, memória ou experiência e suas representações. A antropologia, a sociologia e a psicologia – essa tanto do ponto de vista existencial como também biológico – fazem estudos sobre o assunto. De qualquer modo, essas ciências concordam que

⁴⁵ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

⁴⁶Maurice Halbwachs e Michel Pollak como nomes internacionais; Verena Alberti e Ecléa Bosi como pesquisadores nacionalmente respeitados e entre os paranaenses: Antonio César de Almeida Santos, Maria Luiza Andreazza – que trabalhando com família utiliza a história oral –, Roseli Boschilia e Ana Paula Vosne Martins (que estudam gênero por meio da reconstrução da memória).

⁴⁷STRONGMAN, Kenneth. Visão histórica. **A psicologia da emoção**: uma perspectiva sobre as teorias da emoção. Lisboa, Portugal: CLIMEPSI, 1999. p.24.

⁴⁸ZELDIN, Theodore. História pessoal e história das emoções. **História: questões & debates**, Curitiba, v.12, n.22-23 p.30-44, jun./dez. 1991.

quaisquer experiências de vida dependem da passagem do tempo e das situações pelas quais se passou.

Considera-se, além disso, que a expressão verbal, o relato possível⁴⁹ sobre essas vivências, seja diversa de sociedade para sociedade, de época para época, sofrendo uma cromatização em cada cultura, descrita pelo quadro de valores sociais particulares de cada civilização ou povo. Dessa forma, é possível generalizar que aquilo que se conta, e a forma como se relata, estará sempre sendo influenciado pelo social, pelo nosso contato com o outro e as práticas culturais em que se está inserido,⁵⁰ além das (re)interpretações que o "tempo" possa construir.

Então, a experiência – pessoal e coletiva – constrói formas de viver e de contar a vida. E, ao partilhar determinadas épocas, os homens vivenciam fatos comuns que determinam modos de sentir e articular identidades e interesses entre si.

Então é ela, a experiência, que determina a apropriação de valores, de idéias e tradições e da consciência de si.⁵¹ Da mesma forma a identidade de gênero se constrói. O significado de como ser ou agir como homens ou mulheres é dado socialmente e varia conforme as representações presentes no imaginário de cada época, pois, como diz Archanjo:

Representar implica uma figura e no que ela significa, ou seja, numa forma e em seu sentido. O sentido é que dá caráter simbólico à representação (...) nas representações sociais de gênero, existe a forma (figura) homem /mulher e o sentido (significação) do que é ser homem ou ser mulher. O que significa ser homem e ser mulher varia histórica e culturalmente...⁵²

⁴⁹SCIENCES HUMAINES. Introdução. **Dossier** – comprendre lês émotions. Auxerre/France: Centre National de Lettres, n.68, p.18-27, Janvier 1997.

⁵⁰SKINNER, B. F. A comunidade verbal. In:_____. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1989. p.547.

⁵¹AMORIM, C.A. Modificação de autoconceito e rendimento escolar. **Revista Tuiuti - Ciência e cultura**, Curitiba, n.20, jul. 2000.

⁵²ARCHANJO, op. cit., p.158.

Logo, não são somente as experiências que controlam nossa forma de agir no mundo, mas também a nossa percepção e o entendimento do que vivemos, atribuem o significado que extraímos dessa vivência. E tal significação é construída hoje pelo que temos como regras internalizadas, por nós ou por nosso grupo. E, com isto, cada cultura irá determinar não só nossas ações, mas também aquilo que constitui nosso ser. Michaliszyn e Tomasini afirmam que,

...o mundo cultural, do qual somos parte e que nos é apresentado a partir de nosso nascimento, é um sistema de significados já estabelecido por outros. O comportamento social é resultante da maneira pela qual os homens organizam, através do estabelecimento de regras de conduta e de valores, as relações que estabelecem entre si e que nortearão a construção da vida social, econômica e política.⁵³

A consciência temporo-espacial, característica que faz do homem um ser histórico, é, então, necessária na construção de regras que geram comportamentos apropriados a determinadas contingências e permitem a construção de noção de si e do mundo.⁵⁴ Mas esta noção ou representação é reconstruída a cada nova vivência e de acordo com a comunidade que propicie a percepção dessas regras que, assim, se reciclam ou perpetuam enquanto se provem valiosas para o indivíduo ou para o grupo.⁵⁵

Sabendo que a "memória permite uma retrospectiva de uma trajetória..."⁵⁶ a pesquisa buscou o auxílio da História Oral,⁵⁷ cuja principal característica decorre

⁵³MICHALISZYN, Mario Sérgio; TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa: o artesanato intelectual e seus artificios**. Curitiba: Protexoto, 2004. p.9.

⁵⁴BORLOTI, Elizeu Batista. E o inconsciente?: algumas citações de B. F. Skinner. In: KERBAUUY, R. **Sobre comportamento e cognição**. Santo André (SP): ESETec, 2000. v.5. p.25-29.

⁵⁵SKINNER, B.F. **Contingências de reforço: uma análise teórica**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores)

⁵⁶MARTINS, Ana Paula Vosne. Memórias femininas. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro (Org.). **Mulheres na história: Paraná - séculos 19 e 20**. Curitiba: UFPR, 1997. p.193.

⁵⁷ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. p.4.

de uma posição que "privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu..."⁵⁸ que, contado em depoimento, (re) constrói o ontem. A discussão em torno de fontes orais permite mostrar como "...as memórias individuais, lembranças, puderam conduzir à interpretação de um fenômeno social..."⁵⁹. Não se pode esquecer, porém, que, se o passado determina o que somos, é o presente que controla aquilo que iremos lembrar e, portanto, ser capazes de relatar. Por isso, ao trabalhar com essa metodologia, o pesquisador há que prestar atenção ao verbalizado e ao não-dito, pois o esquecimento, as omissões, as falhas mnemônicas podem ser tão ou mais reveladoras de contingências vividas do que aquilo que é falado. Ao lado disso, deve-se observar ainda, de como essa vivência encontra significância na vida atual daquele que depõe, pois "...as entrevistas da história oral (...) mostram menos a experiência direta dos informantes do que o resultado do trabalho que a memória faz com essa experiência".⁶⁰

Pollak⁶¹ aponta para a necessidade, ao se trabalhar com depoimentos, de se estar atento às características que constituem a memória e que, no relato, podem ser trazidos: a) experiências pessoais; b) acontecimentos "vividos por tabela", os que foram vividos pelo grupo social de pertencimento, no mesmo espaço – tempo e, c) aqueles que são produto de identificação com passado longínquo, que poderia ser considerado como uma memória quase que "herdada". Além dos acontecimentos, a mesma analogia poderia ser usada para as pessoas ou personagens e os lugares da memória. Ainda é importante estar consciente de que a memória é seletiva.

⁵⁸SILVA, Marli Pirozilli Navalho. A memória e o esquecimento humano. **Revista de estudos e comunicação**, São Paulo, v.6, p.70, jun. 1997.

⁵⁹SANTOS, Antonio César de Almeida. **Memórias e cidade**: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999. p.3-4.

⁶⁰BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.1-3.

⁶¹POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.203-204, 1992.

E, por isso tudo, o historiador precisa ser crítico de suas fontes orais, tanto quanto de qualquer outra fonte.

A história oral usa, obviamente, entrevistas como instrumento. E a própria entrevista constrói um espaço para o aflorar de uma emocionalidade especial e que pode propiciar que o depoente se abra em reminiscências que seriam impossíveis em outro tipo de contexto. Não se pode esquecer "que para relatar algo, antes de mais nada, é necessário encontrar uma escuta"⁶² e isso implica alguém com interesse e empatia pelo que é dito. E, desta empatia, podem nascer informações que não surgiriam numa entrevista em que o pesquisador não "acolhesse" a verdade do depoente.⁶³

Então, a História Oral, neste trabalho, estará servindo como método que possibilita a construção das fontes.⁶⁴ A memória, aqui, compõe um quadro referencial para análise do que é ou não contado nas narrativas e descrições das entrevistadas, trazendo evidências que servem de recurso ao que se pretende estudar.⁶⁵

Conforme Halbwachs, a evocação compartilhada por várias pessoas dá segurança ao que se analisa. Além disso, é necessário refletir que: "...a rememoração de um grupo obedece também a algo que se nomeou como memória coletiva e que interpenetra a recordação individual. É ela que mantém o registro de fatos que têm

⁶²POLLAK, M. Memória, esquecimento..., op. cit., p.6.

⁶³FALCONE, Eliane. Habilidades sociais e ajustamento: o desenvolvimento da empatia. In: KERBAUY, Raquel Rodrigues. **Sobre comportamento e cognição**. Santo André (SP): ESETec, 2000. v.5. p.273.

⁶⁴QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Introdução – relatos orais: do indizível ao dizível. In: _____. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. p.8-9.

⁶⁵THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CPDOC, 2000.

importância para a sociedade, mais que para os indivíduos, Toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e tempo".⁶⁶

Portanto, ao se trabalhar com memória há que se estar atento ao contexto sociocultural, étnico e religioso dos depoentes. Santos⁶⁷ e Pollak⁶⁸ alertam sobre a rememoração estar diretamente ligada à função social do depoente, exercida "aqui e agora" e falam do controle que contingências exercem em conjunto – presentes e passadas –, sobre o que é contado pela palavra ou por sua ausência, pelo que é lembrado e/ou esquecido.

Para Santos,⁶⁹ a história oral, como método e instrumento de pesquisa histórica, permite produzir interpretações sobre processos que referem ao passado do depoente, mas do que ainda é presente para sua comunidade. Por isso, a análise de histórias de vida almeja atingir a coletividade da qual o informante faz parte e permite captar os traços de seu grupo de inserção, do período vivido. Os fatos são importantes, mas o foco recai, para o historiador, sobre os dados culturais que revelam comportamentos e valores que podem ser encontrados na memória do narrador.⁷⁰

⁶⁶HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. **Revista dos Tribunais**, São Paulo, 1990. p.86.

⁶⁷SANTOS, Antonio César de Almeida. Curitiba cresceu e eu não cresci junto com Curitiba. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro (Org). **Mulheres na História**: Paraná - séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997. p.19.

⁶⁸POLLAK, Memória e identidade..., op. cit., p.200-212 e POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

⁶⁹SANTOS, A. C. de A., **Memórias**..., op. cit., p.16-19.

⁷⁰QUEIROZ, op. cit., p.6-9.

NAQUELE TEMPO...



CAPÍTULO 2

NAQUELE TEMPO...

2.1 RELATOS DE VIDA: **BRANCA**

Sentada numa *chaise longue*, próxima à janela, respiração ofegante, Branca começa o relato de sua história: *Nasci no dia sete de janeiro de 1920.*⁷¹ A entrevistada conta diversas passagens de sua vida, mas pede (com um tom de voz bastante mais baixo do que no discorrer de outros episódios) que algumas pessoas de sua família não tenham acesso aos seus relatos: "Não sei se eu falo disso, me faz mal falar de quem já não está mais aqui, ainda mais de mãe... tenho vergonha... minha consciência está tão pesada. ...tenho medo, só de lembrar dessas coisas". Relata, porém, que na noite anterior ao pedido da entrevista, havia sonhado que estava contando sua vida para alguém e que isso "faria esclarecimentos" [e diz]: "Eu quero falar, eu não preciso mais mentir, só falar a verdade..." Revela que usou, por mais de cinquenta anos, um apelido criado por seu segundo marido e quase havia "esquecido seu verdadeiro nome", que faz questão de dizer (e assim ser nomeada) no ato da entrevista.

Branca relembra ainda que, por ser onze anos mais velha que o cônjuge, escondera dele sua verdadeira idade: "...o coitado sabia que eu era mais velha, mas não tudo isso, eu era miúda e deixava ele pensar que era só cinco anos, até no documento eu mexi, para a família dele não saber".

Descrivendo sua vida, comenta que foi a segunda de uma prole de cinco filhos e que até a adolescência teve uma vida abastada: "Nós tínhamos uma sapataria grande, com vitrine e tudo. Vinham de longe fazer sapato com meu pai. A gente era meio rico, as meninas não faziam nada, só os rapazes trabalhavam na fábrica e na loja".

Branca nasceu no litoral paranaense e veio muito pequena para Curitiba. Enquanto foi criança, a família mudou de cidade por seis vezes, em um período de 14 anos: "...onde quer que moramos a loucura era igual, tudo sempre igual, o pai punha tudo a venda, comprava na outra cidade, crescia, ficava bem,

⁷¹BRANCA. Entrevista n.12, realizada em dia 04 de abril de 2003. Todas as demais falas dessa biografia foram colhidas no mesmo depoimento.

aí começava tudo de novo, aquele inferno, era horrível... " [e, ao relatar o fato, Branca desliga o gravador]. Isso impedia os filhos de formarem amizades duradouras e progredir nos estudos, apesar de freqüentarem os melhores colégios particulares: "Estudei em colégio de freira e padre, sempre colégio bom, mas meu pai não parava em lugar algum e assim eu e meus irmãos ficávamos indo e vindo de série". Branca desejava ser professora, mas "...foi quando tudo afundou, perdemos tudo (...) eu lia muito, ia ser professora [lamenta-se com um suspiro]... não deu mais para pagar estudo. Mas eu completei o ginásio, só não deu para ir adiante".

Aprender música fazia parte da educação tradicional daquela época, porém para Branca transformou-se nos raros momentos de alegria e lazer. Recordava com nostalgia e uma ponta de tristeza que, esporadicamente, o pai dela reunia-se com os filhos para tardes de canto, quando tocavam instrumentos. E ela murmura: "...essa era a minha alegria, no meio de todo aquele inferno".

Qual inferno? Segundo Branca, os pais brigavam muito e ela temia que se agredissem fisicamente. Sua vida teve períodos um pouco melhores apenas nas ocasiões em que morou com a avó paterna. Também ficou semi-interna e interna nos colégios, na maioria das cidades onde viveu. Esses eram períodos de paz, embora sem felicidade: "...eu sofria muito, tinha uns tempos um pouquinho melhor, tinha uns tempos muito ruins".

Percebia sua vida como sendo diferente da de outras moças. Suas colegas de escola provinham de famílias cujos pais se respeitavam e eram respeitados pela vizinhança. O pai dela saía na sexta e só voltava na segunda-feira e, muitas vezes, perdia todo o dinheiro da "féria" do mês em uma única corrida de cavalos. Quando bebia, destruía móveis e gritava palavrões: "...quando não era como ele queria, dava tiro para o alto e furava telha, mas só quando bebia...", ela o desculpa. Na ausência do pai, sua mãe bebia e jogava também. Para Branca era terrível, embora aparentemente não o fosse para seus irmãos: "Mas a mais culpada dos erros de dentro de casa não foi ele, não." [Neste momento Branca levanta o tom de voz e aponta o indicador enquanto fala] "(...) uma mãe é tudo em uma família e ela deixava tudo isso acontecer".

Por causa do comportamento da mãe as duas brigavam muito, e Branca acredita ser essa a razão de ela ter vivido "...rolando para lá e para cá, nos colégios". E completa: "Eu me fervia por dentro, eu não aceitava aquilo, aquela (...) Isso me deixou doente, ver aquilo..." Esta fala foi recortada pelo desligar/religar do gravador. A própria Branca tomava o aparelho e, desligando-o, dizia: "Isso não publique!", para em seguida, enquanto falava, religá-lo como que autorizando relatar. Justifica-se dizendo: "Sabe, não é falar mal, não é

verdade? Naquele tempo, ou até há pouco tempo, eu nunca que ia me queixar, abrir minha boca contra mãe. Deus me livre, mas foi a verdade, não foi?"

Por volta dos seus quinze, dezesseis anos, já morando novamente em Curitiba, o pai de Branca perdeu outra vez o patrimônio. Nessa ocasião, a pobreza foi tanta que só havia sobrado a casa. Ali foi instalada uma pequena fábrica, que agora não tinha mais empregados. "...te conto, passei uma vida de cachorro".

Segundo Branca, ela jamais faria um "bom" casamento, com jovens de "família", pois sua casa era vista pelos vizinhos como um "antro de jogatina e de vício". Como arranjar namorado, casar com alguém respeitável, se a família era "mal falada"? A desorganização doméstica não impedia, porém, a vigilância sobre as jovens:

A gente namorava na janela, meu pai não deixava entrar ninguém, Deus o livre. Então um dia, o rapaz veio na janela e disse que gostava de mim mas que não ia casar comigo e não ia dizer porque a família dele não queria. Mas eu já sabia. (...) A gente continuava a parecer ser bem de vida... parecia ser gente fina. (...) acabei casando mais tarde, com o pai de meu filho mais velho...

Então, foi apresentada a um vizinho que, ela acredita, queria se aproveitar da "falsa boa vida da família". Ele se dizia advogado e de família 'grande'; um velho de quarenta anos, perto de mim que era uma mocinha; minha mãe ficava me empurrando para ele. Ela me avisou que um companheiro de jogo de meu pai queria..." nesse momento, chorando, desliga o gravador e comenta o fato que está censurando e diz acreditar que o pai nunca ficou sabendo dessa proposta. Continua lembrando e revela:

Eu, para me safar, aceitei namorar o velho. Coitado, ele era bonzinho, me dava jóias, cuidava bem de mim, fazia minhas vontades e meu pai e mãe me pressionando, resolvi casar. Aceitei, pois achava que ninguém mais ia me querer, depois do que o da janela tinha dito. Eu era burra e pateta, queria escapar daquele horror; ele dizia que a família era isso e aquilo, gente grande, fazendeiro no interior e advogado. Era mesmo, mas a família nem queria saber dele, queriam era se livrar dele e eu fui nesse embrulho. Vi aí a oportunidade de subir, de sair de lá. Me enganei. Foi horrível. Quem não conhecia pensava mesmo que iria ser um mar de rosas. Fui empurrada para ele...

E Branca argumenta:

...a pessoa não é o que ela vê, porque eu tive oportunidade de fazer as coisas erradas escondido, mas não fiz por causa da minha cabeça, não fazia porque não achava certo. Eu só aceitei o pai do meu primeiro filho, porque estava no último, ninguém queria casar com a gente: nós éramos mal-faladas.

Retoma a narrativa, descrevendo sua vida de casada: "Se eu vivia no inferno, piorou. Ai, se eu te conto. Até hoje eu não falo o nome dele [chora] Como eu sofri, sofro até hoje, me lembrando..."

Ao casarem, continuaram a viver com a família dela, pois ele não ganhava o suficiente para sustentarem-se. Dois anos depois, engravidou, sentindo-se, ao mesmo tempo, feliz e apreensiva. Ela relata que as relações sexuais entre eles não ocorriam da forma tradicional, pois não havia consumação do ato; aparentemente o marido não conseguia ereção peniana: "não como essas coisas assim como se vê na TV. E se pergunta: nem sei como fiquei grávida, é possível alguém engravidar sendo virgem?"

Durante a gravidez, ficou apreensiva com as histórias sobre parto que ouviu e viu ocorrer, com a mãe e a própria irmã. Nunca imaginou, porém, que seu parto seria pior do que o delas. Afirma que, por ainda ser virgem a parteira teve de 'cortá-la' para o bebê sair. Com o marido ausente, o pai teve "...que chamar o médico que chegou somente para 'costurar' depois do parto. (...) como podem chamar aquilo de parto normal?"⁷² [se pergunta e chora].

Ao falar da gravidez, e do parto, lembra-se do trauma da primeira menstruação: "Acredita que até para... aquilo, sabe né? Veio com doze anos. Eu chorei, sofri, escondi, pensei que era doença, tive medo de morrer (...) Quase morri de medo daquela vez". Interna em colégio de freiras, teve pudores em pedir ajuda e resolveu seus problemas como pôde: cortou "panos" e os lavava à noite para ninguém saber. Escondeu o fato enquanto foi capaz, mas fala como sofria a cada mês. O que ela conta, em verdade, acaba sendo a falta de conhecimento acerca dos fatos da "natureza feminina" e o terror e sofrimento que isso causava.

Branca retoma o relato de seu parto. Tal narrativa parece querer justificar o que fez logo após seu filho nascer quando, a pedido dela, os irmãos impediram o marido de entrar no quarto de Branca: "...se antes eu já evitava ele, agora então! Ele passou a dormir em outro quarto. Que o meu, eu trancava. No começo ele queria entrar, depois..."

⁷²Segundo o Dr. Hugo Takao Nakatani, ginecologista e obstetra, CRM 14080, CPF 568.905.759-20, o relato feito por Branca poderia significar que, se no momento do parto a parteira alegou que a jovem ainda era virgem, isso poderia indicar um fato real ou que a jovem possuísse "himem complascente". De qualquer modo, aparentemente, houve laceração vaginal quer pela passagem do bebê, quer por qualquer outra razão. O fato de o médico ser chamado às pressas indica que ele deve ter realizado uma *episiiorrafia* (sutura da laceração).

Paraleliza doença e friquidez, ao definir-se como "doente" e diz que ao casar ficou mais doente ainda:

...de certo foi por isto que eu, toda a minha vida, fui uma pessoa fria, frígida que dizem? Nem sei, agora fico pensando que fui doente desde que nasci... não gostar de homem. Hoje as moças casam e é aquela coisa, todas querem... sexo... eu não era assim, não sei se (...). Eu não, pelo menos até conhecer o (...) Talvez porque era tudo errado, talvez não era eu, será que era eu?

Enquanto esteve casada, de vez em quando o marido trazia dinheiro que dizia proveniente de honorários profissionais; mas ela desconfiava de que fosse resultado de jogo, pois ele também jogava. Numa ocasião em que trouxe bastante dinheiro, por volta de 1939, ela o fez comprar uma máquina industrial e aprendeu o serviço de costurar sapatos, por observação do trabalho do pai e irmãos. Passou, então, a trabalhar na pequena fábrica que sobrara do patrimônio do pai.⁷³

Logo após o filho ter nascido, um de seus irmãos se casou e ela se tornou amiga da cunhada e, só então, teve alguém com quem desabafar sua infelicidade. Acrescenta:

...eu tinha medo, pois era a época da miséria, não tínhamos nem como nos vestir direito, meu pai havia perdido quase tudo; aí papai já era sapateiro de consertar sapatos, tinha vendido até as máquinas, menos a minha, que não deixei. Eu ia buscar sapato das outras fábricas para a gente costurar (...) era o que dava para viver.

Aos poucos a cunhada ajudou-a a se livrar do seu "pesadelo". E ela diz: "Não podia nem olhar para a cara dele". Assim, como o pai dela tinha adoração pelo neto, Branca foi "negociando" com ele e com os irmãos a proteção para conseguir a expulsão do marido. Após algumas tentativas e sabendo que já podia se sustentar, ameaçou ir embora com o garoto: "Ou o senhor põe ele para fora ou eu vou embora com meu filho".

Por volta de 1946 seu pai tinha se recuperado financeiramente e ela,⁷⁴ trabalhando na fábrica, entre outros empregados, conheceu um amigo do irmão, que trabalhava lá:

⁷³Se ela casou no início de 1936, demorou dois anos para engravidar, e o garoto tinha um ano quando começou a costurar na fábrica, muito provavelmente Branca começou a trabalhar ao final de 1939.

⁷⁴Branca estava, então, com 26 anos e o filho em torno dos oito anos de idade.

... nem te conto, eu não namorava o... nem olhava para ele. Mas o outro veio tirar satisfação comigo, de faca na mão. Foi aí que o meu irmão agiu e me ajudou; foi aí que o pai concordou em mandar ele embora. Mas ele me perseguiu muito tempo, eu só saía com o meu irmão, nunca saía sozinha. Tinha medo, não deixava o guri sair nem para brincar. Depois ele desistiu. Olha que foi... é tudo miséria que faz a gente penar, que faz as coisas erradas com a gente...

Então, diante das circunstâncias, o pai acedeu e ela se liberou. "Aí eu já tinha olhado para o meu segundo marido, de tanto ele me cercar. Antes não, ele respeitava, só depois de separada ele chegou".

Ao falar do segundo casamento, recorda que: "Ele me contou depois que, quando me viu, disse: 'essa é a mulher com quem vou me casar'. [E ri, acrescentando:] Imagine, ele tinha só 17 anos!"

Afirma que no período de namoro nunca tiveram intimidade sexual, pois "ela se dava ao respeito e não fazia nada de errado. Após dois anos de separada, em 1948, ela realizou o seu segundo casamento. O novo marido adotou o garoto, que, passou a chamá-lo de pai. No entanto, a insegurança de Branca prosseguia, pois familiares, de ambos os lados, diziam que o casamento não ia durar muito:

Eu nem parecia ter meus 30 anos, nunca usei nem pó de arroz, mas parecia uma menina. Ah! Eles foram contra, eu era mais velha que ele e, separada e com filho. Pode imaginar o que era naquela época? Foi horrível, diziam que ele ia me deixar logo, que não ia durar. Eu tinha pavor em pensar nisso. Mas ele aos poucos foi me mostrando que todos estavam errados. Era trabalhador, gentil, honesto e me tratava como uma 'princesa'. (...) Ele era amoroso e queria muito ter um filho dele. Eu não queria. Tinha medo de sofrer de novo, mas aí eu não podia ser egoísta.

E ela engravidou logo em seguida ao casamento. A gestação transcorreu normalmente: sentia-se feliz, saudável, pôde trabalhar durante toda a gravidez. Com mais uma das inúmeras falências do pai, a família ficou apenas com uma pequena oficina de consertos. Branca foi a única que continuou a produzir peças novas, indo apanhar trabalho em fábricas maiores.

Ela e o marido começaram a fazer peças artesanais, sob medida, o que lhes rendia mais. Foram guardando dinheiro e compraram um terreno ao lado da casa do irmão e cunhada, a que era sua amiga, e os dois homens construíram uma pequena casa.

O bebê nasceu assim que eles se mudaram. Parentes continuavam a amedrontá-la, dizendo que ela não seria capaz de criar – sozinha –, duas crianças:

Pois você acredita que eles queriam que eu desse meu bebê... mas imagine que eu ia dar meu filho. Nunca! ...Eles diziam que a mãe dele ia fazer feitiço, para tirar ele de mim. Eu não podia ir nem na rua, tinha dor de barriga e tinha que voltar correndo para casa. E eu não queria dizer para ele, com medo que ele brigasse com eles. Até que contei para ele e passou. O meu filho e meu marido foram a minha salvação, a minha felicidade.

Ao lado das lembranças difíceis há também as boas, como o orgulho do trabalho artesanal que ela e o marido realizavam: "...eram sapatos feito à mão, finos e mais caros. Vinham de longe, encomendar".

Branca dizia que, com o tempo, os pais superaram suas "loucuradas". Foi possível esquecer todo o passado e conviver em paz com a mãe, gostar dela e serem até amigas.

Anos depois, ela e o marido, venderam a casa e mudaram-se para um bairro mais afastado. Aí, nesse novo lugar, segundo ela, viveram mais uns vinte anos de casamento feliz.

Chorando recorda a morte do marido:

...foi a época mais difícil da minha vida. Ainda é. Ele me deixou bem, com casa própria, com pensão, não era disso que eu tinha receio. Mas sempre pensei que ele sendo mais novo que eu ia ter ele até o fim, não ia ter ficado assim tão sozinha.

Branca (83 anos, costureira de sapatos) iniciou sua vida adulta por volta dos 16 anos, em 1936, quando se casou pela primeira vez. Enquanto vivia seu inferno pessoal, o mundo vivia um inferno generalizado. Era o período entre as duas Grandes Guerras, com toda sua carga de tensões e autoritarismos.

O Estado do Paraná⁷⁵ – onde a família de Branca percorrera, itinerante, um grande número de cidades – era, então, uma unidade que se afirmava no cenário brasileiro, no momento em que o país atravessava uma fase de modernização, sob o

⁷⁵O que compreende o período sob a intervenção de Manoel Ribas e os governos de Bento Munhoz da Rocha Neto e Moysés Lupion – 1.^a e 2.^a gestão (CARDOSO, Jayme Antonio; WESTPHALEN, Cecília Maria. **Atlas histórico do Paraná**. 2.ed. Curitiba: Livraria do Chaim, 1986. p.65-66).

viés ditatorial do governo Vargas. Além disso, era uma fase de intensa política de povoamento do território paranaense (bem como no sul do Brasil, como um todo), o que facilitava o processo migratório e o surgimento de novos municípios, onde a indústria e o comércio abriam campo aos que desejassem estabelecer-se. Foi o caso do pai de Branca com suas lojas e fábricas de calçados. A política de migração para o Paraná⁷⁶ veio a ter uma importância crucial na vida das depoentes desse grupo geracional e, concomitantemente, para suas descendentes. Na fala de muitas delas vai ser observado relato disso: Socorro (75 anos, faxineira) migrou do Rio Grande do Sul; Sara (65 anos, professora de história) migrou de Santa Catarina; Lina (79 anos, tricoteira) traz informações de migração polonesa no período entre e pós segunda guerra. Fátima (68 anos, dona de casa) foi ela mesma uma desbravadora do norte e oeste paranaense em busca de novos espaços de trabalho para o marido. Heide (71 anos, contadora) relata sobre um dos irmãos ter ido buscar trabalho no norte paranaense. Ou seja, a totalidade dessa amostra viveu ou observou em seus familiares tal experiência. Até ao final da década de 1950 sendo especialmente maior esse movimento.

Dentro do Estado paternalista e autoritário de Vargas, com suas reformas trabalhistas e sociais, as mulheres brasileiras abriram um espaço que possibilitou, entre outros ganhos, os direitos ao voto⁷⁷ e ao trabalho regulamentado legalmente. Pollak⁷⁸ alerta, no entanto, que apesar de afirmações tácitas que as fontes (escritas ou orais) façam, o historiador precisa estar atento à leitura de subliminares que possam estar acrescentando informações que podem corroborar ou confrontar os dados. No presente caso, o relato da entrevistada contrapõe-se à proposta do governo, quanto aos direitos trabalhistas iguais para homens e mulheres, uma vez

⁷⁶ SOUZA, Itamar de. Migrações internas no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1980.

⁷⁷ LINHARES, CARDOSO, SILVA, MONTEIRO, FRAGOSO e MENDONÇA, op. cit.

⁷⁸ POLLAK, Memória..., op. cit., p.206.

que ela relata que trabalhou fora, sim, mas nem menciona questões sobre amparo legal.

Se as mulheres (das décadas de 1936-1950) vinham, teoricamente, conquistando igualdade de direitos sociais, era-lhes cobrada, na prática, uma série de comportamentos bem pouco condizentes com as aspirações do feminismo. Em revista da época, textos acompanhados de ilustrações sugestivas evidenciam quais eram as representações do que se entendia como papel e função das mulheres na família: ser dócil ao que delas esperava a sociedade e responsáveis pela constituição, manutenção e aderência dos membros ao seu núcleo central: pai-mãe, como cuidadores da prole. Isto para uma camada social média.

FOTO 1 - CHARGE SOBRE O MODO DE COMPORTAR-SE PARA AS MOCINHAS "CASADOIRAS"



- a) Quando aquelle a quem amam vae jantar em tua casa, provem que sabem cozinhar preparando seus pratos preferidos.
- b) gostam de dança, mas elle não ...saibam renunciar a este prazer e mostrar-lhe que uma conversa com elle vale mais que os mais bellos tangos...
- c) No mercado de flores quando o noivo quizer comprar flores caras, preferiram um modesto bouquet de violetas ou de flores singelas. Elle ficará socegado quanto ao seu orçamento futuro.

FONTE: INDISCRICÕES de Eva. Revista da Semana. Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, n. 15, p.19, mar. 1935

No entanto, no Paraná, duas variáveis parecem ter colaborado com alterações nesses modelos de ser mulher. As políticas sociais, de migração intensa, aliada às propostas trabalhistas – de Vargas – poderiam estar favorecendo "trocas" sociais, de valores culturais.⁷⁹ Um exemplo foi o ocorrido com Branca. Criada em

⁷⁹CARDOSO, op. cit.

colégios de cultura francesa e filha de um empresário – mesmo que falido –, ela confraterniza com a cunhada, uma operária pobre e sem instrução formal, mas dona de "saberes" vivenciais que faltavam à Branca. Para ambas uma forma de ascensão social: para a jovem burguesa o conhecimento político permitido às operárias, que ouviam "pregações" dos sindicatos pró-reformas trabalhistas que emergiam no governo de Getúlio Vargas,⁸⁰ para a operária os refinamentos que a convivência com uma moça "letrada" oferecia, a ponto de poder casar com o irmão de Branca. Aliás, esta parece ser uma prática possível nesse momento, pois, bem mais tarde, Branca também acaba casando com um operário da fábrica do pai.

Foi, então, nessa época (1936), que Branca deu seus primeiros passos na vida adulta, como mulher casada e profissional artesã. Ao recordar seu passado, ela se redescobre, retificando suas lembranças. É notável, porém, a presentificação das emoções e dos sentimentos recordados durante a entrevista. Em sua fala, à medida que relembra ou suas reminiscências afloram, perpassam choro, suspiros, pausas envergonhadas; toda uma gama de vestígios que lhe provocam reações no tempo presente. Pois, como esclarece Lucena,⁸¹ a memória reescreve o passado vivido pelo indivíduo e seu grupo, e as reações às lembranças são, em verdade, respostas à imagens vívidas de representações do passado, às identidades antigas que por um instante se tornam presentes. Dentre todas as lembranças, o que mais se avulta para esse grupo geracional são as figuras paterna e materna.

2.2 FIGURAS DE PODER: PAI E MÃE

Ao alertar para a questão da memória e da percepção das experiências humanas, Freud faz uma reflexão sobre a força que os modelos parentais exercem

⁸⁰LINHARES, CARDOSO, SILVA, MONTEIRO, FRAGOSO e MENDONÇA, op. cit.

⁸¹LUCENA, Célia T. Memórias de famílias migrantes: imagens do lugar de origem. **Projeto História**, São Paulo, n.17, nov. 1998.

sobre as pessoas: "...Todos temos, indispensavelmente, um pai e uma mãe: entidades afetivas que são o ponto nodal de todo um tecido de relações...".⁸²

Nesse texto, Freud une a presença paterna e materna à afetividade e a todas as relações humanas – ou seja, atribui sentido de humanidade à ligação profunda do homem com seus progenitores.

Essa visão é ampliada quando Jung⁸³ afirma que as figuras parentais que têm força e, portanto, poderes sobre os seres humanos não são os pais reais – aqueles que nos criaram –, mas os arquétipos parentais, cujo valor social é universal, igual para todos os humanos, embora com conteúdo cultural diverso em cada sociedade. Na perspectiva desse autor, tais arquétipos se investem de autoridade e marcam a existência do homem; o Arquétipo paterno tem um poder mais forte do que o materno, embora ambos sejam fundamentais no destino dos homens.

Acrescente-se a essa visão de Jung a noção de que há inter-relacionamento entre as histórias filogenética, ontogenética e cultural na construção de qualquer indivíduo, à medida que as experiências de vida ocorrem. Para Skinner,⁸⁴ as funções paterna e materna, hoje, são atribuídas ao pai e mãe que cuidam da criança, mas que agem de acordo com os padrões que eles próprios adquiriram na sua inter-relação com a sociedade em que vivem. Mas, em verdade, seriam as funções cerceadoras e protetoras – tidas como paterna – e a função de ação organizadora, do como fazer – entendida como materna –, que estão presentes em vários modelos de família. Qualquer que seja a cultura em que a pessoa esteja inserida, sempre a criança terá alguém que funcione como pai – protetor, limitador e provedor –, além de ter alguém que funcione como mãe –

⁸²FREUD, Sigmund. **Mal estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v.21. p.192. (Edição standard brasileira das Obras Completas)

⁸³JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.44-87.

⁸⁴SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento humano**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

organize sua vida e a supra de afeto e de cuidados, independente do sexo ou idade de quem exerça essa função.

Então, como indivíduos de uma dada espécie, todos precisam – por enquanto – de um pai e uma mãe, biológicos, que os gere. Mas, Weber⁸⁵ esclarece que, pais são as pessoas que criam, com seus valores e crenças e que potencializam as possíveis contingências que irão permitir que determinadas vivências ocorram e outras não. Dessa forma acontecem diferenciações em relação aos demais indivíduos e esses se tornam pessoas. Porém, "...é o estar interagindo com esse ou aquele grupo que nos possibilita construir um 'eu', único. Nesse sentido a presença de pessoas que funcionem como o 'outro', aquele que nos irá dar significados ímpares, é fundamental".⁸⁶

Essa forma da psicologia, de qualquer que seja a abordagem, de dar ênfase à importância dos pais sobre as pessoas não é discordante do que falam os historiadores. A força da influência também é reconhecida e entendida como um valor construído culturalmente. Para Norbert Elias,⁸⁷ o que muda são as figuras que realizam tais funções protetoras e limitadoras, atribuídas ao materno e ao paterno.

Isso é concordante com o que Ariès⁸⁸ demonstrou sobre a noção das funções paterna e materna terem sofrido transformações ao longo do tempo. A própria noção de família, como a entendemos hoje, não existia até o final da Idade Média. Em seu estudo, ele evidencia como a modificação daquilo que se entendia como grupo familiar, em cada época, foi registrada pela arte, e nele vemos o

⁸⁵WEBER, Lídia N. D. **Laços de ternura**: pesquisas e histórias de adoção Curitiba: Santa Mônica, 1998.

⁸⁶SKINNER, B.F. Selections by consequences. **The Behavioral and Brain Sciences**, USA, Cambridge University, n.7, 1984.

⁸⁷ELIAS, **A sociedade...**, op. cit., p.21.

⁸⁸ARIÈS, Philipp. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p.10-27.

processo de "criação" da família moderna, ocorrendo até chegar ao casal – pai e mãe –, protegendo e demarcando a trajetória de vida de seus filhos.

Mas se, como querem os psicólogos e como coloca Elias, a família é o lugar onde as figuras parentais exercem seu poder sobre os filhos, é a sociedade que detém o significado atribuído às suas ações sobre eles. Porém, a família não é uma entidade imutável e soberana em si mesma. Ela é dinâmica e passa por contínuas e inúmeras transformações. Assim, o que cada geração idealiza sobre os papéis paterno e materno sofre a influência do contexto histórico e da vivência de cada um.⁸⁹

É, portanto, a sociedade que constrói os modelos do que seria, de forma ideal, a função paterna e materna. Para Matos e Faria, na sociedade brasileira do início aos meados do século XX, havia estereótipos construídos em torno dos papéis masculinos e femininos que, provavelmente, eram transpostos às funções de pai e de mãe. Segundo os autores, "a masculinidade está associada ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força; já a feminilidade, ao fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa e fiel".⁹⁰

No caso do modelo materno, repete-se o estereótipo atribuído à mulher: esta devia ser mais que dócil e submissa, abnegada e atenta às necessidades dos filhos. Suas opiniões e desejos pessoais não tinham importância, pois existia para servir. Assim se esperava dela que fosse "...um núcleo de irradiação da fé, da virtude e da moralidade, centrado no recinto doméstico".⁹¹

⁸⁹ARIÈS, **História social...**, op. cit., p.23.

⁹⁰MATOS, Maria Izilda; FARIA, Fernando A. **Lupicínio Rodrigues**: o feminino, o masculino e suas relações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p.143.

⁹¹Esse modelo vigente, para as décadas em estudo, corresponde a uma idealização, "pequena burguesa", propagada pelo discurso da Igreja católica, do Estado e, pela medicina higienista dos anos de 1920 a 1940, mas que se refletiram para as representações sociais da geração em estudo (TRINDADE, E. M. de C., **Clotildes...**, op. cit., p.38).

Então, era atribuído à mãe e, portanto à mulher, a responsabilidade de ser formadora da sociedade. O que, ao mesmo tempo, a enaltecia e culpabilizava por acertos e erros na educação de seus filhos.

As mocinhas, desde cedo, recebiam conselhos dos mais velhos e de revistas, cuja leitura lhes era permitida, que repetiam, sem cessar, o estereótipo de sempre:

...a menos que descuide suas obrigações, de maneira imperdoável, a mulher que tem um filho deve criá-lo dedicando-lhe todo tempo e cuidados. Mais tarde deverá ensinar-lhe a seguir o bom caminho com apoio moral de seus exemplos e de seus conselhos. (...) a influência da mãe é que governa o mundo, e a humanidade vem sentindo a falta de semelhante influência cada vez mais.⁹²

Mas a expectativa embutida nesse modelo pretendido nem sempre era satisfeita a contento. Na experiência de Branca o tipo de vida que seus pais tiveram, principalmente a mãe, foi o avesso daquilo que a sociedade atribuía ao modelo vigente ideal, ou seja, ao "arquétipo materno" de uma dada sociedade. Boschilia⁹³ apresenta um conceito, defendido por Bourdieu, sobre os princípios que possibilitam a criação de identidades de grupo como padrões de comportamento, mais ou menos homogêneos, que os diferencia dos demais e simultaneamente dá coesão ou ruptura interna aos seus membros. É o que ocorre com Branca.⁹⁴ Ao observar o modelo de outras mães reconhecia, na sua, "algo" que estava errado. A mãe dela fazia as coisas à maneira dos homens da época: jogava, bebia, trabalhava e deixava o cuidado dos filhos aos outros. Portanto, a mocinha entendia que a culpa de a família viver em um inferno era de sua mãe; "...o neném, eu que criei, minha mãe nem dava bola. (...) me fervia por dentro, eu não conseguia aceitar..".

⁹²MÃE. Cuidados na educação dos filhos. **Anuário das Senhoras**, Rio de Janeiro: O Malho, n.16, p.50 e 252, 1949. (Biblioteca Pública do Paraná)

⁹³BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996. p.111. In: BOSCHILIA, Roseli T. **Modelando condutas: a educação católica em colégios masculinos (Curitiba 1925-1965)**. Curitiba, 2002. Tese (Doutoramento na área de História, Espaço e Sociabilidade) - Curso de Pós-graduação em História - UFPR. p.133.

⁹⁴BRANCA, entrevista n.12.

Essa raiva, pode ser produto da imagem criada para simbolizar as mulheres do século XIX e que perdurava ainda na época de Branca. Uma representação do que se tinha como ideal e que fazia com ela se percebesse como fora do grupo de moças de "boa família". O comentário de Rocha-Coutinho⁹⁵ explicita esse modo de pensar: "...a construção de uma 'natureza' feminina pela ciência da época fez com que toda mulher que contrariasse o novo figurino de mãe construído pela sociedade para ela, fosse visto como uma mãe 'desnaturada'." A indignação de Branca parece revelar, assim, a crença nesse estereótipo de como deveria ser a conduta feminina. Mas, de todo modo, Branca desliga o gravador e pede que "não publique" sua fala. No entanto, em outras passagens da entrevista, ela retoma o assunto e revela o que havia censurado, dizendo a mesma coisa anterior e não desligando o aparelho. Parece que, para Branca,⁹⁶ as representações que interferiram com a memória, que fez filtros e levou a omitir dados, contrapõe-se a necessidade de "fazer revelações".

Caberia refletir: de onde Branca teria absorvido tal modelo rígido sobre feminilidade? Se, em sua família, o que ela presenciava eram brigas entre os pais? Um pai que bebia e perdia todo o patrimônio em jogos, de cartas ou no jôquei, e uma mãe que, na ausência do pai se reunia com estranhos – para os filhos – para jogar e beber. O casal, definitivamente, fugia do estabelecido pelas normas sociais. Porém, pelo relato de Branca, sua educação, até os 14 anos, foi feita em colégios internos ou semi-internos, de freiras francesas. Sua avó paterna também era francesa, e era com essa avó que Branca passava suas férias ou mesmo ficava morando nos períodos em que faltava dinheiro ao pai; muito provavelmente vinham daí seus conceitos do que deveria ser uma mãe ideal, e seu código de procedimento, que a garota julgava ser produto da própria "cabeça".

⁹⁵ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.92.

⁹⁶BRANCA, entrevista n.12.

Então, se identidade é um fenômeno que se constrói em referência aos outros, aos critérios de aceitabilidade e pertencimento a um grupo e que se faz por negociação direta com estes outros,⁹⁷ parece que Branca enxergou a entrevista como uma oportunidade de se aceitar e valorizar, reconstruindo sua história. Suas palavras ao começar o depoimento foram que "...isso faria esclarecimentos", [e diz]: ...Engraçado, sonhei que ia fazer um esclarecimento, uma declaração. Mas não era para você e, aí você ligou. Eu quero falar, eu não preciso mais mentir, só falar a verdade. Eu já menti muito.

Com essa frase, Branca parece ter compreendido e perdoado a si mesma e ao seu passado, no instante que interpreta o que viveu e o que deixou no passado.⁹⁸

O modelo de figura materna protetora da moral e dos bons costumes estava presente também para uma outra mulher, contemporânea de Branca. Os pais de Heide⁹⁹ (71 anos, ex-escriturária) exerceram a contento o papel paterno e materno. Ele cercava as filhas de um cuidado extremoso, buscando-as "na costureira, no salão, no ponto do ônibus". Quanto à mãe, Heide recorda com saudades de sua alegria e de quanto suas amigas gostavam dela: "...as meninas também iam sempre dormir lá em casa. Até hoje elas falam, minha mãe era muito agradável, muito alegre. Montava aquelas camas juntas...".

Essa demonstração de carinho, de afeto, por parte dos pais de Heide, povoava o imaginário sobre o que se esperar de pais e mães: um amor que se revela por "paparicações"¹⁰⁰ e cuidados extremosos, a ponto de os pais serem capazes de sacrifício pelos filhos. Um exemplo é o pai de Heide, que tinha tanto medo do escuro, e se prestava a ir buscar as filhas no ponto do ônibus, à noite.

⁹⁷POLLAK, Memória e identidade..., op. cit., p.200-212.

⁹⁸HARRITS, Kirsten Folke; SHARNBERG, Ditte. Encontro com o contador de histórias. **História Oral** (Revista da Associação Brasileira de História Oral), São Paulo, n.3, p.25-32, jun. 2000.

⁹⁹HEIDE. Entrevista n.2, realizada em 05 de julho de 2001.

¹⁰⁰ARIÈS, **História social...**, op. cit., p.158.

Ariès¹⁰¹ explicita que antes do século XVI tal enlevo e cuidados eram próprios das amas, nunca dos pais, muito menos dos homens e em relação a filhos crescidos. O século XX, parece, foi especialmente rígido em cobrar a obrigatoriedade dessa função, sob pena de serem julgados inadequados. Os pais de Heide enquadram-se no "perfil desenhado" pelo discurso social, engendrado e engendrador de tais representações do ser pai e mãe.

Porém, o fato de corresponderem ao modelo ideal não elimina nas filhas a presença de sentimentos contraditórios que resultam de um exercício exagerado dos direitos paternos, como relata outra contemporânea de Branca. Lina (79 anos, tricoteira e atendente domiciliar de enfermos) recorda que: "...o que a gente tinha era medo! Medo dos pais. Meu pai era assim, bonzinho, mas minha mãe era muito brava. Brava mesmo... Deus o livre uma resposta errada..."¹⁰²

Já na vida de Socorro¹⁰³ (75 anos, faxineira), houve ausência dos modelos parentais de acordo com o padrão social (urbano e burguês) tido como adequado. Órfã de mãe com apenas nove anos, morou com uma irmã até os dezessete. Desde os sete anos trabalhava na colheita de trigo e, portanto, no contato com adultos e sem mimos pelo fato de ser criança. O que ela possuía como referencial, de convivência em sociedade, era o contato com pessoas do campo e com a natureza. Sua vivência de relação materno-filial aos moldes de sua época, para a cidade, foi ocorrer apenas quando ela, já grávida, foi expulsa pela irmã e recebeu a acolhida de uma família de imigrantes italianos. Até então, para ela, ser mãe era pôr a criança no mundo e dar subsistência física, uma vez que as mulheres tinham uma vida atribulada, por repartir seu tempo entre a lavoura, os cuidados da casa e um número muito grande de filhos (a mãe de Socorro teve nove). Foi o que aprendeu

¹⁰¹ARIÈS, **História social...**, op. cit., p.158.

¹⁰²LINA. Entrevista n.11, realizada em 20 de março de 2003.

¹⁰³SOCORRO. Entrevista n.13, realizada em 10 de abril de 2003.

observando os animais e ela diz: "...as cabras tinham filho igual a nós...". O que Socorro parece estar contando aqui, é o que significava, para a cultura na qual se inseria, ser mãe. Para essa jovem camponesa, isso era amar o filho: significava estar de olho nele em pequeno e dar-lhe de mamar como não soubesse ou pudesse prover a si mesmo. Foi isso o que havia experimentado como filha, coerentemente com o que Badinter afirma: "o amor materno se desenvolve ao sabor das variações sócio-econômicas da história e pode existir, ou não, dependendo da época e das circunstâncias materiais em que vivem as mães...".¹⁰⁴

Assim, na formação de Socorro como mulher, ela desconhecia o que esperar da figura materna, até que Dona Bela, a amiga italiana, preocupou-se com ela: "...cuidou de mim, me recolheu, deu de comer e me tirou da roça. (...) Ela era muito boa, mais do que uma mãe..."¹⁰⁵ Um novo modelo parece começar a ser incorporado por essa moça, no contato com novas experiências de viver em uma família numerosa e com largas demonstrações de afeto: por contato físico e de prestação de solidariedade.

De uma forma geral, para as jovens da geração de Branca, para ela inclusive, era esse o padrão familiar vigente, que o discurso social – tanto da Igreja quanto do Estado – vinha forjando, já há algum tempo.¹⁰⁶ A figura paterna deveria ser valorizada como referencial de respeito e de muita obediência, enquanto a da mãe, como protetora e disponível para o lar. Algo que poderia parecer uma exceção é o que ocorre na família de Lina, cuja mãe era o parâmetro não só para os filhos, como também para o marido "...a mãe olhava para nós quando chegava uma visita, nós 'Ó!', se mandava..."¹⁰⁷ Scott fala das relações de poder que perpassam as

¹⁰⁴BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.328.

¹⁰⁵SOCORRO, entrevista n.13.

¹⁰⁶BADINTER, **Um amor...**, op. cit., p.30-31.

¹⁰⁷LINA, entrevista n.11.

relações de gênero e que os papéis sociais do homem e da mulher ainda eram bem delimitados, até as décadas em questão.¹⁰⁸ O relato de Lina explicita que, na sua casa, era a mãe quem exercia a função dita paterna e, isso, era simbolizado pela obediência dos filhos àquela e pelo "aviso" do pai de que não deviam incomodar a mãe que tinha trabalhado tanto.

Aparentemente, a mãe de Lina exercia a função de chefe da família, como maior provedora e a que dava regras à vida de todos. Lina contou passagens em que a prole, tanto quanto o pai, temia a autoridade de sua mãe. Mas o fez sorrindo, como se ao recordar visualizasse imagens que a enterneceram. "Se o ato de lembrar individual – especialmente aquele orientado por uma perspectiva histórica – relaciona-se à inserção social e histórica da depoente," então a memória pode ser considerada como um dos fundamentos da identidade coletiva tanto quanto da individual.¹⁰⁹ Ao sorrir, Lina parece estar considerando como normal a situação por ela experimentada em sua casa, algo que ela pode contar sem ter que se envergonhar, pois fazia parte do "todo social" que a cercava e, assim, de sua própria forma de se aceitar.

Não há conflito naquilo que a depoente lembrou e revelou, pois: "Se as pessoas pensam e agem pelo ponto de vista dos outros, que passam a ser considerados como 'Nós' na medida que se está inserido em um grupo...",¹¹⁰ então o repertório completo de padrões sociais de auto-regulação que o indivíduo desenvolve ao crescer é específico de cada geração e, por conseguinte, num sentido mais amplo, específico de cada sociedade.¹¹¹ No contexto social de Lina, a

¹⁰⁸SCOTT, Gênero..., op. cit., p.14-16.

¹⁰⁹NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. In: **História Oral** (Revista da Associação Brasileira de História Oral), São Paulo, n.3, p.109, jun. 2000.

¹¹⁰SKINNER, B.F. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1989. p.163.

¹¹¹ELIAS, **A sociedade...**, op. cit., p.8.

mãe ser provedora era algo considerado como normal entre as moças da camada econômica e cultural baixa ou média baixa,¹¹² como era o seu caso.

Nas famílias, dessas depoentes, o pai teve o pátrio poder e o exerceu. Às vezes com truculência, como é o caso do pai de Branca, mas mesmo ele, às vezes, se mostrava brando e a filha recorda-o com nostalgia. Em verdade, todas elas trouxeram recordações de momentos de alegria, e trazem saudades quando falam dos pais. Parece que essas mulheres não viveram ou não se sentiram dominadas pelo controle ou cuidado paterno.

Apesar de, às vezes aparecer, e assim ser relatado, o medo desenvolvido pelos filhos em relação aos pais,¹¹³ há outros laços afetivos unindo a família ampliada na vida adulta das moças da época de Branca.

2.3 A PARENTELA SOLIDÁRIA

O conceito de família varia de acordo com o contexto em que ela se insere. O certo é que o termo compreende as funções sociais que esta instituição desempenha tendo em vista as normas inseridas e/ou construídas dentro de processos maiores, na comunidade onde o grupo está vivendo. Anderson entende que¹¹⁴ ao grupo de pessoas (em maior ou menor número e com ou sem laços consangüíneos) que participam das atividades e/ou da organização estrutural que forma uma família é dado o nome de parentes ou parentela, e estes se reconhecem como partilhando uma mesma história, os mesmos valores e tradições, um mesmo código de comunicação que o conjunto a que se agrega. Almeida¹¹⁵ amplia este

¹¹²ROCHA-COUTINHO, op. cit.

¹¹³LINA, entrevista n.11.

¹¹⁴ANDERSON, Michael. Introdução. **Elementos para a história da família ocidental (1500-1914)**. Lisboa: Quercus, 1984. p.9-12.

¹¹⁵ALMEIDA, Angela. Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRJ, 1987. p.31.

conceito, dizendo ser essa a família estendida ou ampliada pelo "compadrio", composta pelos novos membros que nascem ou se agregam ao tronco familiar; uma perspectiva em que as palavras família e parentela, embora tenham conceitos diversos, passam a ter significado comum.

No caso das mulheres da geração em estudo, tal concepção de família influenciou a forma como conduziram suas vidas. Sua importância foi registrada na maioria das famílias – pela máquina fotográfica – desde o século anterior ao do nascimento de Branca. É possível encontrar em acervo de fotos, em grande parte de casas, em que aparece a parentela apumada e bem vestida.¹¹⁶

FOTO 2 - BODAS DE OURO DE PIO E ANA MANOSSO (SETEMBRO DE 1936)



FONTE: Acervo particular

¹¹⁶PERROT, op.cit.

Há nelas, representada simbolicamente pela disposição espacial, a hierarquia da grande família. O casal que deu origem ao grupo fica ao centro e ao redor deles se postam filhos e genros em pé, filhas e noras sentadas; amigos e compadres se misturam aos familiares. As crianças se comportam frente à lente; netos e bisnetos em pé ou sentados no chão. Percebem-se ali, reunidas, várias gerações que partilharam valores e sentimentos. O registro é de um grupo unido, não só no espaço ou tempo de uma festividade ou comemoração, mas também enlaçado pelo afeto, pela solidariedade.¹¹⁷

Ainda é de Almeida¹¹⁸ a idéia de que o grupo familiar constitui-se de duas ou mais gerações desde a família nuclear – berço de um novo grupo – e se estende entre seus membros. São integrados pelo apoio mútuo como um grande bloco, com sentimento de deveres e de obrigações entre si. Cumprem, assim, a função de defender o agrupamento parental tanto das "agruras" externas como das necessidades individuais, que possam colocar a comunidade familiar em qualquer espécie de risco que, eventualmente, possam ameaçá-la. Tal experiência é conhecida como solidariedade.

Esse é um sentimento experimentado e descrito em todos os relatos das depoentes da primeira geração (1936/1950). Está presente em episódios em que os parentes cumprem um papel fundamental, nos períodos de tensão. Irmãos, avós, sogros, tios, cunhados, primos e sobrinhos são a base de apoio para momentos de alegria e tristeza. Assim – Socorro, Sara, Fátima, Heide, Lina e Branca,¹¹⁹ as

¹¹⁷Durante as entrevistas, na casa de quase todas as depoentes – mesmo entre as de segunda geração e algumas da terceira –, havia porta retratos com fotos antigas de membros de suas famílias e algumas delas fizeram questão de mostrar álbuns em que esse tipo de "pose" era freqüentemente registrada.

¹¹⁸VELHO, Gilberto. Família e subjetividade. In: ALMEIDA, Angela. **Pensando a família no Brasil**: da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987. p.80.

¹¹⁹SOCORRO, entrevista n.13; SARA, entrevista n.9; FÁTIMA, entrevista n.1; HEIDE, entrevista n.2; LINA, entrevista n.11; e BRANCA, entrevista n.12.

mulheres que formam a geração em estudo, relembram situações em que a parentela prestou auxílio, lhes deu acolhida, defendeu ou forneceu suporte.

Existindo ou não o sentimento de solidariedade entre a parentela, fato é que o discurso social atribuía ao gênero feminino a "natural" tendência a doar-se pelos outros. Alguns médicos higienistas, das primeiras décadas do século XX,¹²⁰ pregavam que essa índole, "eminentemente feminina, deveria ser desenvolvida entre as meninas desde sua infância".¹²¹ Apesar da contradição da fala, pois nela aparece, claramente, o papel da cultura na construção do sentimento, a maioria das mulheres desta amostra aderiu a essa crença de que eram "naturalmente" solidárias.

Mas, aos homens também era cobrado o exercício do "cuidar" das mulheres da família. A eles cabia ser, além de provedor, protetor da integridade moral e física de seu grupo familiar.¹²² Nessa condição de parentesco, é notável o grau de importância atribuído ao gênero masculino. Os irmãos homens tinham – aparentemente – a função de proteger contra a violência ou do falatório da vizinhança, se as moças saíssem sem a companhia materna ou paterna. A maioria das entrevistadas recorda que seus irmãos, às vezes até mais novos que elas, tinham a incumbência de cuidar das moças da família; para ir à matinê, à missa ou simplesmente poder passear com o namorado, era obrigatória a presença de um irmão, na ausência dos pais. Cada uma delas, ou todas elas, teriam uma ou mais histórias a contar sobre irmãos mais velhos ou mais novos. Nas palavras de Fátima (68 anos, dona de casa): "Nós mulheres tínhamos o nosso guarda costa para sair, ir ao cinema. (...) e meu irmão mais novo acompanhava eu e minha irmã (...) a diversão

¹²⁰Portanto, presume-se que a meninice das mulheres deste grupo tenha sido educada dessa forma, nesse modelo de "ser mulher" (TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e casamento no século XX. In: DÍNCAO, Maria Ângela (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. p.88).

¹²¹ROCHA-COUTINHO, op. cit., p.90.

¹²²ROCHA-COUTINHO, op. cit., p.91.

era saraus, bailes. Mas sempre acompanhada com irmão. Com ele lá!"¹²³ Um relato semelhante é feito por Lina, quando relembra de um passeio da adolescência:

...fui eu, duas irmãs, duas primas e meu irmão, porque se ele não fosse ninguém ia (...) Ele que cuidava, mas ele era tão bacana. Pois ele era mais novo que eu. Foi uma festa, menina do céu, nós de trem, cada um levou comida, fomos comer lá no Monge. Daí a gente sentada, tudo quietinha, mas com os namorados e meu irmão só olhando. (...) e ele era oito anos mais novo que nós, e estava lá, para cuidar!¹²⁴

Os comentários vêm com sorrisos ao mencionar o nome dos irmãos, e algumas aludem sentir certa pena por "sacrificarem" o tempo deles no cuidado com elas. Mas, aparentemente, essa atitude era dada como natural para elas. Talvez fosse uma forma de negociação entre a irmandade, uma "parceria". Como Lina¹²⁵ quando da viagem de trem o irmão ficou de lado, não interferiu nas conversações entre os namorados.

Na vida de Branca,¹²⁶ os irmãos, principalmente um dos mais novos, foram importantes para garantir suas conquistas de liberdade – desde afastar um marido indesejável até para obter independência econômica. Foram os irmãos que mantiveram, a pedido dela, o marido – com suas perversões sexuais – longe de sua cama. Posteriormente, durante a separação, foi um deles que enfrentou o ex-marido. Bem mais tarde, é este irmão que lhe apresentou o segundo marido e ajudou a construir uma moradia para o casal. Branca guarda, por ele, carinho especial. Ao contar tais passagens ela vai apontando os porta-retratos e seu dedo acarinha cada foto. Apanha algumas delas, no ato de falar, e mostra à entrevistadora. Tal atitude pode ser explicado, talvez, pelo que Pollak¹²⁷ alerta ao historiador: ter especial atenção ao fenômeno da seletividade da memória e como, no ato de

¹²³FÁTIMA. Entrevista n.1, realizada em 08 de setembro de 2000.

¹²⁴LINA, entrevista n.11.

¹²⁵LINA, entrevista n.11.

¹²⁶BRANCA, entrevista n.12.

¹²⁷POLLAK, Memória e identidade..., op. cit. p.203-206.

recordar, a imaginação pode produzir construções que agem no sentido de unificar o depoente ao seu grupo (que no caso de Branca, já estão quase todos mortos). Uma imaginação que, consciente ou inconscientemente, possibilita uma tentativa de preservar ou mudar a identidade, que permite ao entrevistado uma maior continuidade e coerência como pessoa que reconstrói o seu passado.

No caso de Socorro e de Branca,¹²⁸ são também mencionados, com igual carinho, os cunhados – maridos das irmãs – que cuidavam delas, dando-lhes conselhos sobre como se comportar com rapazes ou protegendo-as, contra a injustiça de outros familiares. Todas elas relembram dos "rapazes" da família como pessoas que lhes davam segurança.

A imagem que se construiu para esses rapazes foi, talvez, a que Trindade¹²⁹ revela ao comentar o papel do marido como a contraparte de uma mulher idealizada e que precisa dos cuidados masculinos para fortalecê-la e cuidar dela. Uma dualidade, no entanto, se apresenta nesse modo de agir masculino, dos parentes dessas moças. Se, por um lado, reproduziam a atitude esperada deles de "representar" o pai protegendo suas irmãs (ou cunhadas, primas e até sobrinhas e tias), por outro lado, eram eles que davam "cobertura" às traquinagens delas, quando elas eventualmente quebravam regras. Nesse modo de ver, parece existir uma "cumplicidade geracional" entre os jovens, o que possibilitava a mudança social naquilo que feria a individualidade.

Viver em grupo cria liames morais que possibilitam a coesão interna necessária tanto para a manutenção quanto para a mudança nas regras que constroem sentimentos identitários e de pertencimento.¹³⁰ Isso poderia explicar

¹²⁸SOCORRO, entrevista n.13 e BRANCA, entrevista n.12.

¹²⁹TRINDADE, E. M. de C., **Clotildes...**, op. cit., p.132.

¹³⁰PUCCI, Suely do Rocio Pinto. Conflitos, normas, coesão e moral nos grupos. **Revista Psicologia Argumento**, Curitiba, Ano XVIII, n.27, p.131, out. 2000.

como esses rapazes podiam replicar o modelo patriarcal e, simultaneamente, possibilitar às garotas que exercessem sua independência.

Da mesma forma, irmãs e cunhadas, ou mesmo tias, primas e sobrinhas, formavam uma grande irmandade feminina, que agregava força a esses movimentos de conseguir os próprios objetivos. Assim como o irmão protetor de Branca, a esposa dele foi uma pessoa de especial importância no desencadear de mudanças na sua trajetória de vida.

Assim como Branca, cada uma delas relatou vários exemplos de solidariedade unindo a "grande" família. Uma tia de Sara (65 anos, professora) ajudou-a com os estudos, abrigando-a em sua casa. Fátima rememora quando a irmã mais velha tomava conta dos pais inválidos, e ela "...ajudava a mana, como podia, para aliviar semelhante carga".¹³¹

Essas recordações poderiam ser exemplos daquilo que Casey definiu como família, termo que é por ele operacionalizado graças à solidariedade familiar. Segundo o autor:

...o conceito família ultrapassa espaço ou tempo e diz respeito a uma 'atitude mental' numa cultura. As virtudes ensinadas pelo grupo familiar, como paciência, lealdade e espírito solidário de equipe – traduzidos em trabalho em prol do grupo – gerariam um clima de confiança (...) capaz de criar cidadãos autoconfiantes de que uma sociedade liberal necessita. (...) a família é um vínculo moral...¹³²

Dentro desse conceito, portanto, a solidariedade familiar ultrapassa os laços consangüíneos. O "vínculo moral" estende-se para a vizinhança, e os amigos muitas vezes firmam esta aliança grupal convidando-a para "apadrinhar" a prole. Acabaram por legitimar mediante a religiosidade, o reconhecimento da dependência recíproca ou possibilidade de que ela venha a ocorrer quando os filhos vierem a

¹³¹BRANCA, entrevista n.12; SARA, entrevista n.9; e FÁTIMA, entrevista n.1.

¹³²CASEY, James. O significado da família. In: _____. **A história da família**. Lisboa: Teorema, 1989. p.28-29.

precisar.¹³³ Nas vidas dessas mulheres é grande o número de exemplos solidários. Socorro recorda com saudades de Dona Bela, sua vizinha imigrante, que se tornou madrinha de todos os seus filhos, e que a ajudou e possibilitou a mudança radical em sua vida. Mais tarde, quando ela lavava roupa para "moças de vida fácil", num gesto fraterno essas vestiam suas crianças. Lina relembra, com gratidão, quando não tinha de onde tirar dinheiro para pagar o colégio da filha e o vizinho lhe emprestou a quantia, sem querer cobrar depois.¹³⁴

Nessa mesma idéia, a abnegação e a dedicação que eram pretendidas como construtoras da solidariedade familiar, em geral, traziam sacrifício de um ou mais membros deste grupo.¹³⁵ Por exemplo, era comum entre nora e sogra haver conflito,¹³⁶ caso a nora não fosse submissa ao comando da mãe de seu esposo. Em revistas¹³⁷ destinadas à "leitura feminina", páginas inteiras eram dedicadas aos "conselhos" às noivas que poderiam evitar pontos de tensão se conseguissem ter o equilíbrio precário entre abdicar de suas opiniões pessoais e, simultaneamente, preservar sua individualidade:

...Sejam gentis com sua futura sogra. Mostrem-lhe como apreciam a ternura com que educou seu futuro esposo e os sacrifícios que soube fazer por elle.. que ela fique convencida de que d'ora avante terá dois filhos em vez de um, e que, no coração de seu filho, não será, para ella, uma rival. Falem sempre com delicadeza de seus Paes.

¹³³PRADO, Hilda Eva Chamorro Greca. La família como sistema social. In: _____. **Dos epocas en la vida de la família de la ciudad de Córdoba**. Um estudo sociológico diacronico. Córdoba/Espanha: Universidad Nacional de Córdoba, 1989. p.03-16.

¹³⁴SOCORRO, entrevista n.13 e LINA, entrevista n.11.

¹³⁵SHORTER, Edward. Introdução. In: _____. **A formação da família moderna**. Lisboa: Terramar, 1995. p.7-28.

¹³⁶Modelos rígidos, via de regra, produzem relações tensas e geradoras de conflito. Então, vivendo a expectativa de funcionar dentro de relacionamentos hierarquizados, seria impossível a inexistência de confrontos (SIDMAN, Murray. **Coerção e suas implicações**. Campinas (SP): Psy, 1995).

¹³⁷CONSELHO às noivas. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, n.24, p.41, 03 jun. 1939. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

Tarefa difícil essa. A saída aparente parece que foi assumir como "natural" tal abnegação. Em consonância com essa idéia e com os conselhos nas revistas, as mulheres do estudo de Andrezza prestavam serviço às famílias de seus maridos como algo "legítimo, do ponto de vista social, (...) como sendo obrigação da nora cuidar da sogra como uma filha faria".¹³⁸

A forma como as depoentes deste estudo retratam a relação com as sogras também mostra dados desta pseudolegitimidade de ajuda, embora aqui ela seja recíproca. Em suas memórias, a figura da sogra aparece como alguém contra quem não deve existir raiva ou revolta – que ocorreria em face da obrigação de serem submissas.¹³⁹ Ao contrário, todas as casadas rememoram as sogras como pessoas muito boas, com quem viveram afavelmente, e algumas até disseram que foram suas "melhores amigas"¹⁴⁰ e que estas fizeram por elas coisas que mães não fariam, como conta Fátima, recordando a saudade que sentia da sogra.

A memória delas parece trazer fatos que foram (re)interpretados pela passagem do tempo,¹⁴¹ em que as boas lembranças tomaram maior importância que as ruins ou ainda pelo crivo das representações sociais, explicitadas por Branca: "Eu nunca que ia abrir a boca para falar mal de mãe, mas foi a verdade!".¹⁴² De qualquer modo, o que aqui se aponta é a coerência interna a esse grupo, que mantém vivo o modelo de que a sogra seria uma "segunda" mãe e, às vezes, mais que isso.

Mas se era esperada uma atitude conciliadora da nora em relação à sogra, na história de muitas delas foi a sogra quem se "sacrificou" em prol da nora. Socorro

¹³⁸ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias**: um estudo da imigração ucraniana. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999. p.248.

¹³⁹ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.129.

¹⁴⁰FÁTIMA, entrevista n.1.

¹⁴¹POLLAK, Memória, esquecimento..., op. cit.

¹⁴²BRANCA, entrevista n.12.

relembra como a abnegação da mãe de seu falecido marido foi capaz de salvar-lhe a vida, por ocasião de um de seus muitos abortos espontâneos. A jovem percebia que a sogra se importava mais com o seu bem-estar do que com o do próprio filho.¹⁴³ Então, também para gerações anteriores a delas, aparentemente, atitudes conciliadoras foram reforçadas, selecionadas como protetoras da coesão grupal.¹⁴⁴

Em geral, pelos depoimentos, parece que as entrevistadas não viveram situações de conflito nas relações com a parentela. Em virtude disso, caberia aqui a pergunta se esta é uma lembrança do realmente vivido ou, como quer Bosi,¹⁴⁵ é uma releitura do passado, uma retenção parcial, produto da memória seletiva e coletiva. A subjetividade se apresenta, em cada relato, como um componente ativo que elabora e (re)elabora a narrativa, que contam de sentimentos vividos ou desejados: "...Uma vez superados a angústia, o medo, a resistência e os ressentimentos do momento da mudança, o olhar para trás, o juntar traços vivenciados do passado reforçam (...) os sentimentos de pertencimento do grupo."¹⁴⁶

Porém, se elas não falaram, explicitamente, mal da parentela, há nos discursos um vislumbre das tensões familiares e geracionais dentro da formação familiar quando lembram de seus casamentos, seus encontros e desencontros.

2.4 O CASAR COMO RECURSO

Festejos e confraternização podem transmitir a idéia de que o amor seria a única razão de selar o compromisso de conviver por toda uma vida, indissolúvelmente. Nem sempre, porém, o casamento festejado, e com noivos sorridentes, significava prenúncio de felicidade.

¹⁴³SOCORRO, entrevista n.13.

¹⁴⁴SKINNER, Selections..., op. cit.

¹⁴⁵BOSI, op. cit., p.413-15.

¹⁴⁶LUCENA, op. cit., p.398.

De qualquer forma uma família tem, geralmente, início por meio de uma união – quer legitimada por regras de instituições religiosas ou civis, quer por um consentimento informal. O casamento seria a base mais aceita, socialmente, para a constituição de um novo segmento da família atual ou de uma nova família nuclear. Essa seria, assim, o ponto de origem, a célula da sociedade mais ampla.¹⁴⁷

Os membros da família ficam a partir do casamento unidos entre si por laços legais ou de costumes, direitos e obrigações econômicas e religiosas ou por outra espécie de relações baseadas em sentimentos: o amor, o respeito ou até o temor.¹⁴⁸ Os costumes sociais e as tradições de festejos que acompanham a realização do matrimônio são atos consagrados pela comunidade e que manifestam a aprovação do casamento.

Constituir uma família, a conjugal, poderia ter como fim outras possibilidades, outras finalidades, tais como: constituir prole ou garantir companhia permanente. Poderia também servir como fuga de uma vida enfadonha e solitária ou de um ambiente adverso e sufocante.¹⁴⁹ Ou ainda ser produto da crença que esse fosse o único caminho de vida disponível para elas em face do discurso ao qual estavam submetidas, pelas mais diversas instituições sociais: Estado, Igreja, família, escola e até pela medicina.

Esse foi o caso de Branca¹⁵⁰ por ocasião de seu primeiro casamento. O noivo, praticamente um desconhecido, queria apenas arranjar-se com uma noiva de família rica. Branca, ansiosa por fugir dos constrangimentos da vida familiar, sob coação da mãe, aceitou casar.¹⁵¹ Por várias vezes, ao rememorar essa época, ela usou frases como: "...Eu para me safar, aceitei namorar o velho".

¹⁴⁷BOSI, op. cit., p.418.

¹⁴⁸SHAPIRO, H.L. A família. In: SHAPIRO, H.L. **Cultura e sociedade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1965. p.355-60.

¹⁴⁹PRADO, op. cit, p.98.

¹⁵⁰BRANCA, entrevista n.12.

¹⁵¹BRANCA, entrevista n.12.

Expressões como essa demonstram que de certa forma, para algumas – poucas – dessas mulheres, já havia um embrião de consciência de que o casamento poderia servir como um meio de escape da casa paterna. Assim, quando "aceitam" casar, está aí, implícita, uma troca, uma permuta entre o aceitar o que não seria sua escolha e aquilo que julgam estar ganhando, ou pelo menos deixando de perder. O que, talvez, não estava ao seu alcance era saber que trocariam uma tutela por outra.

De qualquer modo, como defendido por Roncaglio,¹⁵² no interior das suas casas, já casadas, acabavam possuindo poderes difusos, como influenciar os filhos e maridos, controlar orçamentos domésticos, "aproveitar o sistema" sendo sustentadas pelos maridos, para as mais abastadas, e mesmo para as da camada média. Para a camada econômica mais baixa, havia maiores encargos mas, elas talvez fossem mais independentes socialmente, como o caso da mãe de Lina e ou a própria Socorro.¹⁵³

De qualquer forma, para essas mulheres, estava dado que a única maneira de viver independentemente a vida adulta seria casar-se. Elas acreditavam nisso e casavam, quase sempre, com o primeiro e único namorado. Os valores e conceitos correntes na época apoiavam essa situação, como veiculado pela mídia escrita, a que elas tinham acesso:

...Fizeram-na compreender, desde muito menina, que na vida da mulher só há um caminho: encontrar noivo. Ninguém lhe disse, porém, que a vida matrimonial está cheia de obrigações, de muita condescendência, de sacrifícios, que é indispensável aceitar com resignação. O noivo é a meta, o ideal, a razão de ser, o motivo de todos os desvelos.¹⁵⁴

¹⁵²RONCAGLIO, op. cit., p.42.

¹⁵³LINA, entrevista n.11 e SOCORRO, entrevista n.13.

¹⁵⁴UM CAMINHO só? **Anuário das Senhoras**, Rio de Janeiro: O Malho, n.15, p.210, 1945. (Biblioteca Pública do Paraná)

É paradoxal a frase: "ninguém lhe disse...". Claro, estava dito que casar traria obrigações. Elas podiam observar a vida de suas irmãs e amigas; então alegar ignorância seria inviável. No entanto, o casamento era, muitas vezes, camuflado pela capa de um amor romântico e, sob ela, pretendia-se um maior controle das inquietações e dos anseios femininos. Tal era a força das imagens criadas pelo sistema coercitivo ou persuasivo que agia sobre suas percepções de vida.¹⁵⁵ Então, restava-lhes aceitar que o seu único recurso era aderir ao casamento como opção "natural" e acreditar que seriam felizes.

Foi toda uma conjuntura social que as levou a desejarem casar, como lembra Cott, ao analisar o que ocorria nos Estados Unidos, nesses períodos:

Dos anos 20 aos fins dos 30, conselheiros matrimoniais olharam para trás e consideraram o casamento vitoriano como hierárquico e emocionalmente estéril (...) um coro crescente de cientistas sociais defendiam a constituição da família e a idéia de que a vida familiar se estava a transformar num terreno especializado da intimidade emocional (...) O casamento se tornou cada vez mais popular no período entre as duas guerras...¹⁵⁶

Para as brasileiras, no entanto, ainda distantes da realidade norte-americana, o que prevalecia era o imaginário construído a partir do que conheciam e ouviam dizer. Fátima, Sara e Lina, por exemplo, dizem ter casado profundamente apaixonadas: "...porque eu tinha toda uma expectativa, uma crença de uma vida bonita e não foi. Quando se ama... e eu era super-apaixonada (...) eu só fui ver isso quando os filhos saíram de casa".¹⁵⁷

O que Sara parece dizer é que realmente acreditou, por longo tempo, que seu sentimento garantiria o acerto da escolha. A realidade só pôde ser vista – o *isso* a que ela se refere – quando suas obrigações como mãe foram cumpridas com os filhos

¹⁵⁵SIDMAN, op. cit.

¹⁵⁶COTT, Nancy. A Mulher moderna: o estilo americano dos anos vinte. In: THÉBAUD, Françoise. **História das mulheres no Ocidente - 5: o século XX**. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991. p.104-107.

¹⁵⁷FÁTIMA, entrevista n.1; SARA, entrevista n.9; e LINA, entrevista n.11.

já adultos e casados. Rememorando seus percalços na vida matrimonial, observa: "eu considero mais socialmente construído, ensinado (...) imposto sem querer, não por maldade. Digo assim, 'socialmente', porque todo mundo era assim..."¹⁵⁸

Essa depoente, por acaso, é uma professora de história e, obviamente, traz incorporado o discurso de sua formação. No entanto, o que ela descreve é exatamente o que Saffioti reflete sobre a famosa frase de Simone de Beauvoir: "não se nasce, mas torna-se mulher": poderia ser generalizada para: "não se nasce, mas torna-se pessoa". O verbo "tornar-se", aqui, com o significado de construção social, exatamente como Sara explicava em seu depoimento.

O casamento que, segundo Sara, era, de certa forma, imposto pela sociedade, para nenhuma delas foi realmente imposto pelos pais. Mesmo no caso de Branca em que a pressão foi intensa ela foi coagida sim, mas por persuasão moral, não pela força. O romantismo era a tônica aparente das escolhas da maioria, comportamento típico das famílias da época. No entanto, os noivos deveriam acatar as regras sociais, pois a aprovação da comunidade era importante. Essa geração (1940 e 1950) acreditou ter feito suas opções baseadas em amor, mas, diz Zeldin,¹⁵⁹ nem sempre as escolhas amorosas que não se adequassem ao socialmente aceito, eram efetivadas. O que significa que o amor não era necessariamente motivo para consagrar uma união. Branca¹⁶⁰ parece ter consciência que, ao aceitar casar com o primeiro marido, ela estava tentando adaptar-se às regras e se tornar uma "mulher respeitável" aos olhos do que ela pensava ser o adequado. E, confessa: "vi aí a oportunidade de subir... e me enganei!". Provavelmente era da condição "inferior" de sua casa que ela julgava estar fugindo e, presumidamente, ela acreditava que o casamento a elevaria à condição de "respeitada" pela sociedade.¹⁶¹

¹⁵⁸SARA, entrevista n.9.

¹⁵⁹ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.130

¹⁶⁰BRANCA, entrevista n.12.

¹⁶¹ROCHA-COUTINHO, op. cit.

Com Socorro¹⁶² a história não foi diferente. Apaixonou-se por um moço de família muito rica, engravidou e só então percebeu que, de acordo como os valores daquela comunidade, a união entre eles seria impossível. Casamento, ela só foi viver anos mais tarde. Desta vez a escolha recaiu em um rapaz que vivia nas mesmas condições que ela. Porém, casar não foi para ela apenas um recurso de fuga. Mais do que isso, foi a forma que encontrou de pertencer a um grupo familiar, a alguma comunidade estável, de precaver-se da solidão, a si e à filha pequena, a quem deu um pai com função de irmão mais velho e uma avó presente e amorosa – sua sogra.¹⁶³

O conceito de felicidade, aparentemente, para as mulheres desse período, correspondia a casar e cumprir com as funções tidas como próprias para seu gênero, como colocado por D'Incao.¹⁶⁴ Fátima e Branca,¹⁶⁵ dentre as seis entrevistadas do grupo, foram as que disseram ter sido felizes em seus casamentos, até o final – pela velhice ou pela morte. No caso da primeira depoente, desde o início ela parecia viver uma relação harmoniosa com o contexto da sua época. O marido era o provedor, o que estabelecia (ou reproduzia) as regras, e um pai amoroso que a ajudou a criar os filhos que sobreviveram, tendo partilhado com ela o luto pelos filhos mortos ao nascerem e foi parceiro no combate que ela travou na velhice, contra uma doença que a invalidou, no caso, rompiam-se as regras, pois, apesar de homem, ele fazia as funções maternas, cuidando de Fátima.¹⁶⁶ No entanto, durante o relato – de forma sutil, pelos olhares que ela lançava em direção ao local da casa onde o marido estava – demonstra uma necessidade de buscar a confirmação daquilo que relatava e a aprovação do que

¹⁶²BRANCA, entrevista n.12.

¹⁶³SOCORRO, entrevista n.13.

¹⁶⁴D'INCAO, Maria Ângela (Org.). **Amor e, família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

¹⁶⁵FÁTIMA, entrevista n.1 e BRANCA, entrevista n.12.

¹⁶⁶Fátima casou com seu primeiro e único namorado. Tiveram quatro filhos, mas os dois do meio morreram logo após o nascimento, cada qual por doenças diversas. O fato gerou depressão para Fátima e um cuidado fóbico em relação à filha mais velha e mais tarde ao caçula (FÁTIMA, entrevista n.1).

falava, observado pelas eventuais correções que ele lhe fazia. É possível que tenha vivido uma relação de submissão da esposa à proteção do marido. Ainda assim, ou talvez exatamente por isso, pôde afirmar: "...fui... sou uma mulher feliz"! Tal afirmação poderia refletir a sua percepção da realidade ou poder-se-ia pensar que fosse menos doloroso para Fátima acreditar "nesta verdade".¹⁶⁷

Fátima vivenciou problemas graves em relação a doenças, morte de filhos e dos pais e, mais tarde, a própria doença. No entanto, essas "dores" só foram aparecer quase ao meio da entrevista, pois até aí dizia ter tido uma vida muito feliz, ao contrário da irmã que, solteira, tivera de cuidar dos pais. O que essa quase omissão significaria? Com certeza não poderiam estar sob o manto do esquecimento pontos de referência de sua trajetória na construção de uma identidade,¹⁶⁸ como mulher e mãe: situações que a enalteceriam pela bravura de superar a própria dor de perdas tão importantes.¹⁶⁹ A mártir era uma figura valorizada naquela geração. Poderia ter um significado como aquele declarado por Branca, que afirmou ter esquecido o comportamento da mãe – que a fizera sofrer tanto – e conseguido ser amiga daquela ao final da vida. No caso de Fátima, talvez tenha sido o modo de poder "liberar" aos filhos e a si, de um cuidado exagerado, como pedia a pedagogia de seu médico particular, que, como para a grande maioria dessas mulheres, passou a ser a autoridade sobre o educar filhos e sobre a conjugalidade.¹⁷⁰

¹⁶⁷DELITTY, Maly. O uso de encobertos na terapia comportamental. **Temas em psicologia**, São Paulo, n.2, 1993.

¹⁶⁸POLLAK, Memória e identidade..., op. cit.

¹⁶⁹ROCHA-COUTINHO, op. cit.

¹⁷⁰Há inúmeras colunas de revistas e jornais da época com "conselhos" médicos às jovens esposas e mães, entre estas: MARIA TEREZA. Excesso de amor maternal. **Da mulher para mulher**. Revista O Cruzeiro. 16 de abril de 1955. MARIA TEREZA. Orientar mal. **Da mulher para mulher**. Revista O Cruzeiro. 08 de janeiro de 1954. ANUÁRIO DAS SENHORAS. **Êxito no casamento**. 1946, Rio de Janeiro: O Malho, n.13, p.130-131. A esse respeito ler também o livro de puericultura, escrito pelo Dr. Delamare; **O Livro do Bebe**, e que virou livro obrigatório para as jovens mães da geração seguinte a de Fátima, mas que reflete a cultura em que estavam inseridas estas depoentes da primeira geração. Para estas mulheres, as regras ditadas pelo médico ginecologista e ou o pediatra eram lei.

Quanto à Branca, ela conseguiu viver um idílio de quase cinqüenta anos com o segundo marido. A cumplicidade ultrapassou as paredes da domesticidade, pois, além de namorados e amigos, foram sócios na profissão. "Ele foi minha salvação, a minha felicidade! (...) ele na banca e eu na máquina..."¹⁷¹

Mas, se as duas se descrevem como tendo sido felizes enquanto durou o casamento, isso não ocorreu com três das outras mulheres. Embora tenham considerado o início do casamento como sendo feliz, só permaneceram nele pela força de suas crenças ou representações do que julgavam certo. O respeito à hierarquia, condição para o equilíbrio da família, era mantido pelas mulheres que atribuíam ao marido a chefia do lar, mesmo quando a elas cabia sustentar a casa e a família.

Um conselho dado às esposas em um anuário feminino¹⁷² da época, alerta: "Você é a primeira vigilante, a vigilante incomum do bem estar do homem que escolheu para casar... Ninguém lhe contou coisa diversa. E você casou porque quis..." Com tantos conselhos, não é estranho que as mulheres acreditassem que deviam servir aos maridos como senhores delas e da sua vida.

Na casa de Socorro, desde o início da relação, estava dado que ela seria a provedora e ele, o cuidador. Tudo ia razoavelmente bem enquanto ele bebia "...só de vez em quando...". Mas depois que os filhos cresceram e o vício tornou-se grave, estes passaram a interferir na relação, impedindo o pai de agredir a mãe:

Enquanto eu pude, eu escondi. Tinha medo que matassem o pai ou ele matasse eles. Depois não pude mais esconder. Enquanto o mais velho estava, ele se comportou, depois o guri foi embora, porque não agüentava mais nossas brigas e, ele tirou as 'manguinhas' de fora. Enquanto o caçula foi pequeno ele se aproveitava. O do meio sempre foi mole. Ele fazia o guri de peteca, atropelou o menino de casa muitas vezes, aí é que eu me metia e não deixava lhe bater, mas... apanhava todo mundo porque eu batia nele também, mas ele era mais forte que nós três. Dava medo, a gente esperando para ver como ele chegava...¹⁷³

¹⁷¹BRANCA, entrevista n.12.

¹⁷²DEPOIS da lua de mel. **Anuário das Senhoras**, Rio de Janeiro: O Malho, n.12, p.252, 1945. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

¹⁷³SOCORRO, entrevista n.13.

O conflito entre pais e filhos revelado por Socorro não ocorria só naquela família. Os filhos de Sara¹⁷⁴ também a incentivavam a deixar o casamento sofrido; mas a vergonha, a apreensão sobre o que os outros iriam falar, paralisava-a. O casamento transformou-se de refúgio amoroso em prisão. Tentou fugir uma única vez e retornou para casa, sentindo-se fracassada. Quantas mulheres, desse período ou não, sob influência das regras rigorosas das instituições sociais a que pertenciam (Igreja, comunidades de bairro, trabalhos, família...) mantinham-se presas a situações aversivas para elas e também para o restante de suas famílias?

Lina,¹⁷⁵ a tricoteira pobre, que deixava de comer para alimentar os filhos (e o marido) só foi obter reconhecimento do companheiro ao final da vida. Considera-se, também, feliz por ter cumprido com seu papel de mãe e esposa e se consola com a alegada fidelidade do marido, no leito de morte: "Olha Lina, nunca na vida te trai!" Parece que essa declaração o isentava de todas as suas culpas.

A atitude, aparente, de renúncia às próprias necessidades e aos desejos era comum às contemporâneas de Lina e Branca,¹⁷⁶ pois o sentimento de abnegação, carinho, desvelo e sacrifícios, não somente era esperado, mas incentivado a ser desenvolvido como virtudes femininas.

Enfatizando as qualidades ditas 'naturais' da mulher, a 'mística feminina' confere-lhe virtudes consideradas instintivamente inerentes ao seu sexo, como o amor e altruísmo, a serem difundidas no lar e na vida social, pela caridade ou pelo assistencialismo. Essa orientação de cores positivistas e livre-pensadoras acaba por incentivar o reviver de mitos já consagrados que os americanos concretizam, por exemplo, na sempre eficiente fórmula "rainha do lar".¹⁷⁷

As depoentes tiveram em comum justamente essa profunda capacidade de dedicar amor altruísta aos filhos e de compreensão com o que supunham ser as

¹⁷⁴SARA, entrevista n.9.

¹⁷⁵LINA, entrevista n.11.

¹⁷⁶LINA, entrevista n.11 e BRANCA, entrevista n.12.

¹⁷⁷TRINDADE, E. M. de C., **Clotildes...**, op. cit., p.140.

obrigações de esposa. Coerentemente com o que elas haviam aprendido ser o seu papel, "...o centro da família e elemento propulsor dos filhos..."¹⁷⁸. Mas, não há nelas sentimentos de vitimização ou exploração. Havia ganhos sociais nessa maneira de viver. Branca relata ter percebido, tardiamente talvez, que poderia ter feito a vida de modo diferente: "...hoje vejo que sofrer tanto tempo foi desperdício de vida". Com esta frase ela expõe a crença de que teve este poder e não o usou. Assim, talvez, as outras mulheres, suas contemporâneas, tivessem mais poder de ação do que supunham ou deixaram supor e preferiram casar, deixando aos maridos a responsabilidade sobre suas vidas.

Se o casamento tinha como significado a realização de uma "carreira", pois era o que a sociedade pregava que seria o esperado para as moças "sérias", como ficava a situação das solteiras? Rocha-Coutinho¹⁷⁹ citando Gilberto Freyre assinala que elas eram as maiores vítimas do sistema patriarcal. Dependiam financeiramente de sua família, uma vez que não produziam seu sustento e acabavam morando de favor, na casa de irmãs ou irmãos, após a morte dos pais. A figura da "solteirona" povoava o pesadelo das moças que não conseguiam pretendentes até certa idade. No princípio desejavam "bons" pretendentes. Quer dizer, rapazes de boa família e bem colocados na sociedade. Depois, ao passar dos 25-30 anos, aceitavam qualquer candidato. As moças solteiras, em geral, tinham menor poder do que as casadas e seus vínculos afetivos voltavam-se para os sobrinhos.

Se considerarmos que a independência pessoal – individualização – era uma característica cada vez mais exigida pela sociedade daquela época (décadas do início do século XX), o preço de alcançá-la ameaçava torná-las solitárias – sem

¹⁷⁸TRINDADE, E. M. de C., **Clotildes...**, op. cit., p.115.

¹⁷⁹ROCHA-COUTINHO, op. cit., p.83.

família própria. Desse modo, a necessidade de pertencimento falava mais alto que a da independência.¹⁸⁰

Heide, a única solteira da primeira geração, queixa-se pela falta dos filhos que não teve e agradece pelos sobrinhos mais velhos, que ela ajudou a criar e que a tratam "como se fosse uma mãe". Consola-se: "Eles são os filhos que eu não tive."¹⁸¹

Diante da queixa de Heide e das declarações das demais entrevistadas, pode-se pensar que elas acreditavam mesmo que, para poder ser feliz teriam de casar e mais que isso, ter filhos. Essa crença tão arraigada e declarada por todas elas, iria permanecer até a próxima geração, no mito da busca do "príncipe encantado", que lhes autorizaria serem felizes, como mulher e como mãe. Porém, para este grupo geracional (1936/1950), não existe sequer o questionamento de que poderiam sim ser felizes sem maridos e, em verdade, é o que vai ocorrer para quase todo ele, na velhice.

Sara e Socorro esperaram até a idade madura e, quando os filhos se independeram, elas se separaram e vivem, segundo sua própria percepção, melhor do que antes. Fátima, por ocasião da entrevista era a única a estar vivendo uma relação matrimonial e se dizia feliz – e conta como o marido lhe dedica cuidados mais que evidentes: a casa impecável, as roupas dela bem tratadas, bolo e café servidos durante a entrevista e tudo feito por ele, uma vez que Fátima está fisicamente inválida. Lina e Branca choram a morte dos maridos, sinal de que foram felizes, ao seu modo.¹⁸²

¹⁸⁰ELIAS, Norbert. A individualização no processo social. In:_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p.124-126.

¹⁸¹SOCORRO, entrevista n.13.

¹⁸²SARA, entrevista n.9; SOCORRO, entrevista n.13; FÁTIMA, entrevista n.1; LINA, entrevista n.11; e BRANCA, entrevista n.12.

Heide¹⁸³ tem uma vida intensa, com amigos, viagens e passeios e parece que só na sua ideiação ela está em desvantagem em relação à irmã casada. Revela ter tido o sonho de casar-se, de encontrar um par, porém justifica o celibato em razão de ter que cuidar do pai e da mãe, inválidos. No entanto, anos depois da morte de ambos, teve pedidos ou ofertas de matrimônio e não aceitou. Cada um dos pretendentes, segundo ela, não correspondia à imagem do "príncipe" que criara para si.¹⁸⁴ Lamenta-se não ter um companheiro com quem dividir seus momentos. Contudo, Heide reconhece que o recurso de ficar solteira, fugir do casamento, teve um preço alto demais, ficou sozinha. E ela diz que: "Na verdade tive medo daquilo, sabe?"¹⁸⁵

"Aquilo" se refere à questão tabu em sua vida, o sexo.

2.5 O SEXO COMO TABU

As moças da época de Heide¹⁸⁶ recebiam como orientação explícita que não permitissem liberdades ao namorado, pois ao fazê-lo atrairiam para si a desaprovação social. O olhar do outro estava sempre atento para impedir que as jovens dessem aquilo que ficou convencionado ser um "mau-passo", ou seja, ceder aos prazeres do sexo, quer de forma total com relacionamento sexual, quer na forma de abraços e beijos "roubados" em meio a um baile.

D'Incao¹⁸⁷ considera que a rigidez na educação das moças de família em relação aos namoros tinha vestígios, ainda, do século anterior, quando o propósito era resguardar a virgindade, valor de troca em "bons" casamentos: "...a virgindade

¹⁸³HEIDE, entrevista n.2.

¹⁸⁴BRANCA, entrevista n.2.

¹⁸⁵HEIDE, entrevista n.2.

¹⁸⁶HEIDE, entrevista n.2.

¹⁸⁷D'INCAO, Maria Ângela. O amor romântico e a família burguesa. In: _____. (Org.). **Amor e, família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. p.68.

era um requisito fundamental: independentemente de ter sido ou não praticada como um valor ético, propriamente dito, ela funcionava como um dispositivo para garantir o *status* da noiva como um objeto de valor econômico e político...".

Como contam as mulheres desta amostra, todas estiveram sob intensa vigilância da família no que se refere à sexualidade, visando poder fazer um bom "investimento" no casar. Socorro que, sendo solteira, acabou grávida, sofreu sanções: "...eu fui em duas amigas, mas as mães delas não me queria, tinham pena de mim... mas moça solteira e grávida...".¹⁸⁸ O que ela conta aqui é a segregação que teve que passar por ter quebrado com as normas vigentes. Ela seria um mau exemplo para as amigas, mesmo as suas mães tendo pena dela, não poderiam ajudá-la, com risco de prejudicar as próprias filhas. Assim, os preceitos normativos tinham por objetivo preservar o dote da moça séria – sua virgindade, (...) que ficava sob intensa vigilância!¹⁸⁹

Essas normas advinham da sociedade e a esta interessava que fossem cumpridas, contudo, eram passadas pela família, e sabe-se que esta é o centro da afetividade dos indivíduos. É nela que se forja a noção de si e do mundo, do autoconceito, que é o modo como a pessoa percebe o que lhe é transmitido por aqueles que o cercam. Dessa forma, os familiares servem de "espelho" e deles se extrai a imagem de si ou a auto-imagem. Assim, a opinião do outro, a partir de uma perspectiva positiva ou negativa, influirá nas futuras atitudes e decisões sobre a vida.¹⁹⁰ O autoconceito, que é produto do autoconhecimento, por sua vez é gerado

¹⁸⁸SOCORRO, entrevista n.13.

¹⁸⁹VINCENT, Gérard. Uma história do segredo? In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Org.). **História da vida privada - 5**: da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.274.

¹⁹⁰AMORIM, op. cit., p.39.

pela consciência que as contingências sociais criam e acaba funcionando como um gestor de ações que se devem ser seguidas.¹⁹¹

O preceito de que "boas moças" não permitiam intimidades físicas, se tinha funcionalidade para aquela sociedade, com certeza prejudicou a vida de muitas pessoas, como a de Socorro e, ainda que de outra forma, a de Heide.¹⁹² É interessante observar que, durante a entrevista, ela parece ter compreendido que foi enganada pelo que lhe contaram ser o sexo ou pelas regras que extraiu dessa vigilância: um perigo do qual fugir. Aceitou as restrições sobre ceder aos desejos do corpo e sobre as liberdades dadas aos namorados. O preço que pagou foi ter ficado solteira. Heide¹⁹³ recorda que as jovens que se "agarravam com os pares" nos bailes eram isoladas pelas outras moças e, às vezes, até impedidas de freqüentar o clube pela diretoria. No meio do relato, parece se dar conta que nem sempre a regra foi cumprida, pois uma garota – sua conhecida – "que mais se agarrava... no fim, casou com um partidão... Que coisa!..." – desabafa ela. Sobre outra colega que avisara o grupo de amigas para não ficarem em um baile que não era recomendável, comenta: "...ela apavorou a gente e (...) ela ficou no baile. Danada!... Que coisa!... Danada!..." – soam como expressões de um arrependimento pelo que não foi e um despeito pelo que não obtivera.

Zeldin¹⁹⁴ faz uma análise da importância da opinião dos outros sobre a trajetória da vida humana e reflete que as forças sociais são, via de regra, "nós poderosos que escravizam por meio da construção de sentimentos de medo, fracasso, culpa ou ressentimentos. O medo, por exemplo, quase sempre foi mais poderoso do que o desejo de liberdade". A possibilidade de fracassar, de ser julgado

¹⁹¹DELITTY, Maly. O que é auto-conhecimento? In: Encontro Brasileiro de Psicologia e Medicina Comportamental, 4., 1995, Campinas. **Anais...**, Campinas, 1995. p.2.

¹⁹²SOCORRO, entrevista n.13 e HEIDE, entrevista n.2.

¹⁹³HEIDE, entrevista n.2.

¹⁹⁴ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.9-26.

como responsável pela desgraça própria ou de seu grupo, é algo que esteve por trás do controle sobre o "bem" se comportar nas atividades ligadas ao sexo. A geração em estudo procurou seguir à risca as rígidas regras que estabeleciam padrão de comportamento familiar, sendo raras as vezes em que as leis foram quebradas.

As seis entrevistadas descreveram situações em que se viram obrigadas, moralmente, a seguir as regras sociais. No entanto, algumas jovens declararam saber, ou saber fazer, subversão aos preceitos e, ainda assim, "acabar" bem, como a amiga de Heide e a própria Socorro.¹⁹⁵ Esta, por ser órfã e ter sido criada na lavoura e, de certa forma, livre de sanções, dos efeitos repressores de regras. Há ainda o caso de Sara,¹⁹⁶ que começou a descobrir com aquele que seria seu marido como o namoro com beijos e carícias poderia ser bom. A experiência lhe criou, entretanto, um sentimento de culpa em relação ao sexo, que a acompanhou por toda a vida: "...a gente tinha certas intimidades e daí eu começava a me sentir culpada, essa coisa de culpa eu tenho (...) até hoje".

Uma culpa que Sara¹⁹⁷ nem sabe bem de quê. Resultado de ensinamentos que faziam parte daquilo que não se podia dizer, já que assuntos sobre sexo só apareciam de forma velada; nada era explicitamente falado. Para Corbin,¹⁹⁸ o controle da vida sexual feminina foi preocupação de várias instituições e diferentes grupos sociais. É uma forma de educar, que parece ser, em pleno século XX, remanescente do século XIX, quando o interesse médico se aliavam ao da Igreja e também ao do Estado para, por razões diversas, controlar a sexualidade, que passou a ter – por quase mais de um século – um *status* inferior, de algo condenável. Com isso, criou-se um discurso contra o exercício do próprio discurso

¹⁹⁵HEIDE, entrevista n.2 e SOCORRO, entrevista n.13.

¹⁹⁶SARA, entrevista n.9.

¹⁹⁷SARA, entrevista n.9.

¹⁹⁸CORBIN, op. cit., p.528-529.

sobre sexo e, nas décadas em estudo, para esse contexto social, calava-se sobre as atividades do corpo.

Branca usa uma frase que expõe os valores daquela época: "...tudo era escondido, de todos!"¹⁹⁹ Ela se referia à menstruação, mas a observação poderia ser generalizada para outras falas ocultas daquilo que remetia ao sexo. "...falar de namoro, relações sexuais, concepção e parto? Nem pensar. Um Absurdo! Quanto tabu".²⁰⁰

Paradoxalmente, esse é um período (a passagem do século XIX até a metade do XX) em que houve uma grande produção científica sobre o corpo feminino e seu funcionamento sexual. Mas, o resultado foi a exacerbação do "sexismo" de cunho discriminatório, em que mesmo as nomeações das categorias biológicas eram descritas com metáforas.²⁰¹

Essas concepções perpassam a fala de Lina,²⁰² quando rememora que o fato de nada saber sobre sexo era a norma de seu tempo. E ela replica as palavras de Azzi,²⁰³ acerca das coisas que eram proibidas de se dizer, no que tange à sexualidade. "A mãe nunca chamou assim como as mães fazem hoje, explicam para as filhas, nunca! Era um tabu!" Mas há incoerência nesta sua fala e o que se entrevê nos depoimentos. Ela mesma, ao lembrar do primeiro beijo e da conversa com sua irmã mais velha, recorda que esta havia esclarecido suas dúvidas e que deram boas risadas a respeito. De onde vinha o conhecimento desta irmã, que também era solteira? Branca também faz revelação semelhante. Diz que sabia sobre sexo, pois:

¹⁹⁹BRANCA, entrevista n.12.

²⁰⁰AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza. **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993. p.114.

²⁰¹MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XX**. Campinas, 2000. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. p.26-28.

²⁰²LINA, entrevista n.11.

²⁰³AZZI, op. cit., p.114.

"...é claro que sabia. Eu ouvia minha mãe e meu pai, sabia o que acontecia, eles pareciam gostar...".²⁰⁴ O que se deduz destes dois depoimentos é que a alegada ignorância sobre sexo é questionável e, mesmo para esta geração, elas sabiam mais do que faziam o sexo.

De acordo com Martins,²⁰⁵ os segredos, as coisas a serem escondidas, em geral, estavam diretamente relacionados à sexualidade ou indiretamente a ela ligadas, pela função genital. Este é o caso das "coisas – aquilo" – todos nomes dados à menstruação. Situação festejada em outras culturas, reveladora de que, desde o ponto de vista orgânico, a menina já estaria pronta a realizar funções maternas, para as famílias da primeira metade do século XX, era algo a ser escondido, encoberto por medo e vergonha. Nas lembranças de Branca e Heide²⁰⁶ a menarca aparece como algo furtivo e aterrador. Branca²⁰⁷ revela que levou meses lavando seus "panos", cortados por ela mesma, na calada da noite, no colégio interno. A situação parece envolver um sentimento duplo: o mais grave era o medo de estar doente e da morte; o outro, quase tão grande quanto o anterior, a vergonha de ser descoberta participando de algo "sujo" e condenável. Socorro, apesar de não sentir culpa ao fazer sexo, como as demais titubeia ao falar de menstruação e diz: ".fazia meses que não me vinham mais... as coisas, né?"²⁰⁸

A incorporação da regra, calar sobre sexo, parece ter atingido todas as categorias da sociedade, em maior ou menor grau, mesmo para aquelas que faziam sexo de modo um pouco mais livre, como era o caso de Socorro. Embora as mulheres continuassem a ser objeto de estudo médico, e entre os temas de

²⁰⁴BRANCA, entrevista n.12.

²⁰⁵MARTINS, **A medicina...**, op. cit.

²⁰⁶BRANCA, entrevista n.12 e HEIDE, entrevista n.2.

²⁰⁷BRANCA, entrevista n.12.

²⁰⁸SOCORRO, entrevista n.13.

pesquisa – obviamente –, o mêsruo estivesse como um dos mais abordados, segundo elas não era permitido sequer nomeá-lo, quanto mais conhecer que a partir dele havia a possibilidade de gerar vida.²⁰⁹

No entanto, segundo Rago,²¹⁰ alguns higienistas entendiam ser necessário combater doenças venéreas via educação da juventude – como, por exemplo, falar sobre o surgimento de métodos anticoncepcionais, além de dar informações sexuais sobre transmissão de doenças –, mas a sociedade reprovou tais atitudes. A concepção de sujeito conhecedor era vedada às mulheres daquele período. Saber a respeito do próprio corpo seria uma forma de quebrar o *status quo* das normas centrais da sociedade.²¹¹

Algumas expressões verbais das entrevistadas durante seus relatos dizem daquilo que não podendo ser dito, é sabido, ou que supostamente é obrigatório ser sabido, quando o assunto se relaciona a sexo. Quando Socorro usou a partícula "né", não o fez como força de expressão ou vício de linguagem, que não aparece em outras de suas falas, mas como se a entrevistadora "tivesse" de saber do que se falava. Também com esse intuito, Heide e Branca parecem usar de pequenas pausas a cada palavra quando se referem à sexualidade e não mencionam a palavra sexo. O parto porque estariam relacionados ao sexo.

Os trabalhos de Nadalin²¹² e de Andrezza²¹³ comprovam como as normas se configuram de forma diversa de comunidade para comunidade em função de

²⁰⁹MARTINS, **A medicina...**, op. cit., p.170.

²¹⁰RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p.134-5.

²¹¹BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (Orgs.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa do Tempo, 1997. p.20- 37.

²¹²NADALIN, Sérgio Odilon. Sexualidade, casamento e reprodução. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v.5, n.2, p.63-91, jul./dez. 1988.

²¹³ANDREAZZA, op. cit.

etnias e culturas diferentes. Nos trabalhos citados, o assunto em específico foi sexualidade, como aqui. Se pensarmos que as misturas étnicas brasileiras foram amplas e que isso se replica para esse grupo,²¹⁴ então não se pode esperar uma coesão tão plena para seus comportamentos, uma vez que, como aponta Scott,²¹⁵ um dos fatores para se considerar na análise de gênero é a etnia. Para algumas culturas, como as estudadas pelos autores citados, provavelmente a barreira de conhecimentos sobre sexo se dava tanto pela questão de ser homem ou mulher como também pelo ser solteiro (a) ou casado (a). Mas, esse não foi o relato dessas mulheres, pois elas já haviam – mesmo em solteiras – ajudado em partos de suas mães e irmãs. Então, não seria essa a explicação para a omissão de palavras descritivas de sexualidade.

A verdade é que, obedientes às regras estabelecidas pelos discursos institucionais, calavam-se sobre isso. Hoje, a memória traz apenas parte do vivido. De modo geral, elas referiram medo diante do primeiro parto e dos partos subseqüentes; algumas declararam ter medo do desconhecido.²¹⁶ Mas aparece também vergonha perante perguntas sobre concepção ou, melhor dizendo, contracepção.

Se não podiam falar sobre atividade sexual e suas conseqüências, subordinando-se ao que se esperava de moças sérias, pelo menos pareciam saber

²¹⁴**Branca** é filha de pai franco-italiano e mãe italiana; **Lina** é filha de poloneses; **Socorro** é filha de mãe indígena e neta paterna de espanhóis; **Fátima** é filha de portugueses; **Heide** e **Sara** são descendentes de alemães. Todas filhas de imigrantes de primeira geração, a exceção de Socorro que já estava na terceira linha geracional.

²¹⁵SCOTT, Gênero..., op. cit.

²¹⁶Como afirma Delumeau, os primeiros indicam um medo compartilhado pelos humanos, real, "natural", que tende a afastar o indivíduo da própria morte, mas o segundo para este autor foi construído pelo social, pela aproximação com o "outro". Porém, poder-se-ia pensar que, naquele período (1936/1950) pelas deficiências da medicina, o parto deveria ser mais amedrontador para elas do que o é para as gerações atuais. O que categorizaria também aquele tipo de medo como social (DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente (1300-1800)**: uma cidade sitiada. São Paulo: Cia. das Letras, 1989).

como fazer para conter-se a natalidade. "Há, pois, um emaranhado inextricável entre sexualidade e reprodutividade. O controle da natalidade é apenas uma das preocupações desse aspecto do sexo, ou melhor dizendo das conseqüências do experimentar sexo".²¹⁷

Embora na virada do século XIX para o XX, algumas mulheres americanas defendessem, publicamente, o controle da natalidade, os médicos não desejavam participar desse movimento. A idéia moralista, aparentemente, era distanciar a concepção da sexualidade. Contudo, é bem verdade que, na América do Norte, ocorreu um decréscimo dos nascimentos, nas famílias dos médicos, a partir da criação dos novos métodos anticoncepcionais. No entanto, a educação americana dos oitocentos perdurava nas primeiras décadas dos novecentos, visando preparar a mulher para aceitar os filhos, fruto da sexualidade no casamento.²¹⁸ Poder-se-ia pensar que essa realidade se estendia para as mulheres brasileiras, pelo menos no que se refere à amostra desse período em estudo. Sara e Lina²¹⁹ revelam que usavam seus próprios métodos anticoncepcionais: lavagem vaginal e "tabela".²²⁰ Socorro diz nunca ter evitado e nem mesmo saber se tinha noção de que sexo trazia como conseqüência um filho. Branca teve sua primeira gravidez ainda virgem, dois anos após o matrimônio. Fátima com as mortes dos dois bebês, ainda recém-nascidos, temerosa convenceu o médico a fazer laqueadura. Como o médico de Fátima, talvez muitos outros orientassem suas pacientes sobre higiene, concepção e saúde, além de respeitar seus medos e ou traumas.

²¹⁷DIMEN, Muriel. Poder, sexualidade e intimidade. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (Org.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1997. p.53.

²¹⁸MCLAREN, Angus. **A history of contraception**: from antiquity to the present day. Oxford and Cambridge/US: Blackwell, 1990. p.192-196.

²¹⁹SARA, entrevista n.9 e LINA, entrevista n.11.

²²⁰Método Ogino-Knaut (MCLAREN, op. cit., p.192-196).

Mas, se as mulheres sabiam ou não sobre concepção e as formas de evitá-la, esse não era o desejo da Igreja católica, que julgava o amor conjugal como um ato de dever que visava à procriação e uma alternativa à lascívia que poderia "tentar" o homem fora do lar.²²¹ A prostituição era encarada como um "mal" necessário, exatamente porque a necessidade sexual masculina devia ser apenas suportada pelas mulheres para a procriação – no matrimônio.²²² Contudo, de acordo com a análise proposta por Scott,²²³ os símbolos presentes numa dada cultura falam sobre as contingências e as regras de controle social. Então, há necessidade de o historiador estar atento ao seus significados. Branca recordou que o namoro só podia ser através da "janela". Nesta situação fica clara a distância física – portanto sexual – que os jovens deviam manter um do outro, para as jovens "sérias". Contudo, Branca, mesmo sendo solteira, podia e atendia a mãe e a irmã nos partos. O esforço conjunto das instituições sociais era para que realmente essas moças acreditassem que o sexo, se não era ruim, era pecado, portanto devia ser evitado.²²⁴

No entanto, o que se vê neste estudo é que algumas dessas mulheres entendiam ser prazerosa a relação sexual. Socorro conta que só suportou as bebedeiras do marido porque ele foi um "bom namorado". Perguntada sobre o que era ser um bom namorado, ela ri e responde: "aquelas coisas, sabe? (...) era bom com ele, nunca mais foi bom como foi no começo (...) mesmo bebendo ele continuava a ser bom, carinhoso..."²²⁵

A concepção de Sara no início do casamento é que sexo podia ser algo bom, apesar de gerar culpa. Lina comenta que era divertido. E para Branca? Com o

²²¹PRIORE, Mary Del. O corpo feminino e o amor. In: D'INCAO, Maria Angela (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. p.33.

²²²RAGO, **Os prazeres...**, op. cit., p.129.

²²³SCOTT, **Gênero...**, op. cit.

²²⁴BORDO, op. cit, p.20.

²²⁵SOCORRO, entrevista n.13.

segundo marido, foi mais do que bom. Diz ter vivido "aquilo" de forma prazerosa: "Só muito tempo depois é que eu... aproveitei a vida. Só depois eu fui sentir isso... do sexo bom."²²⁶

Apesar da educação repressiva, mesmo usando uma linguagem camuflada, conseguem revelar sobre seus prazeres sexuais – o sexo bom. Para Zeldin,²²⁷ "o sexo é o milagre que faz com que os seres humanos, normalmente atemorizados em relação aos estranhos, se sintam atraídos para alguns deles". E, realmente, na memória de algumas delas o que mais sentem falta é do aconchego. Socorro revela: "Ele era muito carinhoso, me adulava, brincava, e era um bom namorado..."²²⁸ Na sua memória o sexo "bom" era aquele que estava ligado à parceria, ao carinho, e não somente para a procriação. Mas, em geral, relacionado ao casamento – aqui entendido como uma relação estável, independentemente de uma sacralização, legal ou religiosa.

Essas lembranças se misturam às suas concepções mais atuais sobre educação sexual. Heide²²⁹ diz que percebe que a forma como ela e a irmã foram criadas é semelhante como foi criada sua sobrinha mais velha, muito rígida. Porém, difere muito do modo como a cunhada criou a sobrinha mais jovem: liberal demais, e da qual ela discorda. Lina²³⁰ revela sentir vergonha, até hoje, de fazer exame preventivo de câncer. Branca mostra ainda compartilhar com as regras do pai: "...quem tem filha mulher tem que cuidar! E, acrescenta: Graças a Deus eu só tive filho homem!"²³¹

²²⁶SARA, entrevista n.9; LINA, entrevista n.11; e BRANCA, entrevista n.12.

²²⁷ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.93.

²²⁸SOCORRO, entrevista n.13.

²²⁹HEIDE, entrevista n.2.

²³⁰SARA, entrevista n.9.

²³¹BRANCA, entrevista n.12.

Percebe-se, assim, que há uma permanência das regras mais tradicionais sobre sexualidade, que elas mesmas criticaram como rígidas. Essa permanência também é mantida por Socorro.²³² A moça que gozou a vida sem culpas, ficou viúva e teve novos namorados, "...mas só para aquilo, sabe?" Nem sonha em se casar de novo; entre as seis, é a única que (ainda) desvincula sexo de casamento. Pollak²³³ menciona a importância de se perceber quando o filtro das representações sociais da memória trai as depoentes, e suas lembranças sobre o sexo acabaram, hoje, sendo mais "duras" do que, para algumas delas, foram no passado.

Porém, se a moralidade das primeiras décadas do século XX criou uma rigidez que enclausurou as mulheres não só nos lares – como espaço físico – alijando-as dos saberes do mundo, não as impediu de terem tomado conhecimento sobre a possibilidade de terem prazer sexual, como demonstrado por seus relatos, e de terem adentrado à vida pública e do conhecimento, por meio do trabalho.

2.6 TRABALHAR PARA SOBREVIVER

Trabalhar fora era algo que se impôs à maioria das mulheres da geração em estudo, embora o mais indicado era que o fizessem no ambiente doméstico e em profissões dadas como femininas. A política de industrialização de bens de consumo atingira a população em sua totalidade, isso abria um mercado de trabalho que possibilitava a existência de mão-de-obra feminina.²³⁴ No entanto, como lembra Venâncio²³⁵ o discurso vigente era de proteção à fragilidade e à moral feminina, mas o que se pretendia era a defesa dos conceitos preestabelecidos de que o trabalho

²³²SOCORRO, entrevista n.13.

²³³POLLAK, Memória, esquecimento..., op. cit.

²³⁴BOSCHILIA, Roseli. **Condições de vida e trabalho: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)**. Curitiba, 1996. Dissertação (Mestrado) - DEHIS/UFPR.

²³⁵VENANCIO, Gisele Martins. Lugar de mulher é... na fábrica: estado e trabalho feminino no Brasil (1910-1934). **História: questões & debates**, Curitiba, n.34, p.186, 2001.

feminino poderia "causar um mal estar social." Assim, era a necessidade que as empurrava para trabalhar, contra o juízo da sociedade: "...O ideal, para uma jovem, é ficar na casa dos pais sem trabalhar. Se precisar, o melhor é que trabalhe permanecendo na casa dos pais, por exemplo, costurando por encomenda. É somente nas camadas mais baixas da escala social que uma jovem vai trabalhar fora: na fábrica, na oficina ou na casa de um particular, como doméstica".²³⁶

Socorro²³⁷ estava nessa categoria. Dona Bela, sua protetora, a empregou como doméstica na própria casa, uma vez que ela mesma dedicava-se à lida de lavadeira e precisava de uma auxiliar. Desse modo, Socorro aprendeu o exercício de um ofício, o que lhe permitiu sustentar marido e criar os filhos. Foi empregada doméstica, lavadeira, cozinheira e por fim faxineira.

De qualquer forma, Prost²³⁸ mostra, como ainda que na Europa, nessa época não havia preocupação com instrução formal dirigida às profissões ditas femininas – com raras exceções como o magistério, artesanato e enfermagem. Portanto, era na observação que se aprendiam e se criavam profissões, aproveitando oportunidades. A formação liberal, como medicina, odontologia, direito e outros tantos trabalhos autônomos, só era possível às pessoas com condições sociais privilegiadas. Outros ramos profissionais não alcançavam, porém, valorização social.

Dentro do que era aceito, e incentivado, Lina exerceu a função de enfermeira – no seu prédio, com seus vizinhos e familiares –, mas não se via como tal, apenas descreveu suas ações. Pelo seu relato, possuía jeito para cuidadora, tal como sua mãe, uma parteira. Intitula-se tricoteira, ofício menos valorizado, de menor *status* que o de enfermeira, que era uma das profissões recomendadas às jovens do

²³⁶PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado: o trabalho. In: PROST, A.; VICENT, Gérard. **História da vida privada - 5**: da primeira guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.21-22. A realidade europeia se replica no Brasil, aqui também, por esse período, ainda não se dava importância ao preparo específico das mulheres para a profissão.

²³⁷SOCORRO, entrevista n.13.

²³⁸PROST, op. cit., p.265.

início do século, por se entender que exigia atributos próprios de "um cuidar maternal".²³⁹ Ela se sustentou desde cedo e ainda assim continuou a obedecer aos preceitos da época, pois além de cuidar de doentes, no prédio em que morava, fazia tricô, crochê e bordava enxovais, em casa. Ambas as suas atividades profissionais eram, portanto, passíveis de funcionar em horários independentes e, além disso, conciliáveis com as atividades domésticas. No caso dela, talvez, um dado particular, do presente,²⁴⁰ possa ser explicativo de sua auto-intitulação de tricoteira e menos valorização de sua outra função: a enfermagem. Atualmente ela está exportando seu trabalho para a Europa, via uma cliente antiga. Talvez por essa interferência, da inversão dos valores profissionais: atualmente é "maior" ser um exportador de tricô para a Europa do que cuidar de enfermos. Nesse sentido, é possível que, hoje, ela se intitule tricoteira e no passado se denominasse enfermeira (mesmo sendo uma atendente prática). Isto parece confirmar o exposto por Pollak, quando afirma que o momento presente influencia aquilo que se recorda e que neste processo a identidade se constitui.²⁴¹

Por outro lado, Branca,²⁴² além de trabalhar na pequena fábrica de sua família, mencionou, de passagem, que trabalhou por um curto período numa fábrica de fitas. Apesar da disseminação da mão-de-obra feminina no meio do trabalho, ser operária em fábricas era outra profissão aceitável para moças que vinham de categorias de baixa renda. No entanto, tal fábrica, como as outras que empregavam mulheres, tinha entre as suas maiores dificuldades a rotatividade das operárias "...na medida em que treinava as moças para o difícil trabalho no tear ou no urdimento, mas

²³⁹CONSELHOS sociais. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, n.46, p.39, 1949.

²⁴⁰PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **Historia Oral**, (Revista da Associação Brasileira de História Oral), São Paulo, n.3, p.122, 2000.

²⁴¹POLLAK, Memória e identidade..., op. cit.

²⁴²BRANCA, entrevista n.12.

essas permaneciam, em sua maioria, pouco tempo na fábrica, dos seus quatorze anos até o casamento, o que ocorria, normalmente, por volta dos vinte anos..."²⁴³

É interessante notar que a relação com o trabalho, para a grande maioria dessas mulheres, ocorreu por força das contingências financeiras, de literalmente ganhar a vida e obter "o pão de cada dia"; portanto, fruto de necessidade. Trabalhar fora de casa ocorria, então, como algo provisório. Não era planejado, e muito menos desejado, para o resto da vida. Não raro servia para aumentar a renda familiar ou "produzir a confecção do enxoval para o casamento quando o orçamento paterno não estava em condições de fazê-lo."²⁴⁴ Não parecia muito feminino exercer trabalhos pesados. De acordo com o estudo feito por Boschilia, às mulheres daquela época era difícil admitir que trabalhavam fora, mas sabiam produzir sua subsistência e em grande parte das vezes a de toda família.²⁴⁵

Branca,²⁴⁶ que costurava sob encomenda na casa e fábrica de seu pai, teve sua iniciação como operária devido às contingências materiais de sua vida, mas também por ela ter aproveitado as oportunidades que apareceram. Ao perceber que só dependia dela resolver a situação de penúria em que vivia, induziu o primeiro marido a comprar uma máquina de costurar couro e aprendeu o trabalho que lhe permitiu sobreviver. E a moça parecia saber exatamente o que queria e precisava, pois enfrentou o pai e o impediu de vender seu "instrumento" de trabalho – a máquina de costura. Depois, foi "à luta" e conseguiu encomendas de costura em outras fábricas. A jovem pequeno-burguesa –falando e lendo em francês –, ao que parece, havia se transformado em uma mulher adulta e profissional, por força de suas vivências. O

²⁴³OLIVEIRA JR., Walfrido Soares de. **Fábrica de fitas Venske** - Curitiba (1907-1980): estudo de caso de uma organização fabril. Projeto de pesquisa para mestrado em história do Brasil. Curitiba: DEHIS/UFPR, 1988. p.1.

²⁴⁴TENFELDE, K. História das empregadas domésticas. **História: questões & debates**, Curitiba, v.7, n.12, jun. 1986. p.22.

²⁴⁵BOSCHILIA, op. cit., p.2 e 56.

²⁴⁶BRANCA, entrevista n.12.

mesmo ocorreu para suas contemporâneas, por isto se pode imaginar que trabalhar pudesse ser comum para as outras mulheres deste período (1936/1950).

Já, Fátima²⁴⁷ seguiu o esquema desejado pela sociedade. Iniciou curso de preparação para vir a ser professora primária, mas depois de noiva desistiu de estudar. A única atividade que exerceu fora de casa foi o assistencialismo social.

Sara²⁴⁸ – a mais jovem deste grupo – foi exceção, uma vez que nunca precisou do dinheiro de seu trabalho para sobreviver. Seu pai e, depois, o marido eram suficientes para garantir sua subsistência. Já casada e com filhos, fez curso superior e foi a única a ter perseguido um ideal. Sabia desde criança que queria ser professora e lutou para conseguir seu objetivo, pois para ela dar aula era realização pessoal. Talvez ela intuisse²⁴⁹ que o estudo poderia lhe abrir a porta do mundo da independência, para além do olhar das regras paternas.

Em contrapartida, parece ser recorrente entre as mulheres dessa geração deixar de perceber e ou atribuir valor a seus trabalhos.²⁵⁰ Apesar de o Estado criar toda uma legislação que pretendia proteger as mulheres trabalhadoras, essas leis permitiam que se perpetuassem a idéia – trazidas e mantidas por outras instituições: Igreja e medicina – de que o trabalho devia ser algo secundário na vida das mulheres.²⁵¹

Mas, as vivências no trabalho acabaram por gerar, para todas elas, boas experiências, em várias instâncias além das do profissional. Socorro²⁵² recorda seus padrões como pessoas amigas, sempre a protegê-la, como uma espécie de família. Quando, em um ir e vir do passado ao presente, refere-se a eles e afirma que mais

²⁴⁷FÁTIMA, entrevista n.1.

²⁴⁸SARA, entrevista n.9.

²⁴⁹O conceito de intuição entendido como a possibilidade de perceber sinais do ambiente que indicam como agir, embora não se tenha consciência disto (DELITTY, O uso..., op. cit.).

²⁵⁰BOCHILIA, op. cit., p.2 e 56.

²⁵¹VENANCIO, op. cit., p.177.

²⁵²SOCORRO, entrevista n.13.

que seus filhos são, em verdade, os familiares desses antigos patrões que a auxiliam, ainda hoje, com remédios, feira e até idas ao médico. Sobre uma antiga patroa informa: "...até hoje é minha 'mãezona', me dá remédio, me leva para o hospital, me chama de 'pronto-socorro' (...) o marido dela é que me fez os documentos, nem isso eu tinha". Mas o que transparece no seu relato é que não se trata de uma relação unidirecional, pois se recebe a proteção desses antigos patrões, ela retribui com a confiança que esses depositam na competência do seu trabalho e na afetividade que devota a eles. Não há desamparo ou inferioridade aí, mas troca de sentimentos de pertencimento de ambos os lados, percebidos na preocupação dos empregadores com seu bem-estar mesmo agora que ela não pode mais "trabalhar".²⁵³

É um relato semelhante ao de Lina,²⁵⁴ que manteve uma clientela fiel aos seus serviços – alguns há mais de cinquenta anos –, tanto de tricô e crochê como de seus cuidados de atendente de enfermagem. Clientes que durante a doença do marido lhe levavam palavras de alento, mas também a ajudavam com dinheiro, comida e remédios.

Talvez ocorresse, nessas circunstâncias, uma espécie de "...patrocinato, ou seja, a proteção de alguém (...) numa permuta de favores nas relações de trabalho",²⁵⁵ um tipo de troca que poderia ser a explicação do porquê essas duas mulheres terem sido protegidas. Elas estiveram disponíveis, continuamente, aos seus empregadores. Estas são formas de sociabilidade presentes nas relações de trabalho que parecem tornar mais aceitável sua prática. Boschilia²⁵⁶ encontrou situação semelhante nas relações patrão-empregado em seu estudo que parecem

²⁵³CASEY, op. cit., p.28.

²⁵⁴LINA, entrevista n.11.

²⁵⁵ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Alfanumérico, 1995. p.167.

²⁵⁶BOCHILIA, op. cit., p.50-56.

replicar a situação de "protecionismo" típico do patriarcalismo da política de Vargas, que perdurou durante este período (1936/1950).

Ao trabalhar – dentro ou fora de casa –, os deveres domésticos, em geral, ficavam por conta do grupo feminino, mães ou filhas, que passaram a acumular, desse modo, a "dupla jornada" de trabalho.²⁵⁷ Com Branca,²⁵⁸ a mãe do segundo marido possibilitou-lhe trabalhar, pois cuidou das crianças e da casa, o que lhe permitia ser profissional, companheira do marido, além de mãe presente junto aos filhos, na afetividade.

Uma "sociedade" coesa essa do universo feminino, que permitiu que algumas adentrassem ao mundo do trabalho extracasa e não sofressem tanto a culpa de não darem conta do trabalho intra-casa.²⁵⁹ É como se essa "irmandade", de alguma forma, se protegesse das críticas que, querendo ou não, adinham desta escolha. Na fala delas não aparece qualquer consciência sobre esse modo de se protegerem da cobrança social. Tal silêncio pode tanto significar desconhecimento real como uma forma de seletividade da memória, como as descritas por Pollak,²⁶⁰ "onde nem tudo fica registrado". Afinal, elas, sutilmente, conseguiram romper com o "não-trabalhar fora", criando um "fora" que era "dentro" de casa.

Também se poderia dizer que a percepção, que é seletiva, numa tentativa de "negociação" entre a memória coletiva e a individual²⁶¹ não trouxesse à lembrança estas circunstâncias. Mas, nem todas tiveram ajuda. Lina²⁶² se "virava em

²⁵⁷RODRIGUES, Aracy Martins. Lugar e imagem da mulher na Indústria. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

²⁵⁸BRANCA, entrevista n.12.

²⁵⁹ROCHA-COUTINHO, op. cit.

²⁶⁰POLLAK, Memória e identidade..., op. cit., p.202.

²⁶¹POLLAK, Memória, esquecimento..., op. cit., p.3-4.

²⁶²LINA, entrevista n.11.

mil", dava conta sozinha de cuidar da mãe doente; de limpar, lavar e cozinhar; o que ela só conseguia porque seu serviço profissional era dentro de casa ou, no máximo, no próprio prédio onde morava. Em suas lembranças não se queixa disso, e se vangloria do fato de dar conta de tudo. Parece julgar ser feliz por ter conseguido.

Naquele período, os papéis masculinos e femininos, estipulados pelo social, estavam em processo de mutação. Como aponta Trindade, o ambiente propiciava o rompimento das fronteiras entre as esferas do feminino e do masculino.²⁶³ E o trabalho era uma das variáveis que possibilitavam essa mudança. Mas Branca²⁶⁴ parece não perceber durante sua narrativa que ela – como a própria mãe – tinha invertido as funções femininas ainda esperadas para a época. Porém, diferentemente da genitora e à semelhança do que relata Davis²⁶⁵ para as mulheres por ela analisadas, conseguiu fazê-lo respeitando as regras da moralidade propostas pela sociedade. No relato de Lina,²⁶⁶ também a cumplicidade que existia entre seus pais não era afetada pelo fato de a mãe ser a maior provedora da casa.

Evidentemente esses casos, somados ao de Socorro, são exceções às regras então vigentes. Se o chefe, o trabalhador da casa deveria ser o homem, sob pena do julgamento social, nem todas seguiram o padrão preestabelecido e pregado como o ideal. No entre-guerras e logo após a Segunda Grande Guerra, prevalecia a premissa de que as mulheres, ainda que em pé de igualdade, ou mesmo soberanas na capacidade de prover o lar, "...encontravam-se sob sujeição econômica ao homem, no que tangia aos direitos civis e sociais."²⁶⁷ No entanto, a amostra deste trabalho revela uma sociedade diferente dessa: as mulheres aqui entrevistadas – todas, com

²⁶³TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Espaço urbano e cidadania feminina no Paraná na virada do século. **História: questões & debates**, Curitiba, ano 16, n.30, p.67, jan./jun. 1999.

²⁶⁴BRANCA, entrevista n.12.

²⁶⁵DAVIS, op. cit.

²⁶⁶LINA, entrevista n.11.

²⁶⁷RONCAGLIO, op. cit., p.28.

exceção de Fátima – trabalharam fora. Branca²⁶⁸ é um excelente exemplo desse fato. De uma forma sutil foi se afirmando e conseguindo se independe e o trabalho, para ela, era o instrumento de obtenção da tão desejada liberdade.

Porém, outra questão que atingia a capacidade de trabalho das mulheres eram os discursos médicos e religiosos que se levantavam contra as mães que deixassem de exercer seus deveres em tempo integral. A classe médica pregava que "qualquer atividade feminina que não fosse a de mãe e esposa, deveria ser subalterna, acessória e desviante".²⁶⁹ Numa análise sobre os usineiros do Nordeste, no início do século XX, Albuquerque²⁷⁰ aponta para esse medo dos que estavam no poder, diante da possibilidade de vir a ocorrer uma inversão de hierarquias. Muito possivelmente esse mesmo medo estava presente no discurso que protegia a mulher contra o trabalho.

Heide atuava como dona de casa, mas tinha nos cuidados com os pais o mesmo trabalho que as outras para com os filhos; talvez até mais por cuidar de pessoas dependentes e adultas. Além disso, era uma obrigação, auto-imposta:

...deixar tudo brilhando; não tinha, então, tempo para si, nem mesmo para dormir: Mas meu pai ficou mais uns quatro anos comigo, era meu nenê da casa... mas a minha casa vivia sempre assim...brilhos... (...) minhas tias diziam: 'como sua casa vive limpinha?' eles saiam à uma hora, eu ia cuidar de papai, punha na cama e ia limpar a casa. Às vezes o Doutor Gusso, quatro horas da manhã estava tomando café comigo...²⁷¹

Ao final, a velhice encontrou essas mulheres mais independentes e podendo usufruir o fruto de seu trabalho ou dos ganhos dos pais e ou maridos.

²⁶⁸BRANCA, entrevista n.12.

²⁶⁹MATOS, Maria Izilda Santos de. Em nome do engrandecimento da nação. **Diálogos** (Revista do Departamento de História da UEM), Maringá (PR), v.4, n.4, p.82-83, 2000.

²⁷⁰ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidade de gênero e identidades espaciais no nordeste do começo do século. **História: questões & debates**, Curitiba, n.34, 2001. p.96.

²⁷¹HEIDE, entrevista n.2.

Heide e Sara²⁷² administram imóveis da herança paterna. Elas foram as únicas, neste pequeno grupo de seis pessoas, que se preocuparam em fazer Carteira de Trabalho e se precaver para o porvir, talvez por terem sido as que tiveram acesso a maior instrução formal.

Essas duas mulheres fizeram tal documento e buscaram suas aposentadorias por vontade própria. Já Socorro, que também tem Carteira Profissional e diz sentir orgulho disso, só a fez por insistência do filho caçula e do marido da ex-patroa. Por conta disso recebe uma pequena pensão como doméstica. Lina tem pecúlio de viúva, mas continua a trabalhar e, com o ganho que percebe, sustenta-se e paga a faculdade de uma das netas. Fátima vive dos proventos do marido. E Branca, que trabalhou por mais de quarenta anos, jamais se preocupou com o futuro, nunca teve seu trabalho registrado. Diz estar protegida, apesar de tudo. Vive do dinheiro que o marido lhe garantiu.²⁷³

Aparentemente, para essas mulheres e, pode-se aventurar a pensar que, para outras mulheres deste grupo, em Curitiba, que tenham vivido experiências semelhantes, o trabalho não teve significado maior do que o de lhes dar condições de sobrevivência.

As mulheres da primeira geração apresentadas neste estudo (1936/1950) trazem no seu relato a memória de suas histórias individuais. Mas também, formam, de certo modo, um conjunto de pessoas que vivenciaram um mesmo contexto cultural. Assim, revivem com suas falas não apenas as suas experiências e seus sentimentos como, possivelmente, os de um grupo geracional, apesar das diferenças étnicas, culturais e educacionais que fazem delas indivíduos diversos e únicos.

²⁷²HEIDE, entrevista n.2 e SARA, entrevista n.9.

²⁷³SOCORRO, entrevista n.13; LINA, entrevista n.11; e BRANCA, entrevista n.12.

As normas estabelecidas pela sociedade do que significaria ser mulher ou agir como tal e, portanto, reconhecer qual a conduta que se esperava delas, estavam em processo de transição. No Brasil, porém, ainda vigoravam os preceitos do século anterior, que lhes pediam que esquecessem as próprias necessidades e exercessem suas funções sociais de esposas devotadas e mães cuidadosas, cabendo-lhes serem as responsáveis "...pela administração da casa e pela construção de um lar estruturado e feliz...".²⁷⁴ As lembranças das entrevistadas configuram a aceitação de tais preceitos e revelam de que forma conseguiram adaptar-se a eles, quer por aceitá-los na íntegra, quer por modificá-los, muitas vezes de forma sutil, para atender suas demandas. Cada qual, à sua maneira, trouxe reminiscências, particulares sem dúvida, mas reveladoras de representações sociais comuns que nortearam seu modo de ser mulher.

Dentre os depoimentos obtidos, a grande tônica recaiu sobre as figuras parentais. Pai e mãe exerceram sobre a vida dessas mulheres um grande poder. A expressão jurídica do "pátrio poder" foi e é, para elas, um retrato da realidade. Obedeciam ao que lhes era imposto, embora nem sempre falado. Nesse caso, as regras deviam ser sabidas e vividas, nunca questionadas, e isso acabou por gerar sentimentos tanto em relação aos comportamentos que pudessem ser contrários aos permitidos quanto às pessoas que exerciam controle sobre suas vidas. Uma vez que "...as emoções permitem ao indivíduo atribuir valor bom ou mau às situações, aos objetos e a suas ações",²⁷⁵ e que as que sentiam – como culpa, raiva e vergonha – tinham cunho social negativo, então deveriam ser escondidas, negadas até para elas mesmas. São, no entanto, trazidas e (re)vividas, com intensidade, no ato de lembrar, tanto quanto as de cunho positivo como a saudade, amizade e orgulho.

²⁷⁴TRINDADE, E. M. de C., **Clotildes...**, op. cit., p.42.

²⁷⁵LOBROT, Michel. As emoções permitem atribuir um valor as coisas. In: SCIENCES HUMAINES. **Dossier** - Auxerre/France: Centre National de Lettres, n.68, p.26, Janvier 1997.

Já as relações com o sexo oposto não parecem ter tido a mesma importância que os contatos com a família de origem; o casamento era, simplesmente, uma das etapas de suas vidas. Aqui, também, não havia questionamentos, pelo menos não de modo consciente ou explícito, apenas obedeciam ou pareciam fazê-lo quando isso lhes favoreciam. Para esse grupo geracional, a união ocorria dentro do que era esperado pela sociedade.²⁷⁶ Para muitas, casar apresentava-se como saída para situações difíceis, trazendo consigo a crença em uma felicidade futura. O cônjuge, muitas vezes, assumia o papel daquele que as libertaria do jugo parental; daí o mito romântico. As mulheres dessa geração acreditavam, ou se convenceram disto, que o fato de estarem apaixonadas seria suficiente para resolver qualquer problema.

Contudo, o amor experimentado no início, ao longo das decepções ia, por vezes, se acabando. Mas, a crença na indissolubilidade do matrimônio manteve casadas; a maioria delas para outras, ficar na relação era apenas um arranjo que evitava a solidão ou a desaprovação social. Mas, na narrativa das cinco que foram casadas, permanecia a saudade ou nostalgia de um tempo que julgaram felizes. Claro, isto poderia ser efeito das construções que a passagem do tempo pode fazer com as lembranças.²⁷⁷ Para a solteira sobrou a mágoa de não ter casado, daquilo que ela só pôde conhecer pelo imaginário. A julgar por suas falas, elas realmente incorporaram a imagem de felicidade como sinônimo de casamento – uma vez que este era o que lhes permitia ampliar laços de pertencimento, ao modo delas conseguiram construir a felicidade.

A união carnal, pelo discurso oficial, deveria ser parte das obrigações matrimoniais, e para muitas, existia apenas para reprodução e/ou dar prazer aos maridos,²⁷⁸ pois a religião católica (professada pela maioria das mulheres da

²⁷⁶ANDREAZZA, op. cit., p.149.

²⁷⁷POLLAK, Memória e esquecimento..., op. cit.

²⁷⁸RIBEIRO, Ivete. O amor dos cônjuges. In: D'ÍINCAO, Maria Ângela. (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. p.131.

amostra e também da população brasileira, desse período, 1936/1950 – pregava o sexo como algo escuso e oculto. Porém, a sociedade que vedava a sexualidade, e mesmo a sensualidade, para as mulheres, ao mesmo tempo induzia-as a submeterem-se aos desejos do marido.²⁷⁹ De modo geral, fazer sexo, para elas, continuou sendo um tabu – pois o amor seria "um sentimento grosseiro reservado aos homens e que as mulheres decentes não devem conhecer".²⁸⁰

Apesar dessas restrições, algumas conseguiram vivenciar plenamente sua vida sexual. Para as mulheres da amostra em questão, o sexo foi vivido com prazer. Este foi o caso de Branca, Fátima, Lina, Socorro e Sara; no que tocou a Heide sobrou o desejo do que nunca experimentou, mas relata adivinhar ter perdido tal vivência.²⁸¹

As diretrizes do código social vigente colocavam outras interdições, como, por exemplo, trabalhar fora de casa. As jovens da primeira geração (1936/1950), embora tendo vivido no mesmo período em que as feministas estavam pleiteando por direitos à liberdade de pelo menos serem reconhecidas como cidadãs,²⁸² não conseguiram perceber que isso era um direito e que podia ser exercido, remunerado e respeitado, do mesmo modo que o dos homens. A realidade mostrada por estudos, como o realizado por Boschilia,²⁸³ é de que a maioria das mulheres que trabalhavam fora de casa tinha família, porém permanecia no serviço apenas até o casamento, ou seja, quando mudavam da tutela do pai para a do marido. O progenitor autorizava-as a trabalhar para reforçar o sustento da casa, desde que entregassem todo o salário para a família – quando muito podiam ficar com o suficiente para fazer o enxoval; já quanto ao segundo, estava dado que ou não

²⁷⁹CORBIN, op. cit., p.528-529.

²⁸⁰BEAUVOIR, op. cit., p.176.

²⁸¹BRANCA, entrevista n.12; FÁTIMA, entrevista n.1; LINA, entrevista n.11; SOCORRO, entrevista n.13; SARA; entrevista n.9; e HEIDE, entrevista n.2.

²⁸²RONCAGLIO, op. cit., p.68.

²⁸³BOSCHILIA, op. cit., p.87-89.

trabalhariam fora do lar ou só o fariam até o nascimento do primeiro filho. O que transparecia era a pouca valorização a esse período de suas vidas em que exerceram profissão.

No entanto, nesta amostra, ao contarem sobre suas experiências laborais, externa ou internamente ao lar, elas traíram fortes sentimentos, o que quer dizer que, de alguma forma, nem que fosse durante o lembrar, detiveram um olhar crítico sobre suas vidas e estabeleceram julgamentos sobre a possibilidade de romper com o estabelecido, o que em verdade, foi o que fizeram, uma vez que à exceção de Fátima – que nunca exerceu profissão – e de Branca, que parou de trabalhar quando o marido se aposentou, todas continuaram trabalhando, mesmo na velhice.²⁸⁴ Então, o que se pode supor é que embora a fala do governo, da Igreja (ou dos médicos), fosse de que deveriam ficar em casa e cuidar de filhos e netos, essa geração fez diferente, soube reverter o que delas foi esperado e conquistou um espaço, embora não declarassem, ou até nem percebessem desta forma.

Os parentes fizeram parte constante dessas conquistas, ajudando-as a produzirem as próprias histórias. Descreveram convívios, em que a grande família lhes permitiu resolver inúmeros problemas e, entre esses, o de exercer uma profissão. Era a parentela que as ajudava a cumprir com as tarefas domésticas e os cuidados com a prole.²⁸⁵

Todas elas tiveram uma relação de afeto e cumplicidade com a prole, de modo geral. Porém recordam mais freqüentemente de um filho em especial. Pelo menos, são explicitamente declarados como os preferidos entre todos, ou nomeados um maior número de vezes. Branca recorda do caçula que, junto com o segundo marido, foi "sua salvação e felicidade!"²⁸⁶ Para Socorro, também o caçula era o

²⁸⁴FÁTIMA, entrevista n.1 e BRANCA, entrevista n.12.

²⁸⁵CASEY, op. cit., p.347.

²⁸⁶BRANCA, entrevista n.12.

preferido, confidente e amigo. Para Sara, a preferência recaiu na filha. Fátima fala com orgulho na filha funcionária pública que passou em primeiro lugar no vestibular já com os filhos crescidos. Lina também tem filha, mas seu cúmplice e amigo é o filho mais velho. Para Heide, seu "filho do coração" – apesar de ter ajudado a criar aos dois sobrinhos – foi o rapaz.²⁸⁷ Então, os filhos destas mulheres – a próxima geração –, foram assimilando uma prática desconhecida ou pouco usada até então entre pais e filhos, o diálogo. O que implicou mudanças sociais para as gerações.

Para cada uma dessas mulheres a ênfase dada, durante o relato, ficou em um dos itens abordados nas entrevistas: a relação com os genitores, o casamento, sexo, trabalho, convivência com os parentes. Porém, para todo o grupo, o poder paterno foi a tônica que permaneceu ao longo da vida, sendo eles, e outras figuras de autoridade, que acabaram por determinar suas escolhas e a tomada de atitudes, o que produziu histórias nem sempre afortunadas.

Se houve permanência de crenças da juventude, que não se apagaram com a passagem do tempo, também é verdade que aconteceram transformações na sua maneira de ver o mundo e nele agir. A identidade destas mulheres, mostrada por suas memórias, aparece como algo em contínua transformação.²⁸⁸ E os valores juvenis, mesmo que tenham, ou não, sido contestados na época, ao permanecerem dão segurança e referência de pertencimento a um contexto. No caso: "naquele tempo as coisas eram..."²⁸⁹ como eram, mas à luz das lembranças essas tomam novo sentido no presente. Ao dar as entrevistas, elas tiveram contato com parte do seu todo. Puderam reconstruir seu "eu" e com isso se tornaram, de novo, atores (ou autoras) de suas próprias histórias e – por que não? – da história de sua comunidade.

²⁸⁷HEIDE, entrevista n.2.

²⁸⁸POLLAK, Memória e identidade..., op. cit.

²⁸⁹FÁTIMA, entrevista n.1;SARA, entrevista n.9; BRANCA entrevista n.12;e SOCORRO, entrevista n.13.

VINTE ANOS DEPOIS



RAQUEL. *Revista Claudia*. São Paulo: Abril, ano V, n.41, capa, fev. 1964. (Acervo da Biblioteca Pública do Paraná)

CAPÍTULO 3

VINTE ANOS DEPOIS

3.1 RELATO DE VIDA: **RAQUEL**

Ela abre a porta; magra, elegante, parece uma menina. Elétrica e agitada, recebe a entrevistadora, falando sem parar sobre a liberdade de estar solteira e poder dar uma entrevista em pleno sábado à tarde. Oferece cafezinho e traz uma bandeja, muito bem decorada. Enquanto serve o café, afirma: "O casamento é ruim, é um aborto da adolescência. Pula uma fase da vida."²⁹⁰ depois se ajeita numa almofada, no chão, acende um cigarro e declara que "...dá medo lembrar", mesmo antes de ser ligado o gravador. É interrompida para que o aparelho seja acionado e recomeça a trazer suas lembranças.

Ao ser perguntado seu nome, dispara, num fôlego só, uma informação padrão: "Raquel de...49 anos, divorciada, três filhos e um neto." É como se tivesse aprendido, de alguma forma, a seqüenciar os dados que ela julga serem importantes. Entrecorta as informações sobre sua vida com idas e vindas ao instante da entrevista, revelando como hoje pensa e sente sobre aquilo que recorda. A maior parte das referências ao seu ontem fica concentrada na memória de suas relações com o ex-marido e com uma outra relação afetiva – com aquele que foi a grande paixão de sua vida.

Conta ter nascido em Curitiba e estudado sempre no mesmo colégio de freiras – fato importante naquela época, segundo ela. Apesar de não gostar, não existia possibilidade de mudança. Justifica-se dizendo: "eu não tinha índole de me revoltar". Falando ainda de seus estudos, conta que parou no segundo ano do magistério, para casar.

Quanto à sua família, relata que foi a quinta em uma prole de oito irmãos. Diz ter se sentido sempre: "...meio solta... Nessa cadeia de filhos eu não tinha par". Talvez esse sentimento de solidão tenha colaborado para o que designa como "...adolescência abortada pelo casamento precoce".

²⁹⁰RAQUEL, coordenadora de eventos, 49 anos. Entrevista n.3. Todas as falas deste relato foram extraídas desta entrevista.

Recorda algumas passagens de sua vida, que sugerem uma educação repressora:

Não é uma fase boa para lembrar. Não gosto dela. Era uma adolescência reprimida, muito dentro de casa, muito diferente das minhas amigas que saíam, iam a festinhas próprias de minha geração. Eu não podia dormir em casa de amigas, não ia a matinês... Então eu achava ter menos da vida. (...) Festas só com pai e mãe juntos, sentados à mesa. (...) No meu tempo não se podia ter amigos homens, e... lembro um episódio em que minha mãe me viu conversando com um amigo no portão de casa; fiquei um mês de castigo. Isso domingo ao meio-dia. (...) Não era nenhum absurdo o que meus pais faziam, eles como pais, tinham todo direito de fazer o que eles julgavam que era o melhor para mim, esse era o conceito.

A observação sobre "não ser nenhum absurdo" vem de roldão, no meio da fala, como se fosse uma questão há muito aceita. Relata que, aos 15 anos, julgava-se a "patinho feio da escola". Ao receber o convite de um aluno de seu pai – que era médico e professor de universidade – para dançar a valsa dos formandos, sentiu-se envaidecida e aceitou. E, este rapaz tornou-se, depois, seu marido:

Então, meu ex-marido era mais compatível de geração com minhas irmãs mais velhas (...) de repente aquele homem treze anos mais velho, é o mito do 'príncipe encantado'. (...) com uma situação financeira estabelecida e pega aquela...mocinha muito virgem, por completo, virgem de cabeça, não só fisicamente. Pega essa moça e a envolve em sedução. Hoje eu percebo que eu não poderia jamais ter resistido a essa sedução, eu não tinha como, eu não tinha armas... [justifica-se].

Começou o namoro e "...conheci em dezembro e em maio ele quis ficar noivo, e eu me assustei com isso e eu falei que não". Rompeu-se então a relação. Segundo conta, os pais não aceitaram o rompimento, castigando-a na pouca liberdade que possuía. Não podia nem mesmo ir à missa ou à aula de piano.

Indagada sobre a possibilidade de reagir à situação, Raquel sorri e confia que no seu repertório não existia a possibilidade de reagir contra a vontade dos pais. Mostra-se de acordo com o que chama de "...o valor educacional de sua época", trazendo um diálogo que teve com sua mãe quando lhe revelou que gostaria de vir a ser jornalista: "A reação teria sido menor se eu tivesse dito que iria ser prostituta, minha mãe disse:...'Filha minha não faz este tipo de faculdade!'...". Relata que não tinha proximidade com a mãe, muito rígida, mas que seu pai era seu herói.

Retorna ao assunto do casamento. Não resistindo ao castigo paterno, à pressão das amigas – deslumbradas com o rapaz – e tudo somado ao jogo de

sedução que ele montou com a permissão dos pais, cedeu finalmente e passou a viver o que descreve como "seus cinco minutos de estrela". O ex-namorado, pretendente a noivo, começou a ser seu "passaporte" para uma vida que não conhecia: sair à noite, ir a shows, jantar fora, passear, dançar... Como poderia se opor – comenta – com os pais dando aval a tudo isso? Em seis meses estava casada e começou a "brincar de casinha..."

Questionada sobre se havia amor na decisão de casar, suspira e diz que naquele tempo acreditava que sim. Porém, hoje sabe – graças à terapia, que ainda faz – que não foi amor. Apenas uma decisão de menina protegida do mundo. Recorda também como sua mãe a mantinha afastada da opinião de outras pessoas – como a de suas tias. Esse isolamento parece remetê-la ao sentir-se ainda mais sozinha, logo após o casamento. Quando se deparou com a vida de casada, afastou-se de suas amigas solteiras. Então fez aliança com as mulheres da família do marido, tão jovens como ela mesma, que eram ainda mais submissas e acreditavam que Raquel era liberada, adiantada para o seu tempo, pois usava calça comprida e dirigia o próprio carro.

Fato em que também acreditava. Porém, no meio dessa recordação, parece se dar conta de que: "...certos dramas são universais, certos abortos são universais. E, esse aborto de nossa adolescência talvez fosse o que fez a gente ser amiga".

Na sua lembrança paira a sensação de um certo bem-estar no casamento, mas "...faltava algo, faltava um marido". Naquele tempo – diz – ela não sabia disso, estava preenchida: "...preenchi, nós mulheres somos muito felizes porque nós temos o afeto". Em verdade, o que havia era um homem que a criticava pela falta de habilidades na vida. Raquel o questionou sobre o porquê tinha se casado com ela, já que a desvalorizava tanto, o ex-marido respondeu: "...!Ah! Eu pensei que você ia ser mais maleável, você poderia ser a mulher que eu poderia moldar...!".

Mesmo insatisfeita, foi levando esse casamento, fazendo o que chamou de: "...roteiro básico de casar, ter filhos". Durou 17 anos e não foi um período de sofrimento, apenas uma época em que se enterrou e se omitiu. Experimentou um anestesiamiento dos seus desejos e sonhos de menina. Proclama enfaticamente: "...vivi num limbo!"

No início do casamento, todo mês era um estresse com sua menstruação, porque a família do marido "...queria que ela engravidasse já no primeiro mês". Aí, finalmente a notícia que engravidara: "Mãe! Foi meu primeiro choque com a realidade. Eu vi que eu não tinha esse talento, mas eu já tinha esse filho, então vamos cuidar dessa criança. Poderia ter sido mãe melhor?"

Ela responde à própria questão com uma justificativa de que, por ser tão jovem, foi uma mãe incoseqüente. Faz uma pausa em meio à fala, suspira e parece estar recordando, então diz: "...sem saber, eu estava sendo machista... eu acho que nós mulheres ainda somos as grandes disseminadoras do machismo, através de nossos filhos". Recorda o orgulho que sentiu, na época, por ter dado à luz um filho homem: "Então eu estava cumprindo com o meu papel, dentro da família do marido. Mãe de um filho homem!"

Estampa um sorriso de ternura e relembra que sempre se deu bem com a família dele, "...até hoje!" Apenas com relação ao casamento é que não foi tão bem assim: "...e a minha vida com ele... não sei... acho que existe uma amnésia benfazeja, que faz com que eu não lembre muito".

Do período de noivado recorda a sua iniciação aos prazeres do contato físico com o noivo, sendo associados à repressão do pai: "...Tem uma passagem ridícula, mas esclarecedora: uma vez meu pai me pegou dando um beijo mais denso nele". Afirma que na hora este não falou nada, mas... "depois fui saber que teve uma conversa com meu noivo, dizendo que certas intimidades só ficavam bem depois do casamento". Razão, talvez, da introjeção de uma regra segundo a qual a intimidade só poderia acontecer com o casamento.

Questiona, então, essa moralidade que prega o sexo só após o casar "...porque o padre e ou o juiz disse que você está casada, então pode". Relembra sua noite de núpcias, em meio a gargalhadas:

...saí do quarto me achando a *Rita Haywood*. Com um *lingerie* lindo... achei que aquilo seria fácil. Minha educação sexual não existiu, só na escola, sobre *modess* e reprodução. As mocinhas de minha geração não tinham o alcance de uma intimidade (...) nós éramos muito puras. Nós nem sabíamos o que era tesão. Como a gente era ignorante

Com o passar do tempo, conversou com o marido sobre a questão de não ter prazer sexual e a resposta dele foi uma pérola do pensamento masculino: "...como homem e como médico eu vou te dizer – não se preocupe! 95% das mulheres são frígidas.'..." Depois, faz um ar de quem avalia sua história e acrescenta:

...Parece que estou contando uma coisa que aconteceu há duzentos anos atrás. Não! É uma coisa recente, de trinta anos atrás. Ele é daquela geração: 'Deus me livre mulher ter prazer, as que têm prazer não são esposas'.

Ao lembrar esse episódio, acende mais um cigarro e faz uma reflexão sobre as mulheres de seu tempo, dizendo acreditar que para sua geração não estava dado que também poderiam ter prazer, ou mesmo trair o marido.

Além disso, menciona que o esposo era extremamente ciumento, "...como se soubesse que a hora que a verdadeira Raquel viesse à tona" seria difícil segurá-la nesse casamento. Sentia-se protegida e acomodada, pois conseguia manipulá-lo em coisas simples, deixando as importantes para sua tutela, pois, como única fonte provedora, ele tinha direito de "vida e de morte" sobre ela. E descreve-se como ingênua, uma vez que nem lhe ocorria guardar dinheiro para poder se separar.

Declara que: "...ele percebeu que havia dentro de mim uma outra Raquel!"

Hoje eu vejo que era esse medo dele de que eu dissesse: agora chega! Mas fui levando, era madame, não sabia fazer cheque, nem sabia quanto ele ganhava por mês. Aí, mulher que não é sócia no casamento também não é sócia na separação!

Quando Raquel tinha 34 anos o marido lhe deu o que ela qualificou de presente. Forneceu a justificativa que a sociedade – sobretudo seus pais – iria aceitar para apoiar a separação: "...dei meu grito de liberdade!". Os indícios de traições constantes eram visíveis para qualquer um, mas ela:

...eu não quis ver esses indícios ou ele não queria me mostrar também...Tava ótimo assim, (...), mas quando isso estourou dentro de minha casa, eu vi a porta para sair! Eu vinha me distanciando. O ser humano, dentro de si, é muito sábio! Você vai se preparando para uma grande mudança, sem saber que tipo de mudança. Hoje eu vejo que fui me preparando, fui me distanciando dele.

O seu comentário sobre as traições do marido vem num tom de voz que mostra que isso não parecia ser importante o suficiente para tirá-la de sua posição comodista.

A atitude dele, ao se envolver com a empregada doméstica dentro de casa, e ainda por cima propor a iniciação sexual do filho adolescente em cumplicidade com sua "traição", foi o auge do que ela poderia suportar. No ato de contar os olhos marejam, e esclarece:

...Eu jamais tomaria a resolução de me separar sem ele me dar de presente o motivo. (...) foi um estresse, um horror, ele não queria, negava. Aí eu armei, foi a única vez que eu consegui planejar...sou muito transparente. Chamei a moça...o que eu ouvi me bastou. Acabou o casamento! Eu já tinha feito o processo de separar emocionalmente, já há dois anos estava pronta.

Na fase logo após a quebra do casamento, o mais difícil, na sua percepção, "...foi abrir mão da proteção masculina". Confessa que ainda não

abriu mão totalmente. Sentiu pena dele, pois se ela teve de perder a condição de madame, ele teve que perder o domínio da posse, "...da propriedade que ela representava".

Ao falar da separação mostra um certo orgulho por ter conseguido levar a empreitada com tranquilidade, nunca tendo usado os filhos como "...moeda de troca' na separação. (...) ao contrário, achava ótimo quando ele pegava as crianças nos fins de semana..."

Seus filhos, dois meninos e uma garota, foram criados repetindo um pouco o modelo de sua mãe, em bons colégios e sendo cobrados no desempenho escolar. Confidencia que teve orgulho de ter tido filhos homens, como parte do que era esperado pela família dele, mas seu grande presente foi a menina:

...sim, porque eu sempre quis ter uma filha mulher. Tanto que quando ela nasceu, a sensação foi de plenitude; eu tinha dois meninos saudáveis, bonitos, inteligentes e aí tinha a filha que eu sempre quis e que meu marido não queria. Eu quis.

Raquel rememora aquela época como um bom momento, pois pôde descobrir a mulher que existia dentro de si. Era uma mulher de 34 anos, com três filhos, e emocionalmente adolescente:

Vi que eu podia ser desejável. (...) Pude ver que mulher eu podia ser junto com outros homens. Muita conversa, muito bate-papo, muita sedução pela palavra. Descobri esse talento de seduzir pela mente primeiro, aí vem o corpo como consequência. Esse poder que nós temos... adoro ser mulher.

Uma de suas irmãs também estava separada nessa época e as duas se uniram na descoberta tardia da adolescência: eu descobri que podia conversar com um homem. Não era nem a liberdade de poder transar. Era poder sentar e conversar.

Rindo muito, mas explicitando em sua fala de hoje, que tudo – ontem – foi recheado de culpa e medo, lembra de sua primeira vez num motel:

...coitado daquele homem deve estar traumatizado até hoje, porque eu morria de medo, eu não sabia que tinha barulho no corredor, eu achava que era minha família que estava chegando, eu tinha a impressão que estavam todos lá: 'Olha quem é essa Messalina, essa mulher que não presta'...

Já separada, mas achando que o casamento ainda não tinha acabado, ela recorda quando ele soube que estava namorando: "...quando ele descobriu ficou muito bravo. Não importava que a gente já era separado. Meus irmãos ficaram indignados e perdi minhas amigas do tempo de casada. Tive só o apoio

de minha irmã caçula...". Conclui, dando-se conta de que: "...quando você pula uma fase da vida, em algum momento você é obrigado a voltar e viver".

Passada a primeira etapa de vários namoros, Raquel conheceu alguém que lhe demonstrou como podia ser bom amar e ser amada. E descobriu os prazeres do sexo com amor: "Aí encontrei um homem, três anos mais novo e tive uma relação de cinco anos com ele. Ahh! Tudo que você quiser que uma mulher tenha numa relação eu tive, tanto na parte boa como na ruim..."

Relembra que tomava cuidado para não ser descoberta: "No nível consciente eu sabia que não devia fidelidade, mas inconscientemente eu ainda estava presa a este homem" [o ex-marido]. Também sempre teve preocupação de não se envolver com homens errados. Mas, esse era errado: "era casado!" Embora alegasse estar se separando. No início, esse romance foi escondido, mas intenso:

...sabe quando você abre as comportas? (...) toda minha vida eu desconfiei, de como o sexo podia ser bom. Essa química, essa naturalidade, essa sintonia... acho que é legal o sexo com naturalidade. (...) eu floresci. Enquanto eu florescia sexualmente, meu ex-marido cortou minha pensão.

Então, aos 35 anos, foi trabalhar fora, pela primeira vez na vida. Sem preparo, além daquele para dona de casa. Conseguiu o emprego de administradora das questões domésticas – como qualificou – de um hospital. "...uma lição para meu orgulho. Entrei em um hospital como empregada, onde antes eu entrava como madame... Consegui sobreviver".

Apesar de sentir-se injustiçada, revoltada com o corte da pensão, descobriu que o antigo marido conseguira fazer tudo de forma legal e, graças à sua inocência, ficou sem dinheiro. Porém, reformulou seus hábitos de "madame" e surpreendeu-se gostando de trabalhar: "...que eu achava legal esse produzir. Na primeira semana eu chorei de dor na perna". Mas todo o sacrifício nem era percebido, pois ela vivia um momento de paixão correspondida. O homem que entrou em sua vida a incentivava, dava-lhe apoio, achava bonito ela trabalhar.

Viveu esse "paraíso" por cerca de dois anos. Diz isso com voz trêmula e conta: "...vem a parte interessante da minha vida. Esse homem sem nunca termos discutido, terminou a relação. (...) sumiu..."

Viviam juntos, na casa dela, como casados. Os filhos haviam aceitado bem o então novo marido. Aí, Raquel permitiu que ele voltasse para a esposa que, segundo ele, estava com câncer terminal: "...e eu aceitei como amante o homem que tinha sido meu marido!". Ele contava com o espírito de solidariedade humana de Raquel, que chorava e se deixava enganar: "A mulher jamais teve câncer!" Mas, era mais fácil acreditar que:

...esse pobre coitado estava dividido, sofrendo, do que ver que ele era um canalha. Levei um ano e meio para ver. Só que aí...aí, sim era amor. Mas deixou de ser um amor saudável para se tornar um amor que machuca. Nocivo. Esse homem me ligava, dizia 'te amo! E – 'pof' – desligava e eu não sabia onde ele estava, era muito sofrimento. (...) aí eu quis morrer! Ah! Eu quis morrer. (...) Isso me assustou. Falei: 'Não, agora a coisa está mais séria do que eu imagino' (...) resolvi que eu tinha que cuidar de mim. Tinha que sair da relação. Aí terminei...

Relata um nível de sofrimento que chegou a ser insuportável. Então achou que "...para me recuperar tinha que ficar sozinha". E, pela primeira vez na vida, aos 40 anos, assumiu sua condição de solteira e adulta. "...Aí veio a melhor parte da minha vida. Saí desse protetorado masculino e fui ser solteira. Ao mesmo tempo fiquei traumatizada com esse segundo relacionamento. Pelo tanto de sofrimento que envolveu..."

Relembra que tal decisão foi fruto da terapia. Desde então só mantém relações "leves", divertidas, inclusive com rapazes mais jovens que ela. Revela: "...estou achando muito divertida a vida de mulher!" Ao contar uma passagem em que saiu com um garoto de 23 anos, ri muito, às gargalhadas, enquanto lembra a "cara" do menino. Este havia perguntado como era ser mais velha do que ele. A resposta de Raquel foi: "Problema teu, não meu. Eu tenho o privilégio de ter nascido antes... (...) então se alguém está dando um presente aqui, sou eu, com minha experiência, com minha tolerância..."

Em relação ao seu futuro, Raquel explica que:

...eu não tenho esses sonhos tolos que fazem parte da juventude, de encontrar o 'príncipe encantado'. Eu já encontrei mais de um. Eu já tive mais do que as mulheres normalmente têm. Já ganhei muito em minha vida. Ao mesmo tempo você administra esta carência, que é natural você querer alguém. Ter alguém que te complete,... acho que somos multifacetados: eu sou filha, mãe, profissional, amiga e sou mulher. Este lado mulher só vem à tona com um homem. Quando não tem homem este lado sobra.

Ao falar dos homens com quem sai, explica que hoje é menos severa com ela e com os outros: "...já não tenho que ser perfeita. Você entra com a sabedoria".

Quanto ao processo de envelhecimento, suspira e acrescenta que a "leveza" da juventude é o que a atrai ao sair com os jovens: "...o jovem é mais leve. Nós vamos ficando muito pesadas à medida que a gente vive. Diz estar consciente de estar muito bem para sua idade: "O meu envelhecer pode ser diferente do que é para minhas amigas. Sou uma pessoa de péssimos hábitos: fumo, durmo mal, como pessimamente, mas isso não aparece em meu rosto, nem em meu corpo".

Relembra que seu divisor de vida foi a morte do pai. Conta que isto ocorreu simultaneamente a uma doença da mãe, e ela teve de cuidar dos dois.

A família toda sofreu muito, cada qual a seu modo. Mas, para ela, mais do que perder um pai foi perder seu herói. Porém, em compensação redescobriu a mãe. Pela primeira vez na vida foi capaz de dizer a ela: "Eu amo você!"

Acrescenta a idéia de que gostaria de "deletar" o ano de 1997 de sua vida. "Comecei a ter saudades de quem eu era (...) que eu sou naturalmente alegre, expansiva, brincalhona e falando bobagem... eu não tinha essa condição. Mas como tudo na vida, o tempo vem e você reaprende a viver".

Recorda a última semana de vida de seu pai e como foi difícil para ela, sem ter em quem se apoiar, com quem dividir. Todos seus amigos estavam fora de Curitiba, pensou que fosse desmoronar. Para piorar, o fato de a mãe também estar doente a impedia até de desabafar: "...aí eu não chorei a morte de meu pai".

Nessa ocasião recebeu ajuda do ex-marido, com quem estava "em guerra" para rever a pensão. O advogado já havia garantido que ela poderia ficar muito rica com uma ação que estava movendo contra ele. Mas, depois disso, acabou optando por fazer um acordo que a deixou bem financeiramente, mas não rica. As relações dela com o antigo marido hoje são cordiais, a ponto de dizer para os filhos: "...se eu tiver um 'peripaque' na rua e me levarem para um hospital, chamem seu pai. Ele tem sangue frio" – característica que parece trazer-lhe uma certa segurança

Ao voltar a falar de profissão, relembra que saiu de seu primeiro serviço para ser sócia numa empresa de organização de eventos médicos. Usou de seus conhecimentos e de seu dom de organizar para fazer disso uma profissão. Mas a sociedade, como o primeiro casamento, após algum tempo já não a vinha satisfazendo. No entanto, precisou que houvesse um grande motivo para ela romper o vínculo. Conta que – de novo em sua vida – foi muito difícil abrir mão da garantia financeira que se acostumou a ter para o sustento do mês. Recorda que fez uma reflexão consigo mesma: "Puxa vida! Eu que me separei de um homem depois de 17 anos, sem profissão, sem saber fazer nada, agora vou ter medo de sair de uma sociedade?" E saiu. Acrescenta orgulhosa:

...agora sou uma mulher sem patrão! Sem ser dona de nada. Vou me associar a uma outra empresa, mas sem ser sócia. Vou ser 'free lancer'. Eu levo os eventos, faço dentro da empresa deles e tenho um ganho".

Porém, pretende fazer uma pausa de alguns meses e descansar até o próximo evento, que já está encomendado. Não sabe ainda o que fará nesse meio tempo. Talvez viajar, mas não gosta de viajar sozinha e acredita precisar de outra pessoa para se extasiar, ver as coisas com ela: "...sou muito tagarela, verbalizo as coisas. Não quero viajar sozinha. Não gosto, não quero!"

Raquel²⁹¹ (49 anos, coordenadora de eventos) atingiu, tecnicamente, a maturidade aos 16 anos, em 1968, ao casar-se. E foi, então, no período entre 1960 aos fins de 1970 que suas contemporâneas atingiram, também, a vida adulta.

Vinte anos depois do anterior, esse grupo geracional retrata a conjuntura de um mundo globalizado por um neocolonialismo tecnológico e financeiro, e fruto de uma educação voltada ao consumismo de bens perecíveis, que davam a ilusão de conforto e igualdade de direitos; a juventude delas foi orquestrada pelo *rock'n roll* dos *Beatles* e dos *Rolling Stones* e pelo uso de *blue jeans* – calça *Lee* – ou das minissaias que, divulgados pelo cinema e pela televisão, as uniformizava.²⁹²

A grande maioria parecia inconsciente do momento vivido pela nação, ou seja, era como se as dissensões sociopolíticas que culminaram numa ditadura militar,²⁹³ que perdurou por mais vinte anos, não lhes dissesse respeito ou como se tais fatos fossem naturais ao processo da vida.

Ao som do iê-iê-iê ou de MPB, as jovens dessa geração freqüentavam festinhas de garagem e, enquanto bebiam coca-cola, cogitavam sobre o rumo que iriam seguir. Já era comum mulher estudar em faculdade; o que não significava, necessariamente, seguir uma carreira. O feminismo²⁹⁴ estava em expansão e as ativistas acadêmicas transformavam suas teses de conclusão de curso em bandeiras, em "defesa" das mulheres. Porém, como suas mães, continuavam a casar e cuidar do lar e dos filhos.

Vivia-se um mundo ambivalente: de um lado a igualdade de direitos entre os gêneros, de outro o tradicionalismo machista. Não estaria fora de propósito

²⁹¹RAQUEL, entrevista n.3.

²⁹²THÈBAUD, op. cit., p.9-22.

²⁹³LINHARES, CARDOSO, SILVA, MONTEIRO, FRAGOSO e MENDONÇA, op. cit..

²⁹⁴MARTINS, *Um lar...*, op. cit., p.33.

afirmar que a maioria que dizia estar lendo Simone de Beauvoir,²⁹⁵ muitas vezes – escondida – sonhava em ser Miss Brasil e encontrar um "bom rapaz".

Esse é o contexto de Raquel e suas contemporâneas. Não é de estranhar que as emoções que mais transparecem em suas falas estejam voltadas para o romantismo do encontro do príncipe encantado, permeadas pela decepção de conviver com um simples mortal. As relações de gênero são, então, a tônica que "salta" dos seus discursos.

3.2 ELA/ELE: RELAÇÕES DE GÊNERO

Para o grupo de mulheres que atingiu a idade adulta, ou seja, seus vinte anos por volta de 1960-1970, o mundo havia trazido uma nova forma de encarar a relação homem-mulher. Tendo vivido sua infância e ou adolescência no período pré-feminismo, elas não deixaram de ser atingidas, em algum momento de suas vidas, por essas idéias que acabaram por revolucionar o modo de "ser homem e ser mulher", por força de alterar a mentalidade vigente.

Nesse sentido, a conscientização sobre os direitos civis igualitários para ambos os sexos começava a produzir autoconhecimento e auto-estima para as mulheres. As ações práticas, as mudanças nos costumes foram então consequência previsível desta tomada de consciência. E foi dentro de casa, na família de cada indivíduo, que começou a transformação que revolucionou a relação entre ela e ele.²⁹⁶

Os casais, da geração em estudo, de certa forma já apresentavam alteração na maneira de relacionar-se, comparando-os ao grupo anterior. Alguns comportamentos começavam a modificar-se, por exemplo, em assuntos ligados à

²⁹⁵BEAUVOIR, op. cit.

²⁹⁶ALVES, op. cit., p.190.

família. Um deles, fruto desta recém-conquistada paridade, foi o diálogo entre os esposos acerca de concepção e ou contracepção. Agora já acontecia de o marido acompanhar a esposa na consulta ao ginecologista para receber instruções, como atesta Ângela²⁹⁷ (53 anos, artesã). Se, até então, aconselhar-se com médicos sobre gravidez ocorria para bem poucas mulheres, muito menos se podia pensar no dito 'sexo forte' admitir intromissão em aspectos tão íntimos de sua vida.

No entanto, aos poucos os papéis e as funções daquilo que se considerava feminino ou masculino começaram a perder suas linhas divisórias, e o cotidiano passou a testemunhar, de acordo com o apresentado por Rocha-Coutinho,²⁹⁸ a presença de pequenas alterações de comportamento, que antes ocorriam para alguns poucos e que passaram a ser comuns para a maioria das pessoas. Mas, tipicamente, numa geração que assistia a uma transição de valores, essa troca não ocorria para todos. Raquel,²⁹⁹ apesar de ser casada com um médico, discutia tais assuntos com as mulheres da família do marido, já que ele operava com idéias ou representações fixas, tradicionais, sobre o que era ser homem e ser mulher³⁰⁰ ao contrário das dela.

Tal companheirismo entre alguns casais talvez possa ser explicado pela convivência, desde a infância, entre jovens de ambos os gêneros. A amizade entre meninos e meninas permitiu uma relação em que o sentimento de fraternidade foi possível mesmo na ausência de consangüinidade, e, como descreve Zeldin:³⁰¹ "...no passado as moças confiavam apenas em moças, mas agora é possível fazer

²⁹⁷ÂNGELA. Entrevista n.6, realizada em 31 de agosto de 2002.

²⁹⁸ROCHA-COUTINHO, op. cit.

²⁹⁹RAQUEL, entrevista n.3.

³⁰⁰O'NEILL, Eileen. (Re)representações de Eros: explorando a atuação feminina. In: JAGGAR, A.M. e BORDO, S. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

³⁰¹ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.32.

amizade com os rapazes, sem sexo, como um 'irmão'." Este foi, então, um sentimento que passou a fazer parte das relações de gênero, como algo próprio dessa geração. Tendo vivenciado tais contingências fraternas, as mulheres passaram a encará-las como "naturais", apesar de a sociedade incorporar, lentamente, para as décadas de 1960 ao final da de 1970, este tipo de convivência.

Dolores (57 anos, empresária) recorda com nostalgia os folguedos de infância nas ruas de seu bairro, com a garotada da vizinhança. E, com humor, dá boas gargalhadas ao contar como os jovens de sua época faziam reuniões entre rapazes e moças. O mesmo para Ângela que, relembra das excursões e encontros de jovens da Igreja, que ocorriam com o consentimento dos pais.³⁰²

O sentimento da amizade estabeleceu, portanto, duas novidades nas relações de gênero, ambas importantes para as demais relações sociais. Uma das mudanças foi que a advertência para as mocinhas não permitirem contato físico com o namorado já não fazia muito efeito. Não que houvesse um questionamento ou intenção de desobediência, mas elas já se permitiam experimentar "...o amor que se deve ter a coragem de chamar de físico..." incentivadas pelos relatos e observação do comportamento das amigas³⁰³ ou por leituras em livros ou revistas da época. A julgar pelos depoimentos das entrevistadas, pode-se pensar que aquilo que se passava no resto do mundo se reproduzia também no Brasil. Aparentemente, a partir daí, toda uma atitude diferenciada se desenvolveu sobre sexualidade.³⁰⁴

Uma dessas novas atitudes apareceu na maneira como, no ato da entrevista, as depoentes falaram livremente sobre sexo. Contaram sobre suas

³⁰²DOLORES. Entrevista n.14, realizada em 18 de maio de 2003 e ÂNGELA, entrevista n.6.

³⁰³No relato de nenhuma delas apareceu, mas na literatura existe, o chamado "Caderno de Confidências" onde as mocinhas trocavam informações sobre os mais diversos assuntos, inclusive sexualidade (MARTINS, *Um lar...*, op. cit.).

³⁰⁴VINCENT, Gérard. O corpo e o enigma sexual. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5: da primeira guerra a nossos dias**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.365.

intimidades com maridos ou namorados de um modo como suas antecessoras nem conseguiriam pensar. Recorde-se que, na amostra do primeiro grupo, mesmo a mais ousada daquela geração velava as palavras com expressões como "aquilo", enquanto nesta geração – mulheres nas décadas de 1960-1970 – os vocábulos são expressos com mais naturalidade.

Aparentemente, para esse grupo, o sexo parece ter menor conotação como tabu. Elas riem ou choram ao (re)memorar as passagens mais significativas de seus passados ou aquelas que foram lembradas por algum tipo de associação, mas a sua linguagem vem clara, sem grandes pudores.³⁰⁵

A segunda mudança identificada é que as moças desejavam um parceiro que as tratasse como companheira, merecedora de respeito. E, embora isso só transpareça de forma mascarada em suas falas, começava uma contradição entre o que homens e mulheres esperavam da relação. Marta (42 anos, policial) faz um relato ilustrativo:

...foi quando eu disse: 'Eu passei na escola, eu começo na semana que vem.' E ele disse: 'Olha, se você decidiu ser policial, pra mim não serve!' E eu me decepcionei muito porque eu gostava dele. Eu decidi ficar livre, (...) eu acabei perdendo ele por causa da polícia, porque ele não aceitou que a namorada fosse policial.³⁰⁶

Num momento em que as conquistas sociais – em defesa da equidade civil entre os gêneros – ocorriam, a atitude do namorado de Marta³⁰⁷ delata que o modelo patriarcal ainda estava em vigência. Ele tentou impor sua dominação sobre a moça

³⁰⁵Deve-se considerar que estas mulheres, da segunda geração, estavam vivendo em plena afirmação do movimento feminista no país e a ocorrência do Ano Internacional da Mulher (1975), o que permitia, e fomentava, questões sobre o que era designado como comportamentos "próprios" ao ser feminino (SARTI, Cynthia A. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.16, p.32-33, 2001).

³⁰⁶MARTA. Entrevista n.10, realizada em 18 de setembro de 2002. Marta fez um dos primeiros concursos para soldados femininos da Polícia Militar do Paraná, na década de 1970.

³⁰⁷SAFFIOTI, Heleith. Violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.16, p.116-118, 2001.

que reagiu à modelagem em que tinha sido educada e sua escolha – consciente – foi pela profissão.

Na fala das depoentes transparece, porém, a frustração com a incapacidade de se fazerem atender em suas expectativas. Muitas relações mal sucedidas aparecem, em suas memórias, sob a forma de desconsolo e desacerto, a experiência vivida por elas parece semelhante, em vários aspectos. E, além disto, por serem mais jovens que suas antecessoras, talvez o filtro de suas memórias ainda não tenha tido tempo para minimizar o sofrimento relatado.³⁰⁸ Da mesma maneira que Marta, Marisa³⁰⁹ (44 anos, operária) desiludiu-se nas relações amorosas. Namorou um rapaz por dois anos e foi abandonada quando engravidou. Esmeralda³¹⁰ (61 anos, manicure), tendo pressionado o último de seus companheiros para casarem, acabou por perdê-lo após a realização do compromisso. Aparentemente a liberação sexual e social das mulheres deste grupo geracional (1960/1970) ocorria em tempo diferente daquele que seus parceiros poderiam alcançar, compreender e, menos ainda, aceitar.

Apesar disso, elas perseguiram a idéia do "príncipe encantado", o homem que as fazia felizes. Uma pessoa mitificada pela literatura,³¹¹ que povoava sonhos que revelavam padrões culturais que conduziam as práticas sociais daquela época. As representações sociais de uma determinada cultura são transmitidas de muitas formas, e a literatura é apenas uma delas. Mas, com peso validado pela informação subliminar de que, se seguidas, as conseqüências sociais – arranjadas por uma comunidade verbal ao longo da história dos indivíduos – seriam favorecedoras

³⁰⁸MENEZES, Marilda Aparecida. Experiência social e Identidade. In: BRUSCHINI, C.; SORJ, B. (Orgs.). Novos olhares: Mulheres e relações de gênero no Brasil. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994. p.50-51.

³⁰⁹MARISA. Entrevista n.7, realizada em 26 de outubro de 2002.

³¹⁰ESMERALDA. Entrevista n.5, realizada em 02 de agosto de 2002.

³¹¹Era comum a leitura de revistas de fotonovelas, como por exemplo: Grande Hotel, que traziam melodramas, onde ao final, a mocinha e o mocinho ficavam junto, felizes para sempre.

daqueles que seguem e mantêm os valores daquele grupo.³¹² Neste caso, as regras eram de que ainda se depositava nas mãos dos homens o futuro das mulheres. Prevalencia a figura masculina. Assim, o marido continuaria a decidir e coordenar suas vidas.³¹³ Por isso casar era fundamental, e paradoxal. Ao mesmo tempo em que estas mulheres ansiavam por liberdade, esta geração trazia introjetada a necessidade de alguém que decidisse a vida por elas. E, elas viviam, de forma inconsciente, este conflito. Elas percebiam que casar seria repetir o modelo das mães, e este não as satisfazia, mas, por outro lado, o discurso social as empurrava ao casamento.

Para este segundo grupo, o casar-se ainda era uma preocupação e encontrar o par idealizado, uma meta de vida. Embora já estivessem sob a influência de ideais feministas, que questionavam o casamento como única forma de as mulheres poderem ser felizes, elas continuavam, como dito por Vincent,³¹⁴ para a Europa – mas válido, igualmente, para o Brasil – a serem induzidas a tornarem-se "mães, esposas e donas de casa", o que significava que, para a maior parte da população – homens e mulheres –, o novo ideário, de igualdade de direitos e parceria entre casal, ainda não havia sido incorporado e que permanecia o conceito anterior.

Raquel³¹⁵ simboliza bem essa geração (1960-1970). Várias de suas frases trazem em si o pensamento que, parecia, controlava as atitudes de suas contemporâneas. Falando dos tempos de jovem recém-casada diz: "Me adaptei aos costumes". Quanto à convivência com um marido "super-protetor" ela declara: "Aprendi a lidar com ele!", e nessa frase fica explícito que ela tinha consciência do controle e exercia sua própria forma de mudar as regras sem quebrá-las. No entanto, ela reconhece, continuava a sentir os efeitos de sua educação: a

³¹²ALBUQUERQUE, Luiz Carlos. Definições de regras. In: GUILHARDI, Hélio (Org.). **Sobre comportamento e cognição**: expondo a variabilidade. Santo André (SP): ESETec, 2001. v.7. p.133.

³¹³ALVES, op. cit., p.59.

³¹⁴VINCENT, O corpo..., op. cit., p.58.

³¹⁵RAQUEL, entrevista n.3.

necessidade, a dependência da proteção masculina, ao afirmar que a "a proteção masculina" foi o que mais sentiu em perder.³¹⁶ O que parece ser contraditório com: "...foi um grande desafio, saber tomar conta da minha vida!", mas que trai uma coerência interna ao comportamento de saber "tomar conta" da própria vida.

MackKinnon³¹⁷ propõe, em um método de análise sobre as diferenças entre os gêneros, que a conscientização de uma identidade comum feminina é possível por meio do exercício da sexualidade e essa era suscetível de ser descoberta pela experiência imediata. A autora acredita também que a origem das relações sociais desiguais pode ser encontrada na forma díspar pela qual homens e mulheres podem exercê-la. Diante dessa reflexão, poder-se-ia pensar que as práticas de liberação sexual feminina ocorridas ao final dos anos sessenta permitiam às mulheres fazer e gostar de sexo. Apesar disso, a sociedade tradicional teria resguardado, parcialmente, seus velhos conceitos liberando-o desde que praticado dentro de uniões estáveis.³¹⁸ Talvez daí a importância dada pelas mulheres deste período, em poder "escolher um par", com pretensões a viver um grande romance, pelo resto da vida.

Além do fato que, um fenômeno passou a ser determinante na nova atitude feminina em relação a esta questão: a modernização de práticas contraceptivas. O sexo passou a ser então para as mulheres fonte de realização emocional e pessoal e visava mais do que complementar a relação conjugal. Ainda com resquícios de alguma culpa e vergonha, é bem verdade, mas permitindo gozo e liberdade, como afirmado por Badinter: "...a contracepção feminina dava um golpe fatal na família patriarcal, deixando o domínio da procriação para o outro campo.

³¹⁶RAQUEL, entrevista n.3.

³¹⁷MACKINNON, Catherine. Feminism, marxism, method and the state: an agenda for theory. **Signs**, v.7, spring 1982, citado por SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria... op. cit., p.9.

³¹⁸SILVA, Carmem da. A arte de ser mulher. **Revista Cláudia**, n.27, p.72, dez. 1963. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

Daí para diante não é mais o homem que decide (...), mas a mulher que escolhe ter ou não ter um filho..."³¹⁹

E, ao escolher se quer ou não ter filhos ou quando tê-los, iniciou-se um choque entre os gêneros. Casadas ou não, o poder de decidir sobre as conseqüências do "fazer" sexo fez uma profunda diferença na maneira de elas encararem suas relações com os homens. Era o início da contestação dos antigos modelos de relacionamentos afetivos e sexuais e, acima de tudo, da moralidade do antigo modo de ser da família, em que o marido ainda possuía muitos poderes.³²⁰

Dolores³²¹ foi uma dessas mulheres que, considerando-se feliz no matrimônio, ainda seguia o padrão de submissão. Como se pode ver por um relato de uma de suas experiências no matrimônio: numa ocasião em que ela tinha ido comprar pães bentos da festa de Santo Antonio e se atrasou para voltar, então o marido a fez passar um vexame por conta de um ciúme exagerado e, segundo ela, infantil. Forçou-a ir com ele até a Igreja para perguntar à vendedora se ela realmente tinha ido lá e descobriu-se fazendo papel de tolo. Ao contar o episódio, no entanto, Dolores deu boas risadas, como que esquecida da raiva e da vergonha daquela época.

Parece que enxergar posse e domínio no lugar onde acreditavam existir amor seria perder uma imagem, construída – também – por elas mesmas, de um romantismo que justificava serem governadas pelos maridos como tinham sido pelos pais.

Essa foi uma época em que a relação entre os gêneros tomou aspecto de um embate de poderes. Por um lado, o masculino legitimado pela lei e pelas religiões, soberano no comando da convivência; do outro, mulheres inconformadas com ter que abrir mão de seus sonhos – os mais diversos – em prol dos ditames

³¹⁹BADINTER, Elisabeth. **Um é o outro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.258.

³²⁰ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p.400-408.

³²¹DOLORES, entrevista n.14.

matrimoniais: dedicação exclusiva ao lar, marido e filhos, mas que, de um jeito ou de outro, conseguiam "driblar" e mudar as contingências a seu favor.

Nascia aí um esboço de desejo de libertar-se de alguma coisa que elas sentiam que as desrespeitava como indivíduos, e uma vez que – ao fazer parte da composição da sociedade – elas também construíam as barreiras que lhes eram impostas, não conseguiam identificar quem as oprimia.³²² Assim, atribuíam aos homens a responsabilidade de seus constrangimentos e, inconscientemente, os culpavam pelos seus infortúnios. Sutilmente a discórdia se instalou entre ambos: elas permaneciam submissas, mas se rebelavam em pequenos atos do cotidiano, em silêncios que falavam, emergindo da história de seus confrontos.³²³ Até que pudessem justificar para elas mesmas uma "saída" honrosa onde a sociedade não lhes atribuissem a culpa pelo rompimento: "...a porta para sair!" como falou Raquel, ao separar-se do primeiro marido. Neste seu comportamento, parece, está se repetidindo aquilo que Branca – da primeira geração – havia feito: aproveitou a primeira oportunidade para virar o "jogo" a seu favor. No caso de ambas existia algo de escuso no comportamento do marido e não era sexo, embora ligado a este. Havia a contravenção às representações da moralidade social. Os irmãos de Branca a defenderam de "um homem que fazia sexo sem penetração" e não "daquele que bebia e não conseguia prover a casa". São duas posturas com pesos diferentes. Ser impotente, para um homem daquele período (1936/1950) – e ainda o é – era mais vergonhoso do que beber (o pai dela também bebia) ou não prover a casa (os maridos de Socorro ou o pai de Lina, também não eram provedores).³²⁴ No segundo caso não eram as traições – notórias para a sociedade –, mas o fato de envolver o filho, dentro

³²²ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.201.

³²³ELIAS, **A sociedade...**, op. cit., p.65-67.

³²⁴BRANCA, entrevista n.12; SOCORRO, entrevista n.13; e LINA, entrevista n.11.

de casa. E ambas souberam usar as representações do que devia ser o masculino,³²⁵ para obter seus intentos de libertar-se.

Para Zeldin,³²⁶ quando impossibilitados de identificar o perigo ou sua origem, os seres humanos elegem inimigos de quem se defender e passam assim a não escutar as evidências de seus equívocos. Para ele, a matéria prima das querelas humanas advém de orgulho ferido e da raiva, expressos ou não, que tornam os contendores prisioneiros de seus sentimentos, cegando-os para o ponto de vista do outro.

A resolução do conflito entre o amor e a mágoa, para algumas destas entrevistadas, parece que se deu pela fuga por meio da submissão, pois como afirma Zeldin,³²⁷ os seres humanos têm três estratégias para enfrentar os inimigos: combatê-los, fugir ou, de alguma forma, conseguir amá-los.

Marta vive hoje uma segunda relação, no entanto estabeleceu algumas regras que a protegem de submeter os filhos ao "perigo" que, ela acredita, os homens oferecem. Ao esclarecer os seus planos de vida com o namorado, replica um diálogo com ele:

'...eu vou casar com você, eu morar com você daqui quatro anos, quando eu me aposentar, mas já não'. (...) porque eu viajo muito e não quero deixar ninguém dentro da minha casa. Eles [os filhos] se garantem, se cuidam e eu prefiro desta forma. (...) Gosto muito dele, mas é homem. (...) [risos] (...) Ele fica revoltado, mas sabe que o meu prazo é este pra ele, se ele tiver paciência de esperar, daqui quatro anos a gente vai morar junto, mas por enquanto, ele na casa dele e eu na minha. Tem que ser deste jeito.³²⁸

³²⁵SOIHET, Raquel. História das mulheres e historia de gênero: um depoimento. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.11, p.77-87, 1988.

³²⁶ZELDIN, **Uma história...**, op. cit. p.199-202.

³²⁷ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.330.

³²⁸MARTA, entrevista n.10.

Marta³²⁹ parece acreditar que assim ela protege os filhos do "inimigo". E, uma hipótese poderia ser pensada aqui, estas entrevistadas estavam vivendo um momento muito novo, como mães e mulheres fora do matrimônio. Na profissão de Marta, todos os dias, ela registrava situações de fato: ocorrências de abuso sexual ou de violência contra menores. No seu imaginário os filhos dela poderiam ser, também, vulneráveis a tais perigos. Portanto, ela criou uma resposta a esta situação, uma vez que ainda não havia modelos de adequação das vivências femininas. Outras mulheres, como Marta, começavam a tentar o equilíbrio entre as várias dimensões das vivências femininas, que antes eram resolvidas dentro do casamento. Desse modo, nesse período – décadas de 1960-1970 –, as relações de gênero eram vividas como uma questão a ser adequada a cada nova situação. Entender que não havia uma categoria universal de homens ou de mulheres foi um processo; mas, naquele momento, era – para a maioria das mulheres – como se elas estivessem convictas de que seus desejos eram incompatíveis com os dos homens. Tal animosidade foi tão prejudicial quanto o sentimento de se perceberem usurpadas em seus direitos.

Romper com as regras do jogo significava, porém, perdas emocionais e financeiras enormes. Também as perdas sociais – de ficarem sós numa sociedade que ainda condenava as mulheres separadas – pareciam ser mais do que elas estariam dispostas a suportar.

A generosidade, entende Zeldin,³³⁰ é uma expressão da liberdade, e, pode ter sido a forma encontrada de driblar crises familiares que então se instalaram. Idealmente a família era o lugar onde as pessoas praticavam a generosidade, vindo os interesses do grupo sempre antes dos de seus membros. Quando havia conflito o movimento acontecia para alívio das tensões. Nesse caso, até o período em estudo,

³²⁹MARTA, entrevista n.10.

³³⁰ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.190.

o conselho dado aos 'menores' em poder, como os filhos ou as mulheres, era de que fossem submissos e aceitassem o seu quinhão na vida.³³¹

Esmeralda³³² continua apaixonada pelo terceiro ex-marido, apesar de ele só a procurar de vez em quando e, assim, ela sente-se traída em seus sentimentos. No entanto, está propensa a cuidar dele, num futuro próximo, uma vez que ele está doente, e ela justifica que sempre a ajudou com dinheiro. Raquel³³³ aponta algo semelhante: acha-se agradecida à atual esposa do ex-marido, porque esta cuida dele e livra-a da obrigação eventual de dar-lhe cuidado na velhice. O que poderia indicar a permanência neste grupo de um valor da geração anterior: ser tarefa do cônjuge cuidar um do outro.³³⁴

A última forma de solucionar problemas relacionais, amar ao inimigo, proposta por Zeldin, era a mais valorizada pela sociedade, no que se refere às relações de gênero. Ao mesmo tempo, incentivava e impelia as mulheres a cuidarem de si mesmas. Rocha-Coutinho explicita: "...apesar destas mulheres não serem capazes de expressar abertamente, ainda que para si próprias, a raiva que a virtude da abnegação despertava, elas, muitas vezes, acabavam por descarregar, de forma inconsciente, esta raiva em si mesmas e/ou no marido e filhos".³³⁵

Aparentemente, uma forma de lidar com sentimentos tão ambivalentes foi negá-los (dessa forma evitavam descarregar a frustração nos familiares ou em si mesmas) e, assim, poder continuar coniventes e reprodutoras da ordem social. Os relatos de Dolores e de Raquel sobre os ciúmes descabidos dos maridos, falam deste processo de negação. Segundo suas visões, este era um sentimento

³³¹ELIAS, **A sociedade...**, op. cit., p.341.

³³²ESMERALDA, entrevista n.5.

³³³RAQUEL, entrevista n.3.

³³⁴ROCHA-COUTINHO, op. cit.

³³⁵ROCHA-COUTINHO, op. cit., p.110.

descritivo de outro: o amor deles por elas. Afinal, era isso que lhes tinha sido dito: "quem ama cuida".³³⁶

A crença naquilo que os pais lhes haviam ensinado ser o correto, a marca paterna, continuou a acompanhar estas mulheres, uma vez que, por muito tempo a idéia da superioridade masculina, física e espiritual ainda era disseminada a ponto de parecer ser algo natural. Além disso, havia conveniências pessoais, íntimas do lar e públicas na comunidade, para se deixarem conduzir pela vontade dos homens.³³⁷ Elas, em algumas circunstâncias, puderam perceber o domínio masculino como questionável, mas como lhes pareceu inútil, senão impossível, rebelar, e, optaram por, sutilmente, transgredir as normas, do modo que fosse possível.

3.3 AINDA O PÁTRIO PODER

Apesar das conquistas sociais que as mulheres desse período já haviam alcançado, do ponto de vista jurídico mesmo as adultas ainda eram consideradas "menores de idade", portanto deviam sujeição aos pais e ou maridos. Na França, esta lei já havia se modificado em 1970,³³⁸ mas, no Brasil, o Código Civil³³⁹ de 1916, que estabelecia o pátrio poder, somente viria a sofrer alteração em 2002. Embora as religiões cristãs incitem o honrar pai e mãe, o catolicismo (na época de sua juventude – 1960/1970 –, ainda a religião da maioria dos brasileiros) induzia, por aconselhamento, a se desconfiar do modelo parental humano, tradicional, e se fiar

³³⁶RAQUEL, entrevista n.3.

³³⁷SAFFIOTI, Rearticulando..., op. cit., p.193-194.

³³⁸PROST, op. cit., p.78-79.

³³⁹BRASIL. **Código civil (1916)**. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2000.. A Legislação Brasileira traz leis sobre o *pater potestas*: Art. 9.º, § 1.º fala da emancipação de menores apenas pela permissão do pai; o Art. 242 trata da necessidade da permissão do marido para a mulher exercer profissão; o Art. 360 dava prerrogativa ao pai para exercer poder sobre o filho menor, reconhecido como seu; e o Art. 380 *caput*, parágrafo único, diz ser da competência do pai o exercício do pátrio poder.

no exemplo cristão de viver em compreensão e diálogo. Concomitantemente, professores, pedagogos, assistentes sociais, psicólogos e médicos também aconselhavam os pais a substituir autoridade pelo afeto aos filhos.³⁴⁰ Mas, além disso, as experiências pessoais vividas faziam com que essa geração, de homens e de mulheres, questionasse a dominação paterna.³⁴¹

A ordem social, então, começava a ser alterada no que tangia à educação. A julgar pelo que Zeldin³⁴² e Beleli³⁴³ afirmam, os discursos das variadas instâncias da sociedade estavam aliados num mesmo preceito: a transferência da autoridade dos pais para as instituições ou para profissionais.

Porém, se isso era uma prática para a maioria, dentro do grupo da amostra em análise foi possível encontrar exceções. Raquel, ao falar de seus pais, pontua que: "...Meus pais não compartilhavam desse tipo de criação".³⁴⁴ A palavra "tipo", é provável, refere-se a uma educação mais liberal e afetiva. Isso revela que a educação que ela recebeu, possivelmente, já estivesse um pouco ultrapassada em relação ao que suas contemporâneas viveram.

O avanço ainda transcorria mais no discurso dos movimentos feministas do que no cotidiano para muitas das atividades vividas, pois, como atestam os estudos de Rocha-Coutinho,³⁴⁵ aquelas que divergissem dos papéis tradicionalmente propostos poderiam receber punições em forma de desaprovação da comunidade. As revistas da época, de 1960 e até fins de 1970, tornavam populares alguns pensamentos de especialistas que coíbiam castigos e pediam compreensão para

³⁴⁰ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.332-335.

³⁴¹BELELI, Iara. Amores gentis, amores febris...gênero e experiência nos anos 70-90. **Diálogos** (Revista do Departamento de História da UEM), Maringá (PR), v.4, n.4, p.131, 2000.

³⁴²ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.332-335.

³⁴³BELELI, op. cit., p.131.

³⁴⁴RAQUEL, entrevista n.3.

³⁴⁵ROCHA-COUTINHO, op. cit., p.114.

com as desobedientes. Isso ajudava a instalar uma revolução nos costumes envolvendo a relação paterno-filial, gerando conflito educacional nessa geração: por um lado, as regras tradicionais e, de outro, a novidade do diálogo. A revista Cláudia publicava: "...certos pais, bem intencionados, mas de princípios superficiais ou confusos, gastam latim em ensinamentos que estão viciados na base, resultando, portanto, inúteis".³⁴⁶ O que se observava, no entanto, é que nem tão em vão assim eram tais conselhos paternos; pois seguia vigorando o pátrio poder, talvez, agora, de uma forma mais subliminar ou branda.

A maior parte das mulheres entrevistadas deste grupo, embora percebesse o controle existente, cada qual a seu modo, seguiu os princípios de obediência como uma estratégia – consciente ou não – de lidar com seus problemas. É o caso de Dolores que em sua juventude podia ir a festas sem a presença de seus familiares, mas era o pai quem decidia qual festa a filha podia frequentar e na casa de quem. "...meu pai também dava uma chegada de vez em quando, olhava, pra ver se estava tudo em ordem, e ia embora".³⁴⁷

O "...se estava tudo em ordem...", a que ela se refere, parece indicar que havia vigilância contínua sobre sua maneira de comportar-se e, deste modo, por extensão, à de sua família. Mas não era assim para todas, quer dizer, umas tantas se arriscavam em busca de fazer diferente do que lhes era pedido. Algumas burlavam a autoridade dos pais pulando a janela dos quartos, de madrugada, para encontrar-se com os namorados, o que por vezes resultava em abortos clandestinos. No entanto, essa desobediência era velada, escondida, como dito por Soihet,³⁴⁸ numa forma de "resistência", com aspecto de obediência, mas que provocava

³⁴⁶SILVA, C. da., op. cit., p.137.

³⁴⁷DOLORES, entrevista n.14.

³⁴⁸SOIHET, op. cit.

fissuras nos modelos de comportamento tradicionais. Dolores³⁴⁹ relata ter ouvido, de suas amigas, sobre tais situações, em que estas escapadas teriam resultado, para algumas, em gravidez indesejada e interrompida, com aquiescência e ajuda dos namorados, que acabavam "arranjando" o dinheiro para o abortamento.

A forma como Dolores³⁵⁰ fez a narrativa, rindo, parece indicar que, para ela, a quebra de regras já não era algo tão terrível. Embora ela verbalizasse não concordar com tal comportamento, a questão que se põe é que, se várias delas assim faziam, isto talvez demonstre uma mudança de valores, principalmente quanto ao peso de se obedecer às proibições parentais. Muito do comportamento de abstinência sexual, pré-casamento, por exemplo, ainda vinha do controle interno que o sentimento de culpa produzia por conta desta educação coercitiva.³⁵¹ Ângela³⁵² e Dolores³⁵³ explicitaram, pela fala, a percepção de tal controle. A primeira dizendo que casou virgem para não decepcionar sua mãe, pois ela sentir-se-ia mal em fazê-lo. A outra contando como percebe que "...as pessoas continuam carregando a voz dos pais dentro de si e que isto dá: noções de limite, que impedem de fazer coisas erradas". Devemos lembrar que as regras, muitas vezes subliminarmente impostas, são incorporadas e passam a fazer parte de nossa subjetividade.

Nem sempre, porém, as proibições ou recomendações para evitar os "perigos" eram obedecidas na íntegra. Ainda é Dolores³⁵⁴ quem narra o quanto a disseminação do uso dos automóveis – até os anos 1970 não era comum, em

³⁴⁹DOLORES, entrevista n.14.

³⁵⁰DOLORES, entrevista n.14.

³⁵¹SIDMAN, op. cit., p.112-116.

³⁵²ÂNGELA, entrevista n.6.

³⁵³DOLORES, entrevista n.14.

³⁵⁴DOLORES, entrevista n.14.

Curitiba jovens, mesmo rapazes, dirigirem ou terem seu próprio carro³⁵⁵ –, aumentou o grau de cuidados dos pais com as filhas. No dia em que conheceu o futuro marido, ela tinha ido buscar os irmãos menores no clube e, na saída, ele lhe ofereceu carona: "...veja se não sou louca, menina? (...) [risos], daí entrei no carro, as crianças sentaram atrás (...) naquele tempo a gente não entrava em carro de rapaz assim. (...) Não era admitido, os pais proibiam a gente".

O sentimento relatado era o de respeito às ordens paternas; desobedecê-las era um ato ousado para Dolores, que afirmou só ter transgredido porque se achava protegida pela presença dos irmãos, pois andar de carro com um rapaz – e ainda por cima desconhecido –, poderia ser passível de desaprovação. Rocha-Coutinho³⁵⁶ defende que o rompimento com antigos valores havia iniciado um processo, lento, mas contínuo: "No que dizia respeito às questões sexuais alguns antigos tabus – como virgindade – parece que continuavam arraigados na cultura vigente, contudo, nem que fosse de forma escondida, começavam a ser questionados, senão tinham, ainda, sido erradicados".

Outra questão que aqui transparece é que há nítida semelhança em relação à juventude da geração anterior no que diz respeito a burlar as leis dos pais com a ajuda de irmãos. O que está diferindo é que, agora, já havia maior consciência do que se estava burlando e que estas regras vinham da sociedade. Mesmo que tendessem a acatá-las, estas já não lhes pertenciam, não estavam mais incorporadas como únicas possíveis. Os padrões, socialmente aceitos, começavam a ser questionados e a percepção de que se poderia optar por novas atitudes se generalizava para além da sexualidade.³⁵⁷ Uma nova maneira de se autoperceber

³⁵⁵PROST, p.169-172.

³⁵⁶ROCHA-COUTINHO, op. cit, p.116.

³⁵⁷PROST, op. cit., p.117.

iniciava sua construção, via novas experiências, interferindo no comportamento das pessoas, deixando claro, neste aspecto, a construção social do "eu".³⁵⁸

Quando os comportamentos destas jovens iam contra os preceitos sociais sobre o que se esperar de moças de "boa família", a autoridade paterna se fazia reconhecer. Ângela, a artesã, conta como, mesmo sendo a provedora da família, o pai acabou por induzi-la a desistir de um curso de língua inglesa. Ela chora ao relembrar esta passagem e ao tentar explicar o episódio:

...É, porque o pai era muito exigente, ele achava assim que eu não precisava estudar, que eu já tinha um bom emprego, se eu já tinha um bom salário, que o que eu ganhava dava três vezes o salário dele. (...) Daí, como ele dizia: 'depois você casa, joga o teu estudo fora'. (...) me senti como... como sempre me sentia: podada, frustrada.³⁵⁹

No ato de lembrar, a frustração relatada contrasta com a sua submissão na juventude. E Ângela, como outras moças de sua geração, "cedeu"³⁶⁰ ao pai. Na fala dessa moça há um pouco do que Martins³⁶¹ apresenta no seu estudo, de que algumas delas – geração 1950 a 1960 – faziam do "estudar um período intermediário, à espera do casamento", comum para o código de comportamento de sua amostra. Tal atitude ainda era esperada para as mulheres das décadas até 1970. O que se pode depreender desse relato é que, apesar do processo de individuação ocorrer a partir de vivências particulares, este, igualmente, se norteia pelos conceitos do grupo.³⁶²

³⁵⁸MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.11, p.121, 1998.

³⁵⁹ÂNGELA, entrevista n.6.

³⁶⁰POLLAK, Memória e identidade..., op. cit.

³⁶¹MARTINS, **Um lar...**, op. cit., p.77.

³⁶²ELIAS, **A sociedade...**, op. cit., p.60.

Assim também o fez Raquel,³⁶³ que preferiu ceder ao poder do pai. Ela aceitou um noivo que não desejava e em troca experimentou, durante o noivado, espaço e liberdade para viver sua juventude. E foi uma das que têm maior consciência do domínio a que estiveram submetidas, – lembrando que a consciência de que somos controlados é condição necessária para podermos escolher o que queremos que nos controle.³⁶⁴ Talvez tenha sido o que esta moça quis dizer ao contar sobre a época de seu primeiro casamento "...tive um *insight* que podia ser livre. (...) mas o que prevaleceu foi o sistema de minha família". Nesta frase dela apareça a sua escolha e se pode vislumbrar o que Elias³⁶⁵ aponta como sendo parte da adaptabilidade necessária ao processo civilizador e exercício da individualização, que se caracteriza pela capacidade de a pessoa ser responsável pelas próprias escolhas.

Os pais permaneciam, então, estabelecendo regras sobre o certo e o errado, mesmo após as filhas casarem,³⁶⁶ embora estas nem sempre obedecessem ou, se o faziam, era como estratégia de manipular tais regras a seu favor. O que elas desejavam era liberdade de ação, uma autonomia que raramente estava ao seu alcance.

Esmeralda,³⁶⁷ ao enviuvar de seu primeiro marido, voltou a viver com os pais e se viu monitorada pela autoridade paterna. Isto determinou seu segundo casamento; novamente uma tentativa de livrar-se desta tutela. Ela expressa acreditar não ter – na época – assim planejado, mas declara saber, hoje, que optou pelo controle que um novo marido traria, mas que lhe daria mais liberdade do que a

³⁶³RAQUEL, entrevista n.3.

³⁶⁴SINNER, B. F. **Controle de contingências**. São Paulo: Abril, 1978. p.70. (Os Pensadores)

³⁶⁵ELIAS, **A sociedade...**, op. cit., p.60.

³⁶⁶PROST, op. cit., p.78-79.

³⁶⁷ESMERALDA, entrevista n.5.

que tinha com o pai. Durante a entrevista, ela pareceu ter descoberto que continuava, ainda, a obedecer ao pai. A filha mais velha, atualmente, interage com ela como seu falecido pai o tinha feito, com proibições que despertam, segundo ela, revolta e vergonha:

A R. briga comigo, não quer que eu saia 'não R., eu vou sair!'. (...) Esse dias eu gritei, xinguei, dei de chinelo: 'não se meta na vinha vida, eu não estou fazendo nada, guria. Só estou saindo, então eu quero sair!' (...) Ela é minha mãe. Desde que eu fiquei viúva, a R. passou a ser minha mãe.(...). Parece mais meu pai... depende da hora... Agora ela tá parecendo meu pai, pra caramba.

No entanto, esse poder "paterno", exercido pelas figuras de quem representava o controle social, estava, também, em processo de transformação. De acordo com Rocha-Coutinho, este poder estaria na base das reivindicações que ocorriam pelo mundo, naquele período: "...Os anos 60 assistem a uma série de movimentos a nível mundial – entre eles, o movimento de maio de 68 na França e o movimento dos direitos humanos nos Estados Unidos – de oposição ao poder socialmente institucionalizado..."³⁶⁸

O patriarcado estava findando, mas outras formas de exercício de poder institucional faziam com que a sociedade reproduzisse o processo.

No caso de Marta, o controle da família toda era de sua avó materna. Com exceção da neta que, embora com medo de fracassar, se insurgiu e sabia o que queria e como conseguir. Contra a vontade da avó, tornou-se policial.

A avó, por muito tempo... ela não aceitava. (...) porque, pra ela, ainda era uma coisa que contrariava as ordens dela, mas ela percebeu que... eu ela não dominaria e teve que me aceitar. (...) então insegurança, medo assim, eu tinha...de brigar com todo mundo e acabar não dando certo, e ter que voltar, ter que voltar derrotada... medo desse mundo, que eu havia escolhido, não ser de repente o que eu esperava que fosse...³⁶⁹

³⁶⁸ROCHA-COUTINHO, op. cit., p.112.

³⁶⁹MARTA, entrevista n.10.

Não se pretende explicar, pela ótica de um matriarcado, o fato de uma mulher gerenciar a família. Eunice Durham³⁷⁰ afirma não haver indícios concretos de qualquer sociedade propriamente matriarcal. O que se tenta demonstrar aí é que há tantos arranjos de controle social quantas sociedades existam e que o domínio tenderá para aquelas acomodações em que as alianças se mostrem mais eficazes. No entanto, algumas dessas mulheres feriram o código vigente da obediência ao líder e mesmo assim, quebrando normas, permaneceram aceitas e até mais respeitadas pela família, tal como no caso de Marta.³⁷¹ O que significa, então, que algumas, poucas, puderam decidir o próprio futuro. Não se pode esquecer, todavia, que o período de adolescência – anos sessenta/setenta – vivido por Marta foi de intensas mudanças sociais, com proibições e coibições mescladas por um incentivo à "liberação" feminina no campo educacional e do trabalho.³⁷²

Diferentemente da geração anterior (até a década de 1950) as mulheres dessa geração – 1960/1970 – tiveram consciência de sua submissão, mas a sentiram de modo diverso para cada uma delas. Algumas assimilaram o domínio como próprio e natural. É o caso de Raquel, que afirmou "...não ser isto nenhum absurdo!"³⁷³ e mesmo aceitando o que lhe impunham, acabava "dando um jeito" de virar as regras a seu favor. Esmeralda, Dolores, Ângela e Marisa³⁷⁴ também percebiam e obedeciam, mas ao contrário de Raquel, ficavam ressentidas. O que gerava mágoa alternada com culpa e sentimento de revolta. Contudo elas todas, de

³⁷⁰DURHAM, Eunice. Família e reprodução humana. In: FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura e HEILBORN, Maria Luiza (Diretoras da coleção). **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. v.3. p.23-27.

³⁷¹MARTA, entrevista n.10.

³⁷²ROCHA-COUTINHO, op. cit.

³⁷³RAQUEL, entrevista n.3.

³⁷⁴ESMERALDA, entrevista n.5; DOLORES, entrevista n.14; ÂNGELA, entrevista n.6; e MARISA, entrevista n.7.

um jeito ou de outro, conseguiam as coisas que se determinavam a obter. Marta³⁷⁵ – talvez por ser a mais nova e já estar sob controle de regras que a inclusão de novas práticas sociais inserira ao longo de uma vintena de anos – foi exceção neste grupo, pois, além de perceber a dominação, foi capaz de se insubordinar contra ela de forma consciente sem fazer grandes concessões em troca.

Relatando o período recente – anos 2000 –, todas as depoentes se preocuparam em descrever ou referir-se às suas mães como alguém, de certo modo, quase "sagrada", de quem têm saudades ou que merece seus cuidados. E isso parece ser um valor bastante freqüente, ainda hoje, na cultura brasileira. Segundo Aragão,³⁷⁶ a mãe-esposa, à medida que envelhece, tende a conquistar no seio da família um certo poder (em relação ao pai), e os filhos lhe dedicam mais atenção e deferências ao seu papel de "cuidadora" da família. Vale lembrar, no entanto, que tais recordações se subordinam a dois tipos de filtros: o da memória, que mistura o fato vivido no passado com o desejo do ter vivido, no presente e o das representações sociais que impedem falar mal de pai e mãe – como verbalizado por Branca³⁷⁷ na geração passada –, muito embora não interfira nos sentimentos experimentados, que acabam transparecendo em uma ou outra fala. O que se entende, então, é que – como aponta Pollak³⁷⁸ – as representações sociais, quando internalizadas, de fato interferem com a percepção, portanto com a memória e sua reconstrução.

Estas mulheres, quase sempre, cumpriam o modelo feminino ainda esperado ao final dos anos 1970 e do qual – parece – não puderam, ou não quiseram, escapar. Todas, nesta amostra geracional, viveram a experiência de ser

³⁷⁵MARTA, entrevista n.10.

³⁷⁶ARAGÃO, Luiz Tarlei de. Em nome da mãe. In: FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza (Diretoras da coleção). **Perspectivas antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. v.3. p.136-37.

³⁷⁷BRANCA, entrevista n.12, do primeiro grupo.

³⁷⁸POLLAK, Memória e identidade..., op. cit.

mãe. E, mais uma vez, o controle exercido por antigas normas se fez presente e determinou muitas de suas experiências de maternidade, como, por exemplo, não poder escolher quando e se queriam ser mãe.

3.4 MATERNIDADE: NOVAS E VELHAS FUNÇÕES

Um pouco antes de esta geração atingir sua maturidade biológica e, portanto, capacidade de se tornar mãe, a ciência anunciava a descoberta da pílula anticoncepcional (final da década de cinquenta).³⁷⁹ Então, para estas mulheres, abria-se uma possibilidade mais do que real: escolher ser ou não ser mãe. Se até a geração anterior a contingência de casar levava-as à maternidade e ainda sob determinação da vontade masculina, agora elas podiam decidir exercer ou não tal função.³⁸⁰

Porém, se em termos orgânicos isso era uma verdade, no aspecto social os fatos eram diferentes. Nas décadas de 1960 e 1970, ainda imperava o conceito de que a maternidade era um exercício mais que obrigatório – quase a única – ou uma das únicas formas de se alcançar felicidade. Claro, desde que sob a proteção do casamento ou ao menos em uniões estáveis.³⁸¹

Jaggard e Bordo³⁸² acreditam que o significado de ser mãe continuava, no século XX, muito parecido ao que era julgado indiscutível nos oitocentos: a maternidade era vista como um "instinto" próprio ao gênero feminino, a reprodutividade inextricavelmente ligada à sexualidade e à sociabilidade, e a capacidade de relacionamento ainda era pautada pela procriação. A sociedade mantinha controle

³⁷⁹LEFAUCHEUR, Nadine. Maternidade, família, estado. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente - 5: o século XX**. São Paulo: EBRADIL, 1991. p.489.

³⁸⁰DURHAM, op. cit., p.23-27.

³⁸¹LEFAUCHEUR, op. cit., p.484-491.

³⁸²JAGGAR, Alison; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p.49-53.

sobre as relações de gênero por dominar ou legislar sobre a procriação, criaram-se leis que foram regulando a contracepção, o aborto, a concepção e a tecnologia do parto, decidindo quem (como e quando) teria acesso a essas práticas e, mais que isso, controlando conceitos acerca dos fatos conceptivos. A psicologia tradicional, em algumas de suas vertentes, atuava como fator de manutenção deste quadro de conceitos, dando informações sobre a "naturalização" da função materna atribuída à mulher e culpabilizando-a por quase tudo na vida das pessoas, ignorando os fatores sócio-culturais que contingenciam cada história pessoal (e social).³⁸³

Apesar de manifestações culturais de protesto (como a dos *hippies*, no mesmo período – 1960/1970) a esse modelo social, entre outros valores culturais persistia também a noção de que, ao constituir família, a mulher ascenderia a uma certa espécie de poder se gerasse filhos, e mais, sendo mãe deveria dedicar-se exclusivamente a eles. Em síntese, permanecia a idéia de uma "natureza feminina boa" que implicaria, necessariamente, maternar o filho.³⁸⁴ No entanto, essas representações padronizadas, como Badinter afirma, anulavam a manifestação individual de viver a relação mãe-filho:

Se é indiscutível que uma criança não pode sobreviver e desenvolver-se sem uma atenção e cuidados maternos, não é certo que todas as mães humanas sejam predeterminadas a oferecer-lhes esse amor de que ela necessita. Não parece existir nenhuma harmonia preestabelecida nem interação necessária entre as exigências da criança e as respostas da mãe. Neste domínio, cada mulher é um caso particular...³⁸⁵

Na mesma linha de raciocínio, Jaggard e Bordo³⁸⁶ lembram que a experiência feminina determinada por esse tipo de representação controla a reprodução das

³⁸³SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Cultrix, 1984.

³⁸⁴Para Varenne, o conceito de família, para algumas sociedades, está diretamente ligado ao de se ter filhos, e a mulher ocupa, aí, papel de suma importância (VARENNE, Hervé. *Love and Liberty: la familia americana contemporanea*. In: BURGUIERE, A. et al. **Historia de la familia: el impacto de la modernidad**. Madrid: Alianza, 1988. op. cit., p.425).

³⁸⁵BADINTER, **Um amor...**, op. cit., p.18.

³⁸⁶JAGGAR e BORDO, op. cit., p.53- 55.

crenças sociais. E as mulheres foram conduzidas a acreditar na necessidade de "cuidar" dos filhos, pois esses "dependiam" dela. Assim, os questionamentos, quando existiam, para as mulheres da época, ainda não eram manifestos. Pelo menos não claramente.

Os relatos das depoentes, então, expressam sentimentos ambivalentes em relação ao serem mães. Se os comportamentos de Dolores, Raquel e Ângela³⁸⁷ em relação à prole denotam obediência à norma vigente de que era dever da mãe estar disponível para o filho, segundo os relatos não era desejo delas, nem percebiam ser necessidade de suas crianças, estarem disponíveis. Apesar disso as três se consagraram aos filhos em tempo quase integral. Pode-se pensar, assim, que as contingências acabaram por empurrá-las para esta atividade que exigiu delas a renúncia à individualidade. Mais ainda, os sentimentos por elas expressos variou: se por um lado, Raquel se dizia feliz por ter se consagrado aos filhos, ela também diz ter percebido que não estava pronta para exercer tal função; Dolores³⁸⁸ teve ressentimentos em relação ao marido que lhe "impôs" cuidar dos filhos em casa, abrindo mão de fazer um concurso público. E Ângela relembra quando fez o que ela considera a sua maior renúncia: deixar o emprego porque sua família achava que devia cuidar de sua filha recém-nascida:

Me senti manipulada! Você... ter que engolir as frustrações de não poder alcançar... objetivos que um dia havia desejado. Na minha cabeça não tinha porque parar de trabalhar (...), mas achei melhor ceder... (...) eu acho que nem parei para pensar direito.³⁸⁹

Se em suas memórias, em várias ocasiões, elas fizeram filtro daquilo que as havia feito sofrer – no que toca a renunciar aos seus sonhos profissionais em função da maternidade – o seu descontentamento apareceu, de muitas maneiras,

³⁸⁷DOLORES, entrevista n.14; RAQUEL entrevista n.3; e ÂNGELA, entrevista n.6.

³⁸⁸DOLORES, entrevista n.14.

³⁸⁹ÂNGELA, entrevista n.6.

junto com o fato narrado. Para Ângela, de forma explícita; para Dolores e Raquel,³⁹⁰ de modo subliminar.

A esse respeito diz Sidman: "Freqüentemente desligamos o que quer que nos desagrade. (...) nalguma medida, vemos e ouvimos apenas aquilo que queremos ver ou ouvir, ignorando realidades desagradáveis...".³⁹¹ E, para estas mulheres, já que deveriam cuidar dos filhos, melhor foi aquietar-se e não pensar "direito".³⁹² Estar consciente implicaria em sentir raiva ou culpa, dois sentimentos mais desagradáveis do que arcar com a subserviência.³⁹³ Consoante, Elias afirma que: "...valores representam a essência daquilo que dá finalidade à vida. (...) Esses padrões emocionais funcionam como moldes aos olhos da mente; determinam, em boa medida, quais fatos são percebidos como essenciais e quais os descartados como sem importância."³⁹⁴

Da fala desses três autores, Badinter, Sidman e Elias é possível compreender que aquilo que se acreditava ser papel e função de mães, de "boas" mães, estava de tal modo internalizado pelas mulheres que, o que antes tinha sido apenas um conceito, se tornou mais que um sentimento: um valor inerente ao modo de ser feminino.

E valores são construídos, tanto quanto os sentimentos, pelas contingências culturais.³⁹⁵ Desta forma, regidas por ambos, cada uma delas trouxe

³⁹⁰ÂNGELA, entrevista n.6; DOLORES, entrevista n.14; e RAQUEL, entrevista n.3.

³⁹¹SIDMAN, op. cit., p.114.

³⁹²ÂNGELA, entrevista n.6.

³⁹³JAGGAR, Allison. Amor, e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Allison; BORDO, Susan (Eds). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p.158-160.

³⁹⁴ELIAS, **A sociedade...**, op. cit., p.73-75.

³⁹⁵COSNIER, Jacques. Empathie et communication – partager lês émotions dáutruí. In: SCIENCES HUMAINES. **Dossier** – Auxerre/France: Centre National de Lettres, n.68, Janvier, 1997. p.24-26.

algumas passagens denotativas do sacrifício de sua identidade em função dos filhos, de acordo com o que sua memória pôde (re)elaborar no momento da entrevista. E, evidentemente, as emoções experimentadas para situações similares foram vivenciadas de modo diverso.³⁹⁶

Embora Raquel se percebesse sem preparo para o exercício da maternidade, justificou-se com esta reflexão: "...Poderia ser mãe melhor? Acho que não! Perto do que eu tinha dentro de mim, eu acho que fiz o melhor que eu podia fazer..."³⁹⁷ Ao explicar, ela esclareceu que percebia que não pôde optar por ser mãe. Mas que acabou por fazer um outro tipo de escolha. Para a família de seu marido, já tendo ela concebido dois filhos homens, Raquel³⁹⁸ havia cumprido com sua obrigação. Mas ela queria uma filha e declarou em sua narrativa que ter essa criança foi uma forma de satisfazer a própria vontade: "Eu quis!"

Como Raquel, a liberdade de escolha de Dolores e Ângela também foi podada na maior parte das vezes. No entanto, ao contrário da primeira, que se declarou feliz com ter cuidado integralmente dos filhos, as outras duas depoentes experimentaram com a maternidade circunstâncias dolorosas.³⁹⁹ Dolores, embora fale das alegrias de ser mãe – e presume-se que ter filhos foi para ela uma opção, uma vez que usou anticoncepcional antes de cada uma de suas gestações –, relata que deixar de lado seus planos de estudar e trabalhar foi sofrido e só o fez por obediência ao marido. E ela mostra consciência do fato de ter abdicado e cedido em ser mãe de tempo inteiro em favor da paz conjugal.⁴⁰⁰

³⁹⁶POLLAK, Memória, esquecimento..., op. cit.

³⁹⁷RAQUEL, entrevista n.3.

³⁹⁸RAQUEL, entrevista n.3.

³⁹⁹DOLORES, entrevista n.14 e ÂNGELA, entrevista n.6.

⁴⁰⁰DOLORES, entrevista n.14.

Como Barbosa⁴⁰¹ discute, os discursos das emoções e suas representações tornaram-se reflexos de posicionamentos sociais e científicos de uma dada época.

Esta geração ainda se via impedida de "escolha" sobre se e como exercer a maternidade. Seria demais, para elas, serem culpabilizadas por dissidências conjugais. A consciência que elas têm de sua aquiescência às regras impostas revela que elas percebem mudanças em suas atividades, demonstrando o caráter fluido e situacional da identidade.⁴⁰²

Apesar de ter vivido o *boom* do feminismo das décadas de 1960-1970, esse grupo de mulheres recebeu um "bombardeio" diário da mídia, de suas mães, sogras e avós, além dos profissionais que as aconselhavam, de que deviam assumir a responsabilidade do lar. O casamento ainda era visto como indissolúvel, e a elas cabia mantê-lo desse jeito. "Se, nas raras vezes em que ocorria, viesse a separação, a responsabilidade seria da mulher."⁴⁰³ O perigo de perder o marido provavelmente advinha de que as mulheres descasadas não eram bem vistas pelo grupo social na época e muito poucas ousavam carregar esse estigma. Talvez seja essa uma das explicações para que Raquel⁴⁰⁴ tenha vivido por longo tempo o "limbo" de seu casamento. E, como ela conta, ao separar-se viveu o isolamento imposto por seus irmãos e familiares. Apenas uma das irmãs, também separada, continuou sua amiga.

Porém, apesar do conceito ainda persistente, da necessidade de a mãe dedicar-se aos seus filhos, algumas das depoentes não ficaram em casa – totalmente disponíveis para o lar. Esmeralda, a manicure, e Marisa, a operária, tiveram que trabalhar fora desde cedo, para prover o sustento da prole, e contaram com a ajuda

⁴⁰¹BARBOSA, Maria José Somerlate. Chorar, verbo transitivo. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n.11, 1998. p.329.

⁴⁰²PUCCI, op. cit.

⁴⁰³ROCHA-COUTINHO, op. cit., p.108.

⁴⁰⁴RAQUEL, entrevista n.3.

de suas mães, que acabaram criando os netos.⁴⁰⁵ Percebendo-se dando incômodo às famílias de origem. Marisa e Esmeralda⁴⁰⁶ narraram algumas situações em que sofreram cobrança daquelas. E isto acabava por gerar dupla culpa: deixar os filhos, mesmo protegidos, não era coisa de "boas mães"; ser a causa de desavenças e cobranças entre pai e mãe também não era coisa de "boas filhas".⁴⁰⁷ E isso as levou a "desdobrar em mil" para cumprir com o papel da nova mulher: "...as definições tradicionais e o 'senso comum' apontam/normatizam que aos homens cabe a proteção da família, dos filhos e das mulheres, e às mulheres cabe cuidar dos homens, da família e dos filhos e, em anos mais recentes para uma considerável parcela da população, também da profissão", como descrito por Beleli.⁴⁰⁸

Sob essa concepção, a sociedade das décadas de 1960 e 1970 conseguia transmitir às mulheres a necessidade de cumprir com suas duplas funções: "dentro e fora do lar". E elas passaram a se exigir um nível de perfeição impossível de ser alcançado. Para as casadas, afirma Passerini, somava-se uma tripla função: tornarem-se ainda mais atraentes para seus maridos, ser a amante criativa e fogosa, o que o deixaria longe dos braços de outras trabalhar fora, cuidar da casa e dos filhos:

...a ambivalência da imagem feminina na cultura ocidental, acrescida, mais do que reduzida, pelas exigências de emancipação: a hegemonia da figura feminina na publicidade, nas capas das revistas e nos cartazes, remete com efeito para a coincidência entre a mulher como potencial sujeito e a mulher como possível objecto.⁴⁰⁹

⁴⁰⁵ESMERALDA, entrevista n.5 e MARISA, entrevista n.7.

⁴⁰⁶MARISA, entrevista n.7 e ESMERALDA, entrevista n.5.

⁴⁰⁷ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.9-27.

⁴⁰⁸BELELI, op. cit.

⁴⁰⁹PASSERINI, Luisa. Mulheres, consumo e cultura de massas. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente - 5: o século XX**. São Paulo: EBRADIL, 1991. op. cit., p.382.

E a partir desse período, é cada vez maior o número de mães, mesmo com filhos bem pequenos, que trabalham fora de casa.⁴¹⁰ Com o advento dos divórcios e das separações tornou-se freqüente mulheres criarem os filhos sem a presença contínua de um homem, mesmo que não fosse o pai biológico desses filhos.⁴¹¹ E isso acabou por influenciar, também, a vida pessoal dessas mulheres. O discurso social, ambivalente, ora restringia Eros como sexualidade lícita apenas interna ao casamento, ora incentivava que Eros existisse como obrigação de uma mulher bem "resolvida". O discurso da psicologia, também aqui, foi decisivo em aumentar os conflitos femininos: para ser "normal" era preciso cuidar dos filhos e exercer a função materna. Mas, também o ser "normal", era ter orgasmos, o que implicava em exercer a sexualidade e, sendo separadas, ficava inviável fazê-lo dentro das normas sociais.

O comportamento das duas mulheres mais jovens (Marisa e Marta),⁴¹² reflete uma conjuntura de transição entre novas e velhas maneiras de viver a maternidade para as mulheres do período em estudo. A primeira literalmente nunca mais namorou e a segunda continua a recusar-se a casar, ou viver junto com o atual namorado, até poder estar em casa e "vigiá-lo."

Ora, Marisa e Marta resolveram o conflito eliminando seus desejos pessoais. Já Esmeralda e Raquel, apesar de conseguirem conciliar a maternidade com o ser mulher e "solteira", pagaram o preço de vivenciar culpa e vergonha em relação a esse aspecto, mas nem por isto abdicaram de tal exercício: Esmeralda diz que foi muito "safada" pois saía, e ainda sai, dançar e namorar; Raquel se autodenominou "uma Messalina" por ter ido para um motel.⁴¹³

⁴¹⁰TRINDADE, Judite Maria Barboza. Mulheres e abandono de crianças em Curitiba. **Diálogos** (Revista do Departamento de História da UEM), Maringá (PR), v.4, n.4, 2000. p.103.

⁴¹¹O'NEILL, op. cit., p.79-80.

⁴¹²MARISA, entrevista n.7 e MARTA, n.10.

⁴¹³ESMERALDA, entrevista n.5 e RAQUEL, entrevista n.3.

Da mesma forma, os relacionamentos delas com seus filhos, tanto na infância deles como na atualidade, revestem-se das peculiaridades das mudanças que as décadas de 1960/70 trouxeram à sociedade. Elas conseguem dialogar com os filhos – como suas mães também haviam feito –, mas agora principalmente sobre sexualidade, de uma maneira improvável para a geração anterior à delas. Apesar de conflitos próprios – intergeracionais – suas filhas são suas amigas e transformaram-se em conselheiras de suas mães.

Apesar de uma maior parceria com todos os filhos deste grupo de mulheres do que a geração anterior, elas deixaram escapar, no momento da entrevista, que temem a solidão na velhice e, com algumas exceções, não há grandes sinais de vida social com amigos na atualidade. Por onde andariam os amigos da juventude?

3.5 AMIZADE: APENAS UMA RELAÇÃO DE AMOR FRATERNAL?

Os gregos tinham três palavras para designar o amor. "Eros", erroneamente, acabou sendo empregada para significar amor sexual, porém está, em verdade, conectada ao amor sensual – o que traz satisfação biológica e diz respeito às contingências filogenéticas. A "Philia", ou a segunda forma de amar, ocorre quando a pessoa recebe aconchego e ou outras formas de gratificações do "outro": nela é o próprio comportamento que encontra valorização. Já o amor "Ágape" deriva de uma palavra que significa ser "bem-vindo", "recebido com alegria", e seu efeito se faz no grupo que se fortalece com este tipo de amor, pois a satisfação pessoal está em valorizar o comportamento daquele que amamos.⁴¹⁴

⁴¹⁴SKINNER, B.F. **Questões recentes na análise do comportamento**. Campinas (SP): Papyrus, 1991. p.16-17.

Então, se a amizade pode ser considerada como uma forma de amor que envolve solidariedade e relações de fraternidade,⁴¹⁵ pode-se pensar que, nela, se encontram conjugadas a *Philia* e o *Ágape*, ou seja, há validação de ambos os lados da relação.

Ao longo do tempo, de acordo com Zeldin,⁴¹⁶ os seres humanos estiveram mais preocupados em guerrear do que em conversar, e esta é uma condição essencial para que ocorra a amizade, entendido como o sentimento de "encontrar e/ou dar aconchego ou validação". O diálogo pressupõe, entre outras coisas, que se duas ou mais pessoas questionarem um ao outro, irão examinar seus conceitos e, passo a passo, aprenderão a conviver em harmonia, respeitando suas diferenças, crescendo com elas. Desta forma, quando há convivência, a sociedade acaba por selecionar comportamentos que, submetidos às contingências, demonstram valor funcional para o grupo no qual o indivíduo está inserido. Sendo assim, é de interesse dessa sociedade que as pessoas se agreguem e solidarizem, principalmente em momentos de grandes transformações,⁴¹⁷ como é o caso daquelas décadas de intensos questionamentos das instituições de controle social.

Não se pode esquecer que os anos de 1960 a 1970 foram aqueles em que a juventude se uniu em protestos pelo mundo todo. E as mulheres, ou pelo menos as feministas, se agregaram em torno de propostas de mudanças daquilo que se considerava norma de conduta. "... as mulheres que viveram sua adolescência no final dos anos 60 e início dos 70 (...) presenciaram essa escalada feminista, com a tentativa de derrubada dos velhos mitos e tabus a respeito do papel e da posição da mulher na sociedade...",⁴¹⁸ mas não só as feministas protestavam contra a ordem

⁴¹⁵ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.27-35.

⁴¹⁶ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.37-45.

⁴¹⁷SKINNER, *Selections...*, op. cit.

⁴¹⁸ROCHA-COUTINHO, op. cit., p.119.

posta. Rapazes e moças partilhavam ideais de liberação do que os impedissem de adquirir consciência e liberdade de ação.

A sociedade que, até duas décadas anteriores, havia punido a confraternização entre os gêneros, ou pelo menos recomendado anteriormente a separação entre meninos e meninas, agora mudara essa concepção e já permitia folguedos em comum. E o diálogo começou a ser uma prática corriqueira em várias instâncias do coletivo nesse período.

Os espaços dessa sociabilidade não se restringiram apenas aos pátios das casas, sob os olhares das mães e ou familiares, mas se estendiam às ruas dos bairros, aos pátios das igrejas, aos salões paroquiais e dos clubes, além de outros lugares onde os jovens se reuniam. Com esses encontros, surgia a possibilidade de tomar consciência, acerca de si e dos outros, de construir uma individualidade e autoconfiança e, portanto, de uma nova forma de construção da subjetividade.⁴¹⁹

Elias,⁴²⁰ ao propor que a sociedade é mais do que um grande número de pessoas reunidas,⁴²¹ refere-se às relações que ocorrem entre indivíduos e que os transformam no processo de conviver. Assim, o envolvimento em relacionamentos de amizade ou mesmo de "coleguismo" pressupõe a troca de valores e de sentimentos, e

...a solidariedade tece no cotidiano uma malha delicada de encontros e cumplicidades. Frágil, precário, este fio une e desata laços e identificações ao menor movimento. (...) dessa forma emoções, afetos, sentimentos e personalizações rompem cotidianamente com a impessoalidade. Mais do que os contatos formais é em encontros baseados na amizade ou na vizinhança que circulam notícias, queixas, cumplicidade.

⁴¹⁹ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.139.

⁴²⁰CARVALHO, Marília Pinto de; VIANNA, Cláudia Pereira. Educadoras e mães de alunos: um (des)encontro. In: BRUSCHINI, C.; SORJ, B. (Orgs.). **Novos olhares: Mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994. p.155.

⁴²¹ELIAS, **A sociedade...**, op. cit., p.63.

É, portanto, no contato com o outro que o ser se constrói e toma conhecimento a seu respeito e sobre a vida.⁴²² Ao fazer trocas sociais a pessoa vai se modificando e produzindo mudanças em sua comunidade. Perry⁴²³ apresenta uma idéia de que, por força de suas vivências, as pessoas se autodefinem em termos de suas afiliações e relações com os outros. A convivência entre os gêneros parece ter flexibilizado o modo de ver a vida para ambos os lados. Nessas trocas os dois aprenderam algo novo que lhes permitiu ver mais longe. A amizade é apenas uma dessas formas de se relacionar, mas, sem dúvida, garante ao ser humano apoio nas dificuldades e o ajuda a enfrentar perigos.⁴²⁴

Até os anos 1960, ou seja, para o grupo da primeira geração, essa solidariedade era prestada, principalmente, pelo grupo da parentela, embora nele também ocorresse relações de amizade. Mas, dadas às circunstâncias daquela época, eram amizades compartilhadas por mais de um membro da família, via de regra entre filhos de pessoas de uma mesma congregação: religiosa ou até de bairro. Para as mulheres das décadas em estudo (1960-1970) já apareceram os amigos de escola – e mais tarde do trabalho –, portanto pessoais, não necessariamente conhecidos dos outros membros da família.

Marisa⁴²⁵ relembra, voz embargada por lágrimas, como suas amigas (assim ela se refere às colegas do trabalho) ajudaram-na quando se viu grávida, solteira, e sem apoio dos familiares: "Que com vinte e quatro anos eu fui mãe, só que eu não casei (...) daí eu fiquei criando o meu filho... foram bons comigo...minhas amigas também, o pessoal da ajudou muito..." Ela também se emociona ao dizer

⁴²²AMORIM, op. cit., p.42.

⁴²³PERRY, Donna. A canção de Procne: a tarefa do criticismo literário feminista. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p.319-321.

⁴²⁴DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. São Paulo: UNESP, 1998. p.24.

⁴²⁵MARISA, entrevista n.7.

que teme, hoje, a aposentadoria, pois sabe que pode ficar sem suas amigas, seu grupo de apoio e alegrias.

Mas esta é mesmo uma geração de contrastes. Por um lado, profissionais da saúde ou conselheiros de revistas femininas pediam diálogo e confraternização entre os jovens, por outro alguns segmentos da sociedade ainda viam este tipo de relacionamento com olhos desconfiados. Os pais, na grande maioria, punham restrições a que suas filhas viajassem ou acampassem, mais ainda se fosse com amigos homens. Essa amizade entre os gêneros é algo que não conseguiam entender, portanto ficava difícil aceitar. A própria mídia,⁴²⁶ que veiculava a amizade entre jovens como algo bom e necessário, fazia enquetes nacionais acerca da manutenção ou não da virgindade. O que estava por trás dessas pesquisas, muito provavelmente, era como a liberação sexual conseguida com o uso dos anticoncepcionais e a aproximação de amizade entre os gêneros afetaria a instituição familiar, como Brogger explica: "...E o desconhecido, o diferente causa medo e resistência: aquele medo que todos sentimos ao nos darmos conta de que os velhos códigos sexuais e modelos de conduta já não funcionam. O medo de encontrar novas formas de vida quando admitimos que a velha vida de família perdeu sua razão de ser..."⁴²⁷

Dois dados aceleravam a preocupação da sociedade com a família, em várias partes do mundo, nesse aspecto das relações humanas, após meados do século XX. No mundo todo crescia uma prática nada tradicional: a coabitação juvenil e lares constituídos por apenas um dos genitores.⁴²⁸ De fato, a partir de 1950, a

⁴²⁶EXPERIÊNCIAS Pré-Conjugais. **Revista Cláudia**, n.25, p.48-50, out. de 1963. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

⁴²⁷BROGGER, Suzanne. O medo de viver. In: FÉLIX, Moacir et al. **Encontros com a civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. v.18. p.146.

⁴²⁸Monoparentais, geralmente matrifocais. A estatística norte-americana mostra que a taxa de mulheres "chefiando" uma família dobrou entre 1950 – 1,7 para a população branca e 16,8 para as mulheres negras – e 1970: 5,7 de mulheres brancas e 37,6 entre as negras (VARENNE, op. cit., p.443).

sociedade viu crescer o número de divórcios e cair a nupcialidade religiosa e civil.⁴²⁹ No Brasil, embora de forma menos visível, já aconteciam – com certa frequência – as uniões informais, como o caso de Raquel em sua segunda relação. No entanto, um outro fenômeno ocorria, de 1970 em diante, na narrativa de Vincent,⁴³⁰ para países europeus: filhos naturais eram cada vez mais frequentemente reconhecidos por seus genitores, embora esses fossem criados apenas pela mãe, o que acarretava um peso a mais para a família da moça. Mas, como aconteceu com Marisa,⁴³¹ a mãe solteira deste grupo, alguns casais, porque a moça engravidava, já começavam a coabitar, também aqui no Brasil. A revista *Cláudia*⁴³² trazia matérias sobre o crescente número de experiências pré-nupciais, o que demandava das instituições de controle social posicionar-se e dar conselhos aos pais e aos jovens no sentido de manter as normas em vigência até então.

Havia também casos de convivência de vários outros tipos entre os jovens. Nem sempre tais relacionamentos envolviam sexualidade. Martins,⁴³³ em sua pesquisa sobre a Casa da Estudante Universitária de Curitiba, anos de 1960, cita exemplos de ocasiões em que as moças da Casa confraternizavam com rapazes, que não eram seus parentes ou sequer namorados. Simplesmente agiam como amigos do gênero masculino e, até como protetores, numa relação de fraternidade. Dolores e Ângela⁴³⁴ descreveram viagens de lazer, as chamadas excursões. Pois, nem só de vencer perigos, tristezas ou necessidades é feita a amizade. Pode abrigar prazeres também, como proporcionar o conhecimento de novos lugares e de novas

⁴²⁹VINCENT, Uma história..., op. cit., p.282-286.

⁴³⁰VINCENT, Uma história..., op. cit., p.282-286.

⁴³¹MARISA, entrevista n.7.

⁴³²SILVA, C. da, op. cit., p.72-73 e p.135-138.

⁴³³MARTINS, *Um lar*..., op. cit., p.25.

⁴³⁴DOLORES, entrevista n.14 e ÂNGELA, entrevista n.6.

experiências. Era freqüente para a juventude dos anos 1960-1970 poder fazer viagens em grupos mistos.

FOTO 3 - "ACAMPAMENTO", ILHA DO MEL - DEZ. 1975



FONTE: Acervo particular

NOTA: Foto cedida por Rose Reis, uma das jovens que aparecem em plano frontal e que teve consentimento do grupo para este empréstimo.

O grupo que aparece na foto, e "acampa" na praia, é composto por jovens de classe média, alguns estudaram juntos e outros trabalharam juntos. Assim, a amizade era compartilhada entre amigos de amigos. Os pais, dos jovens deste grupo, sabiam e aprovavam a amizade entre os filhos.⁴³⁵

Porém, isto não era uma prática partilhada por todas as famílias daquela época. Algumas – como a de Marisa, a operária –, viam com desconfiança até mesmo a amizade da filha com outras moças. Desta forma, parece que a condição

⁴³⁵Foto cedida por Rose Reis, em outubro de 2003. Trata-se de um acampamento na Ilha do Mel, em 1975.

social e a possibilidade de cultura formal afetavam a concepção dos pais sobre amizade em geral, quanto mais entre moças e rapazes:

...nunca levei uma amiga em casa, porque eu não posso levar uma amiga em casa por causa da mãe. Ah! conversar com uma amiga em casa, levar uma companheira, uma amiga pra almoçar em casa, eu não posso levar? (...) chegou uma amiga lá em casa, começou um assunto de mulher pra mulher, da vida, do passado, a mãe ficou brava, aí ela falou: 'não quero que venha trazer vagabunda aqui em casa!' (...) Então eu me criei sem amizades em casa...⁴³⁶

Embora tenham vivido num mesmo período (as décadas de 1960 e 1970), a realidade social é diversa entre Marisa e Ângela, ou Dolores. As duas últimas estando mais próximas daquilo que foi descrito por Martins,⁴³⁷ no que tange aos valores compartilhados pelo gênero masculino e feminino desse período. Ângela ou Dolores,⁴³⁸ ao falarem de amizade, remetem ao que ficou para trás e que permanece vivo apenas por meio da memória. Por isso há que se ter cuidado ao interpretar o que trazem em suas saudades, na nostalgia da amizade. Já, Marisa não fala só do passado: mesmo sendo uma mulher adulta e a maior provedora da família, por morar com os pais se submete às normas deles e continua a não levar amigas em casa. Para os pais dela, como para os de Raquel, valia a separação entre os gêneros e, portanto, estas não puderam experimentar equidade fraterna com os homens.

Uma das funções da amizade é, também, possibilitar aos seres humanos a troca afetiva que os protege da solidão.⁴³⁹ Marisa, Esmeralda e Raquel falam do temor à vivência ou de sua possibilidade. Apesar de, nos anos 70 muitas feministas terem feito apologia da solidão, associada com a independência ou a individualização,⁴⁴⁰ as mulheres dessa geração, e, também da anterior, sentem-se

⁴³⁶MARISA, entrevista n.7.

⁴³⁷MARTINS, *Um lar...*, op. cit.

⁴³⁸ÂNGELA, entrevista n.6 e DOLORES, entrevista n.14.

⁴³⁹ZELDIN, *Uma história...*, op. cit., p.139.

⁴⁴⁰BADINTER, *Um é o outro*, op. cit., p.277.

mal ante esta idéia. Estar só, ainda hoje, remete a um dos medos mais intensos que a humanidade já descreveu possuir. Desta forma, apegar-se aos outros, submeter-se ao seu olhar de aprovação ou rejeição é um preço que os seres humanos acostumaram-se a pagar.⁴⁴¹

De qualquer modo, as moças dessa amostra parecem acordar que a conscientização necessária ao processo de individualização e ao exercício do autoconhecimento, ensinado por Amorim,⁴⁴² se faz de modo mais propício na companhia de pares.

Para a maior parte dessas mulheres, a solidariedade esteve mais expressa pelos amigos do que pelos parentes, consangüíneos ou não. Evidentemente que a solidariedade da parentela ainda permanecia e, graças a ela, muito de suas ações de mudança foram possíveis. Cada uma delas relatou fatos semelhantes aos que a geração passada vivenciou: ajuda de mãe para criar filhos (Marisa e Esmeralda); receber ajuda da sogra (Ângela) e ajudar à sogra (Dolores); cunhadas e irmãs companheiras (Raquel e Esmeralda); cuidados entre irmãos (os filhos de Marta e de Ângela). Enfim, a amizade entre familiares continuava. Porém, essa fraternidade começava a dar espaço a um novo tipo de participação: a troca afetiva desprovida de interesses sexuais ou sensuais, entre os gêneros.⁴⁴³

Contudo, essa "fraterna" amizade parece ter deixado de existir quando essas moças tornavam-se adultas ou quando casaram. Ao falar de suas vidas, atualmente, elas não se referem a amigos de hoje. Três hipóteses, no mínimo, são possíveis. A primeira diz respeito à memória. Como aquilo que é lembrado tem sempre ligação com o que se vive no presente, talvez simplesmente, nesse momento, não fosse importante falar desse assunto e os amigos foram esquecidos.

⁴⁴¹ELIAS, **A sociedade...**, op. cit., p.108

⁴⁴²AMORIM, op. cit., p.37- 46.

⁴⁴³ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.139.

Contudo, caso a omissão sobre sua existência atual diga respeito a ausência de amizade masculina, então se poderia pensar que a explicação pusesse ser encontrada em algo que apareceu com certa frequência no relato delas. O ciúme dos maridos. Se, estando elas afastadas de amizades masculinas, já ocorriam situações de vigilância de o que elas vestiriam ou aonde iriam, provavelmente a saída mais prática que elas encontraram foi afastar-se dos antigos amigos de adolescência. Ao rememorarem elas não mencionaram se tinham ou não consciência desse afastamento, menos ainda do porquê dele. Desta forma, mais uma vez aparece o ceder como uma forma de "negociar" com sua comunidade aquilo que elas julgavam, na época, ser o mais importante: onde ganhariam mais ou perderiam menos. Era mais fácil não eliciar ciúmes que poderiam suscitar desavenças e com elas brigas com o cônjuge; como quando a sogra e a cunhada de Ângela⁴⁴⁴ aconselham-na a esconder do marido a "proposta" desleal do sócio dele.

A segunda hipótese diz respeito a que, talvez, como adultas tivessem resgatado – como o fizeram em relação à educação dos filhos – as antigas normas de não se misturar ao gênero oposto, de modo geral, inclusive com seus amigos. Os que elas mencionam, são casais de amigos.

Na ocasião da entrevista (todas) as depoentes deste grupo estavam exercendo trabalho fora de suas casas. Então, esse poderia ser um espaço propício para a construção de novas amizades. E assim foi relatado; no entanto, são amizades com outras mulheres, mesmo para aquelas que estavam separadas ou divorciadas.

3.6 A EDUCAÇÃO E O TRABALHO: ESPAÇOS DE TRANSFORMAÇÕES

Como para suas mães, para as jovens das décadas em estudo (1960-1970), a sociedade ainda esperava que exercessem um serviço temporário até

⁴⁴⁴ÂNGELA, entrevista n.6. O casal possuía um comércio em parceria com um antigo amigo do marido de Ângela. Tal sócio propôs que ela abandonasse o cônjuge e fugisse com ele. Ela contou para as mulheres da família deste e elas pediram silêncio em nome de conservar a paz entre os rapazes.

casarem ou no máximo até o nascer do primeiro filho. Trabalhar ainda parecia possuir conotação semelhante à que tivera para o grupo anterior – como compasso de espera ou, preparação para ser uma "boa mãe e dona de casa" culta ou por necessidade financeira.

Em seu trabalho, sobre individualização feminina, Martins apresenta um perfil das mulheres desse grupo, ou seja, da "nova mulher" que estava em construção:

Entre o tradicional e o moderno formava-se uma "nova mulher" consciente de que poderia assumir novos papéis além daquele que a "moral mais aceita" lhe havia concedido como "missão" a ser exercida dentro do lar (...) No processo de formação da "nova mulher" a educação tinha um grande destaque, principalmente para as mulheres das camadas médias urbanas, que viram em alguns cursos secundários a possibilidade de profissionalização e de acesso às universidades, embora o casamento ainda fosse o ideal mais disseminado.⁴⁴⁵

Embora algumas tivessem recebido preparação específica para o trabalho e até já fossem profissionais, elas não haviam se preparado internamente para transformar-se em pessoas autogestoras. Aí, aos poucos, nas mais diversas instâncias sociais, de modo quase individual, alterações foram ocorrendo. O trabalho também sofria os efeitos destas variações. Mais que isto, pode-se dizer que propiciou muita das mudanças globais que desviaram sua trajetória de vida. E educação e trabalho transformaram-se em vetores de mudanças sociais.

Ângela,⁴⁴⁶ a artesã, conta duas passagens em relação às regras sobre conjugar casamento e trabalho. Na primeira, ao assumir seu segundo emprego, ainda que concursada, teve que assinar um contrato no qual se comprometia a pedir demissão assim que casasse. Então, pode-se imaginar que isto fosse uma prática recorrente para aquela empresa e, talvez, também para aquela sociedade. No relato dela, pelo menos no que sua memória traz, não aparece revolta ou mágoa contra tal preceito, como se fosse algo esperado e "normal". Na segunda situação, já

⁴⁴⁵MARTINS, *Um lar...*, op. cit., p.31.

⁴⁴⁶ÂNGELA, entrevista n.6.

em outro emprego – também com concurso e exercendo funções em que era reconhecida por sua competência –, a família a fez abdicar do serviço quando teve sua primeira filha, mesmo existindo berçário na empresa, o que lhe possibilitava amamentar e estar próxima da criança. Ou seja, vinte anos depois da geração anterior, Vincent⁴⁴⁷ corrobora o relato desta moça, ao afirmar que o que era esperado delas era que cumprissem com o papel tradicional: cuidar do lar e dos filhos.

Nesse sentido, e considerando a análise de Simon-Nahum⁴⁴⁸ sobre as diversidades culturais, pode-se compreender que as mudanças operadas pelas mulheres no espaço social causariam algumas convulsões na família, pois: "...Todo conceito novo introduz por algum tempo a desordem do pensamento". Os pais dessas moças haviam lhes proporcionado um alcance educacional que antes não estava disponível e, ao buscarem formação que lhes aumentasse a cultura formal, alcançaram um modo de pensar e agir diferente.

Labutar para sobreviver era algo que se podia entender e, portanto, aceitar; foi o que as mulheres fizeram por muito tempo. Contudo, escolher trabalhar fora quando se podia ser sustentada pela família – pai e/ou marido – não fazia parte da mentalidade da maioria das pessoas desta época (1960-1970); era algo que estava apenas começando a fazer parte do cotidiano de algumas famílias, as de camada média e da alta, uma vez que para as de baixo poder aquisitivo isto já fazia parte do cotidiano.⁴⁴⁹ O marido de Dolores demonstrou pensar que, uma vez que podia sustentar Dolores, ela não deveria querer trabalhar fora. Com dupla preparação para a vida profissional, pois tinha feito o magistério – profissão considerada como sendo

⁴⁴⁷VINCENT, Uma história..., op. cit.

⁴⁴⁸SIMON-NAHUM, Perrine. As diversidades culturais: ser judeu na França. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5**: da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.469.

⁴⁴⁹BODY-GENDROT, Sophie. Uma vida privada francesa segundo o modelo americano. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5**: da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.555.

"feminina" e, portanto, reconhecidamente aprovada – e um curso de educadora sanitária, uma profissão absolutamente nova para esse período e na qual se ingressava por concurso, acabou por não seguir nenhuma dessas carreiras.⁴⁵⁰

A primeira novidade que aparece nos relatos de Ângela, Dolores e Marta, é o fato de já estarem prestando concurso, público ou privado, no qual competiam com homens e mulheres e, assim, conseguiam preencher vagas que antes eram exclusivamente masculinas. A segunda novidade é que, agora como profissionais, elas estavam conscientes de que haveria interdições a alguns tipos de trabalho.

O depoimento de Marta foi revelador nesse sentido: a família, o namorado e os pares de concurso, deixaram bem claro que lugar de mulher não era na polícia!⁴⁵¹ No entanto, passados quase trinta anos, o museu da Polícia Militar do Paraná traz um acervo de documentos que registram o fato histórico daquele ano de 1978, como algo a ser admirado e divulgado.

Na solenidade de formatura da primeira turma de sargentos – batalhão feminino – de 20 de outubro de 1978,⁴⁵² ocorrida no pátio do Quartel General da PMP, observa-se a confraternização de amigos e familiares das jovens policiais. Alguns que ali estavam, festejando com orgulho o "rito" de passagem das jovens, de civil para militares, eram os mesmos – segundo relato – que haviam sido contra a entrada delas na corporação. O dado registra uma mudança nas práticas sociais no século XX.

⁴⁵⁰ESMERALDA, entrevista n.14.

⁴⁵¹MARTA, entrevista n.10.

⁴⁵²O Paraná foi o segundo estado brasileiro em possuir força feminina (19/0401977). Com 42 alunas sargentos. Em 1979, foi pioneiro em abrir turma de oficiais.

FOTO 4 - FORMATURA DA PRIMEIRA TURMA DE SARGENTOS – BATALHÃO FEMININO – 20 OUT. 1978



FONTE: Acervo da PMP

NOTA: Foto cedida pela Tenente Juliana, oficial da PMPR.

Quando estudantes, as mulheres deste grupo (1960/1970) ainda não possuíam a consciência de que enfrentariam as desigualdades. Sonhavam em seguir seus desejos e ter pela via da escola uma emancipação que pudesse romper as fronteiras do que ainda lhes era proibido ou permitido, numa sociedade, até então, maciçamente construída para ocupação dos espaços públicos pelo gênero masculino.⁴⁵³ No entanto, o que Ângela e Marta⁴⁵⁴ relataram – cada qual em espaços diferentes de carreira pública – foi o grau de dificuldade que tiveram que enfrentar para serem aceitas como profissionais, não só pelo fato de serem inexperientes (como qualquer pessoa em início da profissão), mas por serem

⁴⁵³THÈBAUD, op. cit., p.313.

⁴⁵⁴ÂNGELA, entrevista n.6 e MARTA, entrevista n.10. Ângela fez relatos de discriminação por parte de seus colegas, assim como Marta. E, esta última, também sofreu preconceitos na família e com os namorados.

mulheres. A memória (re)construiu a discriminação sofrida: dos colegas do gênero masculino, bem como, da população em geral.

A educação era algo esperado e, mais ainda, cobrado que os pais oferecessem às suas filhas, do mesmo modo que aos filhos, e nisso já se percebia a ação do tempo.⁴⁵⁵ Até a época anterior à delas, a escola era lugar garantido aos homens. Para as mulheres apenas a escola fundamental ou, no máximo, para as camadas financeiramente privilegiadas, o magistério ou enfermagem (na amostra em questão os sonhos foram diversificados). Agora elas tinham acesso ao ensino superior em várias áreas, como nos conta Marini. "...no final dos anos sessenta (...) realizaram elas o sonho de suas antepassadas, a igualdade de acesso à cultura comum? Não exercem elas já profissões inesperadas...para uma mulher? (...) doravante, nenhum domínio da arte e do pensamento lhes será proibido: bastará que dêem provas das suas capacidades."⁴⁵⁶

Porém, a escola estava aliada a seus processos de se tornarem adultas, capazes de pensar por conta própria, permitindo-lhes conversar e se preparar para a vida em espaço público, embora muitas vezes, desta forma, entrassem em conflito com o desejo da família.⁴⁵⁷

Raquel sofreu uma proibição, explícita, de seguir a carreira sonhada, mas não batalhada. Talvez nem tivesse realmente vocação para jornalismo, mas nunca pôde descobrir isto. Dolores desejou ser médica. Não conseguiu nem ao menos trabalhar como educadora sanitária. Ângela queria ser contadora e acabou artesã. Marta, ao contrário, não sossegou enquanto não conseguiu entrar na escola militar.

⁴⁵⁵VINCENT, Uma história..., op. cit., p.274-276.

⁴⁵⁶MARINI, Marcelle. O lugar das mulheres na produção cultural. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente - 5: o século XX**. São Paulo: EBRADIL, 1991. p.351.

⁴⁵⁷PROST, op. cit., p.83-86.

A menina de dezessete anos confraternizou e competiu com homens e mulheres, em pé de igualdade, e conseguiu seus objetivos.⁴⁵⁸

Com acertos ou desacertos estas mulheres que, na grande maioria, iniciaram na profissão por necessidade financeira acabaram por sofrer alterações em sua forma de ser e se enxergar. Ao compartilhar suas experiências, referindo comportamentos e mentalidades individuais, que tem como base, sem dúvida, o pensamento coletivo, elas foram revelando as semelhanças e diferenças que as situaram como sujeitos históricos.⁴⁵⁹

O discurso geral, inclusive o de suas mães, é que deveriam trabalhar e produzir a própria independência financeira. Essas mães, tendo sido, talvez, influenciadas pela própria vivência de trabalharem em serviços "femininos" que lhes dava dinheiro suficiente, ao menos para seus gastos pessoais, ora incentivavam as filhas a trabalhar, ora cobravam delas posturas mais condizentes com a imagem que ainda permanecia do "ser mulher" – cuidar dos filhos. Dolores revela uma fala de sua mãe, uma professora, sobre independência "...eu devia ter o meu dinheiro, para não ter que pedir".⁴⁶⁰ Mas o marido não gostava de vê-la trabalhar, mesmo que fosse dando aulas particulares em sua casa ou costurando para algumas amigas. E ele ficava bravo e dizia: "...'ah! Você fica se matando aí, isto aí eu te dou em um dia! Pois é! Mas chegava no dia que eu pedia e não tinha, então eu não gostava desse negócio de pedir dinheiro. Minha mãe sempre dizia: 'mulher tem que trabalhar para ter o seu dinheiro'...".

Porém, sua mãe trabalhava rodeada por mulheres e crianças, como era esperado para a primeira geração e como era sugerido para este segundo grupo de mulheres. Talvez o que a mãe de Dolores tentasse passar para a filha fosse um modelo

⁴⁵⁸RAQUEL, entrevista n.3; DOLORES, entrevista n.14; ÂNGELA entrevista n.6; e MARTA, entrevista n.10.

⁴⁵⁹NEVES, op. cit., p.113.

⁴⁶⁰DOLORES, entrevista n.14.

de como subtrair-se da passiva tutela do marido, como haviam feito suas contemporâneas da amostra do grupo inicial. E foi o que a filha fez. Criou uma maneira de ter seu próprio dinheiro, mesmo que o produzisse em casa: dando aulas particulares preparatórias para o "exame de admissão" ou alfabetizando adultos. No entanto, seguindo ou não os conselhos maternos, as mudanças foram se fazendo perceber.

Então, empurradas pelas contingências e às vezes pelo modelo de suas mães, estas depoentes foram se aperfeiçoando naquilo que faziam para viver. Ao se dedicar a uma profissão, descobriram algo que muito poucas da geração anterior puderam experimentar: o prazer de trabalhar fora dos lares! Realizando bem as tarefas que lhes cabiam no trabalho, acabaram recebendo reconhecimento externo e satisfação pessoal.

Conhecendo esse tipo de prazer elas puderam viver o sentimento de liberdade, ainda que fosse uma liberdade parcial, financeira. Pode-se mesmo afirmar que em suas falas transparecem a alegria e o orgulho da liberdade do "bem fazer": uma liberdade diferente do conceito masculino do que é ser livre.⁴⁶¹ Embora hoje já se compactue com a idéia de que não há um masculino ou feminino como classe homogênea, mas sim indivíduos, de um ou outro gênero, diferentes entre si, no período em questão – décadas de 1960 e 1970 – havia, ainda, uma nítida diferenciação acerca do que era ser homem ou ser mulher. Está na fala delas, uma alegria clara de poder decidir o que e quando fazer e um bem fazer. Marta traz um exemplo de como se ufana de sua função:

...quando surgia uma situação nova, eles me ligavam tarde da noite e você tinha que... que se armar e sair, executar uma perseguição, uma prisão ou coisa assim. Muito tempo eu fui a única policial desse setor (...) eu já achei mais de oitocentas crianças. Pode-se dizer que devolvi mais de oitocentas crianças aos pais...⁴⁶²

⁴⁶¹PERRY, op. cit., p.320-321.

⁴⁶²MARTA, entrevista n.10.

Perry⁴⁶³ afirma que mesmo entre as mulheres é comum associar sucesso profissional com conquistas obtidas pela competitividade e pelo individualismo, características expressas por um "antigo" padrão masculino, no qual o processo de criação e cooperação femininas é ignorado ou desprezado. O que se esquece é que, produto de anos de aculturação por viver segundo os ditames de uma sociedade criada e projetada para e por homens no espaço público, as mulheres acabaram por, também, adquirir um pensamento competitivo e aceitarem como legítimos valores que antes não pareciam possuir.⁴⁶⁴ A gama de sentimentos que elas e eles experimentam, embora varie de sujeito para sujeito, têm um padrão comum reconhecido e descrito como "naturais" a este ou aquele gênero; naquele tempo (1960/1970) e, ainda hoje, guarda-se um resquício deste modo de pensar.

No entanto, algumas conseguiram ser coerentes com seus próprios julgamentos daquilo que lhes é mais funcional. Marisa tão decidida na hora de operar uma máquina perigosa (já sofreu ferimento) diz não querer chefiar um setor da fábrica por não se sentir capaz de lidar com desagradar as pessoas:

...Não quero porque, às vezes as pessoas assim, você vê... você vai dar uma ordem pra pessoa, a pessoa já acha ruim, você não pode falar uma coisa assim pra pessoa, tem que ser amigo de todo mundo. Eu sou uma pessoa muito boa, agora, pra ser chefe, tem que ser uma pessoa mais durona, daí eu já não consigo!⁴⁶⁵

Da mesma forma, Raquel,⁴⁶⁶ mesmo tendo sido sócia de empresa, nunca quis ser chefe, e afirmou não querer ter o ônus de ser dona de uma agência de eventos.

Percebe-se, assim, que há outro tema em questão: a ambição. O que poderia ser considerado uma limitação "própria" (construída) do gênero feminino,

⁴⁶³PERRY, op. cit., p.20-321.

⁴⁶⁴SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.9, n.1, 1998. p.15.

⁴⁶⁵MARISA, entrevista n.7.

⁴⁶⁶RAQUEL, entrevista n.3.

pode ser visto como opção por coisas que elas consideram ter maior valor:⁴⁶⁷ Marisa⁴⁶⁸ escolheu a solidariedade, que lhe permite conservar amigos; Raquel preferiu a tranqüilidade de ser responsável apenas por si mesma. Claro que também poderiam caber, aí, outras interpretações. Quando Marisa diz que um chefe tem que ser durão, ela está repetindo o discurso que, provavelmente, viu ser repetido nas suas relações com chefia nos moldes tradicionais – masculinos –, e próprios da geração em que ela iniciou atividade de trabalho. Parece ter esquecido que sua chefe imediata, atualmente, é uma mulher, que comanda uma porção de homens e que, no entanto, foi sempre afetuosa e compreensiva com a sua subordinada. Os modelos mudaram, mas a percepção da mudança ainda é lenta. Esta não é única interpretação possível, sem dúvida, o custo de ser chefe também implica em vencer desafios maiores a cada dia, e isto poderia estar sendo evitado, causado por intimidação ou covardia.

Hoje, esta geração está vivendo a "meia-idade".⁴⁶⁹ As mulheres estão ainda na plenitude da vida, mas já começam a antever algo que não definem muito claramente. A emoção que perpassa por suas narrativas parece ser medo do futuro, medo da solidão ou percepção da passagem do tempo.

O medo da solidão tem sido como uma bola e uma corrente que restringem a ambição e são um obstáculo à vida plena, da mesma forma que a perseguição, a discriminação ou a pobreza. Se a corrente não for quebrada, a liberdade, para muitos, continuará sendo um pesadelo. (...) hoje em dia uma epidemia de solidão varre o mundo, de mãos dadas com a prosperidade, e, pior ainda, quanto maior o êxito que se alcança, mais provável será o sofrimento dele decorrente; e o dinheiro não pode remediar o mal.⁴⁷⁰

⁴⁶⁷ZELDIN, **Uma história...**, op. cit.

⁴⁶⁸MARISA, entrevista n.7.

⁴⁶⁹A medicina e a psicologia do desenvolvimento entendem que dos 20 anos em diante os humanos são considerados como adultos. Dos 45 aos 59 anos, estariam na fase denominada por "meia-idade", após os 60 se são classificados como idosos e após os 74, entrando na 3.^a Idade e de 80 anos em diante a pessoa já estaria na 4.^a idade (NERI, Anita Liberalesco. **Psicologia do envelhecimento**. São Paulo: Papirus, 1995).

⁴⁷⁰ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.61.

O relato de Marisa sobre desistir da chefia é coerente com a reflexão de Zeldin.⁴⁷¹ Evitando a ambição, ela conserva as amizades e posterga o sentimento de solidão. Mas o antevê quando pensa na aposentadoria e se preocupa com o futuro longe das pessoas que considera como seu suporte emocional. Duby,⁴⁷² em sua análise sobre os medos e ansiedades na chegada do III milênio, afirma que nunca antes o ser humano sentiu-se tão só. E, para ele, o que distingue o I do II milênio é exatamente a frieza dos humanos para com os outros. Parece então que, para algumas das mulheres deste grupo, há conflito entre os sentimentos de pertencimento e fraternidade e a ambição no trabalho.

Martins⁴⁷³ menciona que ao trabalhar com projetos de vida, também é possível captar os valores de uma época. Pensando assim, a preocupação com o futuro – ao programarem suas aposentadorias ou pensarem sobre este assunto – da quase totalidade das mulheres da presente amostra, pode revelar como o presente está sendo percebido por elas.

A questão da subsistência após parar de trabalhar e até a questão de poder parar, por exemplo, pode ser vista como uma forma de projeto. Para as mulheres desta segunda geração (1960/1970), ela se apresenta de uma maneira um pouco diferente do que o foi para suas antecessoras. No grupo anterior, adultas após 1940, apenas duas haviam se preocupado com precaver-se, financeiramente, para o futuro. Talvez porque para aquele grupo estivesse dado que sua subsistência seria provida pela parentela ou pelos filhos. Neste grupo inverte-se o processo. Apenas uma delas ainda não manifestou preocupação com sua subsistência na velhice, Ângela⁴⁷⁴ silencia sobre o assunto, mas ela é a única que está casada e,

⁴⁷¹ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.61.

⁴⁷²DUBY, op. cit., p.24.

⁴⁷³MARTINS, **Memórias...**, op. cit., p.192.

⁴⁷⁴ÂNGELA, entrevista n.6.

talvez, permaneça para ela a premissa do grupo anterior ao seu, viver sob amparo masculino. Aparentemente, mais conscientes das transformações sociais, estas mulheres descobriram que são ou estão, finalmente, responsáveis por suas próprias vidas e, portanto, é sua a tarefa de se manter na velhice.

Tendo vivido seu amadurecimento como pessoas adultas, cronologicamente, entre as décadas de 1960 e 1970, esta é uma geração que oscila entre novos conceitos e velhas posturas. É um grupo de mulheres que experimentou a extrema velocidade e a complexidade de mutações que as transportaram da condição de indivíduos tutelados para seres independentes,⁴⁷⁵ ou quase isto.

O movimento feminista já tinha conseguido mudar algumas antigas noções, tornando-as mulheres divididas entre "quereres e deveres"; mas nem sempre o que elas desejavam para si eram entendido por elas ou por sua comunidade como um direito seu.⁴⁷⁶ São pessoas que viveram num tempo específico, debaixo de uma organização sociopolítica repressora (a ditadura Militar de 1964), contraposta por movimentos de libertação contra instituições controladoras. E, é nesse tempo de contradições, que elas se dividiram entre aquilo que a sociedade lhe dizia estar correto para o "ser mulher" e aquilo que percebiam estar mudando e que vinha ao encontro dos seus anseios como indivíduos.

As lembranças destas seis entrevistadas demonstraram uma geração de mulheres que já se questionava e que, parece, têm hoje, consciência da sua

⁴⁷⁵THÈBAUD, op. cit., p.11.

⁴⁷⁶TRONTO, Joan C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre moralidade. In: JAGGAR, A.M.; BORDO, S. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p.195-197.

importância na construção de novas maneiras de conduzir a vida, pois duas delas afirmaram ter aberto novos caminhos para a geração atual.⁴⁷⁷

A amizade com o gênero oposto, por exemplo, vivida por elas na juventude, apesar de não ter perdurado na "meia-idade", fez sua marca no modo de pensarem e sentirem. Ter partilhado com homens espaço e tempo de lazer deu-lhes a possibilidade de ver que era possível o amor fraterno.⁴⁷⁸

Além disso, estar em igualdade com o gênero masculino quase as liberou em relação ao desempenho sexual. A pílula lhes permitiu experimentar o sexo como algo legítimo. Talvez uma das provas dessa liberação seja verificável no modo como relataram suas experiências amorosas. Para esse grupo, o sexo ainda fazia parte do amor romântico. Mas algumas delas já conseguiram aventurar-se a viver relações fortuitas, ainda que de modo velado, escondido da sociedade.

Em consequência, as relações de gênero foram o ponto principal na vida dessa geração. Elas e eles viveram, porém, nesse período, mais do que relações homem-mulher. Experimentaram uma verdadeira "guerra dos sexos".⁴⁷⁹ As maiores manifestações de sentimentos por elas descritos, neste tipo de relacionamento, foram o de raiva e frustração. De certa forma era como se sentissem que foram logradas pelo mito de que eram princesas que iriam encontrar seus príncipes protetores. No entanto, na prática sentiram-se magoadas por algo ou alguém que mal conseguiam definir, quanto mais identificar.⁴⁸⁰ E julgaram que quem as desiludia foram os homens. Portanto, estes foram considerados como o "inimigo" e, assim, instalou-se uma competição entre homens e mulheres, que acompanhou esta geração.⁴⁸¹

⁴⁷⁷RAQUEL, entrevistas n.3 e DOLORES, entrevista n.14.

⁴⁷⁸ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.83.

⁴⁷⁹ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.61.

⁴⁸⁰SILVA, C. da, op. cit., p.124-128.

⁴⁸¹VINCENT, **Uma história...**, op. cit., p.247.

De todo modo, o que a memória pôde (re)construir e foi trazido em seus relatos é que puderam fazer escolhas e as fizeram; mesmo que no relato contem – e acreditem nisto – que "obedeceram" aos pais e ou maridos, elas foram e são donas da própria vida. Ao pensarem-se como "obedientes", elas integraram uma representação do que acreditaram ser seu papel "feminino" e sentem-se inclusas, deste modo, em um grupo com "papeis" predefinidos.⁴⁸²

Ainda que voltadas para suas relações afetivas, para a busca do parceiro perfeito, estas mulheres guardavam respeito ao que foi o mote da geração anterior: a dependência das figuras paternas.⁴⁸³ Esse tipo de controle estabelecia um conflito baseado em sentimentos concorrentes: autonomia e subserviência.⁴⁸⁴ De qualquer forma, tal dubiedade teve seu saldo positivo, pois produziu o questionamento dos valores sociais e dos próprios conceitos sobre a vida, e isto possibilitou autoconhecimento.

Porém, estar consciente não é pré-requisito suficiente para alterar comportamentos. Para operar mudanças, elas teriam de romper com valores que lhes haviam dito serem legítimos, e elas ainda não estavam preparadas para tanto, pelo menos não de forma explícita. Talvez por isso educaram os seus filhos, homens e mulheres, tal como o fizeram suas mães.

Por outro lado, trabalhando por opção ou por necessidade de sustentar seus filhos – como mães separadas ou solteiras – novo conflito surgia: a necessidade de contar com a ajuda de outros para cuidar deles e a aversão de escutar reclamações dos familiares ou vizinhos, criando nelas, a incorporação da necessidade de que teriam que fazer tudo de modo perfeito.

⁴⁸²SCOTT, Gênero..., op. cit., p.7.

⁴⁸³DURHAM, op. cit., p.23-27.

⁴⁸⁴TRONTO, op. cit., p.200.

Essa geração sofreu a construção de uma nova identidade para o gênero feminino. Teve que tomar contato com questões antes não experimentadas pelas suas mães e avós, que já não podiam servir de modelos ou dar pistas para seus problemas. Tiveram que criar soluções, que nem sempre foram bem-sucedidas, mas ao serem testadas as fizeram vivenciar uma nova imagem de si e do mundo.

Até a década de 1950, apenas uma minoria teve noção de sofrer controle e nenhuma ousou romper, abertamente, com o que se desejava para si. Estas mulheres – de 1960/1970, embora se adaptando aos ditames paternos, foram capazes de driblar a autoridade e até puderam empreender a busca de suas aspirações. Seus relatos foram plenos de emoções que revelaram, às vezes de modo subliminar, que já havia um princípio de consciência de estarem sendo feridas na sua individualidade. E aí, os sentimentos predominantes foram os de revolta e frustração; embora, na maior parte do tempo, aparecessem comportamentos passivos.

Elias explicita que muitas vezes o civilizar-se exige adaptação das pessoas ao seu meio:

...O que possibilita o processo civilizador é a singular adaptabilidade e transformabilidade dessas funções auto-reguladoras. Ele é acionado e mantido em movimento por mudanças específicas no convívio humano, por uma transformação das relações humanas que atua num sentido muito definido, por um movimento autônomo da rede de indivíduos humanos interdependentes.⁴⁸⁵

O comportamento manifesto, não raro, foi de aparente obediência, mas o processo de individualização dessas mulheres lhes possibilitou viver e praticar mudanças que foram, paulatinamente, transformando a sociedade.

Sem dúvida, a maior novidade para as mulheres dessa época foi conquistar a liberdade financeira aliada ao prazer de produzir, de escolher o que fazer, de criar. Autovalorizadas pelo trabalho, no espaço público, descobriam poder decidir sobre o próprio destino. No entanto, continuaram em busca do que foi o mote de suas emoções: um príncipe encantado que as protegesse – embora não

⁴⁸⁵ELIAS, **A sociedade...**, op. cit, p.60.

soubessem do que – e que fosse para elas companheiros de conversas e prazeres.

E, isto foi explicitado por Raquel:

...você pode imaginar o desastre que foi minha 'lua de mel'? Achei muito sem graça esse tal de sexo. (...) eu não achava ruim transar, mas eu achava que estava faltando algo. (...) E essa ignorância, ao mesmo tempo em que te isola, te preserva.⁴⁸⁶

Prazeres que podiam sim ser sexuais, mas iam além deste. Como dito por Raquel: "...Pude ver que mulher eu podia ser junto com outros homens. Muita conversa, muito bate-papo, muita sedução pela palavra. Descobri esse talento de seduzir pela mente...".⁴⁸⁷

Assim são estas mulheres desta segunda amostra. Mais livres em atitudes, mas com sentimentos oscilantes entre os que suas mães tinham e novas experiências: "...foi um grande desafio, saber tomar conta da minha vida".⁴⁸⁸

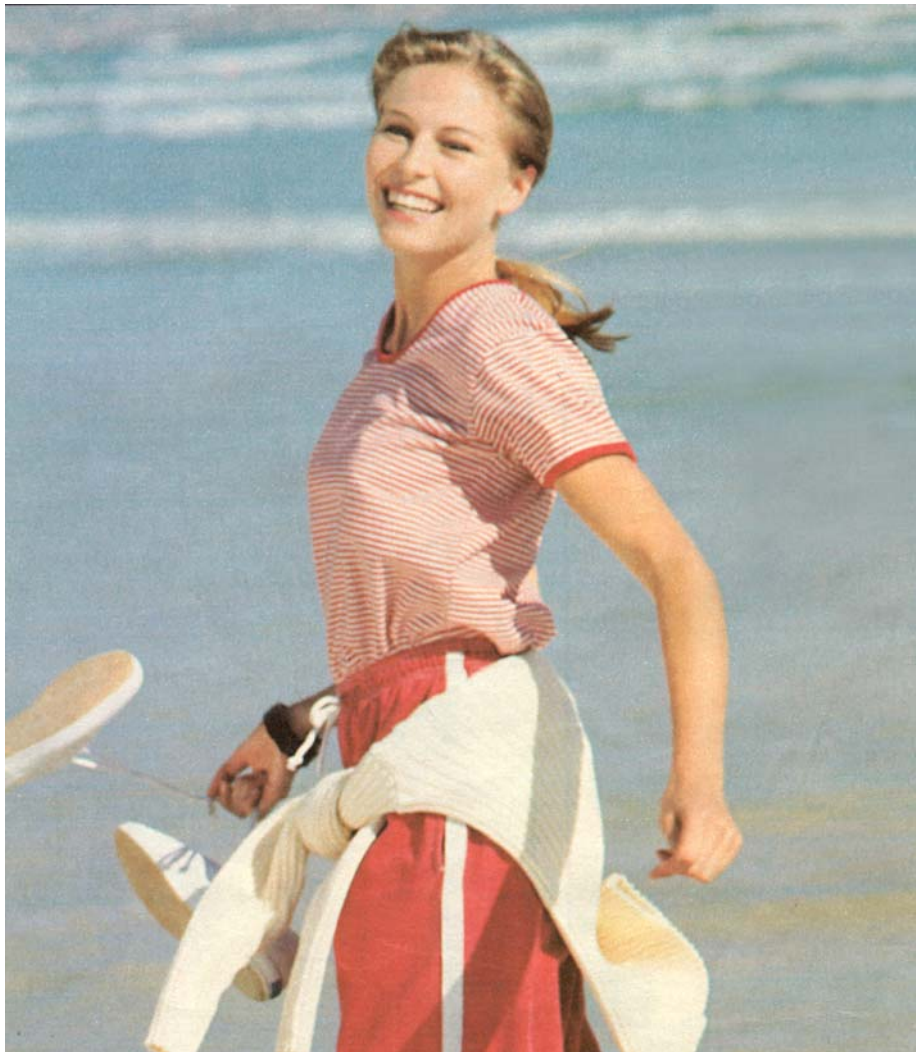
E foram mulheres como estas depoentes que criaram aquelas que fariam parte da terceira geração.

⁴⁸⁶RAQUEL, entrevista n.3.

⁴⁸⁷RAQUEL, entrevista n.3.

⁴⁸⁸RAQUEL, entrevista n.3.

E... CHEGAMOS AO SÉCULO XXI



ÁUREA. **Revista Manequim**. Sem compromisso. São Paulo: Abril, ano 36, n.8, p. 88, ago. 1995. (Acervo particular.)

CAPÍTULO 4

E... CHEGAMOS AO SÉCULO XXI

4.1 RELATO DE VIDA: **ÁUREA**

O toque da campainha tem como efeito um grito que vem de dentro da casa: "Um instante!"⁴⁸⁹ E, realmente, num instante uma moça sorridente abre a porta. Veste calças de *lycra* preta, três quartos, e uma camiseta branca; pés descalços e uma toalha de banho enrolada em seus cabelos. Seu rosto –sempre iluminado por um largo sorriso – apresenta leves sardas douradas, o que indica que, provavelmente, sofre exposição constante ao sol. Nem podia ser diferente, a entrevistada é uma esportista. Medalha de ouro em competição nacional e internacional; professora de tênis e ex-nadadora profissional.

Ela se apresenta como Áurea e convida para uma sala bem organizada, e assim que senta em uma das poltronas enrola-se sobre as próprias pernas. Pede desculpas pela aparência, mas se justifica dizendo que acabou de chegar do trabalho e tinha aproveitado para arrumar as malas, pois vai viajar: "...Olha gente, pode me usar e abusar hoje... eu já fiz tudo o que eu tinha que fazer.. eu vou para Orlando na sexta-feira. Férias! Passar uma semana descansando. Eu mereço, não?". [Acrescenta que, sempre se dá oportunidades de férias, porque] "...eu mereço, eu acho que eu mereço..." [risos]

Ao ser feito o contrato sobre a publicação do material, antes mesmo de ser ligado o gravador, interrompe a entrevistadora e diz: "Não tem problema! Minha vida é aberta!" [risos]. Revela ter 37 anos e que nasceu em Curitiba em 1964, "em plena revolução!", e completa a biografia:

Sou formada em educação física, pela Universidade Federal e anteriormente eu fazia o curso de bioquímica (...), mas meu perfil não era de ficar dentro de um espaço fechado trabalhando. Tanto que fiz um ano, estava com notas superboas, indo superbem, mas não me adaptei. Meu negócio sempre foi o esporte, desde pequena. Comecei a correr em volta do Centro Politécnico durante algumas aulas e resolvi mudar de curso.

⁴⁸⁹ÁUREA. Entrevista n.05, realizada em 04 de outubro de 2002. Todas as demais falas dessa biografia foram colhidas no mesmo depoimento.

Enquanto falava uma senhora apareceu na sala e solicitou sua ajuda. Levantando-se prontamente, Áurea deu um beijo na testa da senhora e apresentou-a: era sua avó materna. Então, subiu correndo por uma escada que fica na sala ao lado. Áurea voltou assoviando; neste meio tempo, outra senhora também havia aparecido e a entrevistada apresentou-a como sua mãe. Depois as duas senhoras se retiraram e Áurea comentou – sorrindo – que mora com três velhos: o padrasto e a mãe, que estão na faixa dos sessenta anos e com a avó, com 85 anos.

Faz uma reflexão sobre como é sua convivência com mãe e avó, e como se sente ao dividir seu espaço com duas outras gerações. Afirmou ter muita paciência com a avó, que – com a idade – já está cheia de manias. Acredita que o esporte a ajudou a desenvolver esse tipo de controle emocional. Sobre a mãe diz que ela é uma pessoa fantástica. "Agradeço a ela por ela existir e por eu estar viva e estar aqui. Porque a gente se dá super bem, ela é super companheira minha...".

Voltando ao seu relato, explicou que fez a re-opção de curso porque suas antigas experiências com o esporte a fizeram descobrir aquilo que a faria feliz. Decidida, foi conversar com os pais – separados desde a sua infância. A mãe, casada em segundas núpcias com o antigo treinador de Áurea, alertou como seria difícil seguir por carreira esportiva. O pai ameaçou que nunca lhe compraria sequer um par de tênis, caso deixasse a bioquímica. Mesmo assim, ela foi conversar com o coordenador do novo curso, fez as provas práticas e passou, novamente em primeiro lugar, uma vez que já tinha sido a primeira no exame vestibular.

Justifica a atitude do pai, dizendo que, provavelmente, naquela época, a educação física fosse uma profissão com baixos salários e a bioquímica estava em evidência, e assim traria maior independência financeira para ela. Acrescentou, também, que, como sempre acreditou em fazer as coisas bem feitas, isso não lhe assustou:

...E eu já estagiava, fui nadadora, fiz curso de férias antes de entrar na faculdade. Então eu já tinha experiência anterior e durante o curso inteiro eu trabalhei. Então, quando eu me formei já foi mais fácil a minha colocação profissional, apesar de que nos primeiros anos eu não fui trabalhar direto. Eu tive a oportunidade de fazer uma temporada de..., como atleta profissional, e foi muito legal. (...) Então eu desisti (...) eu comecei a trabalhar com esporte...

Essas suas experiências desportivas foram relatadas em meio a muitos sorrisos, com pausas e alguns suspiros. Entre as reminiscências, trouxe lembranças da infância, com ênfase em algumas passagens:

...Eu sempre me sobressaí em esporte. Eu estava no segundo ano primário, com oito anos e tinha corrida de bicicleta, em volta da escola. Lá estava eu, correndo e ganhando dos guris [risos]. Até sempre venci meu irmão, acho que isso também causou uma certa... um trauma nele (...) eu nunca competi com ele, mas eu tenho certeza de que ele sempre competiu comigo.

Áurea balançou – negativamente – a cabeça enquanto recordava as divergências com este irmão. Afirmou ser a mais velha de uma prole de três filhos. Ela e o irmão do meio ficam com a mesma idade por um tempo, pois têm apenas dez meses de diferença. Portanto, diz ela, ele é quase seu gêmeo. Depois vem outro rapaz que hoje está com 31 anos.

Falando da vida pessoal revelou não desejar ser mãe: "...Filhos não fazem parte dos meus planos! Nunca fizeram! Não vou ter filhos!" Houve uma pausa após sua enfática afirmação e ela quebrou o silêncio retomando o assunto de sua faculdade.

Rememora sua "corrida" na vida, sempre fazendo duas coisas ao mesmo tempo:

Trabalhava e estudava, sempre precisava fazer as coisas assim...paralelas. Trabalhava inclusive até sábado. O que depois de um tempo me causou uma convulsão, que foi diagnosticada – na época – como estresse. Então eu falei: 'não, calma! Vou mais devagar que...'

Ao recordar esse período em que foi obrigada a dar uma "freada" no ritmo de trabalho, diz que, hoje, está sempre preocupada em se proteger e não ferir seus limites. "...Este mês mesmo, diminuí a minha carga horária de aulas, (...) achei que estava me excedendo e dei uma freiadinha, para trabalhar menos..."

Conciliar estudo, treino e lazer foi algo complicado na vida dela, porque já estava se preparando para ser uma atleta profissional. Em verdade, foi nadadora desde a infância. Chegou a ser recordista paranaense durante 11 anos, desde 1977. Uma vez foi terceira colocada em nível nacional. Parece (re)viver o orgulho e o prazer que experimentou em tais competições, pois seus olhos brilham ao falar do esporte, a voz fica mais alta ao contar estas passagens e as mãos e os braços fazem os gestos que demonstram a natação.

Áurea recorda a grande apreensão que tinha e se justifica pelo seu alto grau de exigência. Sua expectativa era sempre de fazer tudo o mais certo possível. Afirmo que sentia ansiedade em tal nível que às vezes chegava a prejudicar-se por isso. "...Eu tinha aquela coisa comigo que eu podia vencer, eu era a melhor!" Lembra-se que, ao vencer, sentia uma alegria que beirava à euforia por conseguir realizar vitórias. "Era muito gostoso!"

Também experimentou fracassos, embora tenham sido poucos, apenas uma ou duas vezes se sentiu frustrada. Aos 35 anos, estreando na competição como sênior e sentindo que todos colocavam muita expectativa em cima dela, sofreu um estresse violento e foi encaminhada a um neurologista. Esse lhe deu um remédio que a deixou muito lenta e sem condição de competir, e ela perdeu o torneio e sofreu muito com isso.

Volta a contar sobre seus muitos sucessos e da reação do pai quando ela sobressaiu. Ele havia proibido o curso de educação física, mas sorri e diz ter certeza de que ele tem o maior orgulho dela. E, a partir disso, relembrou que ao fazer sua reopção de curso, o que contou mais que tudo para ela ficar em primeiro lugar nas provas foi a entrevista. A certeza que tinha em mudar de curso. Lembra que sempre esteve em evidência, por ser muito decidida. Por exemplo, por isso foi eleita representante paranaense junto ao Colégio Brasileiro de Ciências e Esportes.

Conta isso e fala sobre os maiores de seus sucessos: por volta dos seus vinte anos de idade foi campeã brasileira, em sua modalidade, e a sensação foi de extrema felicidade. Depois, aos 30 anos, foi campeã mundial, de outra modalidade, mas a sensação foi diversa da anterior:

...E eu consegui aquilo e pensei: 'Meu Deus! E agora me deu um vazio'. No momento que eu fui campeã do mundo... é a coisa mais estranha... porque com vinte anos você ganha, não cheguei a ser campeã do mundo aos vinte, mas você ganha... a euforia é tanta, parece que tem muito, muito mais para ir para frente (...), mas aos trinta vem esse vazio porque parece que você não tem mais nada pra frente, porque você conseguiu o máximo...

Relembra, ainda, que depois disso teve outros títulos menores, mas afirma também que não se preparou mais como antes. Acredita que, ao atingir os trinta anos, libertou-se de se preocupar tanto com a opinião dos outros. No entanto, aos 35, quando ficou sem condição de competir por causa da medicação inadequada, teve vontade de sumir, de chorar sozinha. Mas passou e no ano seguinte foi capaz de vencer e voltar a dormir melhor. Diz que hoje essa não é mais uma preocupação.

Como instrutora, atualmente, trabalha com pessoas que não estão lá para competir, mas pelo esporte. Acredita que agora chegou a época de trabalhar por prazer, sem pressão de ter que ganhar.

Considera que no esporte não tem mais nenhuma expectativa, em termos de competição. Hoje esse é seu ganha-pão. Sua profissão, sua realização, a coisa mais importante da sua vida. Porém, do ponto de vista pessoal, deseja ter a casa própria. "Morar sozinha, para poder chegar em casa

no sossego." Quer o canto dela, embora esteja aberta a encontrar um companheiro para dividir a vida. Mas acredita que ao ficar mais velha isso ficará ainda mais difícil.

Aparentemente é do segundo casamento da mãe que ela tirou sua idéia de encontrar alguém para ser companheiro:

...existe muita gente boa por aí e eu sou uma pessoa que se eu achar alguém que seja assim, com um perfil assim, de vida, que eu goste, que eu queira, que a pessoa também tem que querer ficar comigo. Poxa! Eu acho fantástico você poder dividir tua vida com alguém, ter um companheiro do lado.

Ao falar de homens, relembra que seu primeiro namorado, aos vinte anos – colega de faculdade – ficou dois anos e meio com ela. Tinham planos de casar e ir morar em outro estado, após a formatura, onde haveria oportunidade de emprego para ambos. Mas... seus olhos encheram de lágrima e revelou que esse seu amor se rendeu à religião. "Ficou um pouco fanático e isso atrapalhou nosso relacionamento. (...) Foi supertriste!...". Assim, os dois acabaram tomando rumos diferentes: ele foi para a África ser missionário e ela seguiu sua vida. Demonstra sentir, ainda, um grande carinho por esse ex-namorado, pela forma agradável que o descreve. Lembrou como ele, sendo nove anos mais velho, admirava sua vida esportiva e como a incentivava e cuidava dela na questão do tomar pílula, para que os hormônios não prejudicassem sua performance na natação.

O assunto sobre pílula parece reacender sua lembrança sobre a decisão de não querer filhos, de modo algum. Revelou que teve duas grandes paixões em sua vida. Mas, que apesar de os dois rapazes quererem vir a ter filhos: "...eu não queria!". Ela se pergunta se esse não querer, seria trauma devido às brigas dos pais: "Acredito que fiquei feliz com a separação deles, afinal acabaram-se os gritos e brigas." Após essa fala, em silêncio, a depoente passou as duas mãos sobre os olhos e tirou a toalha da cabeça, "penteando" os cabelos com os dedos.

Além do primeiro namorado teve outro, firme, aos 27 anos. Depois de abandonar as competições e sendo professora, conseguia mais tempo para se dedicar a essa relação, que ela considera ter sido muito intensa. Ao contrário da primeira que ela acabou por estar decepcionada com o fanatismo religioso do namorado, nessa foi ele quem pediu para terminar. Estavam praticamente vivendo juntos e, ela acredita, o rapaz se amedrontou diante do compromisso. Afirmou que seu sofrimento, nesta separação foi muito maior do que na vez anterior.

Mais tarde teve outras relações, uma mais duradoura e outras nem tanto. Mas confidencia: "...cansei de ter que carregar a relação!" E lembra que em algumas das últimas vezes foi ela quem teve de ser a protetora e que não está mais disposta a isso. Então, evita envolver-se.

Ao falar sobre sexo, revela que sua primeira relação foi com o primeiro namorado e que ambos tiveram algo mágico. Ele esperou o "tempo" dela, teve muito cuidado e, segundo sua percepção, foi seu melhor parceiro de sexo: "Era difícil a gente não chegar no orgasmo juntos, era uma cumplicidade sexual enorme, imensa!"

Recorda que na época de sua iniciação – aos dezoito anos –, não era comum se falar muito sobre isso e assim não sabe se o que viveu foi igual para suas amigas. Mas acrescenta que para algumas não fluiu, porque hoje em dia elas conversam sobre esse assunto. Naquela época não, menos ainda com mãe. Apesar da sua ter lhe pedido que, quando acontecesse, ela contasse. Não teve coragem e acabou confidenciando primeiro para uma tia materna. Tinha aquela coisa: "...será que eu conto? Mas acabei contando dias depois, aqui, nessa sala, naquele sofá. Até que foi bem legal!".

Revelou que depois disso, a cada novo namorado, ela sempre confidenciou para a mãe. Inclusive quando decidiu colocar o DIU: "...eu sempre conversei, o sexo pra mim é uma coisa super normal. Eu acho que é uma coisa que faz parte da vida do ser humano. Eu trabalho isso muito bem na minha cabeça." Isso com a mãe:

...mas pai é diferente! Mas eu falo com ele abertamente, sabe, ele fica meio vermelho: 'olha, se cuida, agora no seu apartamento não dê chave nenhuma para homem nenhum.' Meu pai é complicado. Acho que sexualmente ele tem uns tabuzinhos.

Sobre o uso da "camisinha", ela pensa que tem que ser usada: "Com certeza, Meu Deus! Morro de medo, assim, AIDS. Acho que é uma coisa que tem que ser alertada... adoro sexo, mas com camisinha."

Lembra que seu último namorado, um dentista, tinha compromisso com a ABO⁴⁹⁰ de fazer exames trimestrais de controle de HIV. No entanto, nunca pediu para ela fazer. E, de novo, ela traz o assunto filhos: "E como não quero filhos, então eu ponho o DIU, realmente para evitar. Não quero! Não tenho e não quero!".

⁴⁹⁰Associação Brasileira de Odontologia.

Ao falar sobre seu futuro profissional, acredita que por ter boa saúde ainda possa seguir lecionando por bastante tempo. "Claro, talvez tenha de mudar de clientela e dar aulas para pessoas mais velhas ou para crianças, que não irão exigir muito de meu corpo". Porém, afirma estar despreocupada pois já fez um plano de previdência para aposentar-se. Pretende continuar a fazer viagens das quais gosta tanto. E, ainda, continuar a ajudar as pessoas que estão a sua volta, como os irmãos, a quem ela ajuda atualmente.

Esclarece que, por estar mais bem situada economicamente, tem uma vida mais estável que a de seus dois irmãos. Além da necessidade financeira, ela acredita que trabalha para não viver ociosa, como um deles faz, seria ruim. Arrematou esse pensamento com: "...acho que mesmo na mulher a ociosidade é uma coisa que... atrapalha muito o ser humano. Eu não seria capaz de ficar..."

Fora do esporte a coisa que mais gosta de fazer é ficar em casa, coisa rara para ela. Lê bastante: livros de auto-ajuda e parapsicologia. Mencionou ler livros da filosofia espírita apesar de que: "...Me batizaram na católica. Eu não sou nada no meu íntimo. Querem saber bem a verdade, eu não sou de freqüentar missa (...) rezo sozinha...". Pensa que se preparar para a morte daqueles que ama é algo que ela faz no seu dia-a-dia e que a maioria das pessoas não pensam assim. Diz: "...acho que tem que se preparar um pouco para sofrer menos." Afirmou que tenta trilhar sua vida sozinha e não depender de ninguém: "...Penso que a morte vai existir (...) eu penso que a morte não é uma coisa ruim, é uma coisa triste..."

Afirma que sua vida pessoal ficou prejudicada pelas inúmeras viagens de trabalho e por ter que treinar constantemente. "...Mas... sempre tive pessoas perto de mim e isto foi muito legal. Pessoas que gostavam de mim, eu tenho plena convicção de que torceram pra eu ganhar, pra eu chegar lá, e valeu a pena!" E são eles que lhe dão segurança, principalmente após a separação dos pais. Seus amigos, por mais de 20 anos, ainda estão por perto.

Seus relacionamentos mais satisfatórios são, então, os de amizade. Apesar de não serem muitos, tem grandes amigos; uns, desde a infância. Embora cada qual tenha tomado seu rumo – suas prioridades –, ela tem certeza de que, se precisar, é só chamar que virão ajudá-la. Considera, porém, que sua maior amiga é sua mãe.

O século XX, de acordo com Hobsbawm,⁴⁹¹ acabou em 1989. Então, como estas mulheres do terceiro grupo geracional nasceram entre 1964 e 1980, elas viveram no finalzinho dele. De qualquer modo, pelo calendário oficial,⁴⁹² sua idade adulta aconteceu na última vintena do século em que mais ocorreram mudanças na história da humanidade – tanto do ponto de vista tecnológico como do social.

A mais velha deste grupo geracional nasceu em plena instalação da ditadura (1964) e a caçula ainda dentro da última gestão militar (1980). Concomitante a suas infâncias ou adolescências, no mundo ocorriam o apogeu ou declínio da Guerra Fria e no Brasil, começava a abertura política, que levaria ao fim de um período de "calar e temer" criado durante a "ditadura militar".⁴⁹³

Algumas das contemporâneas de Áurea⁴⁹⁴ (37 anos, esportista), adolescentes, talvez tenham estado nas ruas pedindo por "Diretas Já!", durante o ano de 1984. E outras delas, depois, em 1994, poderiam estar entre os "caras-pintadas" com as cores da bandeira mescladas a preto, pedindo o *impeachment* do Presidente.

Esta geração aprendeu nas escolas a calcular juros melhor do que suas antecessoras, para poder entender as trocas de moeda, incessantes, que ocorreram neste período.⁴⁹⁵ E viram os pais aliviarem-se com o surgimento do Real, que permitiu um esboço de estabilidade social ao país.⁴⁹⁶

⁴⁹¹HOBSBAWM, op. cit.

⁴⁹²Por este calendário, o século XX terminou em 2000.

⁴⁹³LINHARES, CARDOSO, SILVA, MONTEIRO, FRAGOSO e MENDONÇA, op. cit.

⁴⁹⁴ÁUREA, entrevista n.4.

⁴⁹⁵Este corresponde a uma violenta recessão econômica e, os governos tentaram vários planos de tentativa de estabilidade: Plano Cruzado (1986); Plano Bresser (1987); Plano Verão (1989); Plano Collor (1990) e Plano Real (1994). História das Eleições Brasileiras. **Gazeta do Povo**, suplemento especial – Curitiba, 13 ago. 2002 a 12 set. 2002.

⁴⁹⁶LINHARES, CARDOSO, SILVA, MONTEIRO, FRAGOSO e MENDONÇA, op. cit.

A década de 1980 presenciou, também, a consolidação de grupos feministas no país, quer pelo regresso de algumas mulheres que haviam sido exiladas pela ditadura, quer pela afirmação na academia de algumas das que permaneceram no país. Os anos de 90, porém, observaram a fragmentação de tais grupos, (alguns transformados em ONGs), mas o mercado editorial presenciou a explosão de publicações ligadas ao tema gênero.⁴⁹⁷

As mães destas moças – pertencentes à segunda geração estudada, (1960/1970) – eram advindas de uma "liberação" conquistada pela pílula anticoncepcional e pelo alcance às instâncias do ensino universitário e ou do trabalho de dia inteiro, e, assim, muitas nem sempre estiveram presentes no processo de suas criações. E, por serem filhas dessas mulheres, elas participaram de novos tipos de relações.

Esta geração recebeu o apelido de *superwoman*,⁴⁹⁸ pois as mulheres se apresentam como emancipadas, responsáveis pelo próprio "destino", no que diz respeito à independência financeira, que acaba por ocupar o maior tempo de suas vidas. Entre os vários sentimentos e valores, os que mais aparecem em seus relatos, os que tomam maior alcance, são aqueles que dizem respeito à preparação ou escolha profissional, quando não ao próprio exercício de suas carreiras.

4.2 A EDUCAÇÃO COMO UMA PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO

Ao se escrever sobre as experiências femininas ao final do século XX, é necessário voltar a análise para o papel que a educação, como forma de preparação para o trabalho, vem desempenhando na alteração do contexto histórico.

⁴⁹⁷SARTI, op. cit., p.31-48.

⁴⁹⁸THÈBAUD, op. cit., p.10

A partir do final dos anos 1970, a globalização passou a ser um fato reconhecido. O mercado do trabalho que nos anos 1980 afetou a empregabilidade masculina restringindo-a ou estagnando-a, propiciou aumento de trabalho remunerado para as mulheres ao nível mundial, tanto nas áreas formais como nas informais.⁴⁹⁹ E aí reside um dos maiores problemas e, talvez, a grande oportunidade que as mulheres – desta geração ou das anteriores, que viveram este momento – abraçaram. Ao conseguirem a inserção neste mercado em expansão, as mulheres não questionaram as desigualdades de salários e dificuldade de promoção.

O visível dismantelamento das normas de emprego, predominantes até então, trouxe mudanças. Houve a perda de vínculos empregatícios e o surgimento do chamado "setor terceirizado de prestação de serviços",⁵⁰⁰ que, ao mesmo tempo em que aumentava a jornada de trabalho e a necessidade de intensificação e aperfeiçoamento de preparo especializado para fazer face à concorrência de mercado, possibilitava o autogerenciamento e a conseqüente liberdade, que traz junto o aumento de responsabilidades e a diminuição de proteção social.

Bruschini e Lombardi,⁵⁰¹ em estudo feito com informações fornecidas por órgãos públicos, mostram a consolidação do acesso das mulheres ao trabalho externo à casa e atribuem o fato ao aumento de escolaridade feminina, tanto no ensino médio, como ao maior acesso a cursos superiores. Guimarães também aponta este fato valendo-se de dados estatísticos: "...mais de 55% do alunado do segundo grau é do sexo feminino e (...) no ensino superior, as mulheres já são 61%

⁴⁹⁹GUIMARÃES, Nadya Araújo. Laboriosas, mas redundantes: gênero e mobilidade no trabalho no Brasil dos 90. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.1, p.82-85, 1998.

⁵⁰⁰HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.17/18, 2001/02. p.141-144.

⁵⁰¹BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.17/18, p.157-196, 2001/02.

em 1990. (...) o que lhes propicia maiores credenciais para seu ingresso e permanência no mercado de trabalho em ocupações que requerem estudo..."⁵⁰²

Essa recente necessidade de conhecimento especializado na área do trabalho construiu, de modo geral, outras mudanças sociais. Instituições de ensino foram criadas (por volta da década de 1960/1970, mas nessa época ainda maciçamente masculino) para atender a essa demanda, tais como os cursos preparatórios, os chamados "cursinhos", voltados ao ingresso para ensino universitário. Este, agora definitivamente misto, pretendia-se formador de "pares" no saber, o que significaria igualdade de formação entre os gêneros. Até as décadas de 1940-1950, a pessoa exercia a mesma profissão por toda uma vida e esta passava de pai para filho. Os tempos atuais trouxeram um nível de desemprego antes não visto, que obrigou o trabalhador a passar por freqüentes reciclagens, sob pena de ser "substituído" na máquina empregatícia. Então, entre os jovens acabou por desenvolver-se uma "lei do cada um por si". Mais do que a amizade ou parentesco, agora o que valia eram as relações do *network*⁵⁰³ (muitas vezes entrelaçado na faculdade ou mesmo antes, no ensino médio) que facilitava o ingresso em novos trabalhos ou permitiam a permanência em velhos locais de serviço. Mas, desde que "este *net* tire alguma vantagem do seu *work*", o que vale dizer, alguém é recomendado para um serviço quando este interessar a quem o está recomendando.⁵⁰⁴

Para a primeira geração (1940-1950), o "outro", o diferente, e, portanto, o inimigo, estava em outra cultura; no segundo grupo este "diferente" era o sexo oposto. Para esta, uma geração de indivíduos subjetivados e preocupados com a própria vida, a competição foi o lema, contra todos e em tudo. Mas caberia refletir, como o faz Elias, se "esta é uma geração de pessoas 'individualistas' ou se elas

⁵⁰²GUIMARÃES, op. cit., p.92-97.

⁵⁰³"Ninho de trabalho" – local onde ocorrem as relações pessoais, que possibilitam o desempenho profissional (REVISTA VOCÊ. São Paulo: Abril, edição 56, p.43, fev. 2000).

⁵⁰⁴REVISTA VOCÊ. São Paulo: Abril. edição 56, fev. 2000.

refletem uma sociedade que valoriza a objetivação? (...) ou será que ambos são reais e se acham numa relação recíproca?"⁵⁰⁵

Assim, para os "indivíduo-sociedade" deste período (1980-1990), uma nova realidade apresentava-se de modo aparentemente controverso: o período de juventude se alongou ainda mais e as jovens que adentravam a vida adulta pelo casamento ou profissão de ensino médio (até a segunda geração – 1960/1970 –), postergavam este momento por mais alguns anos, preparando-se pela educação universitária. Elias acrescenta que este alargamento de período entre a infância e a vida adulta – entendida como de independência social, dotada de maturidade psicológica, de direitos e deveres de cidadania –, foi produto da vida de hoje.⁵⁰⁶

Outro acontecimento – símbolo do que se descreveu – veio a ocorrer. Um "rito de passagem" tornou-se parte da história de suas vidas: o "vestibular". Se para as jovens do segundo grupo (1960/1970) isto já tinha este sentido (e, mesmo algumas do primeiro grupo, 1936/1950, já haviam experimentado esta vivência), é bem verdade que só para o terceiro, este "rito" adquiriu valor de extrema significação.

Scott⁵⁰⁷ adverte que o historiador deve estar atento aos signos de cada época e aquilo que estão simbolizando. Aqui, é claro que as demonstrações de "festa" – risos, tintas e cores – dizem do que a sociedade atribuiu a este verdadeiro "combate" que os jovens devem "travar" em busca de espaço na profissão. Na fala de Fátima (depoente, do primeiro grupo) transpareceu o orgulho que ela teve pela passagem dos dois filhos no exame vestibular, mas esse sentimento foi ainda maior quando se refere à conquista da filha, em idade mais adiantada (contemporânea do

⁵⁰⁵ELIAS, **A sociedade...**, op. cit., p.76-77.

⁵⁰⁶ELIAS, **A sociedade...**, op. cit.

⁵⁰⁷SCOTT, **Gênero...**, op. cit.

segundo grupo), que vivenciou tal experiência nos anos do grupo que ora se estuda, por volta da década de 1980, quando ingressou na universidade.⁵⁰⁸

A foto demonstra o instante em que os "novatos" fazem a comemoração.

FOTO 5 - GRUPO DE JOVENS COMEMORANDO O "TROTE", CERIMÔNIA QUE SIMBOLIZA A INICIAÇÃO NA VIDA ESTUDANTIL. VESTIBULAR DA UFPR, 1995



FONTE: Acervo: Departamento de marketing do Curso e Colégio Positivo

⁵⁰⁸FÁTIMA, entrevista n.1.

Quase todas as depoentes trouxeram algo sobre a importância desse momento que traz em si a promessa de sucesso profissional. Mas, este "tempo" traz igualmente consigo uma dor, a de ter que decidir o futuro de uma vida, em uma idade em que estes jovens ainda não amadureceram a capacidade de escolha. Como foi o caso de Áurea.⁵⁰⁹ Esta desvelou um sentimento de inconformismo do pai, por ela ter abdicado do curso de Bioquímica (no qual ela ingressara tendo sido classificada em primeiro lugar): "...tinha 18 anos, já tinha entrado na faculdade com 17. Achei que era super em tempo, ainda... [de (re)escolher] ...Difícil é você escolher sua vida com 17 anos e, resolvi mudar.

Delinski e col.⁵¹⁰ demonstram como esse período vem sendo na vida dos jovens um momento de intensa ansiedade, agravada, ainda mais, pela pressão que alguns pais colocam e que, em última instância, sinaliza a importância que a sociedade está atribuindo à situação. É o que apareceu no relato de Áurea, Simone (32 anos, cantora), Helena (26 anos, pedagoga) e Dulce (23 anos, estudante de psicologia),⁵¹¹ ou seja, na totalidade das moças desta amostra que fizeram curso superior.

Dulce⁵¹² traz um relato que exemplifica sobre a decisão de qual curso fazer: "...foi meio na louca, para ser bem sincera. Claro que, quando eu comecei, no fim do primeiro ano, eu já sabia que era isto que eu queria. Mas... o vestibular foi na louca." Ainda é Dulce que relembra "...foi aí que comecei a pensar no meu curso como algo que eu faria para o resto da minha vida, gostei da escolha, mas foi sorte...".

⁵⁰⁹ÁUREA, entrevista n.4.

⁵¹⁰DELINSKI, G.; FRANZONI, M.; MOSER, A.M. MESTRE, M. Tipos de medos encontrados em adultos e idosos da cidade de Curitiba. **Núcleo de estudos interdisciplinares sobre envelhecimento**, Porto Alegre: PROEXT/UFRGS, n.1, 1999.

⁵¹¹ÁUREA, entrevista n.4; SIMONE, entrevista n.17; HELENA, entrevista n.16; e DULCE, entrevista n.15.

⁵¹²DULCE, entrevista n.15.

Uma escolha que pode ser definitiva, numa idade tão tenra, foi questionada pelas entrevistadas. Helena⁵¹³ revela seu conflito na hora da decisão: "...na época estava em dúvida entre medicina e pedagogia". Mas, hoje, já formada, diz: "...já não sei... estou tendendo para psicologia." Aparentemente o conflito foi resolvido, apesar de a escolha anterior ter recaído em pedagogia. Sua tendência, explicitada durante a entrevista, diz que sabia querer compor – talvez intuitivamente – a área da saúde com a área da educação, que pode ser o caso da psicologia. Helena resolveu pelo modelo dos pais e pelo avesso da regra que o pai deu: ele havia dito para tentar medicina.

Aparentemente aquilo que se chama "educação" passa por fatores muito mais amplos do que a mera informação recebida em instituições de ensino. Bandura⁵¹⁴ explica que a vivência social nos expõe a mais do que sofrer contingências. A influência dos modelos – parentais ou não – é uma das maneiras de aquisição de comportamentos.

Sabat⁵¹⁵ inicia um item de seu artigo com uma pergunta: "O que eu vou ser quando eu crescer?", o qual analisa o papel pedagógico que vivências sociais – de observação e/ou estar submetido à modelação – têm nas decisões que se toma na vida. E, mais do que isto, "produzem valores e saberes que: regulam condutas e modos de ser; fabricam identidades e representações; constituem certas relações de poder."

Estas moças da amostra do terceiro grupo geracional (re)construíram em suas memórias a importância que seus pais representaram em suas escolhas, enquanto modelos significativos e dignos de serem seguidos. Helena,⁵¹⁶ a pedagoga, que intercala dois "padrões" – um em escola pública e outro em ensino particular – revela que ambos: pai e mãe, são professores aposentados e como,

⁵¹³HELENA, entrevista n.16.

⁵¹⁴BANDURA, Albert. **Modificação do comportamento**. Rio de Janeiro: Interamericana. 1989.

⁵¹⁵SABAT, op. cit., p.9.

⁵¹⁶HELENA, entrevista n.16.

apesar de os dois sempre demonstrarem amar o que faziam, ela teve de lutar contra a vontade deles para escolher o ensino secundário.

...É, até contra o gosto dos meus pais, eles me proibiram de fazer magistério e me matricularam no [curso propedêutico], aí eu já tinha começado as aulas e eu falei: 'Não! Eu não quero! Eu vou fazer magistério, é o que eu quero, é o que eu gosto!' e eu falei para ela: 'Ou magistério ou eu não vou fazer segundo grau...'

Provavelmente esses pais estavam reagindo contra a filha exercer uma profissão que já estava sofrendo desvalorização e perdendo *status* social, além da baixa remuneração.

Os conceitos normativos de cada sociedade passam também pelos valores expressos às vezes pela oposição a determinado comportamento.⁵¹⁷ Mas, apesar disto, ainda é Helena quem conta que o modelo foi mais forte que a regra que tentaram lhe impor:

...não sei se por influência de minha mãe, que a minha mãe gosta muito do que ela faz, sempre me levou para a sala de aula com ela. Trazia cadernos... como eu estudava em colégio mais forte, eu ajudava a corrigir (...) não sei se esse clima todo me envolveu.⁵¹⁸

Algo de mesma medida ocorreu com Magali.⁵¹⁹ Ela não teve as oportunidades que Áurea, Helena, Simone ou Dulce tiveram. Mas, mesmo freqüentando colégio público, poderia ter seguido os estudos se não tivesse engravidado. No entanto, mulher de um alcoólatra, teve que dar sustento ao filho pequeno. Seguiu os caminhos da mãe, conseguiu um emprego na mesma instituição que ela, como faxineira.

O trabalho precoce de Magali [iniciou aos 16 anos], considerando-se outros jovens de sua geração, foi por necessidade de subsistência, como Lia⁵²⁰ – sua contemporânea. E, as duas moças se assemelham às mulheres do primeiro grupo:

⁵¹⁷SCOTT, Gênero..., op. cit., p.14-15.

⁵¹⁸HELENA, entrevista n.16.

⁵¹⁹MAGALI, entrevista n.18.

⁵²⁰LIA, entrevista n.8.

trabalhavam para sobreviver. Mas elas não se acomodaram e continuaram os estudos. A intenção aparente era galgar outra camada social e ganhar maior independência. Lia concluiu o segundo grau estudando à noite – já com dois filhos – e trabalhando em tempo integral. Ainda não desistiu do curso superior, pretende aguardar o filho terminar a faculdade e aí tentar o vestibular. Magali segue quase os mesmos passos. Trabalha o dia todo e estuda à noite e diz querer levar os estudos adiante.

No caso destas duas moças, ambas iniciaram como profissionais num nicho considerado como "próprios ao feminino". Bruschini e Lombardi⁵²¹ afirmam ser o serviço doméstico um campo de trabalho tradicionalmente de mulheres (90% das vezes), representando colocação para cerca de quatro milhões delas, no Brasil. E, ainda, segundo essas autoras, exercer atividades profissionais paralelas ao estudo, ligadas à futura profissão, aumentam as chances de empregabilidade futura. Estes dados foram corroborados pelas narrativas de algumas das mulheres desta amostra, como Áurea e Helena, e até mesmo no caso de Dulce.⁵²²

As seis moças desta amostra tiveram atividades "quase profissionais" durante a formação acadêmica. Áurea foi atleta – com patrocínio – desde cedo. Helena ajudava a mãe nas escolas e depois ganhou experiência, com todos os estágios que fez; Simone antes mesmo de entrar na faculdade já trabalhava em rádio, como locutora, e depois como cantora já se apresentava com o coral da faculdade. Dulce faz estágio e recebeu convite para continuar na equipe, após formada. E Lia e Magali trabalham e estudam.

Pelo que as depoentes afirmaram, gostar do que se faz é condição essencial para se dar bem no trabalho, no que estão em acordo com o explicitado por Rodrigues.⁵²³ Talvez, por essa razão, Simone⁵²⁴ quis desistir do curso escolhido –

⁵²¹BRUSCHINI e LOMBARDI, op. cit., p.168.

⁵²²ÁUREA, entrevista n.4; HELENA, entrevista n.16; e DULCE entrevista n.15.

⁵²³RODRIGUES, op. cit.

⁵²⁴SIMONE, entrevista n.17.

jornalismo – quando se descobriu sem vocação para exercê-la. Mas, a mãe não deixou. E a alegação que ouviu foi: "Termine a faculdade! Depois, se quiser ser pipoqueira, vai ser pipoqueira diplomada." Em compensação, foi na faculdade que descobriu o que queria ser: cantora! E o fez pelo incentivo da maestrina do coral da escola.

Isso significa que, além dos modelos ou apesar deles, as contingências são as grandes responsáveis pela construção do campo profissional. E no ato de se construir, os indivíduos passam por muitas mudanças. De acordo com Lemos:

O ser humano, em constante reconstrução deve acompanhar essas mudanças e precisa se posicionar diante delas. O constante "bombardeio" de informações nem sempre contribuem para a constituição de uma identidade. Podem causar confusões e, assim há que ter uma certa coerência entre os modelos e as experiências – preparatórias – para alcançar um identidade adulta...⁵²⁵

Então, a identidade, bem como sua representação, é fruto de uma construção contínua. Na presente amostra, esta aquisição foi uma descoberta sustentada ativamente por elas.⁵²⁶ Dulce descobriu, na prática, sua paixão pela futura profissão – que já exerce como estagiária. Simone foi para o coral para diminuir a mensalidade escolar e se descobriu com talento. Lia foi ser vendedora de boutique, porque foi o que apareceu com boa remuneração, e hoje é uma das melhores da loja, a que tem a maior carteira de clientes e assim consegue ser respeitada pela gerente. Magali começou como faxineira e hoje é chefe das copeiras. Áurea foi mudando de esportes, ao longo da carreira, mas sempre ficou na área esportiva. Cada uma delas, aparentemente, foi construindo e aproveitando as oportunidades que apareciam.

As mulheres do grupo anterior (adultas entre 1960/1970) foram as que fizeram grandes mudanças sociais, alterando situações pessoais e profissionais. No entanto, isto exigiu, delas mesmas, um alto grau de perfeccionismo naquilo que faziam. As jovens desta geração (1980/1990) continuam neste processo. O que

⁵²⁵LEMOS, Caioá Geraiges. **Adolescência e escolha da profissão no mundo do trabalho atual**. São Paulo: Vetor, 2001. p.29.

⁵²⁶LEMOS, op. cit., p.28.

entendem por trabalho vem agregado ao desempenho do que os outros esperam delas. Rocha-Coutinho⁵²⁷ afirma acreditar que: "...esta necessidade da mulher agir com perfeição continua presente não apenas para as mulheres como também no discurso social, influenciando suas ações..."

A revista Nicolau⁵²⁸ traz uma situação que a autora – uma jovem jornalista – vivenciou, em 1987, como redatora. Ela foi chamada à sala de seu chefe. E prontamente pensou: "O que eu fiz de errado?" Mas ele apenas queria designá-la para um novo serviço! A representação que tem de si, no entanto, trai uma auto-crítica exacerbada e que não corresponde ao real, mas que é um, provável, resultado da transmissão cultural de sua época, que produziu, assim, uma auto-estima deficitária. O "outro", o chefe, pode descobrir que "você" ainda não está "pronto" para o trabalho, ou para a vida e, deste modo, as relações de poder são transmitidas e mantidas.⁵²⁹

Áurea⁵³⁰ fala de experiência semelhante. Aos vinte anos foi campeã brasileira de uma modalidade esportiva e: "...foi uma colocação excepcional para alguém que treinou oito meses. Eu acredito que se eu tivesse visto que era isto mesmo (...) ia chegar mais longe..." É como se ela estivesse se cobrando melhor desempenho. Depois acrescenta:

...aos 30 anos fui campeã mundial (...) Parece que não precisava provar mais nada pra ninguém, nem para mim. Eu tinha conseguido! (...) Você não se incomoda mais com o que os outros vão achar, porque eu fui uma pessoa que me sobressai sempre, tanto... que você parece que **não pode fracassar nunca...** (grifo nosso)

⁵²⁷ROCHA-COUTINHO. op. cit., p.122.

⁵²⁸BENITEZ, R. Profissão e desempenho. **Revista Nicolau**, Curitiba, Ano 1, n.7, p.18, jan. 1988. (Acervo particular).

⁵²⁹ELIAS, **A sociedade...**, op. cit., p.72.

⁵³⁰ÁUREA, entrevista n.4.

Uma opinião de Simone apresenta, também, sua maneira de perceber a crítica:

...o que acontece com o artista é que ele se expõe mais que os outros, as críticas são mais abertas, ferem mais. (...) Eu voltei a dar aulas. Quando os alunos criticam as aulas eu fico tão sensível quanto com a crítica ao canto, mas a do aluno é individual e a do palco, se você não vai bem, **todos vêm**.⁵³¹ (grifo nosso)

Por meio da memória destas duas moças fica claro, o que controlava (ou ainda controla) sua performance profissional: o "olhar do outro", que chancela a aprovação do grupo. Recorde-se aquilo que Fátima,⁵³² da primeira geração, havia trazido sobre este "olhar do outro", que controlava a sexualidade das moças do primeiro grupo a não dar o "mau passo", este "olhar"; agora, controla o desempenho profissional das moças desta geração. De acordo com Zeldin,⁵³³ a sociedade cria formas de domínio que, mesmo mudando ao longo do tempo, continuam servindo para comandar. Apesar disso, nos é dado sermos livres, bastando, para isto, escolher aquilo que irá nos controlar e de que forma.⁵³⁴

Os projetos para a vida no trabalho destas moças do século XXI revelam as representações que poderiam ser tanto de gerações passadas quanto as do presente. Áurea,⁵³⁵ por exemplo, na ocasião da entrevista, com apenas 37 anos, já planejava sua aposentadoria. Diz acreditar que é feliz, e excluí desta felicidade a experiência de ser mãe, embora não a "de dividir a vida com um cara legal". Ao contrário de Helena e Dulce – recém-casadas – que, quase como fizeram Dolores ou

⁵³¹SIMONE, entrevista n.17.

⁵³²FÁTIMA, entrevista n.1.

⁵³³ZELDIN, **Uma história...**, op. cit., p.157.

⁵³⁴SKINNER, B.F. **Beyond freedom and dignity**. 9. printing. N.Y: Bantam, 1972.

⁵³⁵ÁUREA, entrevista n.4.

Ângela, da segunda geração, já planejam dar uma freada no trabalho (fazer meio-período) e, por um tempo, se dedicar à futura maternidade.⁵³⁶

Rocha-Coutinho⁵³⁷ analisou anúncios de revistas femininas e no período de seu estudo (1989/1990) a mulher aparece como eclética – com performance esportiva e intelectual. Polivalente, é capaz de desenvolver o padrão de perfeição estabelecido por homens, e para eles, que tinham a esposa ou mães executando as atividades do mundo doméstico. Assim, elas acreditam que devem ser perfeitas, em todas as modalidades, prevenindo as situações onde sua performance possa ser "menor" 'e o que se observa nesta amostra, com Lia e Magali. Ambas trabalham de dia e estudam a noite e fazem o serviço da casa nos fins de semana, não pensando em dividi-lo com companheiros ou com os filhos. Quando o fazem, deixam para elas mesmas a maior parte deste trabalho. Também Dulce explicita que, por ainda não ganhar seu dinheiro, assume o serviço da casa.

Esta forma de pensar conduz seus comportamentos, em relação aos seus círculos de relações, as mais diversas.

4.3 TECENDO MODOS PARTICULARES DE RELACIONAMENTOS

Esta terceira geração tem seu modo peculiar de relacionar-se com seu contexto social. No trabalho, com amigos, com o gênero oposto ou na família.

A família parece ser a instituição, por excelência, onde as relações ocorrem. Pois, quer como suporte afetivo, quer como geradora de conflito e, portanto, de estresse que o conviver com as diferenças pode criar, há o encontro de idades, poderes e pessoas diversas. Mas, não se pode esquecer que os “valores”

⁵³⁶HELENA, entrevista n.16; DULCE, entrevista n.15; DOLORES, entrevista n.14; e ÂNGELA, entrevista n.6.

⁵³⁷ROCHA-COUTINHO, op. cit., p.122.

ditos familiares mudaram muito ao longo dos séculos e que “...seu significado tornou-se mais e mais incerto.”⁵³⁸

Contudo, “...sempre houve um conflito entre os valores familiares da continuidade e os da busca infundável de renovação”.⁵³⁹ é o que se verifica nas formas como as relações entre pais e filhos se desenvolvem entre as jovens desta amostra geracional. Permanece uma atitude de “obediência e respeito aos valores parentais” e, ao mesmo tempo, há um rompimento com o estereótipo de não os questionar.⁵⁴⁰ Isto transparece no relato de algumas depoentes. Dulce⁵⁴¹ conta como por algum tempo sua mãe determinou até o que ela deveria vestir. Mas, por força de suas vivências, ela ganhou independência e fez valer sua própria vontade. Magali,⁵⁴² que se autodenomina “adolescente rebelde”, relembra as artimanhas criadas para “desobedecer” a mãe. Ora, havia uma regra e elas sabiam que as estavam quebrando.

Prost e Vincent acreditam que “...Os códigos sociais se deslocaram e se abrandaram: não desapareceram, nem deixaram de ser sociais,”⁵⁴³ e isto significa que a relação entre pais e filhos deixou de ser de subordinação e passou a ser pautada pela amizade, senão pelo respeito. Aqui surge uma mutação nos valores. Zeldin⁵⁴⁴ alerta, ainda, que o que mantém as famílias unidas são os ideais de valores que se compartilham.

⁵³⁸ZELDIN, História..., op. cit., p.335.

⁵³⁹ZELDIN, História..., op. cit., p.329.

⁵⁴⁰ELIAS, **A sociedade**..., op. cit., p.70.

⁵⁴¹DULCE, entrevista n.15.

⁵⁴²MAGALI, entrevista n.18.

⁵⁴³PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5: da primeira guerra a nosso dias**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.138.

⁵⁴⁴ZELDIN, História..., op. cit., p.332.

A forma como Áurea⁵⁴⁵ demonstra carinho pela avó, quando esta interrompe a entrevista para solicitar ajuda, poderia ser interpretada como uma “atuação” na frente de estranhos, porém o fato de esta avó ter tido a liberdade de ir até lá, pedir o favor, diz da ligação de afeto que a une à neta e não de uma performance social.

Então, como ensina Santos,⁵⁴⁶ a riqueza do uso de entrevista reside, também, na aquisição destes dados que não são “ouvidos”, mas observados pelo historiador. Quando Áurea⁵⁴⁷ relatou sobre a paciência que desenvolveu ao lidar com pessoas mais velhas e como se julga com sorte por conviver com as outras duas gerações (mãe e avó), isto ficou comprovado por seu ato. Uma narrativa semelhante à de Helena,⁵⁴⁸ que se diz indignada com um dos irmãos, pela ausência de sua autonomia em relação à mãe deles. Quer dizer, nem todos os jovens têm este respeito declarado por Helena e demonstrado por Áurea,⁵⁴⁹ em relação aos mais velhos. Em verdade, Parece que, este é um comportamento que bem poucos jovens possuem, mas que, sem dúvida, é possível e passível de ser construído. Como dito por Simone,⁵⁵⁰ que se antes viveu em conflito com mãe e pai, hoje consegue harmonia com esta e com a “nova” mãe, sua sogra, que ela qualifica como mais afetiva.

Os relacionamentos entre irmãos também trazem as permanências e as mudanças que revelam a mobilidade dos valores sociais, na passagem do tempo.⁵⁵¹ Os filhos agora são criados, o mais perto possível, de uma paridade por um grande

⁵⁴⁵ÁUREA, entrevista n.4.

⁵⁴⁶SANTOS, A. C. de A., **Memórias...**, op. cit., p.11-16.

⁵⁴⁷ÁUREA, entrevista n.4.

⁵⁴⁸HELENA, entrevista n.16.

⁵⁴⁹HELENA, entrevista n.16 e ÁUREA, entrevista n.4.

⁵⁵⁰SIMONE, entrevista n.17.

⁵⁵¹POLLAK, *Memória e identidade...*, op. cit., p.47.

número dos “novos” pais (da segunda geração).⁵⁵² Assim a sociabilização e subjetivação destas jovens foram construídas de modo diverso às de suas mães, pela “miscibilidade que exige uma formação única para os dois sexos.”⁵⁵³ Elas agora se percebem como sendo igualmente validadas, independentemente de seu sexo, podendo ser mais, ou menos, valorizadas por seus desempenhos particulares.⁵⁵⁴

Dulce recorda como foi incontavelmente comparada à irmã mais nova e nunca aos irmãos mais velhos. A caçula era a que “sabia” fazer tudo e partia em defesa de Dulce, quando esta, mais tímida, se retraía em sociedade. E diz:

...minha irmã dava palpite, ...ela sempre me defendia, pois a ‘Dulce era muito fraquinha e a [a irmã] era a forte’, que defendia a Dulce.’ [Ela continua, referindo um conceito ainda presente para sua geração:] ‘...veja, era ao contrário, a mais nova defendia a mais velha.’ [risos]⁵⁵⁵

Lia⁵⁵⁶ conta como um de seus irmãos age, até hoje, como seu protetor e de seus filhos. E ela revela o sentimento de gratidão que tem por ele: “eu ainda cuido da limpeza da casa do meu irmão. Que eu me comprometo com ele, porque ele me ajuda muito, e ajuda meu filho também...”. Em sua fala reaparece o tipo de relação já relatado por Branca⁵⁵⁷ (primeira geração) com o irmão protetor. Parece, então, que o tempo não pôs fim a alguns dos valores da sociedade de ontem, tais como a solidariedade entre irmãos.

Uma situação nova, no entanto, aparece nesta geração. É Áurea quem ajuda seus irmãos, financeiramente e com conselhos. Aqui prevalece o conceito que Dulce trouxe, sobre o mais velho ajudar os mais novos, só que desta vez a mais

⁵⁵²Não se pode perder de vista que os pais desta geração são os jovens da geração anterior.

⁵⁵³MARINI, op. cit., p.372.

⁵⁵⁴POLLAK, Memória e identidade..., op. cit., p.39.

⁵⁵⁵DULCE, entrevista n.15.

⁵⁵⁶LIA, entrevista n.8.

⁵⁵⁷BRANCA, entrevista n.12.

velha é uma mulher, bem-sucedida financeiramente, ao contrário dos homens da família. Já foi analisada no presente estudo a capacidade profissional destas mulheres levando-as à categoria de provedores familiares, mas, nesta geração elas estão sendo reconhecidas.⁵⁵⁸

Por certo, as relações sociais são mais largas, do que aquelas que transitam pela família. Estas mulheres vivem sua sociabilidade extra-paredes da casa. Seus amigos de infância e adolescência são, às vezes, os mesmos da vida adulta, no lazer ou no trabalho.⁵⁵⁹ Quando, durante a entrevista, Áurea⁵⁶⁰ foi questionada como conciliou sua vida de viagens constantes, de esportista, com suas amizades, diz que a amizade nunca sofreu interferência por estar ausente de Curitiba. E que não precisou por a amizade à prova, mas que tem certeza que, se precisasse, bastaria “gritar” pelos amigos e estes viriam em seu socorro.

Outra depoente que recordou de seus amigos, mas desta vez espontaneamente, foi Helena.⁵⁶¹ Falou daqueles que adquiriu na adolescência e que conservou por toda sua (jovem) vida. Ela tem um grupo de amigas com quem divide suas histórias de alegrias e tristezas: “...até hoje a gente se encontra, sempre na casa de alguém para bate-papo, ou tomar sorvete, ou passear no parque. O lazer ficou bem reduzido, mas de resto, se voltasse, eu faria tudo de volta...”

Nessa fala de Helena se pode vislumbrar aquilo que Zeldin entende por amizade. “Ter fé que se pode revelar para o outro, sem medo de aparecer do jeito que se é! (...) o amigo ideal vem de fora da tribo, nada exigindo, sem querer dominar...”⁵⁶²

⁵⁵⁸ÁUREA, entrevista n.4; DULCE, entrevista n.15; SOCORRO, entrevista n.13; e ÂNGELA entrevista n.7.

⁵⁵⁹PROST e VINCENT, op. cit., p.137.

⁵⁶⁰ÁUREA, entrevista n.4.

⁵⁶¹HELENA, entrevista n.16.

⁵⁶²ZELDIN, História..., op. cit., p.348-349.

E é este tipo de relação que Simone⁵⁶³ recorda ter vivido com a amiga que lhe ofereceu trabalho, quando recém-formada, e não querendo trabalhar com jornalismo, foi convidada a dar aula de inglês. Ela, durante a entrevista, tentou replicar o diálogo daquela época: “...eu disse: ‘eu não tenho nenhuma experiência!’ E ela disse: ‘eu sei! Mas confio em você!’”, e isso foi muito bom, fez bem para solver minha insegurança.”

Pensando nos relacionamentos de trabalho, a Revista Nova⁵⁶⁴ publicou, em 1989, um artigo em que dava conselhos de “bem” relacionar-se em certas situações da carreira”. O título, sugestivo, trazia: “Cuidado! Estas atitudes podem acabar com sua carreira! E alertam para não ceder aos “sentimentos ditos femininos que maus conselheiros” podiam fazer perder todo o esforço que a competência profissional havia produzido. A matéria traz, explicitamente, o modo de pensar sobre o “ser feminino” para o período. Agora esta mulher tinha que ser “vencedora no trabalho, não importa que sua personalidade vire um ‘camaleão’ a mercê do olhar do outro, aquele que tem o poder de demiti-la”.

Helena⁵⁶⁵ contou sobre a discriminação que sofreu no seu primeiro emprego como pedagoga. E não se tratava de discriminação sexual. Segundo ela, no seu primeiro emprego, os professores a chamavam de “fedelha”! E ela deu muita risada lembrando do que um aluno lhe perguntou:

...‘então você é a fedelha que o professor não vai [obedecer]...’, porque a fedelha que tinha mandado. (...) essa coisa de impor, eu não gosto...” então, era complicado, muito complicado (...) quando eu comecei eu tinha idade para ser, provavelmente, filha de todos os professores.

Então, adentrar o mundo do trabalho extra-casa, chefiar, organizar, era uma tarefa nova e nem sempre lhes tinha sido dado o preparo necessário para que

⁵⁶³SIMONE, entrevista n.17.

⁵⁶⁴BERNSTEIN, Cláudia. Cuidado! Estas atitudes podem acabar com sua carreira! **Revista Nova**, Abril, n.12, p.78-80, dez. 1989. (Acervo particular)

⁵⁶⁵HELENA, entrevista n.17.

estas jovens a executassem. Magali⁵⁶⁶ traz em suas reminiscências amargas lembranças de quando perdeu um cargo importante, de chefia e, portanto, onde ganhava bem, porque tinha tido desavenças com as colegas e subalternas. Já separada do primeiro marido, começou a namorar um colega de firma, casado. As colegas a “rotularam” de apelidos discriminatórios e contaram para a esposa dele o “caso” entre os dois. A história chegou à administração e ela foi despedida. Magali acredita que o que motivou a tal desavença não foi “moralidade” das colegas, mas o fato de ela ter exercido uma chefia autoritária.

No dia da entrevista, que ocorreu ao final do expediente, Magali⁵⁶⁷ pediu licença e fez um telefonema na frente da entrevistadora.⁵⁶⁸ Ligou para os filhos, deu indicações de como estes deviam se comportar, o que comer, que horas dormir, uma vez que ela iria, depois, para a aula e só voltaria para casa tarde da noite. Neste modo de agir, passível de acesso quando se trabalha com fontes orais, se pôde perceber a forma como estas mães de “última geração” constroem modos de continuar a exercer o papel que a sociedade diz ser o dela: cuidar dos filhos.⁵⁶⁹ É bem verdade que é uma mudança que está em curso. Pois a própria Magali trouxe que, mesmo não sendo o atual companheiro o pai de seus filhos, ele, às vezes, faz a “maternagem”, dando-lhes o café e levando-os para o colégio, pois ela sai muito cedo, ou ainda, dando-lhes o jantar, uma vez que ela vai direto do trabalho para a escola dela.⁵⁷⁰

⁵⁶⁶MAGALI, entrevista n.18.

⁵⁶⁷MAGALI, entrevista n.18.

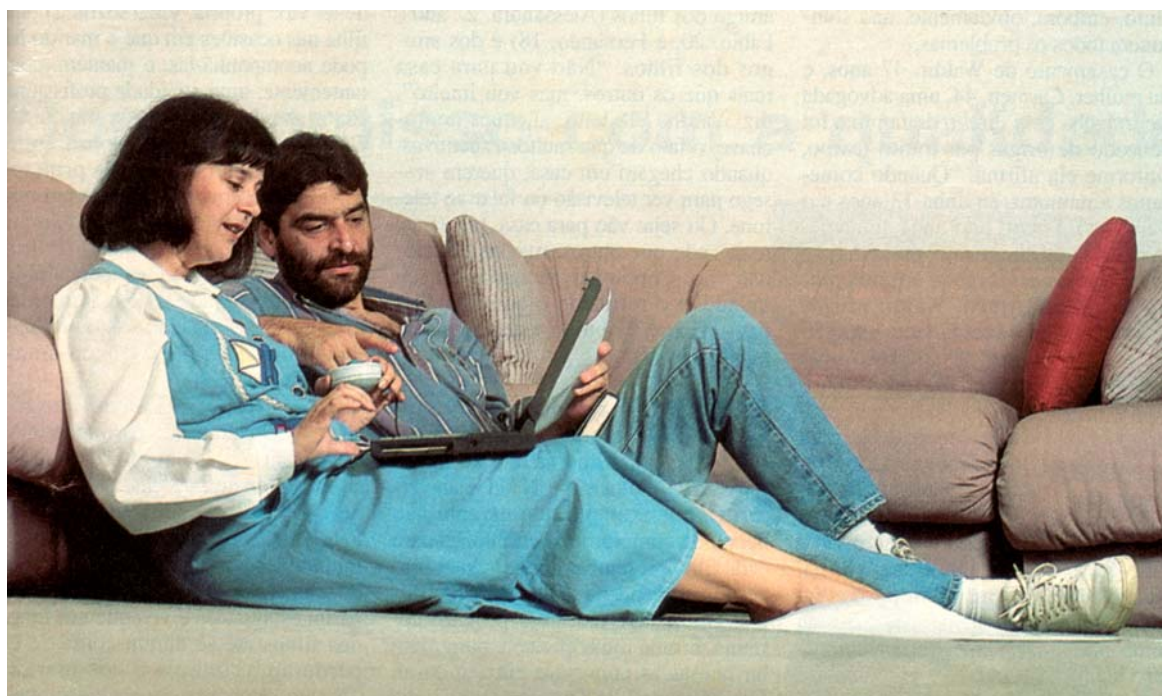
⁵⁶⁸SANTOS, A. C. de A., **Memórias...**, op. cit. De novo, a riqueza do instrumento – entrevista – que permite ao historiador observar acontecer o comportamento que se investiga.

⁵⁶⁹ROCHA-COUTINHO....op. cit.

⁵⁷⁰MAGALI, entrevista n.18.

As mulheres desta geração e também algumas da anterior, já o faziam, estão permitindo que apareça uma nova postura masculina: o pai-mãe (“pãe”), aquele homem que exerce as funções que antigamente era dada a mulher exercer: cuidar de crianças!⁵⁷¹ O que Magali contou confirma o surgimento de um novo modo de relação entre os gêneros.⁵⁷² Sustentada pelo diálogo e na mútua colaboração, mesmo quando não há concordância no modo de ser ou querer da vida. É a “receita” dada por Simone, Helena, Áurea e Dulce.

FOTO 6 - CASAL NOS TEMPOS ATUAIS



FONTE: REVISTA MANEQUIM. Sem compromisso. Edição de aniversário. Ano 36, n.8, p.88, ago. 1995. (Acervo particular)

Dulce rememora o seu “drama” de início de casamento e como as representações, sobre ela mesma – que trouxe de sua própria história –, quase

⁵⁷¹GANDOLFO, Luciane. Novos amores. **Revista Cláudia**, ano 2, p.178, fev. 1997. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná) e DECASPER, A. J.; PRECOTT, A. Human newborn’s perception of male voice: preference, discrimination and reinforcing value. **Developmental Psychology**, New York, v.17, 1984.

⁵⁷²BERNARDI, Maria Amália. Casamento X carreira: é possível ter sucesso ao mesmo tempo no trabalho e no casamento? **Revista Exame**, São Paulo: Abril, Ano XXIX, n.8, p.93, 10 abr. 1996. (Acervo particular)

acabaram com a relação, que só foi salva, segundo ela, graças à terapia e a muito diálogo entre o casal. Além das dificuldades pessoais dela, “a família dele não queria. (...) Porque eu fui a única... como eles dizem: ‘schwota’ – pretinha – sou a primeira que entrou na família (...) não tenho a cultura!” Somando esta rejeição cultural e a insegurança de uma educação repressora, embora carinhosa, que lhe dizia que ela não sabia fazer nada, Dulce⁵⁷³ quase transformou o casamento em um inferno de choro e cobranças. Mas, como ela relata: “porque agora eu aprendi a falar e ele a respeitar minha necessidade de companhia, da companhia dele que era maior. Até a gente aprender, eu a falar e ele a perguntar...”. Um dado aparece aqui e diz do que Michalisyn e Tomasini⁵⁷⁴ explicavam em seu estudo. A cultura é parte importante na capacidade de o ser humano criar vínculos. O fato de Dulce não ser da etnia de seu marido, quase impediu seu casamento. Eles partilham os mesmos valores religiosos, freqüentam a mesma comunidade desde a pré-adolescência, mas, parece que isso não bastou. Foi preciso que os dois jovens afrontassem a “lei” familiar para que a família reavaliasse os próprios conceitos e a aceitasse.

Com Helena o caso se inverte, o marido é que tem maior dependência da companhia dela, e eles também contemporizaram: “esta é uma característica que o [marido] tem. Gosta de ter alguém do lado (...) são coisas assim, que a minha personalidade é diferente da dele, mas para ter um convívio em equilíbrio, cada um cede um pouco...”⁵⁷⁵

O namoro destas moças também parece ter sido baseado em diálogo, e, para estes casais o respeito se tornou mais importante do que o poder. Conforme Vincent os “antigos” papéis de homem e de mulher, foram “rejeitados em nome do

⁵⁷³DULCE, entrevista n.15.

⁵⁷⁴MICHALISZYN e TOMASINI, op. cit., p.24.

⁵⁷⁵HELENA, entrevista n.16.

princípio de igualdade: a exigência de simetria impõe fidelidade recíproca” no sentido de respeito à individualidade de cada um dos pares.⁵⁷⁶

Simone⁵⁷⁷ casou de “véu e grinalda” e traz inúmeras fotos em porta-retratos em sua sala (muito bem arrumada). Mas, relembra que não foi esta sua vontade original. O casal conviveu por um ano e meio antes de oficializar a união. A esse respeito traz-se mais uma reflexão de Vincent.⁵⁷⁸ No período das décadas de 1980/1990, foi um número cada vez maior de coabitações juvenis a ocorrer. Algo que já estava presente desde as décadas de 1960, com o movimento *hippie*. Contudo, o autor acredita que, no período em questão, ao contrário do anterior, este comportamento estaria representando mais uma propedêutica ao casamento do que sua negação. “Evidenciava sim, uma mudança dos valores sociais e se uma negação, não ao matrimônio, mas à forma como seus pais haviam experimentado esta relação”. Ao anteciparem a convivência, os jovens quase estavam fazendo um “treinamento”, uma possibilidade de escolha de seus pares, na tentativa de não errar.

Simone⁵⁷⁹ conta que teve que fazer uma (re)educação do marido. “...ou ele topava fazer terapia ou eu estava fora do casamento”. Entre as coisas que ela queria mudanças do marido estava a forma de repartir tarefas em casa. Educado por alguém que acreditava ser papel da mãe fazer toda a tarefa doméstica, ele não conseguia perceber suas responsabilidades em coabitar com alguém. E, talvez, nisto, as mulheres desta geração (1980-1990) “sintam-se livres para cobrar deles o que cobrariam de outra

⁵⁷⁶O conceito de “simetria” é mais apropriado do que o de “paridade”. No primeiro está implícita a diferença, que complementa. No segundo passa a falsa idéia de clones, gêmeos, pares idênticos, o que não poderia corresponder à realidade (VINCENT, Gérard. Segredos de família. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5**: da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.285).

⁵⁷⁷SIMONE, entrevista n.17.

⁵⁷⁸VINCENT, Segredos..., op. cit., p.288.

⁵⁷⁹SIMONE, entrevista n.17.

colega mulher, participação”.⁵⁸⁰ E, Simone complementa: “aí conseguimos reconstruir nosso casamento. Com outras bases.” Na sua fala não há limite entre a época de coabitação e da oficialização do compromisso. Ela nomeia a relação como casamento, mesmo antes de a Igreja dizer que esta relação era matrimônio.

Áurea⁵⁸¹ fala de ter vivido namoros, uma vez que ela nunca casou. Recorda que seu primeiro grande amor era alguém que exercia cuidados para com ela, preocupando-se com sua profissão, com seu bem-estar. Mas que isto não foi a regra dos outros namoros. Diz ter se sentido explorada, mas que não perdeu as esperanças de encontrar alguém:

...se acontecer de ter uma pessoa do meu lado, encontrar um cara legal (...) eu não preciso de um homem ao meu lado assim pra nada – entre aspas- pra tudo eu sei que eu me viro na minha vida, eu dou conta do recado e eu queria sentir esta proteção. Isto eu não estou mais a fim. Eu já carreguei muitos relacionamentos, eu não quero mais, eu quero dividir. Dividir contas, dividir amor, dividir...

O que Áurea parece estar dizendo é que deseja um “par”; alguém para partilhar a vida. No seu relato, às vezes, transparece um conflito entre aquilo que diz acreditar – na simetria entre casal – e o discurso da geração passada: “a proteção masculina” da qual falava Raquel (segunda geração: 1960/1970).⁵⁸² Mas um homem que lhe dê a segurança que o primeiro namorado lhe deu e a parceria que o padrasto vive com a mãe.

Rocha-Coutinho⁵⁸³ acredita que a geração atual ainda vive conflituada entre dois modos de ser feminina. Onde valores, aparentemente contraditórios, foram internalizados em diferentes momentos de sua formação: os valores tradicionais introjetados na infância, a partir do discurso social e da insatisfação de

⁵⁸⁰ROCHA-COUTINHO, op. cit.

⁵⁸¹ÁUREA, entrevista n.4.

⁵⁸²RAQUEL, entrevista n.3.

⁵⁸³ROCHA-COUTINHO, op. cit.

suas mães nas próprias relações. Aquelas haviam colocado no casamento e em ter filhos a meta maior de felicidade: esta só seria possível satisfazendo estes dois papéis ou funções: esposa e mãe. Por outro lado, o que elas vivenciaram, como filhas, foi observar casais brigando e disputando espaço e poderes. Isto elas sabem que não querem. Algumas sabem o que querem e como conseguir. Outras sabem o que querem, mas não como fazer para ter. Outras, nem sabem o que desejar.

Áurea⁵⁸⁴ sabe que : “não quero filhos! Nunca quis!” É como se ter filhos, para ela, a fizesse ter que abdicar de sua liberdade. Helena, Simone e Dulce estão no meio termo. Querem filhos e se programaram para, quando vierem a tê-los, isto aconteça com elas trabalhando em meio período, para não atrapalhar a criação deles. Lia e Magali⁵⁸⁵ criam seus filhos, trabalham e estudam. A primeira faz isto sem muita ajuda, a não ser da família de origem e mantém uma relação perturbada com o pai de seu segundo filho. Já a outra recebe uma ajuda do atual companheiro, mas sonha com a hora de poder se “livrar” dele e criar os filhos, sozinha.

Não suporto ele me tocar. Mas, fazer o quê? Preciso dar um teto a eles e ainda não posso... Com as crianças ele é interessado, mas é muito duro, ríspido. Elas tem medo dele. Mas esse é o nosso segredo, vamos ter nossa casa. Eles sabem que a liberdade vai chegar...

Esta posição, de Magali e de Áurea,⁵⁸⁶ em prol do que elas julgam ser liberdade, da possibilidade de exercer sua individualidade, remete a algo muito próprio desta geração. A sexualidade fora do casamento e, para algumas o seu exercício como obrigação do casamento, como contado por Magali.

⁵⁸⁴ÁUREA, entrevista n.4.

⁵⁸⁵LIA, entrevista n.8 e MAGALI, entrevista n.18.

⁵⁸⁶MAGALI, entrevista n.18 e ÁUREA, entrevista n.4.

4.4 SEXUALIDADE NA GERAÇÃO DOS “FICANTES”

Se cada cultura possui expectativas sociais diferentes sobre a maneira com que homens e mulheres deveriam se comunicar ou se relacionar. Pode-se generalizar que, isto, se aplica igualmente à sexualidade.⁵⁸⁷

Já na primeira geração (1940-1950) das mulheres deste estudo, era possível encontrar quem desconectasse o sexo, ou o exercício da sexualidade, dos vínculos de compromisso social – casamento. Socorro⁵⁸⁸ foi exemplo disto e carregou tal valor ao longo de sua vida, seus relacionamentos foram movidos por escolha e não por obrigações.

Na segunda geração (1960-1970), nenhuma das moças comunicou ter vivido “liberdade sexual” juventude, mas duas delas a exerceram na idade adulta: Raquel e Esmeralda.⁵⁸⁹ De qualquer modo, o comportamento destas mulheres ainda era a exceção.

Para a terceira geração, 1980-1990, o sexo fora de relações estáveis (legitimadas por instituições sociais ou não) não tem mais o significado de ser “liberada” sexualmente. Esse comportamento já faz parte do cotidiano da maioria destas jovens, que não se intimidam de fazer sexo ou buscar relacionamentos de prazer sexual ou sensual. Vincent aponta para o surgimento de:

...uma sociedade unissex, onde o modelo que prevalece é o ‘viril’. Quer seja homem ou mulher, a ordem é o velho papel atribuído ao masculino. A sexualidade precoce tende a apagar as fronteiras: quando as moças deviam manter-se virgens até o casamento (...) Os rapazes, de seu lado, assumiam sua sexualidade na prostituição (...) a relativa homogeneização atual torna as fronteiras mais permeáveis...⁵⁹⁰

⁵⁸⁷SKINNER, Questões..., op. cit.

⁵⁸⁸SOCORRO, entrevista n.13.

⁵⁸⁹RAQUEL, entrevista n.3 e ESMERALDA, entrevista n.5.

⁵⁹⁰VINCENT, O corpo..., op. cit., p.386-388.

Para Vincent,⁵⁹¹ se os códigos mudaram, as regras ainda continuam, mesmo que de forma alterada por um novo linguajar. Um termo usado pela geração atual e que aparece na fala de três depoentes deste grupo, é o verbo “ficar”.⁵⁹² Mas, qual seria o significado desta palavra? Em artigos de revistas leigas, especializadas para a juventude, ela aparece ligada à situação em que duas pessoas estando – naquele momento – juntas, desfrutam os prazeres do seu próprio corpo, e o do outro.⁵⁹³

Áurea, mesmo sendo a mais velha delas, emprega o termo “ficar” quando se refere a alguns de seus relacionamentos. Dulce do mesmo modo conta ter “ficado” com o marido algum tempo antes de casarem. E, Helena recorda ter “ficado” algumas vezes, não só com o marido, mas com outros rapazes, embora diga que não se sentia confortável com este tipo de relacionamento. Também suas amigas “ficaram” e contam, ainda atualmente, umas para as outras sobre tais experiências.⁵⁹⁴

A pílula anticoncepcional permitiu uma revolução sexual e esta uma revolução nos costumes. Se camufladamente para a segunda geração, escancaradamente para a terceira: “Fazer sexo para esta geração, não foi mais uma questão moral, mas de bem-estar e prazer.”⁵⁹⁵

⁵⁹¹VINCENT, O corpo..., op. cit., p.386-388.

⁵⁹²TIBA, Içami. **Adolescência**: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. São Paulo: Gente, 1994.

⁵⁹³No entanto, existem outras palavras que, etimologicamente ligadas à primeira, retificam este sentido. Trata-se do termo: “ficante”, ele simboliza “aquele que costuma ficar”. Alguém com quem se repete o ato de “ficar” e, isto, passa a ser reconhecido por seu grupo como uma espécie de escolha, ainda sem compromisso. Se estes “ficantes” repetem esta prática, com uma certa frequência, que difere de grupo para grupo, a relação será denominada de “rolo” – o que implicaria num pré-compromisso –, algo anterior ao namoro. A diferença entre estas expressões é a profundidade de comprometimento com a fidelidade entre o casal e, o reconhecimento disto por seus pares.

⁵⁹⁴ÁUREA, entrevista n.3; DULCE entrevista n.15; e HELENA, entrevista n.16.

⁵⁹⁵PRIORE, Mary Del. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Senac, 2000. p.11.

A descoberta dos “prazeres do corpo”, como revelado por Raquel [uma adolescente da segunda geração – 1960/1970] que tinha apenas 15 anos ao fazer suas primeiras incursões pela vida sexual,⁵⁹⁶ só difere das descobertas de Magali [jovem do terceiro grupo – 1980/1990], que também tinha esta idade, numa situação semelhante, de iniciação sexual, pelo fato de que a primeira estava tendo tais “gozos” com seu futuro marido – um “médico” –, já noivo oficial. O que estava em pauta era casar “virgem”.⁵⁹⁷ Magali namorava escondido um rapaz de sua idade, que se drogava e não tinha “futuro”. Os pais de Magali, no entanto, só cobraram a gravidez, não se falou em virgindade, embora esta depoente tenha contado que a mãe a proibia de sair.

Ao que tudo indica, para esta sociedade, quase no século XXI, para se engravidar ainda é necessário formar laços de parentesco. Luna⁵⁹⁸ afirma que no mundo ocidental, “apesar das novas técnicas reprodutivas, esta deveria ser uma responsabilidade do sistema sócio-cultural, que desta forma regularia a formação de pessoas, unindo aspectos biológicos e sociais da reprodução”.

Em verdade, o que Raquel fazia com seu noivo era o mesmo que Dulce fazia com seu namorado.⁵⁹⁹ “Ficava”, sem “transar”. Lia “transou” com apenas dois homens, em toda sua vida: com o primeiro casou grávida e, com o segundo, coabitou antes de casar e não se desvencilhou dele, totalmente, até hoje.⁶⁰⁰ Mas suas contemporâneas de geração: Áurea, Simone, Helena ou Magali⁶⁰¹ já iam

⁵⁹⁶RAQUEL, entrevista n.3.

⁵⁹⁷MAGALI entrevista n.18 e RAQUEL entrevista n.3.

⁵⁹⁸LUNA, Naara. Pessoa e parentesco nas novas tecnologias reprodutivas. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis, v.9, n.2, 2001. p.69.

⁵⁹⁹RAQUEL entrevista n.3 e DULCE, entrevista n.15.

⁶⁰⁰LIA, entrevista n.8.

⁶⁰¹ÁUREA, entrevista n.4; SIMONE, entrevista n.17; HELENA entrevista n.16; e MAGALI entrevista n.18.

um pouco além. Todas “transaram” fora de relações estáveis e com mais de uma pessoa. Os sentimentos gerados nelas e por elas, em seus familiares, graças a este comportamento sexual, foram, porém, os mais diversos.

Entre os amigos havia o incentivo e até cobrança para “fazer sexo”; com os pais, o que apareceu foi: a proibição, a censura no mínimo ou o castigo no máximo, mas não mais expulsão de casa como para Socorro.

Dulce foi a exceção deste grupo, como Socorro (primeiro grupo) foi a de sua geração. Elas agem como que em “espelho”, por diversificarem justamente na questão sexual. Socorro é que parece ter nascido neste período de “liberdade” e Dulce age como Sara (primeiro grupo), apaixonada e tendo que “apaziguar” seu corpo. Pelo menos foi o que Dulce (re)construiu, de sua jovem memória, ao falar nas formas que ela e o noivo conseguiram chegar ao casamento virgens. Segundo o que ela configurou para si mesma, era o noivo que tinha que acalmá-la, como uma forma de atingirem o objetivo deles, de “pureza” para o casamento.⁶⁰²

Essa percepção da sexualidade como algo “impuro” ou pecaminoso, antes ou fora do casamento, apesar de pertencer às gerações anteriores, ainda faz parte do universo dos valores da geração em estudo. Segundo Rago,⁶⁰³ numa resenha do trabalho de Knibiehler, para esta última, o casal igualitário continuaria uma utopia feminina, e a autora considera que hoje se vive uma tirania do prazer, ao mesmo tempo que, algumas instituições tentam controlar este princípio com abismos de culpa e vergonha.

Uma dessas instituições é, ainda, a família. Simone⁶⁰⁴ recorda, com mágoa e delata sentir raiva, da mãe e do pai, sobre várias coisas que experimentou em sua criação. Uma delas foi a forma que a mãe conseguiu impregná-la com culpa sobre o

⁶⁰²DULCE, entrevista n.15; SOCORRO entrevista n.13; e SARA, entrevista n.9.

⁶⁰³RAGO, Margareth. A sexualidade depois da festa. Resenha crítica sobre KNIBIEHLER, Yvone. La sexualité et la histoire. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.11, n.2, p.611-680, jul./dez. 2003.

⁶⁰⁴SIMONE, entrevista n.17.

exercício de sua sexualidade. A mãe usava, como engodo, a autoridade do pai – o que ele faria se soubesse que a filha já não era mais virgem. E, Simone⁶⁰⁵ vivia um drama imaginário de medo e de culpa, até que um dia resolveu contar e, para sua surpresa, o pai já sabia e se mostrou compreensivo, até condescendente. Simone tem sua opinião sobre o fato:

Eu escutei, a minha vida inteira, ela dizer que eu só podia transar quando eu tivesse... quando eu fosse independente financeiramente, quando eu já estivesse fora de casa, de preferência com mais de 18 anos. (...) eu sentia tesão desde os 11 anos, quando menstruei. (...) hoje eu entendo a preocupação da minha mãe. Mas a orientação tem que ser diferente. Tem que mostrar para o filho que transar é bom!

No entanto, esta moça transou com seu primeiro namorado, aos 14 anos. Diz ter se arrependido de ter feito tão nova. Sem a devida maturidade. Questiona a imagem que a mãe passou para ela, de sexo e do que o pai acharia disto. Em sua fala perpassa o duplo engano: 1) sexo é bom! 2) seu pai também achava isto. Tudo ao contrário do que a mãe lhe ensinou.⁶⁰⁶

Esses pais funcionavam de forma contrária aos pais de Áurea.⁶⁰⁷ O pai dela, ainda atualmente, prefere fingir não saber que a filha há muito tempo não é mais virgem e pede que – quando ela for morar sozinha, em breve – não dê a chave de casa para namorados. Já a sua mãe sabe de sua experiência toda, de vida, inclusive a sexual e apóia.

Ainda é Áurea que manifesta preocupação com a AIDS e a prevenção com a gravidez, replicando as preocupações de Monteiro⁶⁰⁸ de como a sexualidade reflete “os processos de fabricação de eu, tanto quanto os padrões de experiências

⁶⁰⁵SIMONE, entrevista n.17.

⁶⁰⁶SIMONE, entrevista n.17.

⁶⁰⁷ÁUREA, entrevista n.4.

⁶⁰⁸MONTEIRO, Simone. Políticas preventivas: os limites das abordagens racionais. Qual a prevenção? AIDS, sexualidade e gênero em uma favela carioca. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.7, n.2, p.311-313, 1999.

sociais vividas por este indivíduo, bem como os de seu grupo social”. Pela fala de Áurea, há que ter cuidado com aquilo que se toma como dado das fontes. Pelo que esta moça afirma, poderia se pensar ser reflexo de sua geração a prevenção com a AIDS ou com a saúde em geral. Esta moça é uma esportista, foi treinada durante toda sua vida para cuidar do corpo e considerá-lo seu maior “instrumento”. Valoriza pessoas que têm seus mesmos padrões, e, portanto, ela não reflete – neste particular – este grupo ou a população brasileira.

Monteiro,⁶⁰⁹ em seu estudo com jovens favelados do Rio de Janeiro descobriu uma realidade bem diferente da jovem depoente. Eles não se previnem, apesar de terem conhecimento sobre a gravidade desta e de outras doenças transmitidas via sexualidade. A mesma realidade descrita por Magali e por Lia, que engravidaram – ambas – por duas vezes. O que quer dizer, que no ato sexual não estavam preocupadas com ficar doentes ou engravidar. Isto pode descrever, também, mulheres que ainda não conseguiram (nem conseguem) dizer não ou sim para aquilo em que acreditam.

As políticas preventivas, como aponta Monteiro, não estão levando em conta os sistemas representacionais do que é ser masculino ou feminino naquela população e daquele indivíduo em particular. Como recorda Magali: “...deu um minuto de bobeira”. Isto na primeira vez. Na segunda, provavelmente, ela já estava envolvida em dependência emocional, típica dos familiares de adictos em drogas, lícitas ou ilícitas.⁶¹⁰ E, ela diz sobre sua relação com o primeiro marido: “ não foi amor (...) não foi paixão, não foi tesão, sabe? Foi doença! Eu sou carente!” com esta frase demonstra ter mais consciência do que Lia, mais velha do que ela e que freqüentou grupos de Al-Anom,⁶¹¹ além de ter feito terapia. Nas palavras de Magali:

⁶⁰⁹MONTEIRO, op. cit.

⁶¹⁰NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais**. São Paulo: Siciliano, 2001.

⁶¹¹Disponível em: <AL-Anom.www.aa.org.br>.

“Na realidade eu não queria, mas ele foi me seduzindo e eu fui deixando. (...) claro eu sabia, mas parece que não era comigo, eu... parece que não ia acontecer comigo. (...) tudo por amor, eu fazia o que ele pedia...”

As transformações neuroquímicas, os padrões sociais, as experiências vividas, o somatório e a inter-relação de tudo, transtornam as decisões que um adolescente seria capaz de tomar, tanto em relação a sexualidade como nos demais aspectos de suas vidas.⁶¹²

Se o sexo por prazer já era uma realidade desconectada de casamento, para a grande maioria, parece que a maternidade ainda estava sendo pensada para se viver a dois. Ou seja, dentro de relações estáveis. Embora, neste grupo, duas das depoentes criem seus filhos longe dos pais biológicos e outra afirme que não quer passar pela experiência de ser mãe, as outras três entrevistadas afirmaram querer ter filhos e pretendem fazê-lo ao lado dos pais dos bebês.⁶¹³

Knibiehler⁶¹⁴ questiona e relativiza os discursos de gênero, a liberação feminina e as chamadas conquistas sexuais. Ela aponta que se para alguns jovens já foi possível escolher quando e com quem viver fisicamente seus interesses afetivos ou hormonais, ainda há uma parcela considerável da população que sofre com o aumento diário de assédio sexual no trabalho, da violência doméstica, do estupro e da prostituição forçada.

Williams⁶¹⁵ se pergunta se há o que fazer a respeito da violência doméstica. Um dos agravantes sobre a ocorrência deste tipo de agressão é que envolve relacionamentos dúbios, onde circulam afetos contraditórios entre os

⁶¹²SIDMAN, op. cit.

⁶¹³LIA e MAGALI (entrevistas n.8 e 18, respectivamente), já são mães. SIMONE, HELENA e DULCE (entrevistas n.17, 16 e 15) planejam vira ter filhos.

⁶¹⁴RAGO, A sexualidade..., op. cit.

⁶¹⁵WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque. Violência domestica: há o que fazer? In: GUILHARDI, Hélio (Org.). **Sobre comportamento e cognição**: expondo a variabilidade. Santo André (SP): ESETec, 2001. v.7p.9.

envolvidos, um misto de amor e ódio. Uma das violências contra a mulher, que pode advir de sua sexualidade, é a que diz respeito à questão do aborto. “Mesmo com as campanhas informativas, cerca de 60% das crianças nascidas de mães adolescentes são fruto de gravidez indesejada. E parte destas gestações serão interrompidas por abortos improvisados, que põem em risco a vida da mãe”.⁶¹⁶

Magali recordou o sofrimento experimentado por ela na ocasião de sua terceira gestação. Sem saber quem era o pai de seu filho (ou filha), optou por tomar medicação abortiva e acabou por expulsar o feto, sozinha, em casa.⁶¹⁷ A clareza como descreveu seu procedimento, contrasta com as lágrimas que derramou durante a narrativa. Aparentemente um paradoxo entre o ato e a memória dele, é o que poderia explicar a discrepância entre as duas situações.

Talvez, nessa sua postura, transpareça o que Saffioti propunha ao falar das permanências de conceitos normativos sobre os papéis antigos, do que significa ser homem ou ser mulher na sociedade brasileira. Magali chora, mas não se comporta como vítima. Ela compactua com o pressuposto de ser dela a responsabilidade por ter ou não o filho. Abortar significou sofrer, no corpo e nas perdas sociais, perdeu emprego, portanto dinheiro e aprovação de sua comunidade. Tudo isto por ter feito sexo com um homem casado e, no mesmo período, com o ex-marido, um alcoólatra em uso ativo. Diante do conflito, ela optou e agiu. Fez tudo quase sozinha, pois apelou para o auxílio da filha – uma menina – e da mãe – outra mulher. Por que não pediu ajuda masculina, do “velho”, como ela chama o atual companheiro? Afinal ela vinha “desdobrando-o” com certa facilidade. Poderia tê-lo “enganado”, dizendo ser um aborto espontâneo. O fato de ele querer o bebê, a impediu? Ou poderia ser levantada a hipótese do choro atual ser produto da memória de sua antiga educação de “catequista” cobrando ônus?

⁶¹⁶GRAVIDEZ na adolescência: anos depois, mães e filhos fazem o balanço. **Revista Marie-Claire**, Rio de Janeiro: Globo, p.49, mar. 1999.

⁶¹⁷MAGALI, entrevista n.18.

Magali foi educada na religião católica. Para esta religião o aborto é mais do que um crime legal, é um pecado mortal.⁶¹⁸

4.5 EM BUSCA DE UMA ESPIRITUALIDADE... OU DE ALGO QUE RECONSTRUA A IDENTIDADE?

Diante do incontrolável e ou imprevisível o ser humano sente-se desamparado. Elias questiona se “uma forma de tornar suportável tal desamparo frente às repetidas catástrofes da história, diante do perigo que o próprio homem vem representando para o homem, seria ocultando-os, rechaçando-os da consciência?” Ele aponta, ainda, “a enorme incontrolabilidade que o homem vive hoje, diante das circunstâncias desta sociedade complexa”.⁶¹⁹ E, para o autor, as pessoas estão cada vez mais inadequadamente aparelhadas a lidar com os perigos que as incertezas e ameaças naturais e sociais as expõem. Ainda, acrescenta, que as idéias míticas ou mágicas que ajudaram o homem, no passado, a resolver as questões de perigos naturais, ainda estão sendo usadas para resolver as questões sociais. Para Elias as ideologias criadas, “afastam o perigo, pois unem as pessoas – explícita ou implicitamente – e aguçam o desejo de ‘cerrar fileiras’ contra quaisquer que sejam os perigos”.⁶²⁰ Porém, podem também, aumentar tais perigos, uma vez que aumentam as diferenças e estas podem, desta forma, vir a ser tomadas como o inimigo, camuflando a percepção das ameaças reais.

Mas, quer aumente ou camufle a percepção de onde está o perigo, quer prepare realmente ou torne o homem ainda mais vulnerável às ameaças –

⁶¹⁸KALSING, Vera Simone Schaefer. O debate do aborto. Crônicas profanas. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.19, p.281, 2002.

⁶¹⁹ELIAS, A sociedade..., op. cit., p.70-73.

⁶²⁰ELIAS, A sociedade..., op. cit.

naturais e ou sociais – uma das soluções arranjadas pela sociedade atual é um retorno à religiosidade.⁶²¹

A revista *Época* traz uma reportagem, já quase ao fim deste período (1999), mas que focaliza o afluxo da população mais jovem a ritos ou religiões.

A mudança dos tempos vem sendo observada em várias áreas de estudo que se dedicam hoje a pesquisar a religiosidade com metodologia científica. 'Até os anos 80, era muito raro encontrar nas principais revistas científicas do mundo um artigo que tratasse de algo relacionado com religião.' (...) hoje existem mais de 6000 textos contendo a palavra religião e acima de 20000 com o termo prece.⁶²²

Não deveria ser surpresa aos estudiosos sobre gênero o ressurgir da religiosidade (após o anúncio de seu declínio nas gerações anteriores).⁶²³

As atividades religiosas – crenças, ritos e discursos – são mais do que símbolos sagrados, são representações simbólicas moldadas pela forma como uma sociedade configura as relações de gênero dentro dela. A modelagem de comportamentos deriva, então, em parte, de uma prontidão dos indivíduos a reagirem de uma ou de outra forma, de acordo com as crenças que seu grupo lhe configurou como certas ou erradas. Esquemas cognitivos tornam-se, assim, capazes de gerir comportamentos.⁶²⁴ As sociedades se valem de suas instituições para controlar as pessoas em acordo com suas regras vigentes determinando o que ser “mau” ou “bom” para aquele grupo.

Tarducci⁶²⁵ afirma que a orientação religiosa da comunidade pode ser mais direcionada aos indivíduos ou ao grupo social. Ela classifica que as que se voltam

⁶²¹ZELDIN, Uma história..., op. cit.

⁶²²PAPAROUNIS, Demetrius. A ciência em busca de Deus. **Revista Época**, São Paulo: Globo, ano 1, n.52, p.30, 17 maio 1999. (Acervo particular)

⁶²³ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.16, p.90, 2001.

⁶²⁴SAFFIOTI, Violência..., op. cit., p.119-121.

⁶²⁵TARDUCCI, Mónica. Estudios femininos de religión. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.16, p.100-104, 2001.

para a família e, portanto, para o grupo social, como as do confucionismo, judaísmo e hinduísmo, e as cristãs, por exemplo, como as que se voltam para o bem-estar individual. Mas venha o controle por mobilizar os indivíduos ou o grupo, a religião acaba por gerar o sentimento de culpabilização ou libertação, nas pessoas.

A segunda questão que se pode estabelecer a partir da análise do quadro 2, sobre a religiosidade das entrevistadas, nos três grupos, mas principalmente as do terceiro grupo, diz respeito à aparente desistência da religião de nascimento, progressiva entre gerações. O que se configura, porém, é mais como uma busca de uma espiritualidade mais profunda, com maior questionamento porque elas não deixaram de crer em Deus, apenas mudaram de credo, não de crenças. Helena, recordando sobre os preparativos para o casamento, diz que:

...mas achava que tinha que ter uma benção religiosa, que isso foi sempre muito forte na minha vida. As questões religiosas, até pelas escolas que estudei, tudo isto... eu sempre fui católica e aí... como vou dizer? Eu comecei, assim muito discretamente, a buscar outras possibilidades, outras religiões que fossem mais fiéis com o que eu acreditava que fosse verdade, que era a coisa do cristianismo...⁶²⁶

Ao recordar sobre a forma como a sua mãe tentava controlá-la e como seu pai acabou ficando de seu lado, usa expressões como:

...e eu achando que era pecado. Não é pecado! Minha mãe nunca foi de religião. Meu pai costumava ser. (...) Meu Deus! Jesus ouviu minhas preces! (...) ela ficou furiosa com meu pai. Louca de ódio, pois buscava alguém que desse suporte a ela, para me reprimir. E ela não conseguiu, ele me apoiou.

Esse conceito de o sexo, ser pecado veio a fazer parte de sua identidade. De qualquer modo, até seu pai desmascarar a mãe, ela burlava com a regra de que sexo era apenas no casamento, mas o fazia com culpa. Com a liberação, dada pelo pai, ela atenuou este sentimento, mas não o suficiente, pois continuou a se queixar desta falta de espontaneidade, mesmo dentro do casamento.

⁶²⁶HELENA, entrevista n.16.

Helena⁶²⁷ falou de algo semelhante quando afirmou que não quis ir morar junto, preferiu oficializar o casamento e justificou dizendo que coabitar seria semelhante a “ficar”. Algo que lhe trazia desconforto, como “algo que não seria certo”. A mesma justificativa levou Dulce⁶²⁸ e seu noivo a resistirem ao desejo que sentiam e casarem virgens: o conceito de “certo e errado” dado pelo código da religião.

Desde há muito tempo, existe forte conotação entre corpo, sexualidade e religião. A análise dos fenômenos como os rituais e as leis religiosas poderia lançar compreensão sobre como os sentimentos e as percepções – presentes ou construídos pela imaginação ou pela memória – são parte de uma leva de construtos sociais, que são organizados em torno de contingências controladoras. Os estudos feministas acabaram por se voltar para este campo de pesquisas, quando se deram conta de que, nas religiões de sociedades mais complexas, embora as mulheres sejam a maioria dos adeptos, a liderança comumente é exercida por homens.⁶²⁹

E foi isto que Helena denunciou em seu relato sobre suas buscas religiosas:

...hoje a gente participa de um grupo livre, de estudo, que também tudo é direcionado por homens. A gente percebe que tem algumas coisas, assim, que eu não concordo... então aquela coisa...como a gente não vai conseguir mudar a instituição, a gente continua estudando por conta. Me reúno com as antigas amigas, para crescimento... mas, acredito em Deus.⁶³⁰

Ao delatar o que a mantém fora de religião oficial, mas acreditando em Deus e investindo em buscar informações que satisfaçam sua sede de compreensão e entendimento sobre suas questões transcendentais, Helena colabora, talvez, para desvendar o caráter sexista inerente às religiões organizadas. Como afirma Rosado:

⁶²⁷HELENA, entrevista n.16.

⁶²⁸DULCE, entrevista n.15.

⁶²⁹TARDUCCI, op. cit., p.105.

⁶³⁰HELENA, entrevista n.16.

“...às mulheres restam as religiões mágicas”.⁶³¹ Esta afirmação poderia ser realidade para mulheres do primeiro grupo (1936/1950), como descrito por Socorro e sua crença na missão que tem:

Só não posso morrer sem cumprir minha missão! (...) é... você sabe que eu ‘costuro’, benzo pessoas, não sabe? Então, a minha mãe aprendeu com minha avó, que aprendeu com a mãe dela, e assim por muito tempo. Eu ainda não tinha seis anos quando a minha mãe me ensinou. E só pode ficar na minha família. Minhas filhas não quiseram aprender. A minha neta quer, não sei por que estou me enrolando. Já pensou se eu morro sem ensinar? Nem quero pensar. Vou ser castigada!⁶³²

O sentimento de medo do castigo e o de culpa por não transmitir o conhecimento aparecem controlando o comportamento de achar que tem de transmitir o seu saber. Assim muitos outros comportamentos são manipulados pela sociedade, ou pelas instituições que a representam e da qual se faz parte.⁶³³ Aqui caberia uma outra análise também: que o que Socorro traz possa ser fruto de sua memória ou ainda de construção do imaginário. O momento atual vem valorizando este tipo de “dom”, como ela denomina, e as pessoas a procuram para “rezar” machucados e doenças. É claro que existe a possibilidade de serem reminiscências reais, de fatos vividos, vindo à tona pela validação que está recebendo do social, mesmo fazendo parte de lembranças de sua infância, já muito remota.

Evidentemente que a experiência vivida por pessoas diferentes não pode ter a mesma conotação, nem a mesma conceituação simbólica. Mas algumas semelhanças são partilhadas por meio de outros valores como os culturais de uma mesma etnia, educacionais e geracionais.

⁶³¹ROSADO, op. cit., p.92.

⁶³²SOCORRO, entrevista n.13.

⁶³³TARDUCCI, op. cit., p.105.

Para Áurea⁶³⁴ a experiência religiosa, vivida nos colégios de freiras, deixou a marca de crer, de rezar, de buscar na religião o amparo e o diálogo consigo mesma. Ela conta que “quando precisa” vai rezar sozinha em um pequeno santuário. Mas, parece, ficou avessa às religiões oficiais, desde a frustração de ter perdido seu primeiro grande amor para a religião:

Tava ruim para os dois, quem tomou a iniciativa fui eu. E eu acredito em Deus, veja bem, eu tenho fé e tudo. Mas eu não largaria meu trabalho e iria pregar não sei aonde porque Deus quer assim, eu acho que tudo tem um limite, acho que Deus quer a minha felicidade, entende? (...) mas teve um envolvimento muito ferrenho mesmo, de um grupo de pessoas, da minha sala da faculdade, que começaram a fazer reuniões semanais quanto à religião... (...) e teve gente que abandonou empregos (...) que abandonaram tudo e foram para a África, para se transformar em missionários...(...) ele ia exigir que eu o acompanhasse nessa caminhada e eu não quis. (...) foi esta questão da religião que atrapalhou a gente. Se não fosse isto...

A religião é, sem dúvida alguma, uma das formas de controle social. No entanto, isto inclui um aparente paradoxo. Não deveria ser esta uma agência de reforços ao invés de coerção? Todas as religiões pregam amor, compreensão e paz. Sentimentos que descrevem contingências positivas, de harmonia entre as pessoas, pelo menos entre os membros daquela comunidade. Porém, o poder coercitivo disponível para uma religião organizada, que reivindica autoridade espiritual, por meio de ameaças – às vezes veladas, ou de forma transparente e explícita – faz mais por afastar seus adeptos do que aproximá-los.⁶³⁵

Uma das aparentes razões para a procura de pessoas jovens aos cultos religiosos, tão freqüentes na atualidade, poderia ser que as novas metodologias de catequese apontem para priorizar valores como “pertencimento” e o direito à “solidariedade”, o que dá segurança e bem-estar.

⁶³⁴ÁUREA, entrevista n.4.

⁶³⁵SIDMAN, op. cit., p.126.

Casey⁶³⁶ definiu família como “uma reunião moral”, em que as pessoas se agregam mais por solidariedade do que por laços sangüíneos.⁶³⁷ Com as mudanças sociais, as famílias “encolheram” e os interesses foram se voltando para as necessidades individuais. Na medida que não se pode mais contar com instituições que defendam e mantêm antigas representações talvez, o que se esteja vendo nascer seja, um tipo de família como a pregada por Casey.⁶³⁸ Unida por laços morais. As “Igrejas” modernas dizem oferecer: solidariedade, pertencimento... segurança?

Talvez a política educativa da coerção das “velhas” Igrejas tenha afastado o “rebanho” em direção à acolhida e à promessa de “proteção” aos perigos da sociedade vigente. “Lugares” como: grupos religiosos; agremiações de jogos (RPGs); rede “online”... Como diz Duby: "a solidão é um grande inimigo..."⁶³⁹

O quadro 2 mostra um panorama de como os três grupos geracionais se apresentam no que diz respeito à religiosidade.

QUADRO 2 - CATEGORIA RELIGIOSA, PARA CADA DEPOENTE, DOS TRÊS GRUPOS GERACIONAIS

1.º GRUPO			2.º GRUPO			3.º GRUPO		
Nome	Religião atual	Religião origem	Nome	Religião atual	Religião origem	Nome	Religião atual	Religião origem
Branca Entrev. 12	Indefinida	Católica	Esmeralda Entrev. 05	Católica	Católica	Áurea Entrev. 04	Indefinida	Católica
Lina Entrev. 11	Católica	Católica	Dolores Entrev. 14	Espírita	Católica	Lia Entrev. 08	Evangélica	Católica
Socorro Entrev. 13	Católica	Católica	Ângela Entrev. 06	Católica	Católica	Simone Entrev. 17	Indefinida	Católica
Fátima Entrev. 01	Católica	Católica	Raquel Entrev. 03	Católica	Católica	Magali Entrev. 18	Indefinida	Católica
Heide Entrev. 02	Católica	Católica	Marisa Entrev. 07	Católica	Católica	Helena Entrev. 16	Indefinida	Católica
Sara Entrev. 09	Luterana	Luterana	Marta Entrev. 10	Evangélica	Católica	Dulce Entrev. 15	Evangélica	Evangélica

FONTE: Entrevistas realizadas entre 08/09/2000 a 14/08/ 2003 (Anexo)

⁶³⁶SIDMAN, op. cit.

⁶³⁷CASEY, op. cit., p.28- 29.

⁶³⁸CASEY, op. cit.

⁶³⁹DUBY, op. cit.

Como alerta Joan Scott,⁶⁴⁰ usar a categoria gênero para análise histórica, obriga a uma reflexão, também, sobre as relações de poder e as estratégias para romper ou manter as ideologias que criam tais tipos de relacionamento.

A última vintena do século XX, com suas constantes inovações: – tecnológicas, científicas e, portanto, empresariais –, criou situações de mudanças, também, no mercado de trabalho. O desemprego e as crises econômicas, no mundo todo e, é claro, no Brasil, estabeleceram ou refletiram, alterações nas relações sociais.

A análise da trajetória da vida das seis moças deste período (1980/2000) mostra que, de todos os aspectos de suas jovens vidas, a educação, e nesta, a preparação para exercer profissões, tomou a maior parte de seu tempo e um alto custo de energia. E isto, em última instância, revela a importância dada por elas e por sua sociedade ao trabalho. Guimarães entende que duas características, no mínimo, devem ser examinadas: a primeira que trata dos processos de ajuste macro e microeconômicos, com refração de oferta de empregos; e a segunda que fala da seletividade, da necessidade de mão-de-obra, cada vez mais especializada.⁶⁴¹

Assim, as mulheres do segundo grupo (1960/1970), ao se divorciarem ou por outras razões, voltando ao mercado e competindo com os homens, aumentaram as taxas de desemprego masculino. E, este grande “inimigo”, desestabilizador de economias e reflexo de instabilidade social, pode ter feito com que esta mesma sociedade tratasse de criar comportamentos de estudo intensivo para seus jovens, e entre estes um grande número de mulheres.

Elas, hoje, acham-se bipolarizadas entre dois extremos: jovens bem pagas no conjunto social, que possuem emprego e ou serviço remunerado, conhecidas como “profissões executivas e ou intelectuais superiores”: engenheiras, médicas, juízas,

⁶⁴⁰SCOTT, História..., op. cit., p.66.

⁶⁴¹GUIMARÃES, op. cit., p.83.

executivas com chefia etc. ou trabalhadoras de “baixa” remuneração ou nos serviços informais, com trabalhos precários e ou temporários, sem perspectiva de carreiras.⁶⁴²

Na amostra em estudo, o que se percebeu foi, realmente, uma supervalorização do preparo profissional via estudo. Lia e Magali, as moças que estudaram em colégios públicos e que chegaram “só até o segundo grau” anseiam por seguir adiante nos estudos e dizem, claramente, que ‘desejam “subir”’. Para isto trabalham de dia e estudam de noite, cuidam de filhos e das casas nos fins de semana, não tendo lazer ou descanso e, ainda assim, creditam-se como felizes pela chance de poder estudar. Falam de “dar estudo” para os filhos e que para isto vale qualquer sacrifício.⁶⁴³

No Brasil, até o fim da década de 1990, havia mais de 31 milhões de brasileiras trabalhando extra-casa, registradas pelo IBGE. As taxas de emprego masculinas, em decréscimo desde as décadas de 1970, continuam caindo.⁶⁴⁴ Segundo Bruschini e Lombardi,⁶⁴⁵ esse diferencial de gênero é constatado também pela escolaridade, que, visivelmente maior entre as mulheres, tem impacto sobre a população economicamente ativa.

Mas há o que se pensar dos rapazes que tiveram e têm, acesso ao mesmo patamar educacional, provêm de mesmas famílias – camada média alta – e se mantêm ociosos. Uma das reclamações de Áurea⁶⁴⁶ contra os irmãos é que eles vivem na ociosidade. E estes – como outros de sua geração – estudaram em bons colégios, freqüentaram universidade, tiveram acesso a bons empregos e, de repente, pararam. Ao ponto de se sujeitarem a ser amparados pela irmã.

⁶⁴²HIRATA, op. cit., p.148.

⁶⁴³LIA entrevista n.8 e MAGALI, entrevista n.18.

⁶⁴⁴BRUSCHINI e LOMBARDI, op. cit., p.160.

⁶⁴⁵BRUSCHINI e LOMBARDI, op. cit., p.163.

⁶⁴⁶ÁUREA, entrevista n.4

Não se trata de uma realidade vivida só pelos irmãos de Áurea. Este foi um fator de reclamação também de relacionamentos com namorados, dela e também de Simone. Áurea se queixa de que nos últimos namoros teve que “carregar” a relação, tanto do ponto de vista afetivo como financeiro. Simone quase desistiu de seu casamento e teve que se dispor a “reeducar” o marido: “ensinando-o” a dividir tarefas e “comparecer” financeiramente dentro de casa. Segundo ela, o rapaz estava “mal-educado”. Mas, quando viu que podia perdê-la, ele mudou e buscou emprego, se estabeleceu e agora cuida da própria vida. Pelo menos esta é a interpretação que Simone⁶⁴⁷ fez.

Áurea, Lia, Simone, Magali, Helena e Dulce,⁶⁴⁸ por sua vez, trazem ao relato um aspecto importante sobre controlabilidade ou ao menos previsibilidade: o perfeccionismo desta geração de mulheres. O que, ao final, faz delas uma geração estressada. Todas elas fazem várias atividades paralelas (desde crianças). Moldadas pelas normas construídas por uma sociedade do mundo público, até então essencialmente masculina, esta geração se compara entre si e aos outros por uma perspectiva única: ser a melhor! Ou pelo menos estar entre eles. Parece que o próprio foco ficou um tanto perdido. É o que, parece para Áurea,⁶⁴⁹ que concluiu: “...parece que não precisava provar mais nada, para ninguém, nem pra mim, tinha conseguido!”. E, se ela não tivesse conseguido? Teria pensado desta forma acerca de si e dos outros? Como estaria sua auto-imagem?

A trajetória destas moças traz consigo um pouco da história de seu tempo, daquilo que experimentaram em comum. A maior tolerância, por parte da sociedade, em relação ao divórcio, vem reduzindo a obrigação das pessoas permanecerem em casamentos insatisfatórios. Assim, os casais tendem a construir relações com

⁶⁴⁷ÁUREA, entrevista n.4 e SIMONE, entrevista n.17.

⁶⁴⁸ÁUREA, entrevista n.4; LIA, entrevista n.8; SIMONE, entrevista n.17; MAGALI, entrevista n.18; HELENA, entrevista n.16; e DULCE entrevista n.15.

⁶⁴⁹ÁUREA, entrevista n.04.

mais simetria ou romperem. Magali e Lia⁶⁵⁰ fizeram isto. Áurea namorou um divorciado. Simone quase separou e só permaneceu no casamento porque o marido se dispôs à mudança.

Mas se o divórcio não assusta mais e se houve liberdade de viver os prazeres sexuais (até mesmo uma obrigatoriedade a isto, como aponta Knibiehler⁶⁵¹), a maternidade ainda é um ponto de alternância entre: a) os velhos modelos de suas mães; b) a radical recusa a ter filhos ou c) a criação de novos padrões, pois aqui não há novos modelos a seguir, o que existe são soluções individualizadas.

E, por falar em modelos, o próprio casar para estas moças, não teve o mesmo significado que para suas mães. Pelos relatos, obra de interpretação do vivido ou realidade,⁶⁵² as que casaram o fizeram por insistência do marido. Helena e Simone contam como os noivos as “cercaram” até elas concordarem em casar, no caso da segunda em oficializar a união que já havia. Estas moças falam de mudança nos costumes sociais. Até a geração de suas mães, eram as moças que “queriam” casar. Áurea no primeiro namoro só não casou porque não quis abrir mão de seus valores, por ele teriam casado. O segundo namorado, também mais velho que ela – portanto, provavelmente tendo compartilhado com valores da segunda geração – “fugiu” de unir-se a ela. Mas o noivo de Dulce, mesmo seguindo os padrões da geração anterior, no que tange aos relacionamentos de gênero, queria casar, tanto quanto ela.

A segurança, a estabilidade financeira e a liberação sexual poderiam ter algo a ver com esta mudança. Ou ainda elas poderiam estar sendo movidas ou pelos exemplos observados em casa, às vezes dúbios. A própria Áurea fala de “...pratos voando na hora das refeições...” quando lembra do casamento dos pais. Por outro lado, também tem o exemplo da relação da mãe com o padrasto,

⁶⁵⁰MAGALI, entrevista n.18; LIA, entrevista n.8; SIMONE, entrevista n.17; e ÁUREA, entrevista n.4 .

⁶⁵¹RAGO, A sexualidade..., op. cit., p.613.

⁶⁵²ZELDIN, Uma história..., op. cit., p.22.

aparentemente baseada em “simetria” e que ela anseia por encontrar alguém assim. Simone, como Áurea, traz reminiscências de brigas, discussões e desrespeito dos dois lados. O casal reconstruindo relações sem oficializá-las e “dando certo” com os novos parceiros. Já, Helena em que de uma relação onde tudo era dialogado e em que ambos, pai e mãe, se respeitavam. Ela relutou em casar, mas agora que o fez pensa que, quando for tiver os filhos irá fazer como a mãe, trabalhar meio expediente para poder cuidar da prole. Antes, ela e o marido irão fazer o mestrado; primeiro ele, depois ela. Neste relato de Helena⁶⁵³ se percebe a manutenção de velhos padrões patriarcais. A figura masculina tendo prioridade e os filhos “precisando” da mãe. Mas... aparecem também novos valores: ela não pretende abrir mão de seus sonhos, só postergá-los.

Zeldin propõe um pensamento que, talvez, expresse o que estas moças estiveram contando: “ao longo dos séculos, houve tão pouco progresso na tentativa de tornar as famílias mais estáveis e fontes mais confiáveis de virtudes, que chegou a hora de pensar como utilizar melhor toda a incerteza contida na sua história”.⁶⁵⁴

Nesta fala Zeldin se referia às incertezas da individualidade dos membros da família e, como isto vem tornando as pessoas solitárias e cada vez mais egoístas, voltadas para seus próprios interesses. Como analisado, esta poderia ser uma das insatisfações dos jovens, na busca da espiritualidade.

Ao adentrar para um grupo que, apresenta coesão, real ou fictícia e criada pelas representações que o grupo faz de si mesmo, os indivíduos resgatam, pelo menos uma parcela, do poder de controle que julgam precisar para “bem” viver. E isto as novas religiões oferecem: solidariedade, compreensão e pertencimento; portanto, proteção. Claro, para aqueles que seguirem os preceitos. Elias afirma que: "o poder não passa, na verdade, de uma expressão um tanto rígida e indiferenciada para

⁶⁵³HELENA, entrevista n.16.

⁶⁵⁴Zeldin, Uma história..., op. cit., p.337.

designar (..) influenciar a auto-regulação e o destino de outras pessoas. (...) mas o que quer que [alguém] decida o alia a alguns e o afastam de outros. Tanto nas grandes questões como nas pequenas."⁶⁵⁵

E, estas moças buscam, aparentemente, na investigação pela leitura ou pelo seguimento de doutrinas religiosas, um conceito de eu que lhes certifique quem são, não só como mulheres, mas antes como indivíduos.

Este grupo trouxe como característica a mesma garra do primeiro, para fazer e não desistir daquilo que desejavam. Mas diferente daquelas mulheres – que eram de certo modo, ingênuas – esta moças têm consciência de suas limitações e de suas qualidades.

⁶⁵⁵Elias, A sociedade..., op. cit., p.51.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência constrói formas de viver e de contar o vivido.⁶⁵⁶ Então, se as depoentes selecionaram – conscientes ou inconscientemente – o que relatar, assim também o pesquisador o fez. Há aqui, portanto, uma construção conjunta, operada pela memória das entrevistadas, por seus imaginários e desejos, por aquilo que conheciam e puderam usar como código narrativo, sem dúvida, mas também pelos da autora que fez igualmente uma seleção do que trazer para a análise e narrativa deste trabalho.⁶⁵⁷ De acordo com Michaliszyn e Tomasini,⁶⁵⁸ o processo, assim, torna-se infinito, "Porque cada um consegue ler aquilo que compreende e sua interpretação será a partir do mundo que habita".

Pollak⁶⁵⁹ discute a ligação existente entre a memória e a identidade social, e alerta para que o pesquisador fique atento a isto, especificamente quando se está usando como metodologia a história oral. Se, com este tipo de instrumental, se colhem experiências individuais, pode-se ao mesmo tempo apreender as experiências do contexto em que a pessoa viveu. Elias⁶⁶⁰ pressupõe que ao conhecer as pessoas estaremos conhecendo a sociedade; portanto, é importante ao historiador, dar atenção às diferentes configurações dos grupos.

A identidade de gênero, que a sociedade propiciou adquirir, apresentou-se na fala das mulheres entrevistadas que, estrategicamente, foram reunidas por faixas geracionais: (primeiro grupo: 1936/1950; segundo grupo: 1960/1970 e terceiro grupo: 1980/2000). Esta organização, porém, não compôs padrões rígidos e prontamente

⁶⁵⁶SKINNER, **O comportamento**..., op. cit.

⁶⁵⁷ZELDIN, *História*..., op. cit. p.32.

⁶⁵⁸MICHALISZYN e TOMASINI, op. cit., p.30.

⁶⁵⁹POLLAK, *Memória e identidade*..., op. cit, p.200.

⁶⁶⁰ELIAS, *A sociedade*..., op. cit.

identificáveis.⁶⁶¹ As "marcas", ou signos, que são capazes de identificar períodos vividos, não ficam apenas nas almas das pessoas, mas se refletem no seu modo de pensar, sentir e, portanto, de agir. Assim, a memória conta história, de lugares e de pessoas, de grupos e de culturas, que podem assumir inúmeras configurações.⁶⁶²

Das representações e seus signos, Sutil diz:

...representar é fazer-se presente no espírito, na consciência, é ter e estar no lugar de. Neste sentido, é a representação de qualquer objeto, pessoa, acontecimento, idéia, etc... Porque se assemelha ao signo, ao símbolo e como ele remete a outra coisa. Não existe representação social que não seja de um objeto, mítico ou imaginário.⁶⁶³

Antes de cada capítulo deste trabalho, uma imagem de mulher aparece na página frontal. São fotos, extraídas de revistas, da época em que viveram as depoentes que emprestaram à história as suas memórias de vidas.

O primeiro rosto,⁶⁶⁴ de uma jovem com cabelos em "pastinhas" onduladas e um colar de pérolas, é muito similar à foto que Branca (primeira geração) tem em uma mesa de seu quarto. O sorriso do ontem transmite uma moça ingênua, inocente. A doçura está presente no modo como estas mulheres viveram, sem dúvida, mas que não se engane quem a olha, por detrás deste doce sorriso há a história de Branca, e de suas contemporâneas, e ela trouxe a garra e a determinação desta geração.

Na trajetória de vida dessa moça, pode-se perceber que há quatro momentos marcantes na sua construção e (re)construção do "eu": 1) até a adolescência, ela "construiu" uma auto-imagem de alguém que tem "menos", que é

⁶⁶¹Ao reconstruirmos as representações do que a sociedade percebia e das práticas sociais – que são indissociáveis do cultural –, pode-se observar a experiência dos indivíduos. (Ana Maria Burmester, comunicação pessoal, 2001).

⁶⁶²NEVES, op. cit., p.111-114.

⁶⁶³SUTIL, Marcelo Saldanha. Arquitetura e representação: do poético ao social. **História: questões e debates**, Curitiba, v.12, n.22-23, p.239, jun./dez. 1991.

⁶⁶⁴INDISCRICÕES de Eva. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, n.15, p.41, 03 jun. 1939. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

diferente das outras pessoas, pois seus pais não seguiam o modelo que a sociedade ensinou ser o certo; 2) como jovem adulta, uma identidade diversa da de sua mãe é produzida, quando ela se julga com atitudes opostas às daquela; 3) surge uma mulher adulta, ao assumir a identidade "proposta" pelo novo marido, com a qual viveu por mais de cinquenta anos, rompendo com o passado dolorido e podendo ser feliz; 4) no ato de contar, ela diz estar retomando sua identidade e já não ter mais o que esconder: "O meu nome é Branca!". Parece haver nessas moças, aqui simbolizadas pela vida de Branca, uma maleabilidade para se adaptarem aos seus ambientes e, simultaneamente, conseguirem que estes se transformassem. O que significa que não "somos, mas assumimos um eu", no sentido de que a identidade é continuamente forjada, construída e (re)elaborada pelas contingências da vida.

O que se obteve nos relatos das seis depoentes, dessa geração (1936/1950), foram exemplos de atitudes de pessoas que não se questionavam, pois havia muitos "sinais" no ambiente, signos preestabelecidos que as ajudavam a intuir,⁶⁶⁵ dizendo o que fazer e como fazer para obedecer e, simultaneamente, "subverter" a ordem.⁶⁶⁶ O que ficou é que a representação, ou idéia, que a sociedade lhes passava de felicidade compreendia: ser mãe e, portanto, esposa.⁶⁶⁷

A segunda geração (1960/1970), representada por Raquel, inicia com a foto de uma mocinha "espevitada", de nariz arrebitado⁶⁶⁸ e, aparentemente, impulsiva. É a própria Raquel! É possível "vê-la", na imaginação, há três décadas, correndo para abrir a porta, do mesmo jeito que o fez no dia da entrevista. Quando

⁶⁶⁵"Intuição" significando aqui o proposto por Skinner (1978), de que as pessoas são educadas de acordo com seu ambiente, a perceberem, estarem atentas àqueles sinais que lhes serão mais funcionais na vida. Então, a sociedade, deixa de ver isto como aprendizagem e passa a acreditar que são comportamentos naturais ou até mesmo (sobre)naturais, e passam a fazer parte "naturalmente" daquela cultura (DELITTY, O uso..., op. cit., p.41-46).

⁶⁶⁶ROCHA-COUTINHO, op. cit.

⁶⁶⁷THÈBAUD, op. cit.

⁶⁶⁸CAPA. **Revista Cláudia**, Ano V, n.41, fev. de 1974. (Acervo da Biblioteca Pública do Paraná)

jovem, ela também não questionava o seu modo de viver, mas se ressentia de não ter a liberdade de suas amigas. A imagem que tinham de si, naquela época, é dada por Ângela,⁶⁶⁹ sua contemporânea, ao falar de abdicar de seus sonhos, por imposição paterna: "...me sentia, assim... frustrada."

Esta foi a geração que mais sofreu a influência dos movimentos feministas e passou a se considerar, realmente, uma vítima. A "pobre rainha triste",⁶⁷⁰ confinada a estar em casa, "desperdiçando seus talentos". Esta geração havia perdido algumas "marcas" sociais do que era ou não permitido, o que era ou não desejável para as mocinhas. Já não sabiam se deviam ganhar independência profissional ou casar. E, também devido a isso, estabeleceu-se um conflito entre os gêneros.⁶⁷¹

Pollak⁶⁷² diz que se a memória produz identidade, como foi demonstrado no relato de Branca e Heide,⁶⁷³ do primeiro grupo, há outros fatores de construção de identidade. Os signos – documentos, fotos, lembranças palpáveis de um passado, que não se vão com o tempo, que se pode tocar, ver, cheirar. Porém, da mesma maneira que uma identidade pode ser construída, ela pode perder suas características. Ângela testemunha a falta, quase física, que tem de sua "identidade" levada pelo fogo, quando sua casa queimou:

...como a mãe dizia, acho que se ela tivesse morrido, talvez ela não tivesse perdido tanta identidade como ela perdeu, com a queima a da casa. (...) você vai procurar um documento, você vai procurar uma foto, você vai procurar uma roupa que você não acha, porque... porque não tem. Então é uma perda de identidade...⁶⁷⁴

⁶⁶⁹ÂNGELA, entrevista n.6.

⁶⁷⁰ REVISTA CLÁUDIA. SILVA, Carmem da. **A arte de ser mulher**- uma pequena rainha triste Arquivo: Nov. 1963, nº 26. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

⁶⁷¹MARTINS, **Um lar...**, op. cit.

⁶⁷²POLLAK, **Memória e identidade...**, op. cit.

⁶⁷³BRANCA, entrevista n.12 e HEIDE entrevista n.2, do primeiro grupo.

⁶⁷⁴ÂNGELA, entrevista n.6, do segundo grupo.

Este grupo trouxe mulheres angustiadas com a própria história e só agora, na maturidade, elas conseguem ou tentam se encontrar. Porém, de todo modo, estas mulheres acabaram por se descobrir mais resolvidas, à medida que o tempo passou. Raquel⁶⁷⁵ expressou um pensamento que de certo modo passou pela fala das outras de sua geração: "...não invejo o homem em nada. Descobri os poderes que eu tenho como mulher...".

Essa frase revela como todas foram se construindo ao longo das contingências e revendo suas regras, seus valores. Mas, também, aquilo que permaneceu como o rumo de suas vidas, os homens. A relação com o "príncipe encantado", que elas continuaram a achar que existe. Esse grupo foi o que mais mudanças produziu nos códigos e normas de relações de gênero, ao longo do século XX, porém são poucas as mulheres entrevistadas que nomearam a percepção do quanto construíram.

A foto de revista que inicia o terceiro grupo (1980/2000) traz uma moça quase sem pintura, cabelos presos em "rabo-de-cavalo", alegre e brincando na beira da praia.⁶⁷⁶ Elegante e simples. Áurea, a moça que representa este grupo é assim e também o são as outras moças de sua geração que foram entrevistadas. A mesma "garra" da geração de Branca, embora com maior determinação e algumas certezas a sinalizar o caminho. Elas sabem "o que não querem!" Ainda sem muito saber o que querem, mas, mesmo assim, sabendo como conseguir ou onde aprender a fazê-lo.

Dulce, fala de como ela se percebe:

...seria não ser a Dulce. Não ter vida própria. Seria ser menor. (...) até estes dias aconteceu algo que dá um exemplo. Eu estava conversando com umas pessoas da Igreja, sobre a oferta, esta segunda [fala de um convite de emprego que teve no estágio que está fazendo], e aí, o que perguntaram?: 'Foi o X que conseguiu?' me deu raiva, mas depois ri e disse: 'Não! Foi o meu trabalho que consegui! A partir do estágio que eu faço agora.' Isto dá uma medida do que seria trabalhar com ele. Os outros não iriam me enxergar.⁶⁷⁷

⁶⁷⁵RAQUEL, entrevista n.3, segundo grupo.

⁶⁷⁶REVISTA MANEQUIM. Edição de aniversário. Ano 36, n.8, p.82, ago. 1995. (Acervo particular)

⁶⁷⁷DULCE, entrevista n.15.

E nessa crença aparece sua necessidade de autonomia, típica deste grupo. Rocha-Coutinho⁶⁷⁸ alerta que esta é uma geração que deseja abrir o próprio caminho.

Mesmo tendo sofrido filtragem pelo tempo e pelo acúmulo de vivências intermediárias entre as experiências e as suas recordações, os dados são compatíveis com o que as fontes escritas, e a literatura,⁶⁷⁹ trazem descrito como próprios de cada época. Há permanências e mudanças, também, no que tange a como estas mulheres, ao longo de seis décadas, lidaram com sua sexualidade, namoro e casamento, estudo e profissão.

A primeira geração namorava "à janela", e as escolhas eram feitas, na maior parte das vezes, pela família. O sexo era algo passível de ser "suportado" pelas mulheres, após o casamento, com vistas à procriação.⁶⁸⁰ Mas, se esta era o que se pretendia do comportamento feminino deste período, não foi o que esta amostra descreveu. Elas gostavam sim de fazer sexo, embora sentissem vergonha e culpa em sentir e pensar desta forma. Contudo, publicamente mantinham a representação.

O segundo grupo já podia namorar, com mais intimidades físicas, porém escondido dos pais. A escolha ainda era determinada, implicitamente, pela família, ou recaía nas possibilidades de conhecimentos do seu grupo social. A procriação já não foi mais a única possibilidade ao sexo, isto devido à descoberta da pílula anticoncepcional.

No terceiro grupo surge a geração dos "ficantes". Para este, o sexo ficou mais livre e dentro da escolha dos interessados. Mas, apesar de toda esta liberdade, algo surgiu e diminuiu tais atividades: a AIDS.⁶⁸¹ Apesar de difundida, a partir de

⁶⁷⁸ROCHA-COUTINHO, op. cit.

⁶⁷⁹ROCHA-COUTINHO, op. cit. e ZELDIN,. **Uma história...**, op. cit.

⁶⁸⁰ROCHA-COUTINHO, op. cit.

⁶⁸¹PARKER, R.; BASTOS, C.; GALVAO, J. STALIN, J. **A AIDS no Brasil**. 2.ed. [s.l]: ABIA-IMS-UERJ, [s.d.]; e MINISTÉRIO DA SAÚDE **Drogas, Aids e sociedade**. Programa nacional de doenças sexualmente transmissíveis. Brasília: CAIC, 1995.

1984, até hoje as pessoas ainda não se previnem como deviam e o uso da "camisinha" passa a ser uma preocupação dos pais (segunda geração) em relação aos filhos (terceira geração). É importante mostrar também que, se agora elas falam de sexo com as mães, também o fazem com alguns dos pais. Para estas moças, o sexo já era sinônimo de prazer compartilhado⁶⁸² e Áurea⁶⁸³ deu um exemplo disto: "...Era difícil a gente não chegar no orgasmo juntos, era uma cumplicidade sexual enorme, imensa!"

No entanto, permanece, ainda, para estas jovens, a necessidade de unir procriação a casamento.⁶⁸⁴ Uma permanência que desde o tempo de Branca⁶⁸⁵ aparece como questionamento. No grupo de Raquel não deveria haver desculpas para engravidar sem querer. A geração da "pílula"⁶⁸⁶, porém, se viu grávida, muitas vezes contra sua vontade. Raquel⁶⁸⁷ traz sua versão do que elas pensavam: "Mas eu não sabia que eu podia não ter filhos. Eu nunca soube que eu podia ter essa opção de não ser mãe." Continuava a imagem de que à mulher sobrava ser mãe. Mas, é nesta geração que surgem alguns "pães",⁶⁸⁸ isto é, pais com função de mãe. Ou seja, aqueles que, excepcionalmente, puderam participar mais ativamente da educação dos filhos, apoiados, ou incentivados, ou ainda "cobrados" por suas parceiras.

⁶⁸²Vincent acredita que, mesmo para a primeira e para a segunda geração, a exigência da "virgindade" estava ligada ao impedimento de comparação entre as experiências sexuais vividas e o controle sexual se re-introduz, substituindo "o dever conjugal" pelo "direito ao orgasmo", que para a terceira geração se constitui em "dever do orgasmo". (VINCENT, Uma história..., op. cit., p.385-386).

⁶⁸³ÁUREA, entrevista n.4.

⁶⁸⁴SILVA, Janine G. da. Sobre a "aventura intelectual da história das mulheres": entrevista com Françoise Thèbaud. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.7, p.199-200, 1999.

⁶⁸⁵BRANCA, entrevista n.12.

⁶⁸⁶Os anticoncepcionais em pílulas, foram industrializados a partir da década de 1950.

⁶⁸⁷RAQUEL, entrevista n.3.

⁶⁸⁸DECASPER e PRECOTT, op. cit., p.481-91. E, ainda, PAPOUSEK, H.; PAPOUSEK, M. Ontogeny of social interactions in newborn infants. In: EULER, C. et al. (Ed.). **Neurobiology of early infant behavior**. New York: Academic Press, 1989. p.217-25.

Um signo que foi importante para as duas gerações mais velhas, parece ter perdido seu significado para o grupo mais jovem. Três delas contaram que, ao casar, não fizeram questão do "vestido branco". Por certo há uma ruptura, neste aspecto. Elas não esclarecem por que pensam assim. De qualquer modo, este discurso fala de mudanças sociais e, portanto, culturais, no contexto, em que elas se inserem. Da mesma forma que em outros campos do conhecimento e da experiência humana, há que se prestar atenção à forma como se obedece ou desobedece às leis, à linguagem usada, aos símbolos empregados e nos quais se acredita; tem valor descritivo e elucidativo das relações sociais.⁶⁸⁹

A interligação das categorias de construção identitária perfez um leque de personalidades que tanto podem ter semelhanças e diferenças de grupo para grupo ou intragrupos. Não se pode esquecer que o Brasil é um país com muitas culturas, diversas etnias e religiões, portanto, valores diferentes constituíram a sua população.

A necessidade que o humano tem de dar sentido aos problemas de sua existência é analisado por Vincen⁶⁹⁰ e poderia ser aplicada a como aconteceram os fechos das entrevistas. Com as seis senhoras, do primeiro grupo, cujos depoimentos foram feitos nas suas residências, ficava difícil terminar a entrevista. Todas, literalmente, "prendiam" a entrevistadora à porta por mais uns dez minutos. A maior parte oferecendo fotos ou outros documentos que pudessem ajudar na pesquisa e trazendo assuntos os mais diversos. Algumas se dizendo honradas com a oportunidade, e, todas elas declararam que era bom falar de si. A solidão, como afirma DUBY e também ZELDIN,⁶⁹¹ esta grande vilã, parecia estar assustando a elas todas. Como diz BRANCA:⁶⁹²

⁶⁸⁹POLLAK, Memória e identidade..., op. cit.

⁶⁹⁰VINCENT, Gérard. Os católicos: o imaginário e o pecado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5: da primeira guerra a nossos dias**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.394.

⁶⁹¹DUBY, op. cit. e ZELDIN, **Uma história...**, op. cit.

⁶⁹²BRANCA, entrevista n.12.

Mas sempre pensei que ele sendo mais novo que eu, ia ter ele até o fim, não ia ter ficado assim tão sozinha. Eu já estou pronta para ir, não é que eu queira morrer, ninguém quer. Mas eu não tenho medo, só tenho de ficar assim, sem ter com quem falar. Venha mais vezes.

Aqui caberia uma análise a respeito daquilo que Michaliszyn e Tomasini⁶⁹³ discutem sobre uma das características essenciais dos seres humanos – sua capacidade de consciência de si e sua temporalidade. Como seres históricos que são, os humanos sabem de sua finitude e se preparam para a morte, consciente ou inconscientemente. Branca diz que sonhou com "declarações" a fazer e que já "não tem medo de ir" e Socorro⁶⁹⁴ afirmou que tem que "transmitir" seus conhecimentos de "benzedeira". É como se elas "adivinhassem"⁶⁹⁵ que seu tempo está acabando.

Com o segundo grupo, a finalização da entrevista se deu de forma um pouco diferente. Algumas foram entrevistadas em casa, outras no trabalho delas. Mas, de modo geral, também se demoravam nas despedidas, agradecendo a oportunidade de falar. Nos anos 2000, essas mulheres foram encontradas em plena atividade profissional, estivessem suas vidas pessoais preenchidas ou não. Raquel,⁶⁹⁶ símbolo do segundo grupo, se despede com um verso, que recebeu da irmã, ao se separar e que, ela diz, sempre a acompanha:

Tenha paciência com as coisas mal resolvidas no seu coração. Tenha paciência com as questões que existem na sua vida. Procure amar estas questões, como livros fechados, escritos numa língua que você não entende. Porque na vida, é importante viver tudo. Viva hoje as questões, porque você não está preparado ainda para viver as respostas.

As mais jovens obedeceram ao projeto de tempo proposto. Ao finalizar a entrevista já estavam saindo para alguma outra atividade. A exceção foi Áurea, que alongou a entrevista e também se disse honrada em dá-la, porém estava em

⁶⁹³MICHALISZYN e TOMASINI, op. cit., p.23.

⁶⁹⁴BRANCA, entrevista n.12. e SOCORRO, entrevista n.13.

⁶⁹⁵Adivinhar aqui no sentido dado por Skinner ao "intuir", que é ser capaz de perceber sinais do ambiente (SKINNER, **Questões**..., op. cit.).

⁶⁹⁶RAQUEL, entrevista n.3.

vésperas de sair de férias. Áurea,⁶⁹⁷ a moça que simbolizou essa geração, lembra que a garra de viver produz alegria, a mesma que suas contemporâneas demonstraram, e deixa esta mensagem:

A alegria de viver você não pode perder nunca. Isso eu acho primordial pra mim e pra qualquer ser humano. Acreditar sempre, ter energia sempre, pra não desistir. Que isso te leva para frente...

Quanto às questões iniciais, que se colocaram à medida que o trabalho foi sendo construído, percebe-se mediante a análise que a memória trouxe de suas vivências aquilo que ficou de suas representações acerca de si e do mundo: o que permaneceu, ou foi transformado ao longo do tempo, ou sofreu influência daquilo que estão experimentando no tempo presente, pelas contingências atuais e do passado.⁶⁹⁸

Scott⁶⁹⁹ recomenda que o historiador esteja atento aos signos, expressos de muitas formas e descritivos de relações sociais, símbolos de representações. Talvez uma mulher como a Major Iracema, uma oficial da PMP que cedeu fotos e documentos para análise, seja parecida com aquelas descritas por Martins.⁷⁰⁰ Em seu casamento, suas colegas militares tanto poderiam simbolizar as tradicionais "damas de honra", quanto uma "guarda de honra" de vanguarda. Ao mesmo tempo em que veste o "branco", que traz (ainda hoje) o significado da feminilidade expressa pela fragilidade do tule, traz o contraste do "quepe" militar em sua cabeça e a espada em sua mão. Estes símbolos evidenciam, com certeza, um novo momento na história. Um rompimento com estereótipos de como e o que é ser mulher, para um novo conceito: uma multiplicidade de funções e de valores, tantos quantas mulheres houver.

⁶⁹⁷ÁUREA, entrevista n.4.

⁶⁹⁸POLLAK, Memória e identidade..., op. cit.

⁶⁹⁹SCOTT, Gênero..., op. cit.

⁷⁰⁰MARTINS, *Um lar...*, op. cit.

FOTO 7 - CASAMENTO - MAJOR IRACEMA, OFICIAL DA PMP - 1984



FONTE: Acervo particular

NOTA: O jornal Gazeta do Povo, de 08/03/2001, publicou uma entrevista com a então, Capitã Iracema, ela quebrou as regras algumas vezes: foi campeã sul brasileira de tiro em carabina – competindo apenas com homens; foi a primeira policial brasileira a fazer patrulhamento em moto (CB400, em 1981) e, por isto, usou arma na cintura, quando era prescrito usar na bolsa; foi a primeira paranaense a comandar o batalhão feminino. Se nomeou capitã, quando o estatuto previa a palavra capitão. Juntar símbolos, aparentemente controversos, faz bem o estilo dessas novas mulheres.

À guisa de conclusão, há que se dizer que as fontes estão aí: degravadas e registradas. Muito ainda se tem para (re)analisar, para se rever e muitas delas para serem "vistas" pela primeira vez; talvez, diante da novidade, novos trabalhos sejam possíveis.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

_____. **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz /CPDOC, 2000.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidade de gênero e identidades espaciais no nordeste do começo do século. **História: questões & debates**, Curitiba, n.34, 2001.

ALBUQUERQUE, Luiz Carlos. Definições de regras. In: GUILHARDI, Hélio (Org.). **Sobre comportamento e cognição**: expondo a variabilidade. Santo André (SP): ESETec, 2001. v.7.

ALMEIDA, Angela. Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRJ, 1987.

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Alfanumérico, 1995.

ALVES, Branca M. **Ideologia e feminismo**: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.

AMORIM, C.A. Modificação de autoconceito e rendimento escolar. **Revista Tuiuti - Ciência e cultura**, Curitiba, n.20, jul. 2000.

ANDERSON, Michael. Introdução. **Elementos para a história da família ocidental (1500-1914)**. Lisboa: Quercó, 1984.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias**: um estudo da imigração ucraniana. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

ARAGÃO, Luiz Tarlei de. Em nome da mãe. In: FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza (Diretoras da coleção). **Perspectivas antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. v.3.

ARCHANJO, Léa R. Ser mulher na década de 50: representações sociais veiculadas em jornais. In: TRINDADE, Etelvina M. de C.; MARTINS, Ana Paula Vosne (Orgs.). **Mulheres na história**: Paraná - século 19 e 20. Curitiba: UFPR, DEHIS. Curso de Pós-graduação, 1997.

ARIÈS, Philipp. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

_____. Gerações. In: **Enciclopédia Einaudi**. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997. v.36.

- AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza. **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. **Um é o outro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BANDURA, Albert. **Modificação do comportamento**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1989.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Chorar, verbo transitivo. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n.11, 1998.
- BASTED, Leila Linhares. Permanência ou mudança? O discurso legal sobre a família. In: ALMEIDA, Angela. **Pensando a família no Brasil**: da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRJ, 1987.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v.1 e 2.
- BELELI, Iara. Amores gentis, amores febris...gênero e experiência nos anos 70-90. **Diálogos** (Revista do Departamento de História da UEM), Maringá (PR), v.4, n.4, 2000.
- BODY-GENDROT, Sophie. Uma vida privada francesa segundo o modelo americano. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5**: da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996. p.111. In: BOSCHILIA, Roseli T. **Modelando condutas**: a educação católica em colégios masculinos (Curitiba 1925-1965). Curitiba, 2002. Tese (Doutoramento na área de História, Espaço e Sociabilidade) - Curso de Pós-graduação em História - UFPR.
- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (Orgs.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa do Tempo, 1997.
- BORLOTI, Elizeu Batista. E o inconsciente?: algumas citações de B. F. Skinner. In: KERBAUUY, R. **Sobre comportamento e cognição**. Santo André (SP): ESETec, 2000. v.5.
- BOSCHILIA, Roseli. **Condições de vida e trabalho**: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960). Curitiba, 1996. Dissertação (Mestrado) - DEHIS/UFPR.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Código civil (1916)**. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- BROGGER, Suzanne. O medo de viver. In: FÉLIX, Moacir et al. **Encontros com a civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. v.18.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.17/18, 2001/02.

BUSSAB, Vera Sílvia R.; RIBEIRO, Fernando L. **Biologicamente cultural**. In: SOUZA, Lídio de et al. (Org.). **Psicologia, reflexões (im)pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

BYINGTON, Carlos. **Dimensões simbólicas da personalidade**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Desenvolvimento da personalidade**: símbolos e arquétipos. São Paulo: Ática, 1997.

CARDOSO, Jayme Antonio; WESTPHALEN, Cecília Maria. **Atlas histórico do Paraná**. 2.ed. Curitiba: Livraria do Chaim, 1986.

CARVALHO, Marília Pinto de; VIANNA, Cláudia Pereira. Educadoras e mães de alunos: um (des)encontro. In: BRUSCHINI, C.; SORJ, B. (Orgs.). **Novos olhares**: Mulheres e relações de gênero no Brasil. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994.

CASEY, James. O significado da família. In: _____. **A história da família**. Lisboa: Teorema, 1989.

CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada - 4**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

COSNIER, Jacques. Empathie et communication – partager lês émotions dáutruí. In: SCIENCES HUMAINES. **Dossier** – Auxerre/France: Centre National de Lettres, n.68, Janvier, 1997.

COTT, Nancy. A Mulher moderna: o estilo americano dos anos vinte. In: THÉBAUD, Françoise. **História das mulheres no Ocidente - 5**: o século XX. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991.

D'INCAO, Maria Ângela (Org.). **Amor e, família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. O amor romântico e a família burguesa. In: _____. (Org.). **Amor e, família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Makron Books, 2001.

DAVIS, Natalie Zemon. **Nas margens**: três mulheres do século XVII. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

DECASPER, A. J.; PRECOTT, A. Human newborn's perception of male voice: preference, discrimination and reinforcing value. **Developmental Psychology**, New York, v.17, 1984.

DELINSKI, G.; FRANZONI, M.; MOSER, A.M. MESTRE, M. Tipos de medos encontrados em adultos e idosos da cidade de Curitiba. **Núcleo de estudos interdisciplinares sobre envelhecimento**, Porto Alegre: PROEXT/UFRGS, n.1, 1999.

DELITTY, Maly. O uso de encobertos na terapia comportamental. **Temas em psicologia**, São Paulo, n.2, 1993.

_____. O que é auto-conhecimento? In: Encontro Brasileiro de Psicologia e Medicina Comportamental, 4., 1995, Campinas. **Anais...**, Campinas, 1995.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente (1300-1800)**: uma cidade sitiada. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

DIMEN, Muriel. Poder, sexualidade e intimidade. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (Org.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1997.

DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. São Paulo: UNESP, 1998.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente - 5**: o século XX. Porto (Portugal): Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991.

DURHAM, Eunice. Família e reprodução humana. In: FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura e HEILBORN, Maria Luiza (Diretoras da coleção). **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. v.3.

ELIAS, Norbert. A individualização no processo social. In: _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FALCONE, Eliane. Habilidades sociais e ajustamento: o desenvolvimento da empatia. In: KERBAUY, Raquel Rodrigues. **Sobre comportamento e cognição**. Santo André (SP): ESETEc, 2000. v.5.

FREUD, Sigmund. **Mal estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v.21. (Edição standard brasileira das Obras Completas)

GEERTZ, Clifford. **A interpretação da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Laboriosas, mas redundantes: gênero e mobilidade no trabalho no Brasil dos 90. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.1, 1998.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. **Revista dos Tribunais**, São Paulo, 1990.

HAMBURGUER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

HARRITS, Kirsten Folke; SHARNBERG, Ditte. Encontro com o contador de histórias. **História Oral** (Revista da Associação Brasileira de História Oral), São Paulo, n.3, p.25-32, jun. 2000.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.17/18, 2001/02.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- JAGGAR, Allison. Amor, e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Allison; BORDO, Susan (Eds). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- JAGGAR, Alison; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- JOURNET, Nicolas. Lês émotions de A a Z. In: SCIENCES HUMAINES. **Dossier** – Auxerre/France: Centre National de Lettres, n.68, Janvier 1997. (ISSN: 09966994)
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KALSING, Vera Simone Schaefer. O debate do aborto. Crônicas profanas. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.19, p.281, 2002.
- LAGRAVE, Rose-Marie. Uma emancipação sob tutela: educação e trabalho das mulheres no século XX. In: DUBY G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente - 5: o século XX**. São Paulo: EBRASIL, 1991.
- LEFAUCHEUR, Nadine. Maternidade, família, estado. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente - 5: o século XX**. São Paulo: EBRADIL, 1991.
- LE MOS, Caioá Geraiges. **Adolescência e escolha da profissão no mundo do trabalho atual**. São Paulo: Vetor, 2001.
- LINHARES, M. Y. (Org.); CARDOSO, C.F.S.; SILVA, F.C.T. da; MONTEIRO, H. de M.; FRAGOSO, J.L.; MENDONÇA, S.R. de. **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- LOBROT, Michel. As emoções permitem atribuir um valor as coisas. In: SCIENCES HUMAINES. **Dossier** - Auxerre/France: Centre National de Lettres, n.68, Janvier 1997.
- LUCENA, Célia T. Memórias de famílias migrantes: imagens do lugar de origem. **Projeto História**, São Paulo, n.17, nov. 1998.
- LUNA, Naara. Pessoa e parentesco nas novas tecnologias reprodutivas. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis, v.9, n.2, 2001.
- MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.11, 1998.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. Pós-fácio. **Mulheres na história: Paraná - séculos 19 e 20**. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne. Curitiba: UFPR - DEHIS. Cursos de pós-graduação, 1997.
- MAGRO, V.M. Adolescente urbano e o mundo atual: s vivências e as formas de estar no mundo. **Revista Psicologia em Estudo**, São Paulo, v.3, n.2, 1998.
- MARINI, Marcelle. O lugar das mulheres na produção cultural. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente - 5: o século XX**. São Paulo: EBRADIL, 1991.

MARTINS, Ana Paula Vosne. A organização do movimento de mulheres em Curitiba de 1952 a 1982. **História: questões e debates**, Curitiba, v.7, n.12, p.71-78, jun. 1986.

_____. **Um lar em terra estranha**: a aventura da individualização feminina. A casa da estudante universitária de Curitiba nas décadas de 50 a 60. Curitiba, 1992. Dissertação (Mestrado) - DEHIS/UFPR.

_____. Memórias femininas. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro (Org.). **Mulheres na história**: Paraná - séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997.

MARTINS, _____. **A medicina da mulher**: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XX. Campinas, 2000. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Raquel; MATOS, Maria Izilda S. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC. 1997.

_____. Em nome do engrandecimento da nação. **Diálogos** (Revista do Departamento de História da UEM), Maringá (PR), v.4, n.4, 2000.

_____. **Por uma história da mulher**. Bauru (SP): EDUSC, 2000.

MATOS, Maria Izilda; FARIA, Fernando A. **Lupicínio Rodrigues**: o feminino, o masculino e suas relações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MCLAREN, Angus. **A history of contraception**: from antiquity to the present day. Oxford and Cambridge/US: Blackwell, 1990.

MENEZES, Marilda Aparecida. Experiência social e identidade. In: BRUSCHINI, C.; SORJ, B. (Orgs.). **Novos olhares: Mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994.

MICHALISZYN, Mario Sérgio; TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa**: o artesanato intelectual e seus artifícios. Curitiba: Prottexto, 2004.

MINISTÉRIO DA SAÚDE **Drogas, Aids e sociedade**. Programa nacional de doenças sexualmente transmissíveis. Brasília: CAIC, 1995.

MONTEIRO, Simone. Políticas preventivas: os limites das abordagens racionais. Qual a prevenção? AIDS, sexualidade e gênero em uma favela carioca. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.7, n.2, p.1-2, 1999.

NADALIN, Sérgio Odilon. Sexualidade, casamento e reprodução. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v.5, n.2, p.63-91, jul./dez. 1988.

NERI, Anita Liberalesco. **Psicologia do envelhecimento**. São Paulo: Papirus, 1995.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. In: **História Oral** (Revista da Associação Brasileira de História Oral), São Paulo, n.3, jun. 2000.

NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais**. São Paulo: Siciliano, 2001.

O'NEILL, Eileen. (Re)apresentações de Eros: explorando a atuação feminina. In: JAGGAR, A.M. e BORDO, S. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

OLIVEIRA JR., Walfrido Soares de. **Fábrica de fitas Venske** - Curitiba (1907-1980): estudo de caso de uma organização fabril. Projeto de pesquisa para mestrado em história do Brasil. Curitiba: DEHIS/UFPR, 1988.

PAPOUSEK, H.: PAPOUSEK, M. Ontogeny of social interactions in newborn infants. In: EULER, C. et al. (Ed.). **Neurobiology of early infant behavior**. New York: Academic Press, 1989.

PARKER, R.; BASTOS, C.; GALVAO, J. STALIN, J. **A AIDS no Brasil**. 2.ed. [s.l.]: ABIA-IMS-UERJ, [s.d.].

PASSERINI, Luisa. Mulheres, consumo e cultura de massas. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente - 5: o século XX**. São Paulo: EBRADIL, 1991.

PEREIRA, João Augusto F. Etologia, antropologia e comportamento. **Psicologia**, São Paulo, Ano 4, n.1, março 1978.

PEREIRA, Lúcia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **Historia Oral**, (Revista da Associação Brasileira de História Oral), São Paulo, n.3, p.122, 2000.

PERRY, Donna. A canção de Procne: a tarefa do criticismo literário feminista. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

PERROT, Michelle. A antiguidade. In: **História das mulheres no Ocidente - 4: o século IX**. Porto: Afrontamento. 1990.

PIERUCCI, A.F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: USP, 1997.

PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. **Projeto história**, São Paulo, n.17, nov. 1998.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

POSTER, Mark. Prefácio. **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PRADO, Hilda Eva Chamorro Greca. La família como sistema social. In: _____. **Dos épocas en la vida de la família de la ciudad de Córdoba**. Um estudo sociológico diacronico. Córdoba/Espanha: Universidad Nacional de Córdoba, 1989.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

PRIORE, Mary Del. O corpo feminino e o amor. In: D'INCAO, Maria Angela (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Senac, 2000.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado: o trabalho. In: PROST, A.; VICENT, Gérard. **História da vida privada - 5**: da primeira guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5**: da primeira guerra a nosso dias. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

PUCCI, Suely do Rocio Pinto. Conflitos, normas, coesão e moral nos grupos. **Revista Psicologia Argumento**, Curitiba, Ano XVIII, n.27, out. 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Introdução – relatos orais: do indizível ao dizível. In: _____. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. A sexualidade depois da festa. Resenha crítica sobre KNIBIEHLER, Yvone. La sexualité et la histoire. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.11, n.2, p.611-680, jul./dez. 2003.

RIBEIRO, Ivete. O amor dos cônjuges. In: D'INCAO, Maria Ângela. (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRIGUES, Aracely Martins. Lugar e imagem da mulher na Indústria. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

RONCAGLIO, Cynthia. **Pedidos e recusas**: mulheres, espaço público e cidadania (Curitiba, 1890-1934). Curitiba, 1994. Dissertação (Mestrado) - DEHIS/UFPR.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.16, p.90, 2001.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.9, n.1, 1998.

SAFFIOTI, Heleith. Rearticulando gênero e classe social. In: OLIVEIRA COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____. Violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.16, 2001.

SAMARA, Eni de Mesquita. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda. Apresentação. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda. Apresentação. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

SANTOS, Antonio César de Almeida. Curitiba cresceu e eu não cresci junto com Curitiba. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro (Org). **Mulheres na História**: Paraná - séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997.

_____. **Memórias e cidade**: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

SARTI, Cynthia A. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.16, 2001.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminino: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.16, 2001.

SCIENCES HUMAINES. Introdução. **Dossier** – comprendre lês émotions. Auxerre/France: Centre National de Lettres, n.68, Janvier 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, jul./dez. 1990.

_____. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

SELIGMAN, M.E.P.; MAIER, S.F. Learned helplessness: theory and evidences. **Journal of Experimental Psychology**: general, n.105, 1976.

SHAPIRO, H.L. A família. In: SHAPIRO, H.L. **Cultura e sociedade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1965.

SHARP, Daryl. **Léxico Junguiano**. São Paulo: Cultrix, 1991.

SHELDON, Brian. **Cognitive-behavioral therapy**:– research, practice and philosophy. London: EC4P; New York: 10001, 1995.

SHORTER, Edward. Introdução. In: _____. **A formação da família moderna**. Lisboa: Terramar, 1995.

SIDMAN, Murray. **Coerção e suas implicações**. Campinas (SP): Psy, 1995.

SILVA, Janine G. da. Sobre a “aventura intelectual da história das mulheres”: entrevista com Françoise Thèbaud. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.7, p.199-200, 1999.

SILVA, Marli Pirozilli Navalho. A memória e o esquecimento humano. **Revista de estudos e comunicação**, São Paulo, v.6, jun. 1997.

SIMÕES, Regina. **Corporeidade e terceira idade**: a marginalização do corpo idoso. Piracicaba (SP): Unimep, 1994.

SIMON-NAHUM, Perrine. As diversidades culturais: ser judeu na França. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5**: da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SKINNER, B.F. **Beyond freedom and dignity**. 9. printing. N.Y: Bantam, 1972.

_____. **Ciência e comportamento humano**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

_____. **Controle de contingências**. São Paulo: Abril, 1978. (Os Pensadores)

_____. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Cultrix, 1984.

_____. **Contingências de reforço**: uma análise teórica. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores)

_____. Selections by consequences. **The Behavioral and Brain Sciences**, USA, Cambridge University, n.7, 1984.

_____. A comunidade verbal. In: _____. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1989.

_____. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1989.

_____. **Questões recentes na análise do comportamento**. Campinas (SP): Papyrus, 1991.

SOIHET, Raquel. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.11, 1988.

SOUZA, Itamar de. Migrações internas no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1980.

STRONGMAN, Kenneth. Visão histórica. **A psicologia da emoção**: uma perspectiva sobre as teorias da emoção. Lisboa, Portugal: CLIMEPSI, 1999.

SUTIL, Marcelo Saldanha. Arquitetura e representação: do poético ao social. **História: questões e debates**, Curitiba, v.12, n.22-23, p.239-256, jun./dez. 1991.

TARDUCCI, Mónica. Estudos femininos de religião. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), n.16, p.100-104, 2001.

TENFELDE, K. História das empregadas domésticas. **História: questões & debates**, Curitiba, v.7, n.12, jun. 1986.

THÉBAUD, Françoise. Introdução. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente - 5**: o século XX. Porto (Portugal): Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria**: ou um planetário de erros; uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMSON, Alistair. Aos cinqüenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CPDOC, 2000.

TIBA, Içami. **Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações**. São Paulo: Gente, 1994.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e casamento no século XX. In: DÍNCAO, Maria Ângela (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república**. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

_____. Espaço urbano e cidadania feminina no Paraná na virada do século. **História: questões & debates**, Curitiba, ano 16, n.30, jan./jun. 1999.

TRINDADE, Judite Maria Barboza. Mulheres e abandono de crianças em Curitiba. **Diálogos** (Revista do Departamento de História da UEM), Maringá (PR), v.4, n.4, 2000.

TRONTO, Joan C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre moralidade. In: JAGGAR, A.M.; BORDO, S. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

VARENNE, Hervé. Love and Liberty: la família americana contemporânea. In: BURGUIERE, P. et al. **Historia de la família: el impacto de la modernidad**. Madrid: Alianza, 1988.

VELHO, Gilberto. Família e subjetividade. In: ALMEIDA, Angela. **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987.

VENANCIO, Gisele Martins. Lugar de mulher é... na fábrica: estado e trabalho feminino no Brasil (1910-1934). **História: questões & debates**, Curitiba, n.34, 2001.

VINCENT, Gérard. O corpo e o enigma sexual. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5: da primeira guerra a nossos dias**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

_____. Os católicos: o imaginário e o pecado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5: da primeira guerra a nosso dias**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

_____. Segredos de família. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada - 5: da primeira guerra a nosso dias**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

_____. Uma história do segredo? In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Org.). **História da vida privada - 5: da primeira guerra a nossos dias**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **História das lágrimas: séculos XVIII-XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

WEBER, Lídia N. D. **Laços de ternura: pesquisas e histórias de adoção Curitiba**: Santa Mônica, 1998.

WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque. Violência doméstica: há o que fazer?
In: GUILHARDI, Hélio (Org.). **Sobre comportamento e cognição**: expondo a variabilidade.
Santo André (SP): ESETec, 2001. v.7.

ZELDIN, Theodore. História pessoal e história das emoções. **História: questões & debates**, Curitiba, v.12, n.22-23 p.30-44, jun./dez. 1991.

_____. **Uma história íntima da humanidade**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1999.

FONTES ESCRITAS

BENITEZ, R. Profissão e desempenho. **Revista Nicolau**, Curitiba, Ano 1, n.7, jan. 1988.
(Acervo particular).

BERNARDI, Maria Amália. Casamento X carreira: é possível ter sucesso ao mesmo tempo no trabalho e no casamento? **Revista Exame**, São Paulo: Abril, Ano XXIX, n.8, 10 abr. 1996.
(Acervo particular)

BERNSTEIN, Cláudia. Cuidado! Estas atitudes podem acabar com sua carreira! **Revista Nova**, Abril, n.12, p.78-80, dez. 1989. (Acervo particular)

CAPA. **Revista Cláudia**, Ano V, n.41, fev. de 1974. (Acervo da Biblioteca Pública do Paraná)

CONSELHO às noivas. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, n.24, p.41, 03 jun. 1939. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

CONSELHOS sociais. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, n.46, p.39, 1949.

DEPOIS da lua de mel. **Anuário das Senhoras**, Rio de Janeiro: O Malho, n.12, p.252, 1945.
(Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

EXPERIÊNCIAS Pré-Conjugais. **Revista Cláudia**, n.25, out. de 1963. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

GANDOLFO, Luciane. Novos amores. **Revista Cláudia**, ano 2, fev. 1997. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

GRAVIDEZ na adolescência: anos depois, mães e filhos fazem o balanço. **Revista Marie-Claire**, Rio de Janeiro: Globo, mar. 1999.

INDISCRICÇÕES de Eva. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, n.15, p.41, 03 jun. 1939. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

MÃE. Cuidados na educação dos filhos. **Anuário das Senhoras**, Rio de Janeiro: O Malho, n.16, p.50 e 252, 1949. (Biblioteca Pública do Paraná)

PAPAROUNIS, Demetrius. A ciência em busca de Deus. **Revista Época**, São Paulo: Globo, ano 1, n.52, 17 maio 1999. (Acervo particular)

REVISTA MANEQUIM. Edição de aniversário. Ano 36, n.8, p.82, ago. 1995. (Acervo particular)

REVISTA VOCÊ. São Paulo: Abril, edição 56, fev. 2003. (Acervo particular)

SANTOS, Márcia. Anticoncepcionais: sinal verde para eles. **Revista Máxima**, São Paulo: Abril, n.8, set. 1992, (Acervo particular)

SILVA, Carmem da. A arte de ser mulher. **Revista Cláudia**, n.27, p.72, dez. 1963. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

SILVA, Carmem da. A arte de ser mulher: uma pequena rainha triste. **Revista Cláudia**, n.26, nov. 1963. (Acervo Biblioteca Pública do Paraná)

UM CAMINHO só? **Anuário das Senhoras**, Rio de Janeiro: O Malho, n.15, p.210, 1945. (Biblioteca Pública do Paraná)

FONTES ORAIS

ENTREVISTAS realizadas entre 08/09/2000 e 14/08/2003.